

**Acerca de este libro**

Esta es una copia digital de un libro que, durante generaciones, se ha conservado en las estanterías de una biblioteca, hasta que Google ha decidido escanearlo como parte de un proyecto que pretende que sea posible descubrir en línea libros de todo el mundo.

Ha sobrevivido tantos años como para que los derechos de autor hayan expirado y el libro pase a ser de dominio público. El que un libro sea de dominio público significa que nunca ha estado protegido por derechos de autor, o bien que el período legal de estos derechos ya ha expirado. Es posible que una misma obra sea de dominio público en unos países y, sin embargo, no lo sea en otros. Los libros de dominio público son nuestras puertas hacia el pasado, suponen un patrimonio histórico, cultural y de conocimientos que, a menudo, resulta difícil de descubrir.

Todas las anotaciones, marcas y otras señales en los márgenes que estén presentes en el volumen original aparecerán también en este archivo como testimonio del largo viaje que el libro ha recorrido desde el editor hasta la biblioteca y, finalmente, hasta usted.

**Normas de uso**

Google se enorgullece de poder colaborar con distintas bibliotecas para digitalizar los materiales de dominio público a fin de hacerlos accesibles a todo el mundo. Los libros de dominio público son patrimonio de todos, nosotros somos sus humildes guardianes. No obstante, se trata de un trabajo caro. Por este motivo, y para poder ofrecer este recurso, hemos tomado medidas para evitar que se produzca un abuso por parte de terceros con fines comerciales, y hemos incluido restricciones técnicas sobre las solicitudes automatizadas.

Asimismo, le pedimos que:

+ *Haga un uso exclusivamente no comercial de estos archivos* Hemos diseñado la Búsqueda de libros de Google para el uso de particulares; como tal, le pedimos que utilice estos archivos con fines personales, y no comerciales.

+ *No envíe solicitudes automatizadas* Por favor, no envíe solicitudes automatizadas de ningún tipo al sistema de Google. Si está llevando a cabo una investigación sobre traducción automática, reconocimiento óptico de caracteres u otros campos para los que resulte útil disfrutar de acceso a una gran cantidad de texto, por favor, envíenos un mensaje. Fomentamos el uso de materiales de dominio público con estos propósitos y seguro que podremos ayudarle.

+ *Conserve la atribución* La filigrana de Google que verá en todos los archivos es fundamental para informar a los usuarios sobre este proyecto y ayudarles a encontrar materiales adicionales en la Búsqueda de libros de Google. Por favor, no la elimine.

+ *Manténgase siempre dentro de la legalidad* Sea cual sea el uso que haga de estos materiales, recuerde que es responsable de asegurarse de que todo lo que hace es legal. No dé por sentado que, por el hecho de que una obra se considere de dominio público para los usuarios de los Estados Unidos, lo será también para los usuarios de otros países. La legislación sobre derechos de autor varía de un país a otro, y no podemos facilitar información sobre si está permitido un uso específico de algún libro. Por favor, no suponga que la aparición de un libro en nuestro programa significa que se puede utilizar de igual manera en todo el mundo. La responsabilidad ante la infracción de los derechos de autor puede ser muy grave.

**Acerca de la Búsqueda de libros de Google**

El objetivo de Google consiste en organizar información procedente de todo el mundo y hacerla accesible y útil de forma universal. El programa de Búsqueda de libros de Google ayuda a los lectores a descubrir los libros de todo el mundo a la vez que ayuda a autores y editores a llegar a nuevas audiencias. Podrá realizar búsquedas en el texto completo de este libro en la web, en la página `http://books.google.com`

Stanford University Libraries
3 6105 127 832 157

Digitized by Google




Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Filho
1957

Digitized by Google

Digitized by Google

AUGUSTO TASSO FRAGOSO
GENERAL DE DIVISÃO
REFORMADO

# A REVOLUÇÃO FARROUPILHA

## (1835 - 1845)

## NARRATIVA SINTÉTICA DAS OPERAÇÕES MILITARES

OFICINAS GRÁFICAS
DA
Emp. ALMANAK LAEMMERT, Ltda.
Rua Carlos de Carvalho, 48
RIO DE JANEIRO

Digitized by Google

F2621
F78

Digitized by Google

**Dedico êste modesto trabalho à memória de todos os brasileiros que formaram, no extremo meridional de nossa Pátria, a frente humana indispensável para lhe assegurar a posse definitiva, e cujas lindes êles balizaram com seu sangue;**

**à de todos os rio-grandenses do sul que, num arrouba de invejável idealismo, se bateram pela Liberdade na República Federativa e baquearam, para dormir o sono eterno, na relva verdejante da planicie ou da cochilha.**

**AUGUSTO TASSO FRAGOSO**

Setembro de 1938

Digitized by Google

Digitized by Google

"Largo campo se oferece aos nossos escritores militares; vasta arena onde a sua inteligência se pode brilhantemente desenvolver! A ocasião é única, e não deve ser por êles desprezada! Matérias transcendentes e dignas de uma coordenada descrição se lhes apresentam. O amor da glória, o desejo da celebridade, um justo tributo de admiração e reconhecimento não serão incentivos poderosos para que, instigando-se a lançar mão da pena, não deixem ficar em olvido feitos de tanta monta? Será por ventura possível que a campanha mais audaz e duradoura que tem tido o Império, e cujas oscilações e resultados apresentam um tipo único, deixe de ser descrita e explicada pelas nossas inteligências profissionais? Não; não o acreditamos, e esperamos ver em breve, em compêndio volumoso, narrados com tôda a exactidão e fidelidade não só os sucessos obtidos pelo preclaro Conde, como aqueles que ocorreram durante quási dez anos da nossa estrondosa e encamiçada revolução".

[Trecho do opúsculo intitulado **"Reflexões sôbre o generalato do Conde de Caxias"**, escrito por autor anônimo e impresso em Porto Alegre em 1846 — 2.ª edição — **pág. 111**].

Digitized by Google

Digitized by Google

"A ignorância das causas e o fatal espírito de partido teem negado a honestidade dos antigos republicanos. Ela entretanto foi de uma limpidez exagerada. Os principais homens da revolução entraram para ela abastados e saíram paupérrimos".

"Neto e Canabarro foram mais tarde ricos, porém a custa do seu trabalho".

"Bento Gonçalves e João Antônio morreram na miséria, cercados de respeito e de bênçãos. Foi uma república espontânea".

"A História, mas a História verdadeira, baseada em documentos, quando for escrita, fará inteira justiça a êsses heróis e aos seus denodados companheiros da Imortal Cruzada".

(Fernando Luís Osório (pai) — **História do General Osório,** pág. 417).

Digitized by Google

Digitized by Google

# PROÊMIO

No decurso de meus estudos sôbre a nossa história militar, inclusive sôbre a sua indispensável divulgação no Exército, sempre me chamou a atenção o facto de não serem suficientemente conhecidos os sucessos militares da revolução rio-grandense de 1835 a 1845.

Tendo durado cêrca de dez anos, ameaçado a integridade do Império e obrigado a mover para o sul grande parte do exército e da marinha nacionais, é óbvio que essa luta armada não podia deixar de interessar os militares. Embora não se trate de guerra com inimigos externos, e a-pesar-de terem sido pequenos os efetivos dos combatentes, seria fácil verificar que as operações por êles efetuadas ainda hoje se impõem à nossa reflexão, pois defender o Rio Grande do Sul é defender o Brasil, e, por conseguinte, dever precípuo de todos os brasileiros.

Daí a resolução de expôr as referidas operações de modo rápido, porêm concatenado, na esperança de prender a atenção do leitor e inspirar-lhe o desejo de ir até o fim.

Ha vários trabalhos sôbre a história dessa revolução, mas dois sobrelevam aos demais: o de Araripe e o de Varela (1).

Araripe foi quem primeiro fêz a narrativa completa dos acontecimentos buscando ser imparcial e esteando-se em documentos de valor.

Varela veio depois. Esgotou o assunto. Aparelhou-se cuidadosamente para a tarefa que se propusera. Grangeou todos

---

(1) TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE — **Guerra Civil do Rio Grande do Sul** — 1880. ALFREDO VARELA — **Revoluções Cisplatinas** — Porto — 1915. **Politica brasileira — Interna e Externa** — Porto — 1929.

Estas duas últimas obras foram depois consubstanciadas numa só, a que o autor chamou: **História da Grande Revolução** — Porto Alegre — 1933.

Digitized by Google

os materiais accessíveis: documentos oficiais, memórias inéditas, depoïmentos de combatentes, artigos de imprensa, etc. Além disso, e para melhor inteligência do assunto, ocupou-se simultàneamente de múltiplos fátos ocorridos, nessa mesma época, com os povos do antigo Vice-Reinado do Prata.

Isso demonstra que realizou obra exaustiva e ampla, na qual o problema foi examinado em seus variados aspectos.

Pus a mira, conforme já disse, em objetivo muito mais modesto. Relatando os mais importantes eventos militares em sua ordem cronológica, e comentando-os profissionalmente, embora de relance, ambicionei apenas ministrar aos camaradas do exército um guia que os oriente e prepare para mergulhar a fundo no assunto e lêr com mais proveito outros trabalhos, notadamente o de Varela, que é imprescindível, sobretudo pela massa de documentos em que assenta e que, acredito, jamais será excedido.

Achei indispensável juntar alguns esbôços para indicar as operações. Advirto, porêm, o leitor de que devem ser tomados como meros **esquemas**, sem nenhuma pretensão a rigor, antes de mais nada por duas razões de pêso, a saber: 1.º) a falta de uma carta topográfica do Rio Grande daquela época, e, dado que existisse, a insuficiência de certos acidentes como cidades, vilas, povoados, estâncias, pontes, etc., e outras características da geografia humana, susceptíveis de facilitar a perfeita representação dos itinerários dos combatentes e dos teatros dos recontros; 2.º) a deficiência dos documentos oficiais da parte dos revolucionários, quer em número, quer em qualidade. Êles não dispunham de Estados-Maiores como os que hoje formamos; não havia pois, quem se encarregasse de reünir e grupar convenientemente os materiais para a futura história. Seria, portanto, pretensão estulta querer uma documentação gráfica impecável.

Mas, por outro lado, julguei proveitoso incluir no texto êsses esquemas, porque estou na crença firme de que auxiliarão a inteligência da narrativa, especialmente aos oficiais que nunca jornadearam pelo Rio Grande. As operações militares só se esclarecem em nosso espírito quando ao reconto dos factos se associa uma representação gráfica adequada das marchas e dos combates. A um profissional da arte da guerra bastam por ve-

Digitized by Google

zes essas representações para que êle apreenda célere e corretamente qualquer lance militar, no que encerra de essencial.

Juntei uma lista dos trabalhos impressos e dos documentos, que logrei compulsar.

Valeu-me de muito a correspondência de Caxias com o Ministro da Guerra, cujo exame me foi facultado no Arquivo Nacional e a cuja luz esbocei quási todo o período do seu comando.

Praza aos Céus que êste meu modesto ensaio anime outros camaradas mais competentes a elaborar a solução definitiva do problema que enfrentei, em prol da instrução dos jovens oficiais e sem temor das minhas imperfeições!

Abril de 1938.

AUGUSTO TASSO FRAGOSO

**General de Divisão**
**Reformado**

Digitized by Google

Digitized by Google

# ALGUMAS REFLEXÕES PRELIMINARES

## I

E' natural supôr que desde os primórdios da vida humana — qualquer que seja a doutrina aceita para explicar-lhe a origem e o número de focos de irradiação — começassem os homens a movimentar-se.

Com o correr dos tempos sobrevieram verdadeiras migrações.

A superfície terrestre era, todavia, imensa, os meios de transporte deficientíssimos, alguns espaços ao parecer intransponíveis e sem dúvida completa a ignorância de certos grupos com relação à existência dos demais.

"Pouco a pouco — explica o ilustre professor Mendes Corrêa — impelidos pelas circunstâncias (como erupções vulcânicas, incêndios, tremores de terra, inundações, epidemias, escassez ou falta de recursos, mudanças de clima, invasões, perigos diversos) e por vezes mesmo excitados por atrações ou pelo seu temperamento próprio, os agrupamentos humanos, primeiramente pouco numerosos, mais tarde cada vez mais complexos e densos, ir-se-iam deslocando e penetrariam nas regiões mais próximas. Seguiriam as vias naturais, detendo-se ou desviando-se perante as barreiras intransponíveis, fixando-se nos quadros físicos favoráveis, em suma realizando o que alguns evolucionistas chamam um processo de radiação adaptativa ou de exploração de oportunidades".

"Naquela fase longinqua, as condições naturais dominavam e orientavam poderosamente as atividades humanas. Canalizavam os movimentos de população".

Digitized by Google

"O Homem era então, mais do que nunca, um escravo do meio. Mais tarde, êle vai-se libertando dessa tirania e reage contra o meio por um mecanismo de **adaptação ativa**, de que falam os antropogeógrafos. A liberdade e a vontade humanas começam então a imprimir uma fisionomia nova à superfície terrestre, na qual as obras materiais do Homem geram sucessivamente aspectos morfológicos inéditos e permitem gradualmente a êste triunfar de obstáculos até então invencíveis" (1).

Foi necessário tempo dilatadíssimo para essa dispersão humana e também para que a civilização atingisse determinado nível.

Versando a mesma matéria, observa Gonçalo de Reparaz:

"A Terra é um vasto campo de colonização, em que o homem actua obedecendo às leis gerais da vida, embora com poder suficiente para lhe atenuar e até modificar os efeitos. Êsse poder, quási nulo a princípio, conforme dissemos no capítulo precedente, aumentou com o que chamamos civilização, isto é, a vitória que o esfôrço humano vai obtendo em sua luta com a natureza".

"A marcha da civilização ou seja da colonização — escreve em outro passo o mesmo autor — foi determinada pelos meios de transporte; primeiro o próprio homem, depois os animais domésticos, finalmente o barco e a locomotiva" (2).

Logo que a arte de navegar atingiu certa perfeição e se acharam meios de velejar com segurança, utilizando a bússola e assegurando a rota marítima pela observação celeste, começou o ciclo das navegações oceânicas e dest'arte a colonização moderna.

Intuitos comerciais e políticos alimentaram o ardor e o sacrifício que essa tarefa ingente implacàvelmente reclamava.

Portugal estava nela empenhado quando descobriu o Brasil. Era um grande mundo, num mundo novo, que a sorte lhe deparava.

Mas não bastava achar a terra; havia mister povoá-la, e Portugal, país minúsculo, dispunha de reduzida população. Nem por isso desanimou. Trouxe a gente que pôde, fundou núcleos de população, dominou grande massa de índios e foi buscar

---

(1) **Homo** — Coimbra — 1926 — pg. 220.
(2) História de la Colonización — Barcelona — 1933 — pg. 25.

Digitized by Google

gente às costas da África, para dispôr de trabalhadores baratos e obedientes.

Mais tarde, com o andar do tempo, novas correntes emigratórias afluiram, carreando elementos de povos europeus e lançando-os em a nossa fornalha étnica.

E, assim, com essa mestiçagem se foi formando a nossa gente.

Muitos, na ânsia de amesquinhar-nos, atiram-nos em rosto esta circunstância. Não ha, todavia, motivo para que dela nos envergonhemos.

Em primeiro lugar não fomos juízes na escolha, porque ninguém pode intervir nas grandes fatalidades cosmológicas ou biológicas que nos dominam.

Depois a crença de certos povos na superioridade da raça a que julgam pertencer e na missão, que lhes teria sido confiada por um deus mitológico, de capitaneadores e dominadores da família humana, faz hoje sorrir ao resto dos mortais, a quem ela aparece como mero sintoma de vaidade incoercível e ambição desmesurada.

O que a ciência hoje afirma é a falta de unidade nos elementos básicos raciais de um país e a ação poderosa da cultura.

Em seu magnífico livro **A Raça na Civilização,** assim se exprime o professor Frank H. Hankins:

"As doutrinas sôbre a superioridade de raça representaram nos últimos tempos papel sem precedente na alta política dos Estados. Justificaram a crueza e deshumanidade; foram aproveitadas para preconizar a expansão necessária da Europa e o desenvolvimento do imperialismo moderno. Atiçaram os ódios de raças, aqueceram ao branco o sentimento de patriotismo e avivaram as chamas da guerra. A megalomania estupefaciente dos alemães, de trágica e recente memória, encontrou o seu oposto em certos elementos de egoismo nacional de tôdas as outras potências mundiais. No que concerne à Europa ocidental, o arianismo e seus diferentes derivados formam a doutrina mais interessante e a que, do ponto de vista histórico, exerceu mais influência na ideia da superioridade racial".

Poucas páginas adiante, continúa o mesmo professor:

"Assim os autores recentes demonstraram com bastante clareza que não se pode identificar a raça com a nacionalidade e a nação. Todos êstes conceitos são extremamente difíceis de

Digitized by Google

apreender e expressos habitualmente de modo vago e indeterminado. A palavra **raça** é têrmo zoológico e os limites que êle exprime, se bem que por vezes de facto arbitrários, são todavia sempre fixados por traços físicos distintivos; sem embargo a experiência demonstrou há muito que, no respeitante às raças europeias, toda tentativa de determinar uma delas combinando muitos traços, como a estatura, a côr dos olhos e dos cabelos, a forma da cabeça, levava à construção de um tipo tão ilusório quanto o famoso **homem ordinário** de Quetelet. Ao revés disso, a nacionalidade e a nação são conceitos políticos ou sociais e, portanto, elas podem existir realmente a-pesar-das mais salientes diferenças entre os elementos da população que as compõem. De certo elas existem na Europa e na América, embora formadas dos mais disparatados elementos raciais. A história ensina, porêm, êste facto notável: onde a concepção de nacionalidade desabrocha, surge simultàneamente a de unidade e solidariedade da raça, e torna-se factor básico na exaltação do egoismo nacional. Uma das generalizações mais verídicas no domínio da sociologia histórica da Europa é a que formulou Gumplowicz, quando afirmou que a nacionalidade é precursora da raça. Sem dúvida êle foi demasiado longe ao declarar que não se podem procurar as origens da raça nos processos biológicos, mas tinha razão quando julgava que a raça se torna apenas conceito histórico. Eis as suas próprias expressões: "A raça é uma unidade criada no decurso da história pelo desenvolvimento social e tem precisamente o seu ponto de partida em momentos intelectuais (língua, religião, direito, cultura), e daí atinge o momento físico mais poderoso, o verdadeiro laço que tudo revne, a unidade do sangue" (1).

"Eis sem a mínima dúvida uma explicação justa do processo por que os inglêses chegam a considerar-se como pertencendo

---

(1) HANKINS põe aqui uma nota em que declara que êste juizo foi citado por T. SIMAR, no livro **Étude critique sur la formation de la doctrine des races**, pg. 208, e vem na obra **Der Rassenkampf**, pg. 195.

Não pude obter o original alemão, mas compulsei na Biblioteca Nacional a tradução francesa. A citação de SIMAR não me parece fiel. O que se lê na versão francesa (**La lutte des races**) de Gumplowicz (pg. 192 — Paris 1893) é o seguinte:

"A noção de raça já não pode ser em parte alguma, simplesmente uma noção de ciência natural, no sentido estreito do vocábulo; não é mais, em qualquer parte, do que uma **noção histórica.** A raça não é o produto de um simples processo natural na significação que essa palavra tem tido até o presente; mas um **produto do processo** histórico, o qual por sua vez também é

Digitized by Google

à **raça inglesa** e os franceses à **raça francesa.** Os territórios das nações históricas podem muito bem ter sido outrora povoados de raças quási puras. Em virtude de migrações e conquistas, essas populações tornaram-se muito heterogêneas; as raças originais foram gradualmente dissolvidas para nunca mais se reconstituir. Porêm em cada uma dessas populações, à medida que se formavam e desenvolviam costumes e tradições, à medida sobretudo que as raças se amalgamavam, os diversos elementos adquiriam primeiro o sentimento de seu destino comum, depois o de um mesmo sangue".

Vem de molde trasladar para aquí algumas ideias sôbre esta complexa matéria expressas recentemente pelo professor Eugenio Pittard, presidente da Sociedade Internacional de Antropologia, professor da Universidade de Genebra e autoridade mundial no assunto (1):

"Ademais, repitâmo-lo, nenhum Estado no mundo possúi raça pura. Porque desejar tal pureza? Ela não é necessária para formar a nação, nem para lhe criar a alma. Ha no mundo Estado que não conheça minorias raciais, confessionais e muitas vezes lingüísticas? A preocupação de tolerância, a ambição tenaz de evitar qualquer disputa, graças à concessão da mesma independência a todos, o desejo sincero de compreender aos que não tenham a mesma cultura, raça, religião e tradições, bastam para estabelecer a unidade social, suscitar essa coação moral coletiva, a que, voluntária e diàriamente, o cidadão se submete. E' ela que proporciona os mais sólidos materiais para construir a nação. Essa unidade, edificada pelo coração e pela razão, não patenteia mais grandezas humanas e não apresenta mais segurança do que a que seria obtida por essa matéria bruta que é o só determinismo antropológico, do qual se exclue todo valor moral?"

"Deixemos ao vocábulo raça o seu sentido zoológico".

Êstes conceitos dos professores Hankins e Pittard desenham à maravilha a situação em que nos encontramos, serenos e ju-

---

um processo natural. A raça é uma unidade formada no desenvolvimento social e no decurso da história, e formada por êsse desenvolvimento. Seus factores iniciais são intelectuais, conforme veremos: a língua, a religião, os costumes, o direito, a civilização.

Só mais tarde aparece o factor físico: a unidade de sangue.

Esta é muito mais poderosa; é o cimento que mantém essa unidade".

(1) **L'Illustration,** de 1.º de outubro de 1938.

Digitized by Google

bilosos, no esplêndido quadro terrestre com que a natureza nos mimoseou. Não importa estarmos em fusão, buscando o tipo somático definitivo, na esperança de alcançá-lo; mas temos as características primaciais de uma verdadeira nação: uma só língua, uma só mentalidade geral e uma só inspiração patriótica, com que resistimos a certos esforços centrífugos e desagregadores.

Quem percorreu o nosso país de extremo a extremo, teve oportunidade de verificar esta verdade, pois do vale do Amazonas às campinas meridionais, bem como do litoral atlântico aos banhados ou às florestas do oeste, sempre se lhe deparou no brasileiro, ainda que humilde, um lutador da vida, consciente e orgulhoso da comunhão a que pertence, e cuja alma vibra sincrònicamente com a do resto de seus patrícios.

## II

O trabalho de colonização foi naturalmente demorado e pôs à prova a coragem e pertinácia do povo português. Os elementos contrários superabundavam.

A vastidão da terra, a hostilidade de muitas tribos indígenas e a cobiça de outras nações europeias, ameaçaram inúmeras vezes de malograr a grande obra começada. Alfim, superados êstes óbices, pôde o país evolver normalmente, dentro dos limites que balisavam a sua trajectória.

Operou-se, todavia, nêle o mesmo que em outras colónias. As populações oriundas dos filhos da metrópole, e formadas pela mestiçagem inevitável, adquiriram mentalidade particular, a que de certo não foi estranho o novo ambiente físico e social, alguns factores econômicos e a ação à distância das ideias que abalavam a velha Europa, onde em dado momento o antigo regímen sucumbia e raiavam os clarões de um novo govêrno humano.

Essa mentalidade fazia que os nativos, os filhos da terra ou os **crioulos,** como lhes chamavam os hispano-americanos, entrassem a considerar, depois de certo tempo, os colonizadores seus antepassados, como usurpadores, intrusos e até inimigos.

Digitized by Google

Donos da terra eram êles, os nela nascidos, e não êsses forasteiros, que aportavam a êste lado do Atlântico com a ambição de enriquecer e gozar os encantos do continente americano. O govêrno da metrópole, aparelho longínquo e que se fazia sentir através de funcionários por vezes orgulhosos e prepotentes, parecia-lhes preocupado com a ideia exclusiva de os explorar, sobrecarregando-os de impostos e exaurindo o país de suas riquezas naturais.

Para alcançar tal resultado isolava-os e não lhes proporcionava, de modo conveniente, todos os elementos de cultura.

"Os triunfos obtidos em guerras contra os estrangeiros — lê-se em **Capítulos de História Colonial**, de Capistrano de Abreu — as proesas dos bandeirantes dentro e fora do país, a abundância de gados animando a imensidade dos sertões, as copiosas somas remetidas para o govêrno da metrópole, as numerosas fortunas, o acréscimo da população, influíram consideràvelmente sôbre a psicologia dos colonos. Os descobertos auríferos vieram completar a obra. Não queriam, não podiam mais se reputar inferiores aos nascidos no além-mar, os humildes e envergonhados mazombos do século XVII. Por seus serviços, por suas riquezas, pelas magnificências da terra natal, contavam-se entre os maiores beneméritos da corôa portuguesa".

"Tal transfiguração não se deram pressa em reconhecer os filhos de além-mar".

Dêsse estado d'alma promanaram conflitos sangrentos entre brasileiros e portugueses domiciliados no Brasil, o desejo de rompimento com a metrópole, e da organização de um govêrno local vasado em moldes mais liberais do que os da monarquia portuguesa.

Tal a gênese dos movimentos de rebeldia que se propuseram a dar-nos a emancipação política e quási sempre um govêrno republicano.

E' interessante observar quási por tôda a parte, até nas mais remotas regiões do Globo, êsse estado psicológico dos filhos dos colonizadores. Na América do Sul êle se patenteou com absoluta clareza e pode ainda hoje ser estudado com perfeição, graças à farta documentação histórica. A emancipação se elaborou em diferentes teatros, e por fim só a ferro e fogo foram lançados para fora do continente as fôrças armadas de Espanha e Portugal.

Digitized by Google

"Os primeiros sinais de rivalidade entre os nativos do Brasil e os portugueses europeus — escreve o Barão do Rio Branco — patentearam-se no comêço do século XVIII, em 1704, na cidade do Rio de Janeiro, onde os naturais do país derrotaram a lista dos portugueses europeus nas eleições municipais; em Minas Gerais na guerra chamada dos **Emboabas**, de que já falamos (1708-1709); e em Pernambuco na dos **Mascates** entre os habitantes de Olinda e do Recife (1710-1711). Na mesma época houve perturbações na Baía (1711) e em 1720 rebentou em Vila Rica (Ouro Preto) uma rebelião, que foi prontamente sufocada, contra o governador, o Conde de Assumar, o qual acusou os revoltosos de quererem criar um govêrno republicano, de que deveria ser chefe o general reformado Veiga Cabral, antigo defensor da Colónia. Veiga Cabral foi mandado para Lisboa, onde morreu na prisão; um dos tribunos da revolução, Felipe dos Santos, foi enforcado e esquartejado em Vila Rica" (1).

Mas não foram êsses os únicos movimentos insurreccionais, nem os que tiveram caráter mais grave, como veremos em breve.

Cumpre ainda referir que alguns historiadores modernos deslocam a revolução inicial para os meiados do século XVII, (1641), quando os paulistas pretenderam eleger rei a Amador Bueno de Ribeira, honra que êle não quís aceitar.

Assinala-se ainda atualmente como digna de lembrança a conspiração da Baía de 1798, que Alcides Bezerra denominava **Inconfidência Baiana.**

"O maior movimento liberal da Baía — escreveu êsse distinto historiador — foi a inconfidência de 1798, que chegou a maior grau de maturidade do que a mineira".

"A ideologia desse projeto de independência era a mesma daquela, formando-lhe o estofo as ideias da revolução francesa. Vingasse, teria sido um fenômeno de pseudomorfose cultural (como foi a revolução de 1817), todo impregnado de concepção democrática, de igualdades, fraternidades e liberdades" (2).

Fêz-se uma devassa para apurar os culpados. Os principais responsáveis pelo projeto de constituïção de uma república

---

(1) **Esquisse de l'histoire du Brésil** — Paris — 1889 — pg. 148.
(2) **Os factores da independência nacional** — Publicação do Arquivo Nacional — 1929 — pg. 307.

Digitized by Google

baiana foram condenados à morte natural e ao esquartejamento, sentença que se cumpriu na praça pública.

A inconfidência mineira é também uma conspiração que não chega a explodir, visto ter sido delatada ao govêrno. Tinha por objeto a libertação do Brasil e a sua organização política sob a forma republicana.

Instaurou-se o processo. A sentença, de 18 de abril de 1792, puniu os culpados. Tiradentes foi enforcado e esquartejado, e seus membros **espalhados pelo caminho de Minas.**

"A sentença foi executada com todo o rigor, a respeito de Tiradentes, único julgado indigno da real clemência" (Rafael Galanti S. J.).

Nêste triste episódio a figura dêsse modesto herói ganha excepcional relêvo pela sua grande elevação moral.

Em 1817 (6 de março) rebenta em Pernambuco — o grande foco nortista das ideias liberais — uma revolução destinada a emancipar o Brasil e dar-lhe um govêrno republicano.

A centelha é um acto de indisciplina militar. Avisado da próxima revolução por denúncia que recebera, ordenou o governador da província a prisão de alguns militares. Quando o brigadeiro Manoel Joaquim Barbosa, chefe da artilharia, determina a prisão do capitão José de Barros Lima, êste reage, matando-o a espada.

Francisco Muniz Tavares, que tomou parte saliente na revolução e lhe traçou a história, assim se manifesta sôbre as suas origens:

"Crescia o Brasil, e maior rivalidade desenvolvia contra os portugueses; êstes, naturalmente orgulhosos, escudados com a fôrça material, reputavam-se únicos senhores do País, que os acolhia e elevava; nascer brasileiro era um título de inferioridade. O ministro português, em vez de desarraigar com a justiça imparcial a nascente discórdia, a fomentava, crendo que só a divisão dos ânimos poderia perpetuar o seu domínio".

"Em todas as Províncias os descontentamentos e as queixas eram iguais. Em Minas Gerais e S. Paulo tinham arrebentado outrora sérios tumultos, os quais, sufocados com violência no comêço, enfraqueceram a fôrça dos sublevados e corroboraram a dos seus implacáveis adversários. A mesma sorte coube a Pernambuco em 1710... Cevando-se êste ódio com a persistência da causa, que o originava, cêdo ou tarde deveriam re-

Digitized by Google

produzir-se iguais, ou mais violentos efeitos; a enfermidade não podia curar-se sem remédio enérgico, e dêste gênero nenhum outro apresentava-se, à excepção da independência do corpo maltratado. Já os Estados Unidos a haviam obtido, e as colônias espanholas a disputavam com esperança de bom êxito. O Brasil estimulado por exemplos de tanta magnitude, e com a consciência da própria fôrça, era impossível que permanecesse na inação".

"Atraída pelos incentivos democráticos sem o ouropel da monarquia, a parte da América emancipada havia adotado na sua organização social o govêrno republicano".

"A gloriosa fortuna que gozavam em particular os Estados Unidos, a sua segurança, e ordem legal, indicavam aos Brasileiros a preferência daquele govêrno: os Pernambucanos que anelavam o melhoramento da Pátria, o admitiam unânimes" (1).

São êsses, segundo Muniz Tavares, os móveis inspiradores dos revolucionários de 1817, e a ideologia que os seduziu e lhes orientou o espírito.

Releva assinalar que êles pensaram em atraír outras províncias, notadamente Baía e Ceará, para onde enviaram emissários. O levante ecoou naturalmente no Rio Grande do Norte e na Paraíba.

D. João VI, já então no Rio de Janeiro, para onde se trasladara em 1808, moveu tropas e navios de guerra contra Pernambuco, e abafou o movimento, graças à sua grande superioridade militar e à falta de colaboração das demais províncias brasileiras. A efêmera república durara apenas cerca de dois mêses e meio.

Como de costume, sobreveio o processo e a punição.

Vários indivíduos foram condenados à morte e a padeceram na praça pública. Entre êstes cumpre salientar José Inácio Ribeiro de Abreu Lima, também chamado por antonomásia padre Roma, emissário da revolução para a Baía e preso quando ali desembarcava. Muniz Tavares esteve encarcerado 4 anos, "que foram anos de reflexão e de aplicação mental na convivência de varões ilustres como António Carlos Ribeiro de Andrada, Frei Caneca e outros, adestrando-se os presos na língua

(1) **História da Revolução de Pernambuco em 1817** — Recife — 1917.

Digitized by Google

francesa e ilustrando-se em várias ciências e artes, saíndo todos da enxovia muito mais instruidos do que para lá tinham entrado" (Oliveira Lima).

## III

Em 1822 proclamou o Brasil a sua independência.

Parece, à primeira vista, que deveria fechar-se aí o ciclo revolucionário, mas tal não se deu. A independência solucionou o problema político da separação do Brasil com respeito a Portugal, porêm não o da organização nacional nos moldes que muitos ambicionavam. Instituira-se apenas a monarquia brasileira, chefiada por um príncipe português, infelizmente sem as qualidades indispensáveis para presidir com acêrto e moderação áquela fase transitória e complexa de nossa vida.

Irromperam logo as desconfianças contra o seu brasileirismo superficial; muitos ficaram alarmados com o número e o prestígio dos lusitanos dos quadros administrativos, bem como das fôrças armadas, circunstâncias aliás naturais em vista do modo por que o movimento libertador se havia operado e da adesão de inúmeros portugueses ao novo regímen. Acrescia ainda o facto de ser D. Pedro I herdeiro presuntivo do trono português. Quando lhe tocasse a sucessão, que iria acontecer ao Império brasileiro?

Compreende-se, pois, que os espíritos liberais, eivados do intransigente sentimento nativista, não se conformassem com a nascente monarquia, que só em parte resolvia os problemas políticos postos pela nossa evolução histórica, os quais haviam ocasionado o sacrifício de muitos de nossos compatriotas.

A 12 de novembro de 1823, manda D. Pedro I dissolver pela tropa a primeira Assembleia Constituinte. Prende vários deputados e deporta alguns, entre os quais sobressáe José Bonifácio, o patriarca da nossa independência. Converte em lei o projeto da Assembleia sôbre liberdade da imprensa. Nomeia governadores para diversas províncias, escolhendo brasileiros.

A 25 de março de 1824, jura-se a nova constituição que êle próprio mandara elaborar.

Digitized by Google

Estas violências, como era de prevêr, enfurecem os liberais, que em conseqüência delas retemperam as suas ideias. A repercussão nas províncias é desfavorável a D. Pedro. O ambiente político nacional torna-se inquieto e ameaçador.

A reação não se fêz esperar; rebenta em Pernambuco, onde se proclama a Confederação do Equador.

Começa-se resistindo ao govêrno central: não se reconhece o presidente nomeado por êle e não se elegem novos deputados à Assembleia, visto "não terem os antigos concluido a sua comissão e nem prostituido o seu caráter".

Também não se presta juramento à Constituição.

A 2 de julho de 1824, o presidente revolucionário, Manoel de Carvalho Pais de Andrade, lança um manifesto aos brasileiros. Concita-os à união. Salienta a violência contra a Assembleia Constituinte.

"Eia, pois, brasileiros — escreve êle — tratemos de constituir-nos de um modo análogo às luzes do século em que vivemos: o sistema americano deve ser idêntico; desprezemos instituições oligárquicas, só cabidas na encanecida Europa; ...imitai os valentes de seis províncias do Norte, que vão estabelecer seu Govêrno debaixo do melhor de todos os sistemas — Representativo... Viva a Confederação do Equador!..."

A fonte em que os revolucionários nortistas julgaram poder saciar a sua sêde de liberdade, foi a Constituição da Colômbia de 6 de outubro de 1821.

Tanto que soube da insurreição, cuidou D. Pedro de enfrentá-la com elementos adequados. Mandou bloquear Recife e enviou para o norte uma **brigada expedicionária**, sob o comando de Francisco de Lima e Silva.

Êste general desembarca em Maceió (Alagôas), para onde o levara, em seus navios, o almirante Cochrane.

De lá avança por terra para Recife e ali se instala afinal vitorioso, depois de esmagar as últimas resistências.

O pequeno grupo que retirara para o Ceará foi alcançado e rendeu-se.

A Confederação do Equador desapareceu aniquilada pelas armas do Império. Os republicanos haviam apelado para outras províncias do norte. A revolução ecoou sem dúvida no seio delas, mas não houve a cooperação militar necessária para que se evitasse o funesto desenlace.

Digitized by Google

Sobreveio o processo. Houve novos mártires, alguns eliminados pelo enforcamento.

Refletindo nêstes acontecimentos, escreveu o Dr. Manoel Cícero Peregrino, em sua excelente monografia sôbre a Revolução do Equador:

"Têm-se atribuido à revolução de 1824 fins separatistas. Só pela separação se poderia formar o núcleo de que houvesse de irradiar o movimento republicano por todo o país. Mas, logo em seguida à proclamação de 2 de julho ou simultàneamente, o Manifesto foi um apêlo fraternal a todos os brasileiros para que fizessem causa comum com os valentes de seis províncias do norte. Em proclamação dirigida aos **Pernambucanos, amigos e patrícios,** Manoel de Carvalho dizia: "Não descoroçoeis, não estamos sòzinhos em campo; a causa por que pugnamos é a causa de Pernambuco, da Paraíba, do Rio Grande, do Ceará, do Maranhão, do Pará, do Piauí e do mesmo sul do Brasil". O projeto de Govêrno das Provincias Confederadas era por êle oferecido a **todos os Brasileiros em geral...** Que Manoel de Carvalho pretendia estender o movimento a todo o Império, disse a Relação do Rio de Janeiro, num dos fundamentos do Acórdão de 12 de março de 1825, pelo qual foram condenados à morte natural, com baraço e pregão, Ratcliff, Metrowich e Loureiro... Na revolução de 1824, os brasileiros do norte estenderam a mão, desde o primeiro instante, aos compatriotas do sul, para que com êles confraternizassem. Não pretendia o norte a desintegração, o desmembramento do Brasil. Ao contrário, desejava e procurava a adesão das demais províncias, que por certo a teriam prestado, se a tentativa se não houvesse frustrado tão cêdo, malogro que se tornou inevitável, dada a falta de coesão dos elementos que deveriam contribuir para que resultasse vencedora".

O aniquilamento da Confederação do Equador não importava a paz dos espíritos, senão que, ao revés disso, fazia recrudescer a irritação e as disposições combativas dos liberais. Não arrefecia a prevenção contra a índole absolutista de D. Pedro I. Era cada vez maior a crença de que continuavamos realmente sob o domínio português.

A situação interna agravou-se com a nossa política no Prata, onde apareciam sintomas iniludíveis de próxima borrasca, que D. Pedro não poderia evitar.

Digitized by Google

Haviamos cometido o grave êrro de conquistar o Uruguai e de encorporá-lo ao reinc unido de Portugal e Brasil sob a denominação de Estado Cisplatino. Por falta de gente, não nos apossaramos dêsse território no momento histórico decisivo, e queríamos fazê-lo agora, esquecendo-nos de que **"ninguém tem mão que revire a ocasião fugidia"**, conforme o proclamou um clássico da nossa língua.

Ha quem se tenha empenhado em justificar tamanha violência, com outras do mesmo jaez, com a alegação de que precisávamos assegurar a tranqüilidade em nossa extrema fronteira meridional e até com a circunstância de o facto haver recebido sanção legal graças a alguns uruguaios desnaturados. Êsses sofismas patrióticos causam pesar, promanam dos que se deixam levar cegamente por certos impulsos inferiores de nossa natureza, isto é, não pairam na história, como é seu dever, acima do egoismo nacional. Tomando terras cubiçadas pela Argentina e cujos habitantes, ciosos da sua liberdade, não eram brasileiros, claro é que preparavamos uma guerra à beira do Prata, como a que sobreveio, e que não pudemos conduzir como convinha, embora dispusessemos, para isso, dos elementos necessários, pela razão simples de repugnar aos brasileiros uma guerra de indisfarçável conquista. Teòricamente nada podíamos opôr aos uruguaios, visto serem os seus argumentos para resistir-nos substancialmente os mesmos que havíamos lançado em rosto a Portugal para romper com êle.

Esse estado da consciência nacional, francamente impregnado de liberalismo, explodiu em nova revolução a 7 de abril de 1831. O exército, auscultando as aspirações nacionais, colocou-se ao lado do povo. D. Pedro I abdicou em seu filho, então menor, e abandonou o país. Nêsse lance esteve a monarquia a pique de sucumbir e só escapou graças a certos políticos serenos, que ainda viam no trono um instrumento precioso de coesão nacional.

Sem embargo a agitação revolucionária continuou.

"Com a partida de D. Pedro I — disse Capistrano de Abreu — desencadeiaram-se as fôrças revolucionárias desde o Amazonas ao Prata".

Em vista da menoridade de D. Pedro II, passou o Brasil a ser governado por uma regência de tres membros até 12 de

Digitized by Google

outubro de 1835, e depois por um único regente (1835-1840) até a maioridade.

"O período da regência — pondera o Barão do Rio Branco — foi de perturbações. Os partidários do federalismo e os reacionários, partidários de D. Pedro I, agitaram as províncias e tentaram múltiplas vezes derrubar o govêrno e a regência. A guerra civil rebentou no Ceará (1831-32), em Pernambuco (1832-1835), no Pará (1831-33, 1835-37), na Baía (1837-38), no Maranhão (1838-41), no Rio Grande do Sul (1835-45) e em muitas outras províncias. O partido liberal monarquista (**liberal moderado**) de que Evaristo da Veiga e Vasconcelos se tornaram os principais diretores, manteve-se no poder de 1831 a 1837, e teve de lutar contra os federalistas, que eram quási todos os republicanos (partido **liberal exaltado**) e os reacionários (partido **restaurador** ou **Caramurú**), do qual os irmãos Andradas, que haviam regressado do exílio em 1828 e se tinham reconciliado com D. Pedro I, passaram a ser os principais conselheiros. Êste último partido pedia a volta de D. Pedro I como regente; mas, solicitado em Lisboa por António Carlos d'Andrada, em 1833, êle recusou-se. O deputado Feijó, feito ministro em 4 de julho de 1931, abafou enèrgicamente tôdas as revoltas desencadeadas no Rio pelos dois partidos de oposição. Às tropas indisciplinadas, que se haviam aproveitado dos maus exemplos de alguns de seus chefes, e que êstes não podiam mais conter, êle opôs a guarda nacional, criada pela lei de 18 de agosto de 1831; aos clubes federalistas Evaristo da Veiga opôs a **Sociedade Defensora da liberdade e da independência nacional** (Sociedade defensora), vasta organização, que teve grande influência na marcha dos acontecimentos políticos do Brasil" (1).

Embora se houvessem feito concessões ao espírito liberal, reformando a constituição mediante o Ato Adicional (1834), isto é, transformando os conselhos gerais das províncias em assembleias legislativas, dissolvendo o Conselho de Estado e criando-se um só regente, a inquietação perdurava. E' óbvio que ela se fazia sentir em todo o país. A Côrte era o foco de um sismo político, cujos abalos repercutiam até em nossas raias mais afastadas.

No Rio Grande do Sul passaram-se dest'arte fenômenos

(1) **Esquisse de l'histoire du Brésil** — pg. 169.

Digitized by Google

análogos. Havia luta apaixonada entre os dois partidos políticos e resistência decisiva aos que ambicionavam a volta de Pedro I. O espírito independente, altivo e patriótico dos rio-grandenses não admitia novas submissões, mesmo indiretas, aos lusitanos. A lembrança das guerras em que haviam tomado parte para defender o Brasil e o vento belicoso que soprava do Uruguai, deviam contribuir para lhes despertar o espírito combativo.

## IV

A 20 de setembro de 1835, quer dizer no período da regência, desencadeia-se a Revolução Farroupilha.

E' oportuno, e de certo necessário, dizer mais alguma coisa sôbre as suas origens.

Vejamos quais são as razões apresentadas aos seus compatriotas pelo coronel Bento Gonçalves, chefe do movimento, no manifesto que lhes dirigiu cinco dias depois (25 de setembro de 1835):

Começa declarando ter-se consagrado desde a infância à ordem e à liberdade. "Viu a arbitrariedade entronizada", pediram-lhe a sua cooperação e voou até a capital "para ajudar a sacudir o jugo, que, com a mão de um inepto administrador, vos tinha imposto uma fração retrógrada e anti-nacional". "Correstes às armas — dí-lo aos seus compatriotas — depois de haver esgotado todos os meios, que a prudência e o amôr à ordem vos sugeria, não para destruir, mas sim para consolidar a sagrada Constituição que juramos, não para vingar-vos dos ultrages, que diariamente vos faziam os corifeus de um partido anti-nacional, mas sim para garantir as liberdades pátrias de seus ataques, tanto mais terríveis por isso que eram exercidos à sombra da Carta Constitucional; correstes, enfim, às armas para sustentar em sua pureza os princípios políticos, que nos conduziram ao sempre memoravel **Sete de abril**, dia glorioso da nossa regeneração e total independência... Conheça o Brasil que o dia vinte de setembro de 1835 foi a conseqüência inevitável de uma má e odiosa administração; e que não tivemos outro objeto, e não nos propusemos a outro fim que restabelecer o império da lei, afastando de nós um administrador inepto e

Digitized by Google

faccioso, **sustentando o trono do nosso joven monarca e a integridade do império".**

Infere-se dêstes excertos que os revolucionários de 35 se mantinham nêsse primeiro período fiéis ao regímen monárquico e à constituição vigente; reagiam apenas contra o presidente da província; seus princípios políticos eram os que ocasionaram o 7 de abril.

No momento em que o Brasil tem os olhos fitos nos revolucionários, declara mais Bento Gonçalves, é dever dêles desvanecer os temores com que seus inimigos quiseram alarmar o país acusando-os de **sustentar vistas de desunião e república.**

Depois de expor assim, com absoluta clareza, o seu pensamento, passa a recordar os sucessos da administração do presidente Fernandes Braga. Lembra a noite de 24 de outubro de 1834, quando o partido anti-nacional armou **braços mercenários e estrangeiros** e ocupou militarmente o Trem de Guerra. **Tudo isso não foi quiçá o primeiro insulto à nossa nacionalidade? Não merecia pronto e exemplar castigo?** Porêm os patriotas **sufocaram seus justos ressentimentos.** Entretanto, que fazia o presidente Braga? Divertia-se na cidade do Rio Grande, deixando na Capital um irmão, Pedro Chaves, joven **turbulento** e **faccioso**, que provocava o terror na sede do govêrno. Despertando do seu letargo, o presidente chamou-o, a êle Bento Gonçalves. Acudiu ao seu apêlo por patriotismo; disse-lhe o presidente ser êle (Bento Gonçalves), o único capaz de deter o furor do povo e evitar efusão de sangue. Atendeu. Mas Braga iludiu-o e utilizou-se do seu patriotismo para iludir os compatriotas e desarmá-los". "Braga deixou de ser administrador de um povo livre, desde que ao império da lei substituiu o espírito de facção, e o povo desde aquele instante deixou de respeitá-lo. O mesmo Braga apoiou, na Côrte, as mais vergonhosas intrigas do marechal Barreto, para perder aqueles que pelas suas luzes e patriotismo lhe transtornavam os planos. Os mais decididos pela causa do povo foram alvo de perseguição sistemática; confiaram-se empregos aos homens mais impopulares, "o direito de petição, garantido pela Constituição nova, foi desatendido, e os peticionários tratados como sediciosos; encheram-se os cárceres de patriotas, e tôda a província foi envolvida em processos e querelas; introduziu-se a desmoralização na guarda nacional de infantaria para dispersá-la, e suspendeu-se arbitràriamente do

Digitized by Google

seu comando o tenente-coronel Silvano José Monteiro de Araujo e Paula, cujo crime era seu inabalável patriotismo; criou-se uma guarda pretoriana debaixo do nome de guarda nacional de cavalaria para custodiar a cidade, mandou-se com ingentes gastos e detrimento do erário público o valente batalhão de caçadores n. 5 para as longínquas fronteiras de Missões; removeu-se da vila do Jaguarão para Bagé a companhia de cavalaria que alí se achava por ordem da Regência, duplicando, sem necessidade, nem motivo plausível, as despesas, pelo custoso transporte de víveres, munições e bagagem a pontos tão distantes. Silva Tavares, capitão da extinta 2.ª linha, foi nomeado comandante da fronteira do Rio Grande a despeito das instruções da Regência de 8 de março de 1834, sujeitando à nulidade e malvadez dêsse homem perverso, um sem número de chefes valentes e aguerridos; retirou-se do comando da fronteira do Rio Pardo o veterano de nossas guerras, o Snr. Bento Manoel Ribeiro, e foi substituido pelo tenente-coronel da mesma extinta 2.ª linha, José António Martins, cujo único título é a particular inimizade que consagra ao Snr. coronel Bento Manoel Ribeiro e pertencer à facção do marechal Barreto. Fala depois em perseguições, em violação da sagrada garantia do **habeas-corpus**, e na introdução escandalosa e impune de africanos e da moeda de cobre, **terriveis açoites** da malfadada província do Rio Grande. Tudo **isso para satisfazer às exigências do marechal Barreto e da facção retrógrada.** Instalada a Assembleia, surgiu nela a calúnia mais atroz proferida pelo presidente da província ao denunciar uma conspiração cujo fim seria desmembrar a dita província da grande família brasileira. Dêsse **nefando projeto** eram acusados homens que em **todos os tempos valorosamente expuseram suas vidas e verteram seu sangue pela integridade do Império. Projeto insensato!** (1)

Prossegue atacando a política do presidente, que dava postos aos de sua facção e **inutilizava** a maior parte dos influentes do partido liberal. Contava com o marechal Barreto que ousava prometer-lhe **sacar forças de um estado vizinho** para su-

(1) Bento Gonçalves refere-se evidentemente a êste trecho do discurso de abertura da Assembleia, pronunciado pelo presidente:

"Consta-me que (**Lavalleja**) ainda não deixou o nosso território, e que juntamente com o seu Mentor, o indigno padre Caldas, trabalham de mãos dadas com diferentes ambiciosos para perturbar o socêgo da Província, e levar avante seus planos de separação do Império e federação com a Cisplatina".

Digitized by Google

focar qualquer tentativa **dos homens livres**. E o cálice de amargura não estava cheio! Além de apresentar **os honrados e industriosos camponeses** como sepultados nas **trevas da ignorância**, o de apelidá-los **bárbaros, pobretões** e **proletários**, projetou o partido retrógrado de criar um novo imposto anual de dez mil réis por légua quadrada, imposto **injusto** e **cruel** porque recái sôbre o **capital** e não sôbre o **produto**. O presidente podia negar sanção a essa lei, porêm mandou fôsse cumprida. Devía-se prever um levantamento. De que fôrça se valeu o govêrno para a execução da lei? Não podia contar com os **valentes veteranos**. **"Os militares do Brasil regenerado vertem seu sangue para defender a pátria e não para oprimí-la"**. Lembraram-se então de criar um corpo de polícia, corpo de janízaros, de 700 praças.

Termina dizendo que os rio-grandenses cumpriram um dever sagrado repelindo as primeiras tentativas de arbitrariedade em nossa pátria e que ela aplaudirá o **patriotismo** e a **justiça**, que armaram o braço rio-grandense para depor uma autoridade **inepta** e **facciosa**, e restabelecer o **império da lei**. "Respeitando o juramento que prestamos ao nosso **código sagrado**, ao **trono constitucional** e à **conservação** da **integridade** do Império, comprovareis (**meus compatriotas**) aos inimigos de nosso socêgo e felicidade, que sabeis preferir o jugo da lei ao dos seus infratores, e que ao mesmo tempo nunca esqueceis que sois os administradores do melhor património das gerações que nos devem suceder, que êste património é a liberdade, e que estais na obrigação de defendê-la à custa de vosso sangue e de vossa existência".

Tais são as razões invocadas por Bento Gonçalves.

A deposição do presidente da província é um ato de sedição, provocado por motivos políticos e queixas contra uma administração reputada intolerável, mas não se trata nem de violar a integridade do Império, nem de implantar a forma republicana (1).

O leitor verá mais tarde, no texto dêste trabalho, que não

---

(1) A legislação criminal do Império distinguia a **sedição** da **rebelião**. Na sedição, "cidadãos e soldados privavam a funcionários públicos já do exercício, já de posse do seu emprêgo". Na rebelião, visava-se "ferir a integridade do Império, tendo-se reunido para isso povoações" cuja população ultrapassasse de 20.000 pessoas.

Vide ALENCAR ARARIPE — **Guerra Civil no Rio Grande do Sul.**

Confesso que nem sempre me ative a essa distinção dos dois vocábulos.

Digitized by Google

foi possível restabelecer a harmonia entre os sediciosos e o govêrno central. Êste, como era de esperar, quís resguardar o mais possível o seu prestígio, e aqueles, sentindo-se sem garantias, prosseguiram na luta.

O movimento insurrecional adquire assim nova feição e toma como escôpo a independência do Rio Grande sob o regimen republicano. Deve-se, porêm, reconhecer que antes da explosão revolucionária já muitos rio-grandenses anelavam por esta solução.

A 11 de setembro de 1836, isto é, quási um ano depois de iniciada a revolução, António de Sousa Neto, que então se encontrava na margem do Jaguarão, põe-se à frente de suas tropas (1.ª brigada) em Campos de Meneses, e dá-lhes a conhecer uma proclamação, na qual declara que os rio-grandenses não suportarão por mais tempo a **prepatência** de um govêrno **tiránico** e **cruel,** que a província do Rio Grande do Sul ficava **desligada** das demais do Império e formaria um Estado **livre** e independente sob o nome de **República Riograndense.**

Dias depois a cámara municipal de Jaguarão homologava êsse ato. A 5 de novembro de 1836, a cámara de Piratiní proclamava a independência política da província, elevando-a à categoria de **Estado livre constitucional e independente, o qual poderia ligar-se por laços de federação àquelas províncias do Brasil que adotassem o mesmo sistema e quisessem se federar ao novo Estado.**

Quais as razões determinantes dessa mutação completa nos objetivos revolucionários?

Ouçamos novamente a Bento Gonçalves.

A 28 de agosto de 1839, já sendo presidente revolucionário do Rio-Grande, lança êle de Piratiní um manifesto **em nome de seus constituintes.**

Seu intuito é sem dúvida explicar as razões por que surgiu a **República independente.** O documento desenvolve os motivos já mencionados no manifesto de 25 de setembro de 1836. Declara que a **separação** e **desmembramento** do Povo Rio-Grandense não foi obra de precipitação irrefletida ou de um caprichoso desacerto; mas uma obrigação indispensável, um dever rigoroso de consultar a sua honra, felicidade e existência altamente ameaçadas; de atender por si mesmo à própria natural defesa, de subtraír-se a um jugo insuportável, cruel e ignomi-

Digitized by Google

nioso, opondo a resistência à injúria, repelindo com fôrça a violência". "Só empunha o gládio dos combates para cobrir-se e defender-se de uma odiosa agressão; faz nêsse momento o que fizeram tantos outros Povos por iguais motivos, em circunstâncias idênticas; assim encontra êste Povo virtuoso e bravo entre tanto Povos ilustrados da terra essas generosas simpatias amplamente dispensada a quantos o precederam nêste afanoso comprometimento, essas mesmas simpatias que outrora a braços com os seus tiranos da Europa invocaram o Brasil e seu govêrno, êsse Govêrno hoje a seu turno opressor, sevo, inexorável e tirano a nosso respeito".

Articulam-se a seguir as acusações ao govêrno imperial: má escolha dos diplomatas, tratados contrários aos interêsses e dignidade da Nação, impostos gravosos, falta de zêlo pelos dinheiros públicos, contratos prejudiciais, compromissos de dívidas ameaçadoras de ruina do país, despesas supérfluas, falta de melhoramentos materiais, parcialidade da administração das Províncias, impunidade de seus agentes, a-pesar das queixas que recebe, consentimento de **trafego vergonhoso** no pagamento da dívida pública, na distribuição dos cargos, na administração da justiça e em todos os atos administrativos, política feroz e covarde com relação a estrangeiros e nacionais, a que chama rebeldes, desprêso e até castigo pelas justas e atendíveis representações do Povo, desrespeito a ordens de **habeas-corpus** legais, prisão de cidadãos por longo tempo e sem processo, **vilipêndio do espírito nacional polo facto de se haver ligado a uma facção estrangeira e adversa ao Brasil**, organização em fôrça armada, e sem o indispensável consentimento do Corpo Legislativo, de estrangeiros que o amparem nas suas arbitrariedades.

Tudo isso sofreram os rio-grandenses em comum **com outras Províncias da União Brasileira.** "Para que lançassem mão das armas foi preciso a concorrência de outras causas, outros males que nos dizem respeito particularmente a nós, e que nos trouxeram **a íntima convicção da impossibilidade de avançarmos na carreira da civilização e prosperidade**, sujeitos a um Govêrno que ha formado o projeto iníquo de nos submeter à mais **abjeta escravidão**, ao **despotismo** mais abominável". O govêrno imperial não teve a menor deferência pelo sangue que a Província derramou na guerra com os Argentinos, pelos seus campos **destruidos**, pela ruína de sua fortuna. "Eramos o braço di-

Digitized by Google

reito e também mais vulnerável do Império. Agressor ou agredido, o Govêrno nos fazia sempre marchar à sua frente; disparávamos o primeiro tiro de canhão e eramos os últimos a recebê-lo. Longe do perigo dormiam em profunda paz as mais Províncias, enquanto nossas mulheres, nossos filhos e nossos bens presos do inimigo, ou nos eram arrebatados ou mortos, e muitas vezes trucidados cruelmente. Povo algum da Terra carregou mais duro e mais pesado o tempestuoso aboletamento: transformou-se o Rio Grande numa Estalagem do Império".

"Exibiam certamente as Províncias as cotas respectivas, onde incluíamos a nossa para as despesas da guerra; mas o arbítrio nos tirava com violência em gado vacum e cavalar, e em exigências de todo gênero, mil vezes mais do que cumpria cotisar-nos proporcionalmente".

Insiste-se na queixa contra os impostos injustificáveis.

O tesouro rio-grandense supria e sustentava outras Províncias; era credor de São Paulo. O Rio Grande **cheio de ouro e de recursos** só podia dispôr de 111:250$000 para fazer face às suas necessidades administrativas.

Nada obstante contemporizava. Porêm o plano era levá-lo ao desespêro. Temeroso de que a rica prêsa podesse separar-se, resolveu aniquilá-la. Usou da intriga.

"As dissenções domésticas de um Estado vizinho não se passavam sem que o Govêrno Imperial tentasse disso tirar partido para chegar a seus fins. Protege a oposição armada no Estado Oriental; envolve a nossa Província nessa querela doméstica, compromete a Paz e a Magestade do Império, e conclúe perseguindo aleivosa e indignamente os dissidentes Montivedeanos, depois de os haver protegido. Assim pensava divertir a atenção pública de seus continuados desvarios administrativos: assim pensava êle dar uma direção estranha às nossas dissenções intestinas".

Continuam as queixas contra o Império. Depois exclama o manifesto: "Cumpria morrer em meio de tantas afrontas e ludíbrio; cumpria morrer ou impôr silêncio ao monstro da calúnia, que nos enxovalhava e deprimia; cumpria sepultar-nos debaixo das ruínas do infamado e cativo continente ou precipitar da cadeira presidencial e para longe de nossos lares o delegado do Govêrno Imperial, que se havia colocado à frente dos inimigos da Pátria, para perseguí-la e aviltá-la".

Digitized by Google

Depois de enumerar os agravos feitos à província e as violências à liberdade de seus filhos, conclúe:

"Um só recurso nos restava, um único meio se oferecia à nossa salvação; e êste recurso e êste meio único eram a nossa Independência Política e o Sistema Republicano, só assim podíamos adquirir a fôrça, a compactibilidade e energia necessárias para debelar nossos algozes em tão lamentável catástrofe. Cedemos à voz santa da natureza, cumprimos as inevitáveis e eternas leis do Criador, lançando mão dêsse recurso, dêsse único meio de salvação".

"Perdidas, pois, as esperanças de concluírmos com o Govêrno de S. M. Imperial uma conciliação fundada nos princípios de Justiça Universal, os Rio-Grandenses, reunidas as suas Municipalidades, solenemente proclamaram e proclamam a sua Independência Política, debaixo do auspício do Sistema Republicano, **dispostos todavia a federarem-se, quando nisso se acordem as Províncias Irmãs que venham a adotar o mesmo sistema".**

"Bem penetrados da justiça de sua santa causa, confiando, primeiro que tudo no favor do Juíz Supremo das Nações, êles têm jurado por êsse mesmo Supremo Juíz, por sua honra, por tudo que lhes é mais caro, não aceitar do Govêrno do Brasil uma paz ignominiosa, que possa desmentir a sua Soberania e Independência".

Vê-se, pelos trechos capitais acima resumidos ou transcritos, não haver no manifesto de Bento Gonçalves uma explanação de doutrinas políticas e a justificação da superioridade do sistema republicano; o que ha nêle, como em outros documentos análogos e em análogas oportunidades, é a enumeração das queixas contra os arbítrios e injustiças sofridos, e a esperança de que a independência e a forma republicana tragam à província melhores dias.

Como no período da revolução farroupilha, os uruguaios, divididos politicamente, também lutavam entre si, cabe agora dizer algo sôbre êles, afim de que o leitor possa compreender melhor as afinidades naturais dêsses dois movimentos paralelos. Com êsse intuito vou lembrar um trecho da história da República do Uruguai, penejando-a a largos traços.

Digitized by Google

## V

Depois da Convenção Preliminar de Paz de 27 de agosto de 1828, que pôs têrmo à guerra entre o Brasil e a Argentina, e restabeleceu a independência do Uruguai, cuidou êste país de reorganizar-se. Frutuoso Rivera foi escolhido presidente e assumiu o govêrno em novembro de 1830. Mas em julho de 1832, Lavalleja revolta-se contra êle. Rivera bate-o e obriga-o a refugiar-se no Rio Grande. Em março de 1834, renova Lavalleja a tentativa de derribar do poder o seu rival; é outra vez batido e busca novamente abrigo em nosso território.

Terminado o mandato de Rivera, procede-se a nova eleição (março de 1835). A escolha recái em Manoel Oribe, que empunha as rédeas do govêrno. Porêm agora é Rivera quem se levanta contra êle (julho de 1836).

Oribe derrota-o em Carpinteria (19 de setembro de 1836). Rivera procede como Lavalleja; trata de pôr-se a salvo no Rio Grande. Em outubro de 1837, renova a tentativa, avança até o Arapeí e logra vencer a Oribe em Yacutujá: Oribe reúne novos elementos, toma a ofensiva e bate Rivera nas imediações de Durazno. Rivera não desanima; passa à guerra de recursos. Em 1837 ataca Paisandú. Em janeiro de 1838, surge em frente a Montevideu. Em 15 de junho de 1838, os dois rivais enfrentam-se em Palomar. Oribe é derrotado e encerra-se em Montevideu. Rivera domina na campanha. Como os sucessos lhe tenham sido desfavoráveis, Oribe renuncia o posto de presidente. Em 1.º de março de 1838, Rivera é eleito para substituí-lo. Declara logo guerra a Rosas, que então dominava tiràmicamente Buenos Aires. Afim de proteger Oribe, lança Rosas a Echague, governador de Entre Rios, contra Rivera. Echague leva consigo Urquiza, Lavalleja e Oribe. Rivera vence-o em Cagancha (26 de dezembro de 1839). Parte dos inimigos de Rivera foge com Lavalleja para o Rio Grande.

À frente de um exército organizado para subjugar Rosas, denominado Exército da Liga, cruza Rivera o rio Uruguai e arremete contra os adversários. Padece todavia completa derrota em Arroio Grande (6 de dezembro de 1842). Oribe transpõe então o Uruguai e vai sitiar Montevideu (16 de fevereiro de

Digitized by Google

1843). Começa o cêrco desta cidade, transformada em Nova Troia, o qual durou quási nove anos (de 16 de fevereiro de 1843 a 8 de outubro de 1851). Com o intuito de aniquilar de vez o adversário, Oribe pede o auxílio de Rosas, que lhe envia um exército sob o comando de Urquiza. Êste chefe invade o Uruguai (julho de 1843). Rivera luta com heroismo na campanha, mas acaba desbaratado em India Muerta (27 de março de 1845) e foge para o Rio Grande.

Conclúe-se do exposto que, durante a revolução farroupilha, o território do Rio Grande serviu mais de uma vez de abrigo aos revolucionários orientais. Primeiro é Lavalleja (antes mesmo de iniciada a revolução), depois Rivera (1836), novamente Lavalleja (1839) e ainda Rivera (1845).

Havia perene inquietação na campanha oriental, onde os inimigos por vezes se degladiavam. Não admira, pois, que existissem relações entre alguns revolucionários de um lado e do outro da linha fronteiriça, e certa simpatia recíproca decorrente da situação em que se encontravam.

Acresce ainda que chefes brasileiros, como Bento Gonçalves e Bento Ribeiro, tinham relações pessoais e se correspondiam com caudilhos orientais, como Rivera, Lavalleja e Oribe, que haviam defrontado nas campanhas em território cisplatino. Ocasiões houve em que rebeldes orientais recorreram aos brasileiros pedindo-lhes que os ajudassem e vice-versa. Caso típico é o da **Convenção de Auxílios** pacteada, em 28 de dezembro de 1841, entre Domingos José de Almeida, ministro do exterior e da fazenda da República riograndense e José Luís Bustamante, secretário de Rivera. E' a época em que Rivera se prepara para invadir Entre Rios e acometer as tropas de Rosas. Bento Gonçalves exulta com a esperança, e dí-lo em carta a Rivera, de vêr o Estado de Entre Rios **arrancado do poder do tirano João Manoel Rosas e nele estabelecido um govêrno permanentemente livre, conforme aos nossos interêsses e às luzes do século.**

Por seu lado o govêrno brasileiro, desejoso de esmagar definitivamente os rebeldes do Rio Grande e confiante na eficaz cooperação que um dos grupos em pugna no Uruguai poderia prestar-lhe, não hesitou em entabolar negociações e firmar um pacto com o tirano Rosas, protector ostensivo de Manoel Oribe. A 24 de março de 1843, o ministro brasileiro Carneiro Leão e o argentino general Guido assinavam no Rio de Janeiro um tra-

Digitized by Google

tado de aliança ofensiva do Império com Rosas "contra o poder e autoridade que exercia Frutuoso Rivera na República do Uruguai".

Comprometiam-se as Altas Partes Contratantes a empregar as fôrças de mar e terra de que pudessem dispôr, até conseguirem a completa pacificação da Província do Rio Grande de S. Pedro do Sul e da República do Uruguai, com o restabelecimento da paz e da autoridade legal em ambos territórios (art. II).

O Império declararia bloqueado o porto de Montevideu e qualquer outro do território uruguaio, que estivesse dominado por fôrças de Rivera. Manteria uma fôrça naval nos ditos portos, a que a Confederação Argentina auxiliaria com os navios de que pudesse dispor, os quais ficariam sob as ordens do comandante da fôrça imperial.

As provisões de guerra e bôca necessárias à fôrça naval seriam proporcionadas pela sobredita Confederação, mediante indenização pecuniária. A mesma Confederação forneceria, em idênticas condições, 6.000 cavalos, ou mais, ao Brasil. As tropas daquela que transpusessem a fronteira do Uruguai e entrassem em terras do Brasil, para atuar contra o inimigo comum, ficariam às ordens do general em chefe do exército imperial e, vice-versa, as brasileiras que penetrassem em terras uruguaias passariam a receber ordens do general comandante das Fôrças Confederadas. Concluída a guerra, não seria permitido a Bento Gonçalves, nem a outros chefes rebeldes do Rio Grande do Sul indicados pelo govêrno imperial, residirem na República do Uruguai ou na Confederação Argentina. O império comprometia-se outrossim a expulsar do seu território a Frutuoso Rivera e a outros chefes que fôssem indicados pelo Govêrno da Confederação.

O Brasil punha assim todo seu poder militar e seu prestígio ao serviço das ambições de Rosas, com o fito exclusivo de sufocar a revolução farroupilha. Se atendermos a que nessa época Montevideu começava a sua heróica resistência às pretenções do ditador argentino, e se constituia em baluarte da liberdade no Rio da Prata, perceberemos o perigo que essa liberdade correu e a obra nefasta a que nos associavamos.

O abominável tratado foi logo ratificado pelo Brasil (27 de março de 1843). Rosas, porém, não procedeu de modo idên-

Digitized by Google

tico, alegando **que se havia prescindido de Oribe, presidente legal do República do Uruguai.**

A objeção é francamente ridícula e digna de um espírito capcioso. Só serviu para que o Brasil reconhecesse tardiamente haver sido vítima da solércia e do ludibrío de Rosas no passo irrefletido que havia dado entrando em combinação com um déspota, que o detestava e dentro em pouco teria de ser apeado do poder com a ajuda eficiente e entusiástica dos brasileiros.

Quando Rosas se aproximou do Império estava sob a pressão dos govêrnos da França e da Inglaterra, e por isso sentia-se fraco. Logo, porêm, que o ambiente melhorou, que êle viu o exército de Oribe sitiando Montevideu, retornou ao que era e mudou de frente com inacreditável desfaçatez.

## VI

A mentalidade dos revolucionários foi-se modificando paulatinamente. Após vários anos de luta permanente, reconheceram não lhes ser possível vencer o Império, cujos recursos eram inesgotáveis comparados com os deles.

Entrementes a situação no Rio da Prata assumia crescente gravidade. Rosas persistia na idéia de dominar na República do Uruguai, intervindo ali por intermédio de Manoel Oribe. Dest'arte ameaçava a nossa tranqüilidade e quiçá a independência do Rio Grande. Deviamos preparar-nos para arrostar essa crise inevitável. Os revolucionários gaúchos, conhecedores perfeitos da situação política nos países do antigo Vice-Reinado do Prata, perceberam tudo isso com absoluta nitidez. Cedendo aos estímulos da sua brasilidade, mais forte que os sentimentos políticos que os haviam levado à rebelião, decidiram terminar a luta.

"Um poder estranho — escreveu David Canabarro — ameaça a integridade do Império e tão estólida ousadia jamais deixará de ecoar em nossos corações. O Rio Grande não será teatro de suas iniquidades e nós partilharemos a glória de sacrificar os ressentimentos criados no furor dos partidos ao bem geral do Brasil".

Digitized by Google

Essa decisão foi cumprida brilhantemente. Os rio-grandenses marcharam resolutos e valorosos contra Montevideu em setembro e outubro de 1851, capitaneados por Caxias; alguns foram depois até Buenos Aires, conduzidos pelo bravo Porto Alegre, afim de ajudar os argentinos a expulsar Rosas.

Mais tarde limparam o seu território das hostes de Solano Lopes e foi a cavalaria gaúcha quem desferiu o golpe de morte nêsse êmulo do tirano de Palermo, após haver percorrido de norte a sul todo o território paraguaio e escrito páginas imorredouras de bravura e sacrifício.

Tal o fruto colhido com a revolução republicana separatista! Serviu de retemperar nas pelejas a fibra guerreira dos rio-grandenses do sul e de fazê-los ainda mais brasileiros do que o eram antes.

## VII

A meditação serena dos fatos da revolução farroupilha leva ao espírito desapaixonado a convicção de que ela é um simples élo da cadeia dos movimentos de rebeldia com que o Brasil aspirou a libertar-se do dominio de Portugal e do regimen monárquico. Não ha nela sintoma de anti-brasileirismo que a deslustre, como não o houve, por exemplo, na Confederação do Equador em 1824. O rompimento com o Império obrigava à independência, mas nem os farroupilhas, nem os pernambucanos queriam marchar sòzinhos para o seu novo destino, senão que convidavam as demais províncias a acompanhá-los. Que a evolução brasiliera tinha de operar-se na direção da democracia, provam-no os acontecimentos subseqüentes, prova-o sobretudo o 15 de novembro de 1889, em que o Brasil instituiu o regimen republicano, promulgando depois notável Constituição, garantidora da liberdade espiritual, da ordem e do progresso.

Certas opiniões individuais de alguns revolucionários ou pequenos factos, ao parecer contrários a essa apreciação, não bastam para infirmá-la. Em todas as revoluções só existe verdadeira unidade de pensamento na atividade demolidora.

E' mister julgar os sucessos de 35 a 45, vendo-os de cima e sem esquecer os documentos oficiais, em que a palavra de che-

Digitized by Google

fes como Bento Gonçalves e Neto enunciavam sem temor os objetivos revolucionários. E' preciso, sobretudo, ter bem presente o idealismo incomparável que animou a ação dêsses combatentes destemerosos. Muitos dêles caíram heròicamente na refrega, sem que possamos saber-lhes os nomes para glorificá-los como merecem.

Foram propugnadores de grandes ideais, notadamente da organização republicana da Pátria e da emancipação dos escravos.

O Brasil sofreu grande prejuizo em seu progresso material. O Rio Grande do Sul viveu na desordem quási dez anos; perdeu muitos de seus filhos e grande parte de seus rebanhos. Porêm todos lucramos sob os demais aspectos. Salvou-nos ainda uma vez a brasilidade inata da nossa gente. Numa terra em que tudo parece conspirar contra a nossa união (a planimetria e o relêvo do sólo, a sua hidrografia, a vastidão das costas e do interior), onde estas partciularidades geográficas impuseram no comêço a formação de núcleos esparsos e distantes, e uma penetração lenta para o interior, e onde ainda se opera o caldeamento da raça, manteve-nos unidos, e sempre nos manterá, o factor psíquico que modela desde os primeiros tempos as nossas almas e faz que sejamos todos brasileiros.

Ademais disso, quís a ventura que pudessemos exprimir numa só língua êste aprazível e nobilíssimo sentimento.

Digitized by Google

Digitized by Google

# PRIMEIRA PARTE

---

# A LUTA NOS PRIMEIROS TEMPOS

Digitized by Google

Digitized by Google

# CAPITULO I

**Início da revolução. — Os revolucionários apossam-se de Porto Alegre, que o presidente da província, Fernandes Braga, abandona, retirando-se para a cidade do Rio Grande. — Marciano Ribeiro é posto à testa da província. — Fôrça militar nela existente. — Primeiros choques. — Silva Tavares bate Verdum. — Derrota de Porciúncula. Ação do marechal Sebastião Barreto. — Sucessos de São Gabriel. — Ação de Bento Manoel Ribeiro. — Movimentos de Bento Gonçalves e Onofre Pires sôbre a cidade de Rio Grande. — O ex-presidente Braga retira-se para o Rio de Janeiro.**

Dois chefes revolucionários — José Gomes de Vasconcelos Jardim e Onofre Pires da Silveira Canto — à testa de um grupo de cerca de 200 cavaleiros, concentrados na região de Viamão, aproximaram-se de Porto Alegre e foram estacionar, no dia 19 de setembro de 1835, perto do bairro da Azenha.

Sabedor desse facto, cuidou o presidente da província, Dr. António Rodrígues Fernandes Braga, de anteparar o perigo que o ameaçava.

Dispunha de pouca fôrça na cidade. Mandou pegar em armas — disse êle — à Companhia de Guardas Nacionais a cavalo, ao Piquete de Cavalaria de 1.ª linha e à Guarda Municipal Permanente, e convidou, mediante proclamação, a todos os cidadãos, inclusive aos alistados na Guarda Nacional a pé, a **se reünirem com as armas na mão.** Juntou uma fôrça de 200 praças, afóra a Guarda Municipal e o Piquete, **que faziam ao todo setenta homens.**

Como o comandante das armas, marechal Sebastião Barreto, estivesse ausente, nomeou para dirigir a defesa da cidade o marechal Gaspar Mena Barreto.

Guarneceram-se tres pontos: o palácio do govêrno, o quartel da Guarda Municipal e o Trem de Guerra (**Arsenal de Guerra**).

Digitized by Google

Na noite de 19 de setembro de 1835 decidiu-se lançar um reconhecimento contra os revolucionários. Entre 8 e 9 horas da noite, saíram com essa missão 20 praças da Companhia da Guarda Nacional a cavalo, sob o comando do Visconde de Camamú, major de legião do município da capital, o qual expontaneamente se oferecera — conta Silva Pontes — para prestar esse serviço (1).

Os revolucionários estavam prevenidos e haviam colocado elementos de vigilância junto à ponte da Azenha.

Contra estes veem chocar-se os homens de Camamú, que são repelidos, recúam em desordem, deixando um oficial morto (o tenente quartel-mestre Antonio José da Silva Monteiro), e vão semear o pânico e a deserção entre os governistas.

"Camamú — escreve Silva Pontes — pouco prático na arte militar, não calculando quanto é preciso de noite marchar com tento, e principalmente com gente pouco adestrada, se havia de aproveitar-se do terreno plano da Várzea, levando todo aquele piquete em linha, marchou de tres de frente; e indo êle com mais dois adiantados, em vez de fazer alto ao primeiro grito que lhe deram as vedetas dos farroupilhas, disparou as pistolas contra êles; e voltando a toda a brida a procurar os seus, estes, persuadidos que vinham carregados, debandaram na maior desordem; e o piquete farroupilha só de 7 homens, vendo-os fugir assim espavoridos, os perseguiu ferindo quatro, em cujo número estava Camamú e matando o de nome Monteiro (de que já falamos), que dizem não se querer render depois de ter caído, e achar-se ferido".

No dia 20, os revolucionários penetram na cidade, sem encontrar quem se lhes oponha. O corpo de permanentes aderiu logo, com excepção do comandante, do sub-comandante, de um cabo, um soldado e um corneteiro.

O prsidente, sentindo-se desamparado, passou-se primeiro para o Arsenal de Guerra e depois para a escuna de guerra **Riograndense**, em que seguiu, na noite de 20, para a cidade do Rio Grande, levando na esteira a escuna **Dezenove de Dezembro.**

Eis como êle descreve ao govêrno imperial os seus últimos momentos em Porto Alegre:

"Observando eu, pois, na manhã de 20, que a fôrça que defendia a lei e o govêrno legítimo, decrescia consideravelmente, convoquei os oficiais que se achavam a meu lado, e expondo-lhes o estado dos negócios, assentaram todos que devia-

(1) **Memória histórica** — Publicação do Arquivo Nacional — Volume XXXI — pg. 232.

Digitized by Google



O COMBATE DA PONTE DA AZENHA, EM PORTO ALEGRE

(Quadro existente no Centro Gaúcho, de S. Paulo, da autoria de Augusto Luiz de Freitas, que o executou em Roma. E' de notar, deante do carregado das tintas e uma certa indecisão das figuras, que o encontro se deu pela madrugada).

Digitized by Google

Digitized by Google

mos deixar o palácio e reünir-nos no trem de guerra, até que chegassem várias fôrças de fóra, que, segundo as minhas ordens, deviam chegar por aqueles dois dias".

"De novo proclamei, segundo V. Ex. verá pelo documento n.º 3; mas os cidadãos armados que me acompanharam para o trem apenas seriam uns 50".

"Esses mesmos se fôram retirando, e às 11 horas da noite contavam-se alí sòmente 9 oficiais, não obstante o derradeiro esfôrço, que eu havia feito, para juntar gente na tarde do mesmo dia".

"Tinha eu ido a bordo do brigue **Trafalgar**, afim de pôr a minha familia a salvo de algum insulto, e aí fôram ter comigo o capitão das guardas nacionais Manuel Vaz Pinto e o vice-consul português Vitorino José Ribeiro, assegurando que o meu pronto comparecimento no trem faria animar e aparecer alí muitos cidadãos, principalmente adotivos, e que mesmo estrangeiros convidados pelo referido vice-consul, em conseqüência de requisição minha, concorreriam a defender a causa do govêrno legítimo. Vãos esforços!"

"Voltei ao lugar indicado; alguma gente se reüniu, posto que não tanta quanto se havia prometido, e, como disse, já às 11 horas da noite apenas se achavam no trem 9 oficiais".

"A essa hora soube que os permanentes tinham desertado para os rebeldes, com excepção do 1.º comandante, Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, do 2.º comandante, o tte. Alvarenga, de 1 cabo, 1 soldado e 1 corneteiro".

"Foi forçoso abandonar a cidade de Porto Alegre" (1).

E assim, quási sem luta, após uma ligeira escaramuça, ficaram os revolucionários senhores absolutos da capital da província.

No dia seguinte (21 de setembro), Bento Gonçalves, o chefe da revolução, apresentava-se em Porto Alegre.

Tomaram-se as principais medidas reclamadas pela situação.

Estando acéfalo o govêrno, a Camara Municipal, convocada extraordinariamente, em vista de um ofício de Bento Gonçalves, empossou no cargo de presidente o Dr. Marciano Ribeiro, que ocupava o 4.º lugar na relação dos vice-presidentes da província (21 de setembro).

Marciano levou o facto ao conhecimento das municipalidades.

(1) Ofício escrito na cidade do Rio Grande, aos 29 de setembro de 1835.

Digitized by Google

No dia 25, ainda de setembro, Bento Gonçalves dirigiu um manifesto aos seus compatriotas, em que lhes explicava a irrupção e os objetivos do movimento que derribara o presidente da Província.

"Conhece o Brasil — dizia êle nesse documento — que o 20 de setembro foi a conseqüência inevitavel de uma má e odiosa administração, e que não tivemos outro objeto, e não nos propusemos a outro fim, que **restaurar o império da lei,** afastando de nós um **administrador inepto e faccioso, sustentando o trono do joven monarca e a integridade do Império".**

Está claríssima nesta frase a primeira intenção política dos revolucionários. Não os anima, ao que êles dizem, o desejo de romper com o regimen monárquico ou de fraccionar o país.

Tratando-se de um movimento combinado de antemão e com múltiplas irradiações, é natural que se denunciasse em mais de um ponto do território da província, e até ocasionasse conflitos. Tal foi o caso na vila do Rio Pardo, onde legalistas e revolucionários se defrontaram ameaçadores e a que acudiu Bento Gonçalves, no dia 30 de setembro, logrando fosse reconhecido o novo presidente, Dr. Marciano Ribeiro.

Fernandes Braga, presidente deposto, chegou à cidade do Rio Grande a 28 de setembro e daí procurou manter a sua autoridade, apelando para os elementos contrários à revolução.

Esta tinha, por conseqüinte, necessidade imperiosa de anular-lhe os esforços e consolidar o prestígio do vice-presidente em exercício.

A presença do presidente deposto, embora fóra da capital, equivalia a uma perene ameaça aos revolucionários e facilitava uma contra-revolução. Urgia, portanto, afastá-lo com a máxima urgência do território da província.

Nessa primeira fase a luta se trava entre os dois presidentes.

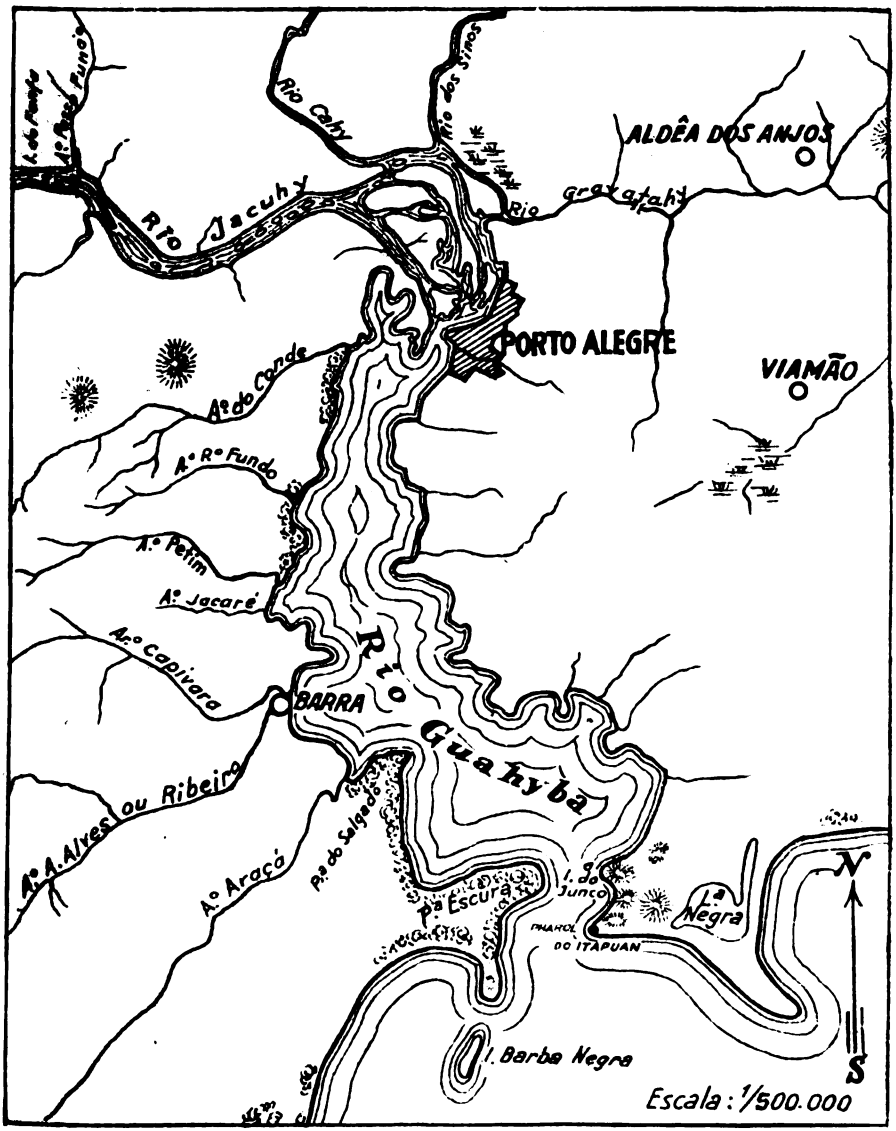
O comandante das armas, marechal Sebastião Barreto, achava-se, conforme disse, fóra de Porto Alegre.

Marciano Ribeiro suspende-o do cargo a 12 de outubro (1835) e nomeia para exercê-lo o coronel Bento Manoel Ribeiro.

Salienta Varela que êle procurou reforçar militarmente a capital, "transferindo para ali o 1.º de artilharia e pouco depois o 8.º de caçadores, que já se adiantara até Caçapava, reforçado por liberais da zona oeste do território".

Prevendo tambem a necessidade de força naval — conta o mesmo autor — fez armar em guerra o patacho **Vinte de Se-**

Digitized by Google




PLANTA DO GUAHYBA

Digitized by Google

Digitized by Google

**tembro**, o cuter **Minuano** e ativou o arranjo de alguns vasos mais".

A 26 de outubro, convoca a Assembléia Provincial para 20 de novembro.

Se o marechal Barreto dispuzesse de tropas regulares, bem enquadradas, e houvesse previsto os sucessos, nada mais simples do que arrostá-los. Mas tal não se deu. A guarnição era diminuta e estava dispersa. A esse respeito escreve Alfredo Varela:

"A fôrça que existia na província, no momento de estalar a Revolução, era esta: Em São Borja estacionava o 8.°, muito desfalcado de gente; no Rio Pardo, o corpo de artilharia, com umas 80 praças; em Bagé, o 2.° regimento de cavalaria com pouco mais de 100; em São Gabriel, o 3.°, com um pouco mais do que o anterior; em Jaguarão, o 4.°, sôbre cujo pessoal nos faltam dados, certo sendo, entretanto, que esse era muito diminuto" (1).

Em resumo: 1 batalhão de infantaria, 1 corpo de artilharia e 3 regimentos de cavalaria; tudo reduzido a esqueleto.

O espírito de rebelião provavelmente já se havia infiltrado entre os militares.

A revolução surgia como um protesto do patriotismo local e dest'arte mobilizava fàcilmente os seus adeptos, que formavam de certo grupos irregulares, mas vibrantes de fé nos chefes destemidos que os guiavam, alguns dos quais possuiam tirocínio guerreiro adquirido nas lutas com os vizinhos do Prata.

Nessas condições é óbvio que o presidente deposto não poderia resistir e acabaria sucumbindo.

Para atacá-lo em seu novo refúgio — a cidade do Rio Grande — por-se-ão em movimento Bento Gonçalves e Onofre Pires, este pela península que demora a leste da Lagôa dos Patos e termina em São José do Norte, à margem do rio que leva ao mar as aguas da dita lagôa, aquele pela campanha, passando em Pelotas.

Antes de referir-lhes a ação, que será decisiva, vejamos o que ocorrera fóra de Porto Alegre.

*

O tenente-coronel da guarda nacional João da Silva Tavares, comandante da fronteira do Rio Grande, embora sabedor do próximo levante revolucionário, recusara-lhe a sua adesão,

(1) **Revoluções Cisplatinas** — 2.° volume, pg. 694.

Digitized by Google

e ficara de sobreaviso (1). O coronel oriental Rafael Verdum, amigo de Bento Gonçalves, resolve ir acometê-lo à frente de pequeno grupo, em que dominavam cidadãos orientais. Busca-o primeiro em sua casa, de que êle por precaução se havia ausentado, indo pernoitar no mato. Afinal os dois adversários se enfrentam, ao que parece, no dia 22 de setembro, proximo à capela do Herval. Tavares bate Verdum. A luta reduz-se a um choque violento entre cavaleiros. Ha vários mortos e feridos.

Embora ferido de um lançaço, Verdum logra fugir no rumo da fronteira, com os que podem seguí-lo.

Referindo-se a este primeiro recontro sanguinolento em campo raso, embora entre dois pequenos grupos de combatentes, escreve o Dr. Francisco da Silva Tavares, filho do Te.-Cel. João da Silva Tavares:

**"Assim começou a grande epopéia de 1835 a 1845"** (2).

Engrossado o seu bando até o efetivo de uns 180 homens, Silva Tavares dirigiu-se a Jaguarão, que alcançou a 28 de setembro, e onde restabeleceu a legalidade. De lá encaminhou-se para Pelotas, passando em Herval.

Entrementes legalistas e revolucionários haviam mobilizado elementos de luta na região de Pelotas. Aqueles estavam dirigidos pelo major Manuel Marques de Souza (mais tarde Conde de Porto Alegre) e estes sob a chefia do capitão Manoel Antunes de Porciúncula, cunhado de Bento Gonçalves.

Avisado desta situação, Silva Tavares, que vinha de Jaguarão, como sabemos, e a 5 de outubro atingia Herval, acelerou a sua marcha e procurou juntar-se a Marques de Souza, o que conseguiu na noite de 13 para 14 de outubro, dispondo já de 362 homens. Na tarde deste último dia, lançaram-se ambos contra Porciúncula, na margem do Arroio Grande, e derrotaram-no.

Depois da vitória, parece ter sido intenção desses dois chefes legalistas ganhar a cidade do Rio Grande, mas só Marques de Souza o conseguiu. Informado Tavares de que o Te.-Cel. António Neto, caudilho revolucionário de que breve me ocuparei, vinha contra êle à frente de 400 homens, e que outro grupo, sob a chefia de Domingos Crescêncio, partindo de Jaguarão, marchava com o mesmo intuito, resolveu dividir a sua

(1) "Por ato do Ministerio da Guerra, de 8 de março de 1834, a regência estabeleceu em toda a extensão da fronteira tres departamentos, que antes se denominaram fronteiras do Rio Grande, Rio Pardo e Missões" — (VARELA — **Revoluções Cisplatinas.** Em novembro de 1835 havia 4 departamentos: Rio Grande, Rio Pardo, Alegrete e Missões (ARARIPE).

(2) ALFREDO VARELA — **Revolução Cisplatinas.**

Digitized by Google

fôrça, para melhor esquivar-se e afinal pôs-se a salvo transpondo a fronteira do Estado Oriental.

Neto e Crescêncio decidiram marchar para Jaguarão, pois alimentavam a crença de que alí teriam certamente de encontrar Tavares.

Que fizera entretanto o comte. das armas, marechal Sebastião Barreto?

De Taquarembó, onde se encontrava, lançou uma proclamação no dia 28 de outubro. Concitou os rio-grandenses a **"combater o flagelo da anarquia que levantava o colo na Província"**. Em nova proclamação, informou-os da vitória de Tavares sôbre Verdum, junto à capela do Herval. A 29 estava na estância de Jaguarí. Marchou em direção a S. Gabriel, levando consigo uns 200 homens (parte do 1.º corpo de cavalaria de linha, parte da infantaria da Baía). Era seu propósito engrossar o seu efetivo com as unidades existentes em São Gabriel (3.º regimento de cavalaria e um contingente de infantes pernambucanos). Ao aproximar-se desse ponto, a 4 de outubro, soube que os revolucionários já nêle dominavam e que o 3.º regimento se havia bandeado para os rebeldes.

Em vista disso e do diminuto efetivo de suas fôrças — disse êle em Durazno, no Estado Oriental, em seu ofício de 28 de novembro ao ministro da guerra — bem como da circunstância de o 8.º batalhão de caçadores se haver reünido aos revoltosos, de os cascos dos corpos de cavalaria de linha estarem dispersos e só servirem, com poucas excepções, para engrossar as filas dos anarquistas, resolveu retirar-se para o Estado Oriental.

Ficou assim a província sem a sua primeira autoridade militar, que a abandonou no momento da crise e que evidentemente não havia providenciado com a antecedência indispensável.

Que ocorrera em S. Gabriel?

O seguinte, consoante a versão revolucionária (1):

O capitão Francisco de Paula de Macedo Rangel, comandante do 3.º corpo de cavalaria de linha, tendo denúncia de próximas desordens, resolveu tomar em sua unidade certas medidas de precaução, a partir de 17 de setembro.

Os partidários de Bento Gonçalves, sem dúvida já por êle orientados, começaram a congregar-se armados para a luta. A 30 de setembro, já eram cerca de 300, sob o comando do

(1) Ofício do juiz de paz Camilo Maria de Menezes, ao vice-presidente da província, escrito na Capela de S. Gabriel, a 5 de outubro de 1835 (Arquivo Nacional).

Digitized by Google

capitão João Antônio da Silveira Filho. Apresentaram-se na praça da capela com um esquadrão. Ficaram no exterior outro esquadrão e uma escolta, que fôra mandada reconhecer, sob o comando de Afonso José de Almeida Côrte Real, uma fôrça de cuja presença, a 3 léguas de distância, se suspeitava. Leu-se na praça a proclamação de Bento Gonçalves e deram-se vivas ao joven Imperador, à Constituição e à Liberdade Brasileira. Começou-se logo o sítio do quartel do 3.º Afinal, no dia 4 de outubro, de 10 para 11 horas da manhã, a tropa do 3.º sublevou-se, saíu e foi associar-se aos revolucionários, abandonando o comandante e os oficiais, que os ditos revolucionários prenderam.

Entre 3 e 4 horas da tarde, chegou a notícia de que o marechal Sebastião Barreto se aproximava com uma fôrça. Tomaram-se as precauções devidas. Expediu-se uma **partida reforçada,** sob o comando do tenente da guarda nacional Manuel José Pires de Oliveira Casado. Seria uma hora da madrugada quando 4 soldados dessa partida descobriram a fôrça de Barreto e deram sôbre ela uma descarga.

Barreto recuou célere, em companhia do coronel José Rodrigues Barbosa. A **gente bélica** que o seguia, isto é, a tropa, **reconhecendo o engano** de que fôra vítima — pretende o juiz de paz Menezes — apresentou-se e aderiu aos revolucionários.

Não chegava a 200 homens (2.º corpo de cavalaria de linha, parte do batalhão da Baía e outros indivíduos).

**Não houve,** pois, **choque algum,** escreve com acerto Alfredo Varela.

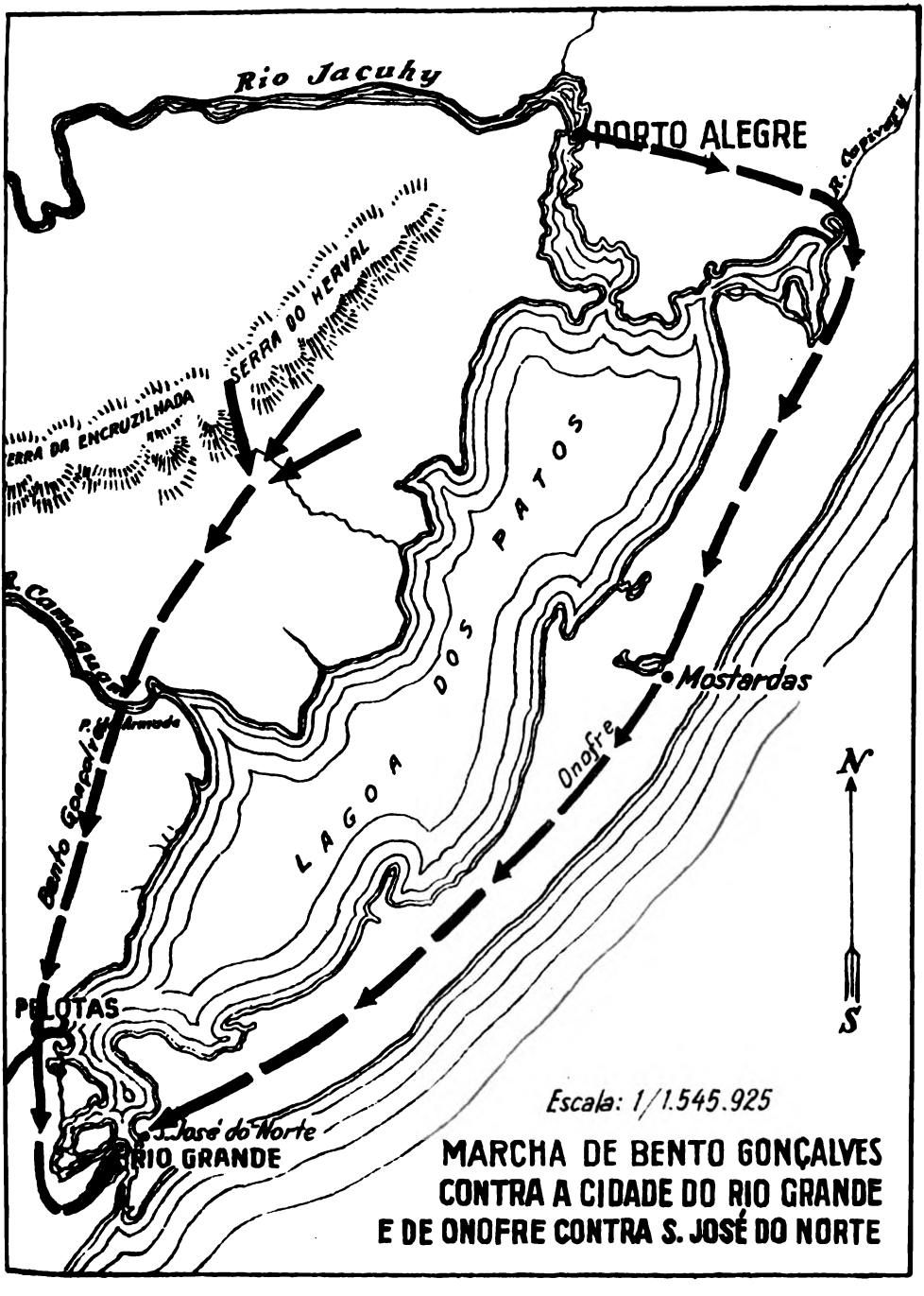
O coronel Bento Manuel — cujo valor militar e atuação nas guerras anteriores são conhecidos — assume a direção de um agrupamento de combatentes, aceitando pressuroso o convite da Camara Municipal de Alegrete, a qual desejosa de precatar-se contra a desordem que irrompia, providenciara para a mobilização de defensores "da Constituição e de D. Pedro II".

Bento Manuel estava ao parecer com os revolucionários e nutria grande desafeição ao comandante das armas da província.

A 3 de outubro assumiu o seu posto e a 8 marchou para S. Gabriel, por Cacequi, deixando na vila de Alegrete o 8.º batalhão, que chegara provavelmente neste mesmo dia de São Borja, onde estivera estacionando.

Quando alcançou S. Gabriel, já haviam alí ocorrido os sucessos que acabo de referir e de que resultara a retirada do marechal Barreto para além da fronteira do Uruguai.

Digitized by Google




Digitized by Google

Digitized by Google

*

Resta-me agora voltar a Onofre e Bento Gonçalves, e explicar como conseguiram expelir da província o presidente deposto.

Onofre saíu de Porto Alegre a 7 de outubro, com o intuito de chegar à vila de S. José do Norte passando em Mostardas. No trajeto foi juntando partidários e organizando suas hostes.

A 20 de outubro atingia um ponto chamado Tesoureiro, distante uma légua do seu objetivo. Pôs-se em contato com as autoridades da vila de S. José do Norte, explicando-lhes a sua missão. Soube que já estava alí reconhecido o presidente interino. Mandou uma guarda vigiar a atalaia da barra.

Bento Gonçalves mobilizou combatentes na **Eucruzilhada e demais distritos vizinhos.** A 11 de outubro transpunha, à frente deles, o rio Camacuã no passo da Armada. A 16 encontrou acampado, junto ao passo do Evaristo, o capitão Antunes de Porciúncula, que êle tivera em mente socorrer, mas que já havia padecido o revés do dia 14 desse mês. Prosseguiu até Pelotas, donde os revolucionários já haviam desaparecido. A 20 atingia as imediações da cidade do Rio Grande. Mandou intimar, por um emissário, à respectiva Camara Municipal o reconhecimento da autoridade do presidente interino. Firmou esse documento como coronel **comandante das fôrças em operações.**

Braga, o presidente deposto, encontrava-se acuado à beira do rio que dá acesso à Lagôa dos Patos.

Ao que se afirma, apenas reünira umas 200 praças para a sua defesa. Tentara anteparar o perigo que o ameaçava do lado de São José do Norte, valendo-se de algumas embarcações, mas não colhera resultado favorável. Chegaram-lhe notícias más: 600 revolucionários aproximavam-se de Pelotas e Silva Tavares fôra na realidade derrotado no Arroio Grande. Sentiu-se atraiçoado — disse êle próprio — por aqueles que mais deviam contribuir para o restabelecimento da ordem.

Só lhe restava repetir a sua **manobra** de Porto Alegre, isto é, embarcar em um dos navios surtos no porto e sulcar o oceano no rumo da Capital do Império.

E foi assim que êle procedeu.

A 23 de outubro transpunha a barra e a 29 chegava à Côrte. Levara consigo "grande porção de papeis dos Arquivos Públicos, 70 contos de réis em dinheiro dos cofres nacionais, a maior parte dos empregados das repartições e algumas famílias

Digitized by Google

que fugiam ao incêndio da revolução" (Tristão de Alencar Araripe).

Estava assim alcançado o primeiro objetivo do movimento revolucionário. O comandante das armas fôra afastado do seu cargo e expelido da provincia. Silva Tavares e Porto Alegre haviam sido dominados. Graças ao auxílio de caudilhos locais e de bravos gaúchos, triunfára o plano de Bento Gonçalves.

Em frente dêle, porém, ficava de pé uma esfinge — Bento Manoel Ribeiro, o novo comandante das armas.

Digitized by Google

# CAPITULO II

**Araújo Ribeiro, nomeado presidente da província, apresenta-se em Porto Alegre; a Assembléia não lhe dá posse; êle dirige-se à cidade do Rio Grande e ali assume o govêrno. — Bento Ribeiro prestigia-o — Disputa entre a Assembléia e Araújo Ribeiro. — Rompimento definitivo daquela e nomeação do Cabral de Melo para presidente da província. — Retrava-se a luta. — Bento Gonçalves chefia os revolucionários. — Bento Manoel bate-se pela legalidade. — Bento Gonçalves intima a Araújo Ribeiro a saída da província. — Lima e Silva derrota Bento Manoel ao sul do Jacuí. — Movimentos posteriores do Bento Manoel. — Sua reünião com Tavares e Medeiros. — Sua vitória sôbre Côrte Real no passo do Rosário. — O govêrno central envia reforços ao Rio Grande. — Ação do Lima e Silva contra a cidade do Rio Grande. — Ataque dos revolucionários a Pelotas. — Lima e Silva bate e prende a Marques de Souza. — Derrota do Albano. — Onofre vai sitiar São José do Norte. — E' obrigado a levantar o sítio e a enfrentar Juca Ourives e Sebastião Bandeira, a quem derrota. — Bento Gonçalves e Bento Manoel pelejam ao sul do Jacuí. — O segundo derrota o primeiro. — Lima e Silva dirige-se a Pelotas. — Junta-se a Neto. — Bate no São Gonçalo elementos navais do império. — Os rebeldes transpõem o São Gonçalo. — Neto lança-se contra Calderon, que retira para o sul, passando entre o mar e a Lagôa Mirim e acaba transpondo a fronteira com o Uruguai.**

O govêrno central, então nas mãos da Regência, aceitou o fato consumado; procurou, todavia, restabelecer a normalidade designando novo presidente. Sua escolha recaíu no Dr. José de Araujo Ribeiro.

Este apresentou-se em Porto Alegre a 5 de dezembro de 1835 e dirigiu-se à Assembléia Provincial, declarando-se pronto a entrar no exercício de suas funções. Reünida, porêm, a dita Assembléia a 9 de dezembro, e diante de representações dos juizes de Porto Alegre e Pedras Brancas, que pediam em nome do povo se demorasse a posse de Araujo Ribeiro, foi a mesma unanimemente sobrestada.

Ressurgia assim o fáto gravíssimo de desrespeito às determinações do govêrno central. Era um golpe urdido de certo

Digitized by Google

com antecipação e de que promanava indubitavelmente a continuação da guerra civil na província.

Investigando os acontecimentos com isenção de ânimo, tem-se a impressão de que Bento Gonçalves presidiu a essa trama. Seus ideais visavam talvez mais longe do que uma simples mudança de altos funcionários federais. Deve-se tambem confessar que, depois de acesa a centelha revolucionária, tornava-se dificílimo limitar-lhe os efeitos destruidores.

As razões apresentadas pela Assembléia para a sua atitude de resumiram-se em queixas contra o govêrno do Império: a notícia de que esse govêrno combinara com Araujo Ribeiro a punição da revolução **a todo o custo**, e não ter êle respondido a um só ofício do vice-presidente em exercício, o processo mandado instaurar contra o vice-consul hamburguês por haver aconselhado a não intervenção de seus súbditos nas contendas civís locais.

Tudo isso dava a receiar — escreve a Assembléia, a 15 de novembro de 1835, em uma representação ao imperador — **"uma comoção, que devia ser desastrosa, e a demora da posse do cargo ao mesmo digno patrício tornou-se um ato necessário".**

Estudando esse período da revolução, assim se pronunciou Ramiro Barcelos:

"Não póde haver a menor dúvida de que, quer por parte do novo presidente, quer pelo lado dos chefes liberais, estava resolvida a paz; mas, um ato de inqualificável leviandade do govêrno imperial veio interromper a harmonia apenas estabelecida e dar começo novamente a uma luta, que tantos sacrifícios custou ao Rio Grande e ao Império; ao mesmo tempo que aportava à capital o Dr. Araujo Ribeiro para tomar posse da presidência, chegavam ordens do govêrno para que fosse retirado o **exequatur** ao vice-consul hamburguês e se instaurasse processo ao mesmo, por causa da sua proclamação aos colonos, aconselhando-os a não se envolverem nos negócios do país!"

"E' injustificável semelhante êrro!"

"Este ato foi considerado como uma declaração de guerra por parte do govêrno e tido como precursor de outros que preparava contra os cidadãos mais comprometidos no movimento revolucionário. Em tais circunstâncias, apelaram os liberais para a assembléia provincial, pedindo que fosse demorada a posse do Dr. Araujo Ribeiro, até que viesse um completo indulto da regência para todos os que estivessem comprometidos na Revolução".

Digitized by Google

"Parecem bastante justas as desconfianças que o ato do govêrno veio despertar, e com efeito, se era um crime digno de punição o sensato e prudente conselho que Pereira Duarte déra aos hamburguêses, que castigos não estariam reservados aos cidadãos que haviam ostensivamente tomado armas contra as primeiras autoridades da província?"

"Este facto é tão avêsso às instruções pacificadoras, que, dizem, trouxera o Dr. Araújo Ribeiro, que até hoje ha quem as ponha em dúvida".

Diante da situação em que o colocava a resolução da Assembléia, deliberou Araujo Ribeiro abandonar a cidade de Porto Alegre e ir instalar-se na do Rio Grande.

Nessa conjunctura vários elementos legalistas patentearam-lhe solidariedade, notadamente Bento Manoel, comandante das armas interino. Este velho guerreiro, embora membro da Assembléia, deixou logo a capital e encaminhou-se para São Gabriel, pela estrada de Santa Maria, reünindo gente em vários municípios. Em S. Gabriel assumiu o comando da fôrça alí estacionada e lançou uma ordem do dia (30 de dezembro de 1835), em que concitava os militares a prestar obediência ao presidente legal. Dizia ceder ao apêlo, que lhe haviam feito as cidades do Rio Grande e Pelotas, e a vila de S. José do Norte, para que salvasse a província **"da anarquia em que o partido republicano pretendia envolvê-la"**, partido cuja ação sôbre a Assembléia causara a negação de posse a Araújo Ribeiro, **"primeiro passo para desmembrar a província da associação brasileira"**.

A 15 de janeiro de 1836, o presidente legal assumia seu cargo perante a Cámara Municipal da cidade do Rio Grande. No dia seguinte levava o facto ao conhecimento de Marciano Ribeiro, que por sua vez o transmitia à Assembléia provincial. Esta oficiava a Araújo Ribeiro (27 de janeiro) protestando contra a **ilegitimidade de sua posse.**

Dizia-lhe nesse papel:

"Bastante doloroso foi para esta Assembléia o menoscabo com que V. Exa. a tratou, desprezando o convite que lhe fez para vir a esta capital tomar posse do seu cargo na fórma da lei; e ainda mais doloroso lhe foi o procedimento anárquico que V. Exa. acaba de ter, expondo a província aos males de uma funesta rivalidade e aos horrores de uma guerra civil".

Querendo dar uma prova de quanto almejava o bem público, **insistia em exigir** que Araújo Ribeiro reparasse o seu êrro e fosse **empossar-se legalmente do emprêgo** até 15 do mês seguinte (fevereiro).

Digitized by Google

Tambem se dirigiu ao govêrno Imperial (9 de fevereiro). Expôs a situação. Contou ter enviado ao Rio Grande uma comissão de 3 membros para avistar-se com Araújo Ribeiro e esclarecê-lo sôbre o boato infundado de que se **tramava a separação da província**, e tê-lo convidado para tomar posse na capital. Esperava medidas eficazes do govêrno.

A comissão avistou-se com Araújo Ribeiro no dia 25 de dezembro de 1835 (1). Araújo mostrou-lhe a proclamação da regente Feijó de 4 dêsse mês. Havia nela êste trecho:

"Rio Grandenses! é preciso apagar a nódoa de uma província heróica. Um desvio momentâneo, uma simples alucinação, podem ser perdoados, enquanto não se convertem em acintosa resistência e decidida rebelião".

No mesma data (4 de dezembro), Limpo de Abreu oficiava a Araújo Ribeiro. Dizia-lhe **que o govêrno lhe reservava a liberdade de usar, ou não, da medida de anistia, como lhe parecesse mais conveniente aos interesses da província e ao restabelecimento da ordem pública e da paz e concórdia entre irmãos.**

Como Araujo Ribeiro não satisfez aos seus desejos, a Assembléia lançou uma proclamação, a 25 de fevereiro de 1836, na qual, depois de relatar as queixas contra êle, anunciou ter sido chamado, a 16 de fevereiro, **pela camara municipal da capital, à vice-presidência da província, o cidadão que, segundo a lei, devia administrá-la,** Dr. Antônio Cabral de Melo, e haver sido o mesmo **empossado do cargo de vice-presidente perante a assembléia provincial.**

E assim prossegue a luta armada.

De um lado Bento Gonçalves arregimenta os seus partidários, no intuito de prestigiar o presidente interino; do outro Bento Manoel procede de modo análogo, conforme já disse, afim de fazer respeitada a decisão do govêrno central.

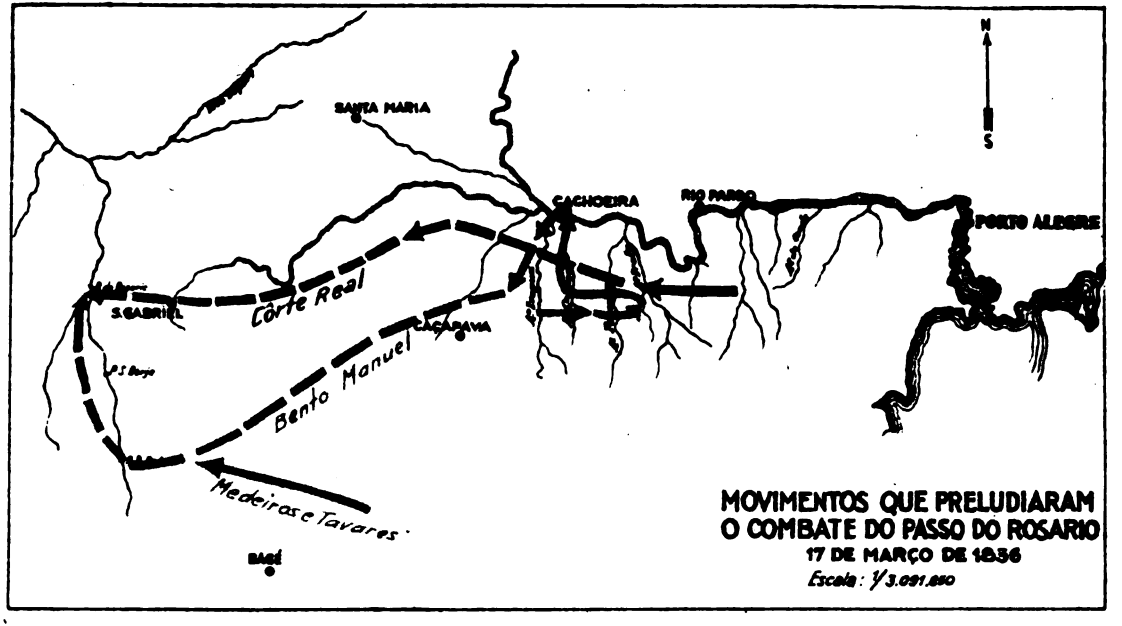
A 17 de fevereiro, o presidente revolucionário demitia Bento Manuel do comando das armas e dava-lhe como substituto interino o major João Manoel de Lima e Silva.

Dirigindo-se em ofício à Câmara Municipal do Rio Grande, anunciava-lhe ter encarregado Bento Gonçalves **da pacificação desse lado da província**, o que equivalia a dizer que o lançava contra o presidente Araujo Ribeiro.

Este tinha idêntico procedimento: suspendia Neto do comando que exercia como chefe de legião de guardas nacionais

(1) Compunha-se de João Manoel de Lima e Silva, Almeida e Gonçalves Chaves (VARELA).

Digitized by Google




Digitized by Google

Digitized by Google

(14 de fevereiro) e Bento Gonçalves do comando superior da Guarda Nacional de toda a província (15 de fevereiro). Declarava estarem findos os trabalhos da Assembléia Provincial.

Fazendo da cidade do Rio Grande a séde do govêrno da província, tomava todas as medidas necessárias para impôr a sua autoridade.

A 25 de fevereiro "convocava e chamava a serviço de destacamento toda a guarda nacional, para manter a obediência às leis, e restabelecer a ordem e a tranqüilidade pública".

Reclamou da Côrte fôrças terrestres e navais e artigos bélicos.

Aos revolucionários, senhores de Porto Alegre, cumpria sem dúvida manter esta cidade, expulsar da província a Araújo Ribeiro e ocupar a cidade do Rio Grande.

De modo geral a situação se apresentava como na fase anterior, em que Fernandes Braga e Marciano Ribeiro se contrapunham um ao outro.

Agora, porêm, o problema tornara-se mais complexo, visto que Bento Manoel estava na campanha mobilizando fôrças em prol da legalidade.

A meu vêr o melhor plano — se houvesse meios suficientes para isso — seria atacar a cidade do Rio Grande, conquistá-la e expelir Araújo Ribeiro para fóra da província; depois liquidar a situação interna acometendo Bento Manoel.

Dest'arte se localizaria o conflito, e se dificultaria a entrada de recursos do inimigo. Os legalistas por seu lado reputavam necessário reconquistar Porto Alegre.

Vou referir os principais sucessos desta fase.

*

Bento Gonçalves dirige-se para o sul, reüne em Piraí-Grande cerca de 1800 correligionários (28 de fevereiro) e de lá manda, por um oficial de 2.ª linha e mais quatro colegas, uma intimação a Araújo Ribeiro "para dissolver as reüniões que se faziam em seu nome" e "saír imediatamente da província".

Como era de prevêr, o presidente legal nenhum caso fez dessa intimação.

Em vez de lançar-se contra êle, Bento Gonçalves imagina outra traça: atirar-se contra Bento Manoel, cooperando com a coluna do major Lima e Silva, de que breve me ocuparei.

Bento Manoel desloca-se na direção geral de Porto Alegre, pelo sul do Jacuí, levando consigo um grupo de 600 partidá-

Digitized by Google

rios. Os rebeldes marcham-lhe ao encontro. Os elementos mais avançados destes acham-se sob o comando de um joven e ardente caudilho Afonso Côrte Real. A 22 de fevereiro, os dois partidos tomam contacto. Côrte Real, sentindo-se mais fraco do que o antagonista, decide retirar-se para uma bôa posição no Iruí (afluente da margem direita do Jacuí) e lá aguardar reforços. Bento Manoel segue-o até a nova posição. Trocam-se tiros. Bento Manoel faz propostas de paz, provavelmente com outro objetivo que não a concórdia definitiva. Os revolucionários aceitam a idéia de **cada qual retrair-se para seu lado.**

"Justamente no momento de firmar este ponto — escreve Varela — assoma no alto da cochilha próxima a fôrça auxiliadora de Moraes, e Côrte Real aproveita-se da circunstância para eximir-se do compromisso, já em vias de imediata execução. Reünidos os oficiais que comandava, optaram pela resistência e defesa da posição ocupada, com o que concordou o coronel, tambem êle certo de que o alvo das negociações empreendidas pelos adversários era o de conseguir que lhes deixassem livre o passo. Firme, pois, no que se havia deliberado em conselho, resolveu não só manter-se no Iruí, como rechaçar o inimigo, se atacasse, e até perseguí-lo, se os movimentos dele mostrassem vantagem em o tentar".

Bento Manoel, porêm, percebendo ser agora sua a inferioridade numérica, retraíu-se sigilosamente durante a noite na direção geral de oeste.

A 27 de fevereiro, aparece o major João Manoel de Lima e Silva, comandante das armas da revolução, e assume a chefia das fôrças de Côrte Real e Alves de Moraes. Dentro em pouco seu efetivo alçava-se a 1100 combatentes. Põe-se em movimento, à frente deles, para o arroio Capané (afluente do Jacuí). No passo desse arroio chamado do Lageado, retoma o contacto com o grupo de Bento Manoel, contra o qual se arremessa e que destroça. Diz-se que Bento Manoel mal tivera tempo de calçar uma das botas.

Lima e Silva passou então o comando a Côrte Real e encaminhou-se para Caçapava.

Bento Manoel recuara para ganhar tempo e reforçar-se. Foi primeiro a Cachoeira. Depois dirigiu-se ao Irapuá. "Mas — escreve Varela (1) — desde que teve notícia do novo rumo da coluna liberal, como das condições favoraveis em que se lhe dispunham as cousas, marchou para a parte das fronteiras do Sul;

(1) **Revoluções Cisplatinas** — vol. 2.º, pgs. 707-708.

Digitized by Google

o astuto cabo de guerra meditou fazer um movimento que breve lhe assegurava um êxito, senão brilhante, dos mais fáceis e proveitosos. Havia dado ordem a seus amigos de oeste que convergissem para o município de Alegrete, para aí determinou marchasse o tenente-coronel Silva Tavares, enquanto êle em pessôa procurava atraír trás de si o adversário, a quem sozinho não podia resistir. Assentado o plano, encaminhou-se primeiro a rumo de Caçapava, depois, pela direita, ao distrito de S. Gabriel, de onde sem demora foi assentar campo sôbre o Jaguarí ou muito pelas suas imediações; isto após haver feito severa colheita de todas as cavalhadas, limpo e virgem de um animal aproveitável todo esse percurso".

"A divisão da direita, que êle flanqueava pelo sul, em distância de algumas léguas, prosseguiu na ordem em que ia sôbre a capela de São Gabriel e "tendo formado conselho de oficiais em Inhatium, todos, excepto" dois, "foram de opinião que se avançasse até ao Rosário, em Santa Maria", sítio duas vezes memorável nos anais do Rio Grande do Sul; opinião que se fortaleceu no ânimo dos sobreditos, quando "por esses dias" viram chegar a Côrte Real um ofício do comandante superior, afirmante de que êle e Neto obstariam se efetuasse a projetada junção de Silva Tavares e Bento Manoel — assegura-nos um companheiro de infortúnio daquele malogrado guerrilheiro".

Bento Manoel foi têr às imediações do Jaguarí (no passo de D. Pedrito, segundo Assis Brasil), onde se lhe juntaram, a 13 de março, o coronel Medeiros, que êle encarregara de atuar na região de Bagé, e o te.-cel. João da Silva Tavares, que entrava de novo na peleja, sempre ao lado da legalidade (1).

Bento Gonçalves tentara impedir essa reünião, partindo do Piratiní em busca de Tavares e Medeiros, porêm nada conseguiu (2). Escreveu a Côrte Real avisando-o de que iria ajudá-lo com Neto e que por isso não passasse para o outro lado de Santa Maria. A 18 de março estariam todos reünidos e poderiam caír sôbre os legalistas. Mas não foi ouvido.

---

(1) A 14 de março de 1835, Araújo Ribeiro participava ao govêrno imperial que Bento Manoel distribuira a sua fôrça deste modo:

a) Em **Alegrete:** coronel José Ribeiro de Almeida, com 150 homens.
b) Em **Caçapava:** Te.-Cel. José Luís Osório, com 150 homens.
c) Em **Bagé:** Te.-Cel. António de Medeiros Costa, com 200 homens.
d) Em **Jaguarão:** Te.-Cel. João da Silva Tavares, com 150 homens.

Guardara consigo 800 homens e ia para Rio Pardo refazer-se do necessário.

(2) Tavares e Medeiros juntaram-se no passo do Melo, em Jaguarão; de lá foram a Bagé, seguidos de Bento Gonçalves.

Digitized by Google

Dispondo já de uns 1300 homens (outros dizem apenas de 700), abalou Bento Manoel na direção do Passo do Rosário (no rio Santa Mariq) pela margem esquerda deste rio, margem em que Côrte Real já se encontrava depois de transpôr o dito passo.

Acometeu o adversário lançando-o contra o passo. Atacou-o de flanco, por dentro do mato, com 80 guaranís armados à infantaria, e de frente com a sua excelente cavalaria. Infligiu-lhe completa derrota.

Tal foi o combate do Passo do Rosário (17 de março de 1836), em que Bento Gonçalves não poude intervir. Na noite de 17, êle atingia o passo do Vacacaí.

Bento Manoel diz em sua parte, escrita na estância do finado Farinha a 6 de abril, que o inimigo deixou cerca de 150 mortos e outros tantos prisioneiros. Entre êstes achava-se Côrte Real, **que êle conservava com toda a segurança.**

Afirma Bento Manoel que depois da ação do Passo do Rosário buscou Bento Gonçalves, porêm que êste fugiu. Conta Varela que o chefe revolucionário licenciou a maior parte de sua fôrça.

Entretanto, enviára o govêrno central alguns reforços a Araújo Ribeiro (9 de março). Constavam de 3 **vasos de guerra,** um **transporte** com 400 **praças** (caçadores e artilharia), 4 **peças de 6** e 2 **obuses com os seus competentes petrechos,** e **armamento próprio para a cavalaria.** Em Santos embarcaram mais 100 praças saídas de S. Paulo.

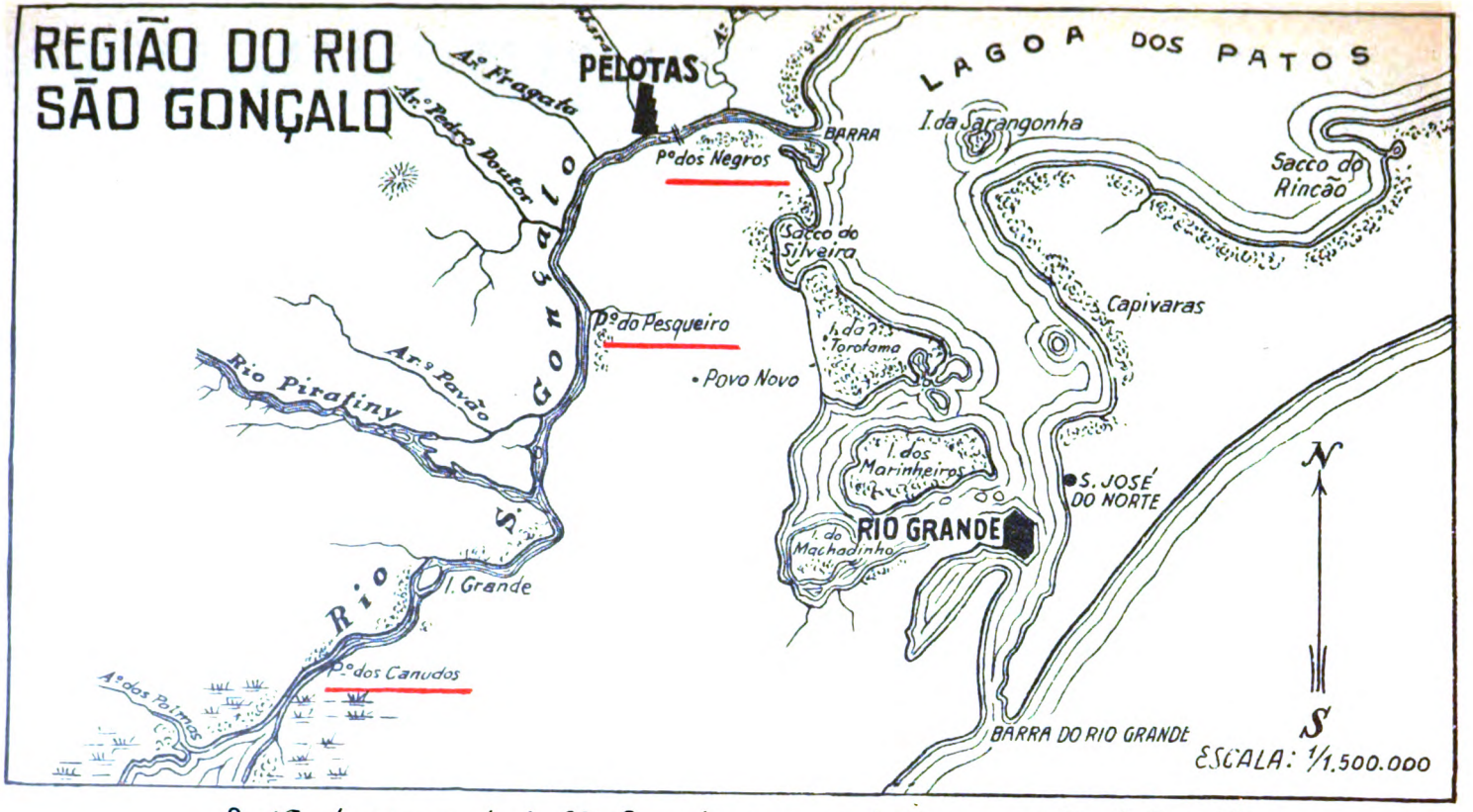
Seguiu como comandante dessa fôrça o brigadeiro António Elzeário de Miranda Brito. A 24 de março ela desembarcava em S. José do Norte. A 27, Araújo Ribeiro nomeava-o para o **Comando das Fôrças da Guerra nos Termos do Rio Grande, Norte e Pelotas, com especialidade dos pontos fortificados que possam haver nos ditos Termos.**

Já vimos como o major João Manoel de Lima e Silva se separou de Côrte Real. Depois de estar em Porto Alegre, êle dirigiu-se para o sul, passou em Caçapava e de lá rumou para Piratiní. Reüniu elementos para ir acometer a cidade de Rio Grande.

Aventando êste perigo, cuidaram os legalistas de cobrir-se com a linha do São Gonçalo, para onde enviaram algumas embarcações, e de ocupar Pelotas.

Da defesa desta cidade ficou encarregado o major Marques de Souza, à frente de um pugilo de legalistas.

Digitized by Google




Região da margem do rio São Gonçalo, em que se indica a posição de Canudos. Nas visinhanças deste ponto devia ficar o campo em que o govêrno imperial guardaria muitos animais durante a revolução.

Digitized by Google

Digitized by Google

O coronel Albano de Oliveira Bueno, brasileiro residente no Estado Oriental, e que se havia apresentado a Araújo Ribeiro pronto a defender a legalidade, encaminha-se para o município de Pelotas, à testa de um grupo de 180 combatentes, transpõe o São Gonçalo no passo da Beca e toma o rumo de Serrito.

O major João Manoel de Lima e Silva, reünido a Neto e a Crescêncio, ciente de estar Pelotas mal guarnecida, lança-se contra ela e cerca o sobrado que servia de quartel e em que o major Marques de Souza resistia com os seus devotados companheiros. Os revolucionários intimam-lhe a rendição. Ameaçam-no de destruir a casa com uma mina disposta em uma das paredes. O major Marques rechaça a princípio a intimação, mas afinal capitula, para **evitar efusão de sangue** (**7 do abril** de 1836). Assentou-se, em documento firmado por João Manoel de Lima e Silva, que se garantiria a **vida** dos militares e mais indivíduos da fôrça sitiada e todas as **considerações com que entre os povos civilizados é costume tratar-se os prisioneiros.**

Ficaram como tais o major Marques de Souza, 1 capitão, 1 tenente e 3 alferes.

Referindo-se a estes acontecimentos, escreve Fernando Luís Osório:

"Na madrugada de 7 de abril desse ano de 1836, apresentaram-se em frente a Pelotas 700 farrapos, muitos com facas amarradas na ponta de um pau, formando as cavalarias em linha; cercaram o sobrado que servia de quartel aos legalistas na praça Pedro II, esquina da rua do Imperador (atual Felix da Cunha e atual praça Cel. Pedro Osório) sobrado no qual se conservava o major Marques de Souza, colhido de surpresa, e se entrincheirara procurando contemporizar até receber reforços pedidos para o Rio Grande ou até a chegada do Coronel Albano".

"Nesse tempo não havia ao redor dêsse sobrado pertencente à família Ribas, outras edificações. Mandando cavar um buraco em uma parede lateral, João Manoel, fazendo colocar aí um barril de pólvora, ameaçou fazer saltar a casa se a sua intimação de rendição fosse desobedecida. Oficiais houve que se entregaram, quebrando as espadas, pois sem mantimentos para poder manter-se muito tempo com sua guarnição, e sem notícias de Albano, que, pela demora em socorrê-los, supunha batido — o futuro Conde de Porto Alegre capitulou às 4 horas da tarde sob honrosas condições" (1).

(1) Da monografia **A ação militar de João Manoel e o Plano Republicano em 1836.**

Digitized by Google

Albano retrogradou para auxiliar os companheiros, mas chegou tarde a Pelotas e foi obrigado a retirar-se. Dirigiu-se célere ao passo dos Negros, no rio São Gonçalo. Esperava alcançar o Rio Grande transpondo este rio com auxílio dos elementos navais que alí se encontravam. Porêm o inimigo apareceu no momento crítico da travessia e malogrou-a, pois afastou com seus fogos as embarcações. Albano, que resistira com um punhado de bravos de uma casa da vizinhança, foi vencido pelo número. Procurava salvar-se atravessando o rio a nado, quando foi retirado d'agua e feito prisioneiro (1).

Em seu ofício de 10 de abril de 1836 ao ministro da guerra, envía-lhe Elzeário estes esclarecimentos:

"Havia em Pelotas um destacamento do 1.º batalhão de caçadores, bem como uma barca a vapor e uma canhoneira, armadas em guerra. O ataque à casa que servia de quartel ao destacamento começou na madrugada de 7. O comandante da barca a vapor zarpou ao meio dia e às 5 da tarde dava-lhe, no Rio Grande, a notícia do ocorrido. Fez embarcar logo o resto do 1.º de caçadores e o corpo de artilharia com 2 peças. Saíu às 8 da noite, mas **a escuridão não permitiu vêr as marcas do canal;** os iates encalharam; só de madrugada continuou a viagem e às 10 horas da manhã alcançou Pelotas. Soube pelo comandante da canhoneira que Marques de Souza se havia rendido na noite antecedente e que Albano chegara na madrugada de 8, travara violento combate durante 2 horas e ficara prisioneiro. Êle, Elzeário, só tinha 160 **baionetas** do 1.º batalhão de caçadores e 50 praças de artilharia, sem nenhuma cavalaria. Limitou-se **a estender, no porto de Pelotas, uma linha de atiradores.** O inimigo não se chegou, contentou-se com observar de longe. Elzeário fez a tropa acampar do outro lado do rio. Afinal resolveu voltar no dia 10 ao Rio Grande, onde sua presença era reclamada e a cuja organização defensiva se dedicou.

Depois da vitória, João Manoel passou o comando a Neto e dirigiu-se a Porto Alegre. Pouco depois seguia com o mesmo destino a leva de prisioneiros em que ia Albano. No arroio Velhaco, e quando Albano tentava fugir embrenhando-se no mato, recebeu dois tiros, que o prostraram, dados por dois soldados da escolta.

Tal é a versão que adota Alfredo Varela. Outros, porêm, dizem ter havido mero fusilamento.

---

(1) Conta Alfredo Rodrigues (Almanaque do Rio Grande do Sul) que um índio foi alcançá-lo no meio do rio e ia matá-lo quando Lima e Silva lhe gritou que o não fizesse.

Digitized by Google

*

Logo que se instalou na cidade do Rio Grande, cuidou Araújo Ribeiro, aliás sensatamente, de manter-se na posse de S. José do Norte, povoação sita no extremo meridional da península a leste da Lagôa dos Patos.

Os revolucionários propuseram-se a conquistá-la.

Onofre sái de Porto Alegre com esse intuito, passa em Mostardas e no Estreito, e inicia-lhe o sítio a 4 de março. Um grupo de legalistas, capitaneados por Juca Ourives e Sebastião Pinto Bandeira, avança para o sul pela mesma península, afim de auxiliar a povoação sitiada. Em vista disso, Neto levanta o sítio, retrocede para o norte e enfrenta os adversários perto de Mostardas, onde êles padecem completa derrota (22 de abril de 1836).

Bento Gonçalves e Bento Manoel buscam-se de novo na região a oeste do Guaíba. Este encaminha-se de Alegrete para as imediações de Irapuá, à frente de uns 700 homens. Aquêle opera uma concentração de elementos no arroio dos Ratos; tem a seu dispôr uns 1.400 combatentes.

A 31 de maio de 1836, os elementos mais avançados de ambos tomam contacto junto ao passo dos Cachorros. No 1.º de junho os dois partidos travam peleja. Bento Manoel é derrotado e perseguido até o passo do Lagoão no Irapuá.

De Porto Alegre, voltou o major João Manoel de Lima e Silva a Pelotas. Partiu a 20 de maio de 1836, em companhia do major José Mariano de Matos. Levou consigo o corpo de artilharia a cavalo e 6 bocas de fogo. A 1.º de junho reünia-se às forças de Neto, que se conservavam na região de Pelotas e Cangussú. Marchou com elas para o passo dos Negros, no rio S. Gonçalo. Tomou posição à beira do rio, dispondo convenientemente a sua artilharia na foz do Pelotas. Na madrugada de 2 de junho abriu fogo contra os navios da esquadra que defendiam o São Gonçalo e que eram tres, a saber: a barca a vapor **Liberal** (2.º tenente Joaquim Raimundo Delamare), o iate **Oceano** (2.º tenente Luis Alves dos Santos Marques) e a canhoneira **S. Pedro Duarte** (1.º tenente Souza Junqueira). Esta acabou abandonada pela guarnição por estar **varada de balas e desmontados os seus dois rodízios.** O iate e a barca foram obrigados a retirar-se.

Deste modo ficaram os revolucionários senhores do passo

Digitized by Google

dos Negros e tornou-se-lhes franca a travessia do São Gonçalo (1).

Silva Tavares, que Bento Manoel enviara para auxiliar o Rio Grande, assistiu, da margem esquerda do rio, ao ataque de 2.

"Contava — explica Varela — que os farroupilhas empreendessem a passagem durante o fogo, caso em que poderia cooperar com eficácia, mas vendo-o cessado e com tão brilhante êxito para o inimigo, pôs-se a caminho do interior".

E' tambem possível que Tavares houvesse desistido de intervir em vista da fraqueza do seu efetivo comparado ao do adversário.

"De facto — prossegue Varela — só às duas horas começou a transportar-se à margem direita do rio a infantaria e artilharia, trabalho que findou à boca da noite; a 3 passaram 600 homens de Neto e Crescêncio, com as suas cavalhadas, e a 5 "seguiu a infantaria com a artilharia" que depararam em ruína os caminhos, a efeito "do excessivo inverno".

Em ofício ao ministro da guerra, de 18 de junho de 1840, disse o general Elzeário que providenciou para levar auxílios à flotilha. Dispunha de infantaria e artilharia em iates, que fundearam a 4 léguas da foz do São Gonçalo, mas que por falta de vento não conseguiram chegar ao seu destino. Voltou com esses reforços para o Rio Grande, cuja organização defensiva tratou logo de melhorar (2).

Os Igealistas dispunham na região do Rio Grande (no acampamento da Turutama) de um agrupamento de cavalaria, cerca de 400 homens, que êles denominavam brigada, sob o comando do coronel Bonifácio Calderon.

Depois de transposto o S. Gonçalo, era natural que Neto avançasse contra êle, ou pelo menos procurasse contê-lo antes de marchar contra o Rio Grande (3).

Afirma Elzeário ter combinado com Calderon que êle tomaria a **retaguarda e flanco** do inimigo, logo que êste atravessasse o rio (**S. Gonçalo**), de modo que o dito inimigo ficasse entre êle, Calderon, e a fortificação (**isto é, a cidade do Rio Grande**).

---

(1) Segundo VARELA, êles dispunham de 3 iates para levar as suas tropas de uma margem à outra.

(2) Concluiu-se o entrincheiramento da cidade — escreve êle — e montaram-se 12 bocas de fogo, **além das que têm as canhoneiras que o flanqueiam.**

(3) O major João Manoel de Lima e Silva fôra ferido no combate de 2 de junho. Recolhera-se por isso a Pelotas e passara o comando a Neto.

Digitized by Google

Varela pretende que Neto resolveu levar a sua infantaria e cavalaria para o **Taím.**

"Desta sorte — escreve esse autor — coberto o rio, flanqueava a brigada provisória pela direita, ao tempo em que, pela retaguarda, era ativamente procurada pelos esquadrões de Crescêncio".

Confesso, sem o mínimo acanhamento, que não consegui perceber nem o plano da manobra de Neto, nem o de Elzeário.

O que parece certo é que Calderon rumou para o sul, com Tavares, e ambos foram perseguidos por Neto. Escoando-se pela faixa de terreno entre o mar e a Lagôa Mirim, conseguiram os dois chefes legalistas alcançar a fronteira e penetrar em território uruguaio cruzando o São Miguel.

Os perseguidores — diz Varela — estavam a 29 de regresso no Taím.

Que rumo tomou depois Neto? Foi atacar o Rio Grande? Não alcancei sabê-lo com segurança.

Varela diz que, antes de marchar em perseguição a Calderon, mandou Neto 50 praças sôbre o quersoneso (**península**) em que demora essa cidade, **afim do estabelecer-se o bloqueio do mesmo, assaz distante da zona arruada** (1).

(1) Em ofício de 14 de julho de 1840 ao ministro da guerra, fala Elzeário de uma travessia do São Gonçalo por fôrça revolucionária (600 homens de infantaria e 200 de cavalaria) **nos primeiros dias desse mês de julho.** Refere que, depois de seguros na retaguarda, por causa da retirada de Calderon, marcharam os rebeldes **com toda a sua gente** para o Rio Grande, cujas imediações, em frente ao entrincheiramento, alcançaram a 12. Mandaram-lhe um parlamentário com uma carta para a Camara, parlamentário que êle não quís receber. Disse verbalmente que não aceitaria proposta alguma de rebeldes **enquanto não depuzessem as armas.**

Trata-se realmente de outra travessia do S. Gonçalo ou é ainda a mesma de 2 de junho a que Elzeário se refere, cometendo apenas um engano de data no seu ofício?

A segunda hipótese se me afigura a mais verosímil.

Digitized by Google

Digitized by Google

# CAPÍTULO III

**Irrompe um levante em Porto Alegre, de que resulta voltar a capital da província ao poder dos legalistas. — Bento Gonçalves acode para desfazer o golpe, e como não o consegue, inicia o sítio da cidade. — Araújo Ribeiro, presidente legal, traslada-se para Porto Alegre. — Os rebeldes fortificam-se em Itapuã, afim de obstar o trânsito fluvial. — Xavier da Cunha e Parker atacam Itapuã e expelem os ocupantes. — Neto derrota Tavares nas pontas do Seival. — Lança um manifesto em que declara o Rio Grande livre e independente do Império, sob o nome de República Riograndense. — Pronunciamento da câmara de Jaguarão. — Ação de João António, Guedes da Luz e Canabarro. — Arremetida de Bento Ribeiro contra Bento Gonçalves e depois deste contra aquêle, na região de Porto Alegre. — Bento Gonçalves abandona esta região para ir juntar-se aos correligionários na campanha. — Combate da ilha do Fanfa.**

Eis, porêm, que surge inesperadamente um acontecimento de importancia capital: a restauração de Porto Alegre.

Um grupo de militares, entre so quais ocupava figura saliente o major Manoel Marques de Souza — que se encontrava preso em Porto Alegre com outros camaradas, no quartel do 8.º de caçadores, para onde havia sido levado depois de sua rendição em Pelotas — conceberam e executaram o projeto de uma contra-revolução dentro da cidade, para o fim de restabelecer o govêrno legal.

Graças à colaboração eficaz de um oficial do 8.º, conseguiram sublevar esta unidade na noite de 14 para 15 de junho de 1836. Renderam imediatamente os guardas nacionais nas posições que êles ocupavam, soltaram os presos legalistas e prenderam vários revolucionários, a começar pelo Dr. Marciano Ribeiro Pereira, vice-presidente em exercício.

Este sucesso imprevisto vai exercer considerável influência sôbre a rebelião rio-grandense. Nunca mais ela conseguirá recuperar a capital, o que será de grande desvantagem para o

Digitized by Google

plano que estava realizando e sobretudo para o seu prestígio no exterior.

Bento Gonçalves corre pressuroso a expugná-la. A 27 de júnho, tendo sob suas ordens cerca de 1000 homens, intima ao marechal João de Deus Mena Barreto a entrega imediata da cidade, sob pena de retomá-la pelas armas. Desatendido, faz em dias diferentes, vários ataques às trincheiras com que os legalistas a resguardavam. Reconhecendo ser-lhe impossível por enquanto lograr o seu intento, recorre ao sítio, indo instalar em Viamão o seu quartel-general.

Sabedor desses fátos, Bento Ribeiro, que se encontrava no município de Caçapava, dirige-se prestes a Porto Alegre. Chega à margem direita do Guaíba a 24 de julho, transpõe-no e entra na capital a 25. A 26 publica uma ordem do dia em que externa o seu júbilo pelos sucessos ocorridos e elogia os restauradores, tanto civis como militares.

E' óbvio que o presidente legal devia agora desempenhar as suas funções na capital da província, que lhe havia sido recuperada a 15 de junho. E é assim que êle procede.

Convêm abrir aqui um parêntese para dizer que o govêrno imperial, por ato de 25 de maio, havia dispensado Araújo Ribeiro e nomeado o general António Elzeário de Miranda Brito para substituí-lo. A 4 de junho, Elzeário tomava posse de seu cargo na cidade do Rio Grande. Em vista, porêm, de representação que lhe foi dirigida desta cidade, desfez o govêrno central o seu ato e reintegrou Araújo Ribeiro. A 24 de julho êle voltava ao seu posto.

Embarcou no Rio Grande em um vaso de guerra, que com mais seis outros formavam uma esquadrilha ao mando de Greenfell. Graças à enchente do rio, logrou passar afastado, e portanto incólume, diante de Itapuã e a 2 de agosto desembarcava em Porto Alegre.

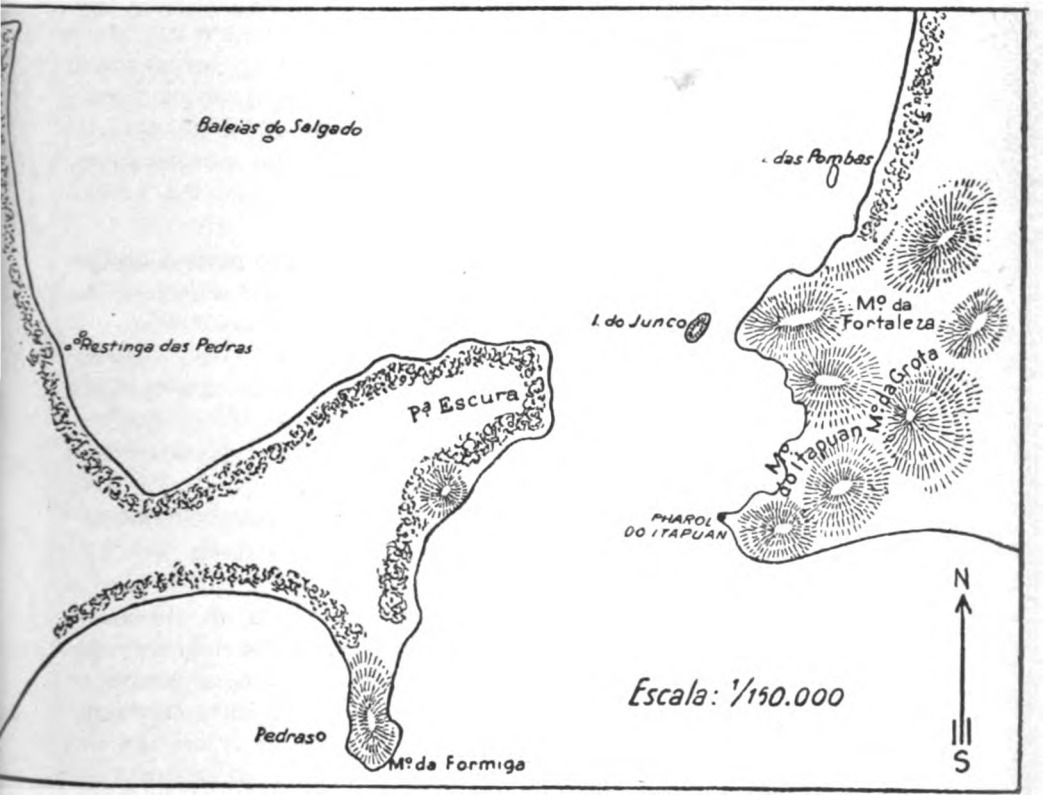
*

Quer legalistas, quer revolucionários, haviam cedo compreendido a importância da ponta de Itapuã, na foz do Guaíba, e por isso cuidado de provê-la de artilharia para obstar, quando necessário, a entrada ou a saída da Lagôa dos Patos e dest'arte o trânsito fluvial e lacustre entre Porto Alegre e Rio Grande. A perda da capital despertara nos revolucionários o desêjo de firmarem-se nessa posição. Bento Gonçalves tratou de melho-

Digitized by Google

rar a bateria que já alí existia e de construir outra, para cruzar fogos com ela, em uma ponta fronteira à ilha do Junco.

E' claro que os legalistas não podiam tolerar a presença permanente dos adversários num trecho à beira do rio, pois que isso os ameaçava de isolamento na capital. Resolveram mandar uma expedição para expulsá-los com auxílio da esquadra imperial.




PLANTA DA FOZ DO GUAHYBA

Afim de cumprir esta missão, sái de Porto Alegre, às 11 da noite de 20 de agosto de 1836, o coronel Francisco Xavier da Cunha, levando embarcados em uma canhoneira e tres iates mercantes 315 praças. Às 8 da noite de 21, lança ferro junto à esquadrilha imperial que bloqueia a posição. Põe-se logo em contacto com o capitão-tenente Guilherme Parker, comandante da mesma. No dia 22 faz-se um reconhecimento, primeiro

Digitized by Google

na canhoneira n.º 3 (te. Carneiro) e depois em um escaler, para a escolha de local apropriado ao desembarque. Das 10 para as 11 da manhã de 23, as embarcações aproximam-se e fundeiam **no saco em frente à casa do Faria;** as canhoneiras ns. 5 e 6 e o patacho Venus são deixados para contrabater os dois fortes. Faz-se o desembarque. Aparecem alguns insurgentes na praia e no serro atrás da casa, e buscam impedí-lo, mas são repelidos. Sobe-se ao alto do serro, onde se encontra um acampamento, que os revolucionários haviam abandonado precipitadamente. Nesse dia — diz o coronel Cunha em sua parte de 29 de agosto, da qual extráio estes informes — perderam os insurgentes mais de 20 mortos, 10 prisioneiros e vários passados. Tomou-se um lanchão com uma coronada de 6; o outro escapou-se. Os imperialistas tiveram 1 soldado morto, 3 soldados de infantaria e 3 de artilharia feridos, e um marinheiro tambem ferido.

O mau tempo só permitiu novo desembarque para o ataque ao forte de Itapuã no dia 27. Às 3 horas da tarde dêste dia era o dito forte ocupado pelos legalistas. Estava abandonado. Os revolucionários tinham-no evacuado na noite anterior. Deixaram mal encravada a artilharia. Haviam metido a pique um patacho e abandonado um brigue com rombos.

Cunha afirma que conquistou 17 bocas de fogo aos insurgentes.

Pinto Bravo descreve essa operação do seguinte modo:

"Ao anoitecer de 21 de agosto, fundearam junto à esquadrilha de observação a Itapuã, em cujo comando substituira o capitão-tenente G. Parker ao 1.º tenente Medella, a canhoneira n.º 4 e dois iates, que conduziam o coronel Cunha e 315 praças destinadas a operarem conjuntamente com os navios contra as fortificações de Itapuã e Junco. Nessa mesma noite conferenciaram Parker e o coronel Cunha sôbre os meios de efetuar um desembarque, que o mau tempo nessa ocasião e os recursos defensivos do inimigo dificultavam. Com efeito uma estacada de doze embarcações, umas às outras amarradas por correntes de ferro, e as baterias do brigue **Bento Gonçalves** e patacho **20 de Setembro**, uniam-se ao fogo dos dois fortes para tornarem arriscada emprêsa o ataque à viva fôrça".

"A 22 tentou-se o desembarque no lugar denominado **Desertas**, mas o vento e a ressaca não consentiram efetuá-lo. Mudou-se de plano. Na madrugada de 23, enquanto as canhoneiras n.º 3 e n.º 6 entretinham Itapuã, as canhoneiras n.º 1, n.º 2, n.º 4 e n.º 5 e os dois iates mercantes, abrigados pela

Digitized by Google

ilha das Pombas, punham em terra a tropa de desembarque, por entre o fogo de fuzilaria que faziam os rebeldes sôbre as canhoneiras e as lanchas que transportavam os soldados. Ao meio dia, completo o desembarque sem outra perda que a de um marinheiro ferido, o coronel Cunha punha-se em marcha contra o forte do Junco.

"As canhoneiras n.º 1 e n.º 2 foram bater de flanco êste forte e as n.º 4 e n.º 5 destinaram-se a receber gente em caso de revés. Eram 2 horas e 30 minutos quando os soldados legais começaram o ataque do forte, e com tanto valor e entusiasmo, que em menos de quinze minutos, com perda de 3 mortos e 5 feridos, eram senhores dele e de um lanchão, que montava uma coronada de 12. Os rebeldes tiveram 19 mortos, inclusive o comandante do forte, onde foram encontradas quatro peças de calibres 9 e 12".

"O mau tempo que sobreveio interrompeu as operações. Embarcada a artilharia e demolido o forte, retiraram-se para bordo o coronel Cunha e seus soldados".

"Só no dia 28 foi possível dar novo desembarque para o ataque de Itapuã. Desde a véspera, porêm, os rebeldes o tinham abandonado, encravando a artilharia que o guarnecia, e metido a pique o brigue e o patacho, que se abrigavam debaixo das baterias de terra. Itapuã estava armado com cinco peças de calibre 12, as quais, depois de desmontadas e desencravadas, foram recebidas a bordo das canhoneiras. Parker, afastando as embarcações que formavam a estacada, foi com seus navios fundear pelo lado de dentro da enseada, e a 31, ficando duas canhoneiras nesse ponto, seguiu para Porto Alegre com o resto da esquadrilha, levando a tropa do coronel Cunha".

*

Do Estado Oriental, onde se haviam refugiado, Silva Tavares e Calderon volveram ao território rio-grandense. De seu lado Neto, após a operação feliz contra êles no Albardão, desistiu de atacar a cidade do Rio Grande e repassar o São Gonçalo.

Os chefes rivais procuram-se, porêm, mais uma vez, reforçando em caminho as suas hostes.

Estava Silva Tavares acampado na barra do Seival (Varela), quando recebeu a notícia de haver um fôrça inimiga no passo do Lageado, no rio Jaguarão. Abalou logo em sua pro-

Digitized by Google

cura (10 de setembro de 1836). O chefe adversário, isto é, Neto, que se encontrava uma légua distante dêle e mais ao norte (pelo Arbolito, segundo Varela), procede de modo idêntico. Os contendores divisam-se pelas pontas do Seival e finalmente travam combate.

Tavares espera o inimigo em cima da cochilha do Seival, à direita da estrada que leva de Bagé a Pelotas. Dá-se um choque violento de audazes cavaleiros. Os revolucionários, a-pesar-de carregarem ascendendo a cochilha, logram romper a ala esquerda dos inimigos e colhem a vitória.

Conta Fernando Osório (1) que Neto bradava aos seus, antes da peleja:

**"Camaradas! Não quero ouvir um tiro! Seja a carga à espada e à lança".**

E assim cerca de 430 revolucionários batem em campo aberto uns 500 legalistas. Ficam na arena muitos mortos e feridos, de ambos os lados.

Tavares retirou na direção do Camacuã (2) e Neto foi estacionar à margem do Jaguarão.

Alí toma o chefe farroupilha uma resolução inesperada: **proclama a independência da província do Rio Grande do Sul, que passaria a constituir uma nova República.**

Na manhã de 11 de setembro de 1836, a sua tropa, denominada 1.ª brigada, fórma a cavalo, recebe-o com expansões de júbilo, depois apeia, dispõe-se em quadrado e ouve silenciosa a leitura de uma proclamação.

Neto preludia esse documento recordando a vitória do dia anterior. Alude depois às injustiças do govêrno.

**E sofreremos calados tanta infâmia?** pergunta.

**Não,** responde a si mesmo.

Os riograndenses não suportarão por mais tempo a **prepotência** de um govêrno **tirano, arbitrário** e **cruel.** E termina:

"Camaradas! Nós que compomos a 1.ª Brigada do exército liberal, devemos ser os primeiros a proclamar, como proclamamos, a Independência desta província, a qual **fica desligada das demais do Império,** e fórma **um Estado livre e independente,** com o título de **República Riograndense** e cujo manifesto às nações civilizadas se fará oportunamente. Camaradas! gritemos pela primeira vez: **Viva a República Riograndense!**

---

(1) **História do General Osório.**

(2) Calderon saíra em reconhecimento e por isso não participara no combate.

Digitized by Google

**Viva a Independência! Viva o exército republicano riograndense!"**

No dia seguinte (12 de setembro de 1836), Neto e mais 52 companheiros (chefes, oficiais e sargentos da 1.ª Brigada) assinaram uma ata em que afirmavam a decisão do dia anterior; anunciavam a próxima reünião de um Assembléia Nacional Constituinte e Legislativa e protestavam, **ante o Ser Supremo do Universo, não embainhar suas espadas o derramar todo o seu sangue, antes que retroceder de seus princípios políticos, proclamados em a presente declaração".**

Porque deu este passo decisivo o bravo chefe farroupilha precisamente numa quadra em que a revolução parecia assáz comprometida com a restauração da legalidade em Porto Alegre?

A sua vitória do Seival não basta para explicá-lo. Por outro lado até então, ao menos na aparência, o movimento revolucionário não apelara para a secessão, nem para a forma republicana. A que atribuir, pois, essa mudança nos seus propósitos?

A questão é complexa e já foi ventilada em outro lugar.

Pretende Varela, que Neto havia antes recorrido a Oribe, então à frente do Estado Oriental, solicitando-lhe o auxílio de cavalos, que êle havia prometido" para levar-se a efeito a independência da província "e tivera como resposta que êle, Oribe, não comprometeria o futuro de seu país enquanto os revolucionários riograndenses" não erguessem um pavilhão, afirmando que lutavam pela idéia separatista". O chefe oriental afirmara ainda que a República Riograndense e a do Uruguai unidas, **"formariam um colosso capaz de resistir à totalidade das falanges brasileiras".**

Referindo-se ao local dos sucessos, adverte Varela, que ali "os campos da Cuchilha Geral se inclinam para o rio da Prata, como se o próprio teatro quisesse significar de onde vinham as inspirações do grave passo que iam dar os rio-grandenses".

Já antes de Varela, havia Araripe externado análogo conceito, dizendo:

"Buscando Antônio Neto as margens do apoucado rio limítrofe para alí soltar o primeiro brado separatista, parece ter querido assim inspirar-se ante o aspecto das repúblicanas terras, que no vizinho estado lhe fronteavam".

"A brisa que soprava do sul entibiava-lhe o sentimento monárquico, e acendia-lhe no peito o fogo republicano. Cumpria com efeito despertar com as idéias novas, e cobrar esfôrço estranho para desprender-se da ávita e grandiosa nacionalida-

Digitized by Google

de, que ia deixar; era o gélido frio dos pampas, que entorpecia as pulsações do coração do caudilho pelo imponente Brasil, consentindo na troca desta nobre pátria por minguado fragmento dela; era o gélido frio dos pampas, que lhe arrefecia o patriotismo, tolerando a perda do honorífico nome do Brasileiro para o substituir pela simples denominação de Riograndense, debilitada imagem do nosso fulgurantissimo brasão".

"Quanto perde o Brasileiro erguendo o brado desconsolador da desunião!"

Parece fóra de dúvida que dois companheiros de Neto, que se encontravam a seu lado, a saber: Manoel Lucas de Oliveira e Joaquim Pedro Soares, muito contribuiram para a proclamação imediata da República.

E' possível que Neto hesitasse a princípio, quando mais não fosse pela circunstância de não estar presente o chefe supremo, isto é, Bento Gonçalves. A declaração imprimia novo rumo ao movimento revolucionário e era de tal gravidade, que se compreende à primeira vista qualquer vacilação de sua parte e, por conseguinte, a sua suprema coragem para se pronunciar, como o fez, no dia 11 de setembro de 1836.

Informada por êle, a Camara Municipal de Jaguarão reüniu-se a 20 de setembro. Seu presidente declarou tê-la convocado **"para fazer público no município a deliberação da maioria da província, respeito a ficar desligada da família brasileira** e instituindo (?) **um govêrno republicano".** A camara aderiu a esta **nova instituição** e resolveu torná-lo público por editais, e pedir em ofício a Bento Gonçalves que **dirigisse interinamento o timão do govêrno do Estado, como chefe e protetor da República e liberdade** rio-grandense, e marcasse o dia **para a eleição dos deputados à assembléia constituinte.**

Convêm referir aqui um pequeno recontro passado na campanha, não só pelo valor dos revolucionários, como pela circunstância de nele surgir David Canabarro, um dos grandes chefes com que a revolução contará dentro em breve.

Canabarro associou-se a um grupo de combatentes em que figuravam João Antônio e Jacinto Guedes da Luz. No dia 7 de setembro (1836), desbarata nas cabeceiras do Ibicuí o capitão legalista Albernaz. Toma-lhe a bagagem e, pelos papeis que nela encontra e lê, chega ao conhecimento de que o major legalista Terêncio fôra ao Uruguai comprar cavalos para o govêrno e dentro em pouco atravessaria o Quaraí para se reünir, no lugar chamado Cerca de Pedra, ao major Manoel Lopes da Silva, que o aguardará à frente de 300 homens.

Digitized by Google

Guedes foi atacar Terêncio com 40 cavaleiros, encontrou-o a 10 de setembro (1836) e arrebatou-lhe os cavalos, em número de 800. Depois disso os tres caudilhos — João Antônio, Guedes e Canabarro, decidiram acometer Lopez no seu próprio acampamento. Guedes e Canabarro, à frente de 65 cavaleiros, lançaram-se sôbre os 300 legalistas **e os desbarataram** (1).

*

Depois da perda da capital e do malôgro das tentativas para reconquistá-la, é natural que Bento Gonçalves pensasse em submetê-la a um assédio, como o fez.

Dispunha de elementos suficientes para esta operação?

Com a vinda de Bento Manoel, a situação militar em Porto Alegre melhorara de modo considerável para os legalistas. Aparecera um chefe enérgico e empreendedor, e vinham chegando tropas de refôrço. Os elementos navais de que êles podiam lançar mão facultavam-lhes o policiamento dos principais afluentes da margem esquerda do Jacuí acima do Guaíba e dificultavam as operações dos inimigos.

Nestas condições seria justificável que Bento Gonçalves ganhasse um pouco de terreno para leste, instalasse o seu grosso na região de Viamão e se esforçasse por aumentar-lhe o efetivo.

Não posso explicar com minúcia e clareza tudo o que ocorreu de positivo nesse período. Parece que os dois contendores

---

(1) Segundo Assis Brasil, esses eventos produziram-se, sucessivamente, a 7, 10 e 15 de setembro. Todo o grupo legalista derrotado tinha como missão ir reforçar Silva Tavares.

Relativamente a Guedes, escreveu H. Canabarro Reichardt:

"Outro, o coronel Jacinto Guedes, tornara-se famoso pela bravura inexcedível.

A coragem e temeridade infundiam tal admiração entre os companheiros, que a sua falange lembrava um pugilo de redivivos espartanos". Nas mais desesperadas emergências, como a espicaçar-lhes o ánimo, repetiam os motes conhecidos:

**"Sou do Guedes; morro seco e não me entrego"** ou **"Por Deus, que sou do Guedes"** (DAVID CANABARRO — **Estudos biográficos**).

Na excelente monografia que Aurélio Porto escreveu sôbre Jacinto Guedes, seu bisavô, depara-se-nos esta quadra, que êle diz pertencer ao **folk-lore** rio-grandense:

Eu sou aquele que disse,
depois de dizer não nego:
"Eu sou da gente do Guedes,
morro seco e não me entrego".

Digitized by Google

trataram de cobrir-se do lado do norte e afinal buscaram-se em campo raso.

Houve entre êles duas tentativas de pacificação sem êxito feliz. E' possível que na segunda, provocada por Bento Gonçalves, tambem fosse desejo deste chefe ganhar tempo.

Bento Manoel dispôs elementos ao norte do Gravataí (Gabriel Soares, com 300 homens), os quais atravessaram este rio na sua foz e ocuparam "principalmente o passo da Sapucaia, Aldeia dos Anjos e cercanias" (Varela). Mandou elementos para Santo Amaro e Taquarí. Ele próprio subiu o rio dos Sinos e foi bater Jerônimo Jardim, que se entrincheirara em uma das **picadas** da colônia de S. Leopoldo.

Todas estas providências tendiam evidentemente a restringir o campo de ação de Bento Gonçalves, portanto a dificultar-lhe a vida e a envolvê-lo paulatinamente.

A 3 de setembro de 1836, Bento Manoel abala da Aldeia dos Anjos, transpõe o Gravataí no passo dos Negros, que os revoltosos disputam frouxamente, e vai acampar no passo da Figueira, onde se lhe junta a coluna de Xavier da Cunha.

A 6 de Setembro, lança-se contra Bento Gonçalves, que o espera em bôa posição, aproveitando-se dos valos existentes no terreno. A sorte das armas é adversa ao chefe legalista e por isso êle retira.

Bento Gonçalves dispunha de 14 peças e 900 homens; os contrários numeravam 2500 combatentes (Varela) (1).

Dias depois — a 8 de setembro — Bento Gonçalves avança por sua vez contra Bento Manoel, que se esquiva batendo em retirada pela estrada do passo do Feijó!

A-pesar disso, Bento Gonçlaves de certo compreende que a situação melhora todos os dias para o seu contendor e peiora para êle.

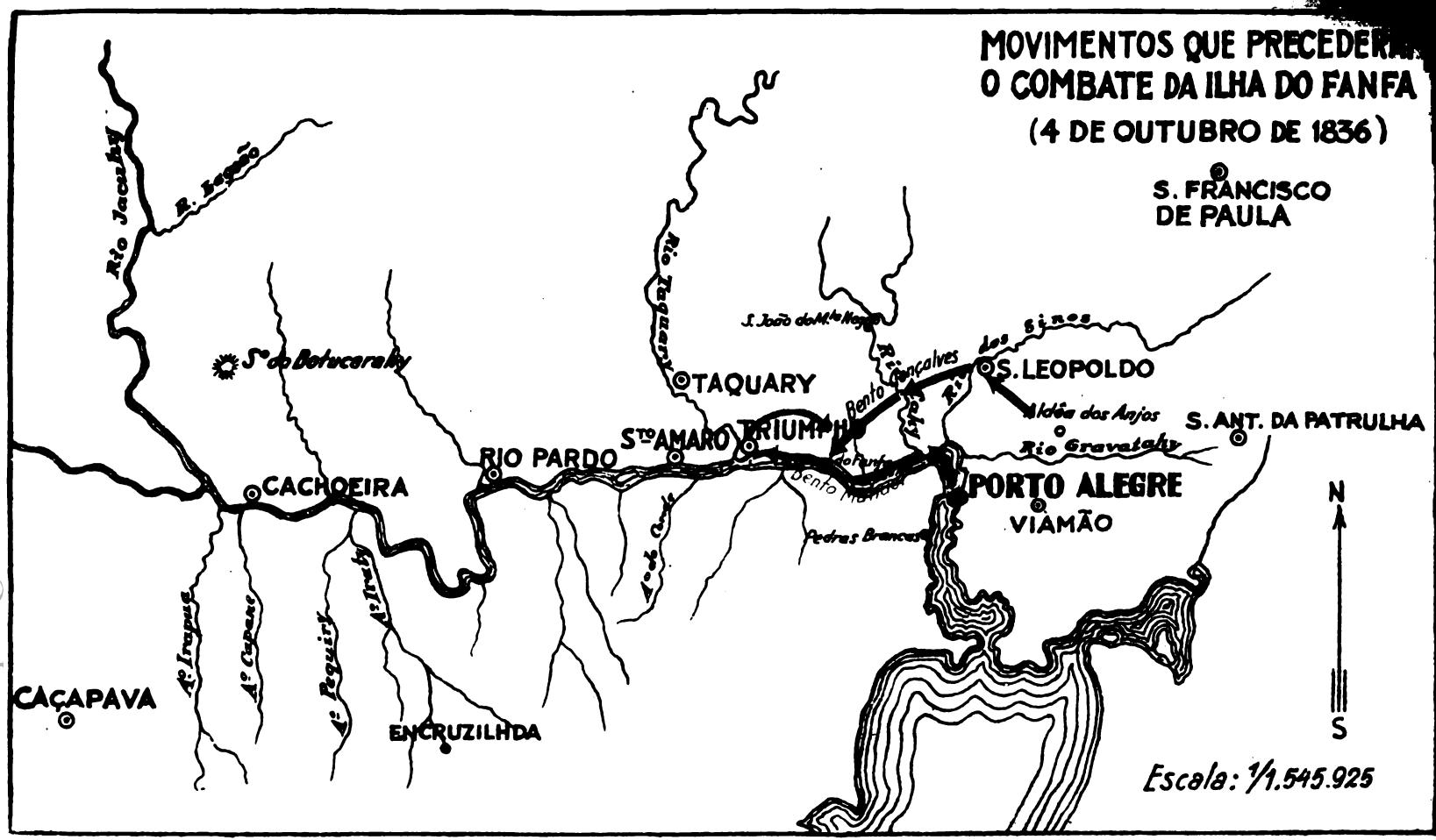
"A resistência — escreve Varela — chegara ao extremo fatal — em que o peso das circunstâncias adversas trazem o quebranto, se um supremo esfôrço não a dilata com êxito por algum tempo mais". — "Os nossos recursos estavam esgotados, escreve um observador coevo de tamanhas adversidades: a nossa cavalaria, a pé; as copiosas chuvas inundavam os campos e os rios; o gado para munício, além de ruím, extraordinariamente escasso, e só com grandes dificuldades se podia obter" (2)

---

(1) Antes da refrega, deu-se a segunda tentativa de pacificação a que acima aludí.

(2) Apontamentos de João Luis Gomes, citados por VARELA.

Digitized by Google


MOVIMENTOS QUE PRECEDERA
O COMBATE DA ILHA DO FANFA
(4 DE OUTUBRO DE 1836)
S. FRANCISCO
DE PAULA
Rio Jacuhy
R. Lagoão
Rio Taquary
S. João do Monte Negro
Bento Gonçalves
dos Sinos
S. LEOPOLDO
S.to do Botucarahy
TAQUARY
Aldêa dos Anjos
S. ANT. DA PATRULHA
Rio Gravatahy
Sto AMARO
TRIUMPHO
RIO PARDO
CACHOEIRA
Bento Manoel
PORTO ALEGRE
VIAMÃO
Pedras Brancas
Ac.e Grande
Ac.e Ingrossa
Ac.e Capivara
Ac.e Pequiry
Ac.e Ivahy
CAÇAPAVA
ENCRUZILHDA
N
S
Escala: 1/1.545.925

Digitized by Google

Nessa conjuntura surge a notícia da atitude assumida por Neto a 11 de setembro, em virtude da qual a revolução traçara a si mesma novo objetivo.

Vendo-se ameaçado de isolamento e sentindo a necessidade de juntar-se aos companheiros que pelejavam no sul, quando mais não fosse, para combinar planos futuros e tomar as medidas reclamadas pela nova política revolucionária, resolveu Bento Gonçalves abalar com a sua gente para a campanha.

Que itinerário lhe convinha seguir? Escapar-se por leste ou por oeste da Lagôa dos Patos?

O primeiro percurso obrigá-lo-ía a descer até S. José do Norte, transpôr o rio e enfrentar a cidade do Rio Grande.

Devia, pois, ser excluido.

Restava o segundo. Mas êste impunha-lhe a necessidade de cruzar os afluentes da margem esquerda do Jacuí mais vizinhos de Porto Alegre, tendo consigo "14 bocas de fogo, trem de munição e 50 carretas pejadas de famílias, que se tinham vindo asilar no acampamento republicano".

Nada obstante, não hesitou em decidir-se por êle.

E' claro que lhe convinha obrar rapidamente e no mais absoluto sigilo.

Na noite de 18 para 19 de setembro (1836), iniciou a sua retirada.

Avançou para oeste e depois mudou o rumo para o norte, dirigindo-se à ponte do Gravataí. Afirmam que só pela madrugada perceberam os contrários o movimento, quando as suas avançadas já tiroteavam com a retaguarda do inimigo.

Bento Manoel, com indiscutível tino guerreiro, adivinha a traça do contendor; percebe que êle vai percorrer um extenso arco de curva em torno de Porto Alegre, afim de passar da margem esquerda para a direita do Jacuí, sendo obrigado a cruzar nessa marcha diversos rios.

Qual deverá ser o plano de manobra do chefe legalista?

Seguir-lhe na esteira para o aferrar em marcha? Ou aproveitar os recursos navais disponíveis, levar tropas pelo Jacuí acima, desembarcar na margem esquedra dêste e marchar ao encontro do adversário?

Bento Manoel, revelando notável capacidade bélica, decide-se por essa **rocagem** de seus elementos mediante transporte fluvial.

Tudo se passará como êle prevê e terminará pela completa

Digitized by Google

derrota da fôrça de Bento Gonçalves e até pelo aprisionamento deste ilustre chefe.

Seria muito interessante conhecer os pormenores dos movimentos de ambos os partidos durante a execução desta elegante manobra. Confesso ter-me sido impossível conseguir isso (1). O que pude joeirar com respeito a Bento Manoel resume-se no seguinte:

Retrocedeu com a sua tropa para Porto Alegre. "Fez transportar à picada vizinha a cavalaria (450 homens às ordens de João Ribeiro de Almeida) com o projeto de tomarem a margem direita do Jacuí e cruzarem à esquerda em sítio que designaria" (2). Subiu o Jacuí, levando embarcados na flotilha "os infantes (em número de 600), os artilheiros e os respectivos parques". Ordenou a Manoel Carneiro que abandonasse Taquarí e reünisse na vila do Triunfo todo o pessoal disponível de sua brigada, e ao capitão Azambuja que juntasse toda a guarda nacional de Santo Amaro. Foi desembarcar em Triunfo e de lá marchou em busca do inimigo.

Por onde andava êste?

Passara o Gravataí, destruindo em seguida a ponte do mesmo, de que se utilizara; fôra a S. Leopoldo e cruzara o rio dos Sinos e o Caí, buscando a margem esquerda do Jacuí.

A 27 de setembro, quando marchava no rumo do arroio Passo Fundo, divisou os imperiais (Varela).

Bento Manoel afirma em sua parte que, "na noite de 20 de setembro (1836), tomou posição a pouco mais de alcance de canhão do campo que os revolucionários ocupavam". Nos dias subsequentes, tratou "de guarnecer todas as vias que conduziam à campanha, deixando somente livre a cuchilha que vai ao fundo do rincão, onde ha um porto, o qual, porêm, não tem correspondente do outro lado".

Segundo Varela, na noite de 28 de setembro, Bento Manoel marchou contra os farroupilhas e acampou na vizinhança dêles, aproveitando-se do terreno "coberto de **capões,** riscado profusamente de vales, entre a grande mata intransponivel e o caudaloso Jacuí".

Bento Gonçalves via assim o seu caminho fechado pelo inimigo.

---

(1) Nem em ARARIPE, nem no Arquivo Nacional encontrei elementos elucidativos desses pormenores. Só VARELA reüniu alguns, que aqui reproduzo, por vezes textualmente.

(2) Para não cansar os animais, obrigando-os a nadar, previu o uso de duas barcas de transporte, que solicitou do presidente.

Digitized by Google

Que devia fazer? Lutar com êle para abrir passagem á viva fôrça? Ou evitar o combate, desviar-se logo para a margem do Jacuí, afim de transpô-lo, e juntar-se ao destacamento de Crescêncio, que o aguardava na outra margem, esperançoso de acolhê-lo?

Os sub-chefes discutiram as duas idéias. Contrariamente ao parecer de Bento Gonçalves, venceu a segunda. Neto foi incumbido de reconhecer o terreno.

"A umas mil braças para a esquerda — ao fundo de um rincão — escreve Varela — ha uma ilha contígua a outras, ornadas de verdura basta, e, como essas, igualmente coberta de mato, que a cultura "persemeara de **campestres.** Separa-a da ribanceira um estreito e profundo canal", "conservando o rio na sua parte oposta a sua maior largura". Na predita ilha descobriram" bom porto "junto a uma olaria; isto não adiantava muito, entretanto: com dois únicos pontões, cada um podendo carregar apenas 40 praças, por viagem, a verdade é que a operação se apresentava como tendo os visos de uma das mais precárias, a quem a estudasse refletida e calmamente".

Sem embargo decidiu-se a passagem por aí.

Vê-se, pois, que os dois adversários estavam em contacto perto da margem esquerda do Jacuí (1) e iam tentar transpôr este rio num ponto em que êle fórma um rincão e onde existe uma ilha chamada do Fanfa, vizinha de outra denominada do Leão.

"Cercados os rebeldes em sua posição — diz Bento Manoel — se decidiram a ganhar o fundo do rincão, e pelo porto denominado do Fanfa, sôbre o Jacuí, passando a ilha em frente do Carôço, e depois a do Leão, efetuar a translação para a outra margem, a reünir-se com a fôrça do anarquista Domingos Crescêncio, que estava pelas imediações de Xarqueadas, via que de propósito deixei de guarnecer como a mais prejudicial para êle. **(Parte de Bento Manoel).**

Para completar estas vagas indicações do terreno, cumpre salientar que, sobranceiro ao rio e cobrindo o fundo do rincão, havia um môrro, onde sería possível instalar artilharia e dispôr uma retaguarda ou uma verdadeira cabeça de ponte, para proteger a operação de travessia.

Era indispensável passar por êle para chegar ao fundo do rincão.

---

(1) E' lamentavel não dispormos de uma carta topográfica da ilha e da região vizinha, para compreender melhor este lance.

Digitized by Google

Releva ainda salientar que Bento Gonçalves tinha de praticar tres delicadas operações: romper o contacto com o inimigo, acercar-se de um rio caudaloso e transpô-lo. As condições fundamentais de bom êxito eram o sigilo e a rapidez.

Bento Gonçalves levantou o campo na noite de 1.º de outubro, dirigiu-se ao fundo do rincão e começou a passagem para a ilha do Fanfa. No morro já referido dispôs 3 canhões e 1 obús, apoiados pelos seus dois pequenos batalhões e por um grupo de cavaleiros. À sombra dessa retaguarda julgava escapar ao adversário. De fato conseguiu levar à ilha o grosso de sua tropa, mas ali defrontou-se com os navios de Grenfell "que se conservaram ocultos com a vegetação das ilhas, guardando os passos do rio" (Varela), prontos a empecer-lhe a travessia para a margem direita do Jacuí. Via-se assim cercado em uma ilha: de um lado os soldados de Bento Manoel e do outro as embarcações legais. Teria fatalmente de sucumbir (1). A 3 de outubro, Bento Gonçalves rompeu fogo contra os navios utilizando 3 peças de calibre 9, que assentara na barranca do rio. Grenfell respondeu com a artilharia de suas embarcações convenientemente dispostas.

Bento Manoel, desejoso de evitar grande efusão de sangue, limitou-se nesse dia (3) a bombardear o morro do Fanfa. Fez, porêm "limpar uma picada antiga, que conduzia a um pôrto da costa do rio, fronteiro a outro pôrto da ilha, a montante" e seguir por êle um destacamento de 400 homens (infantaria e cavalaria; esta a pé), dando-lhe como missão "passar para a ponta da ilha em que estavam os rebeldes" e "atacá-los pela retaguarda" (quiçá de flanco).

Ao clarear de 4 de outubro (1836), desencadeou o ataque contra o morro do Fanfa, "que cobria a entrada do pôrto".

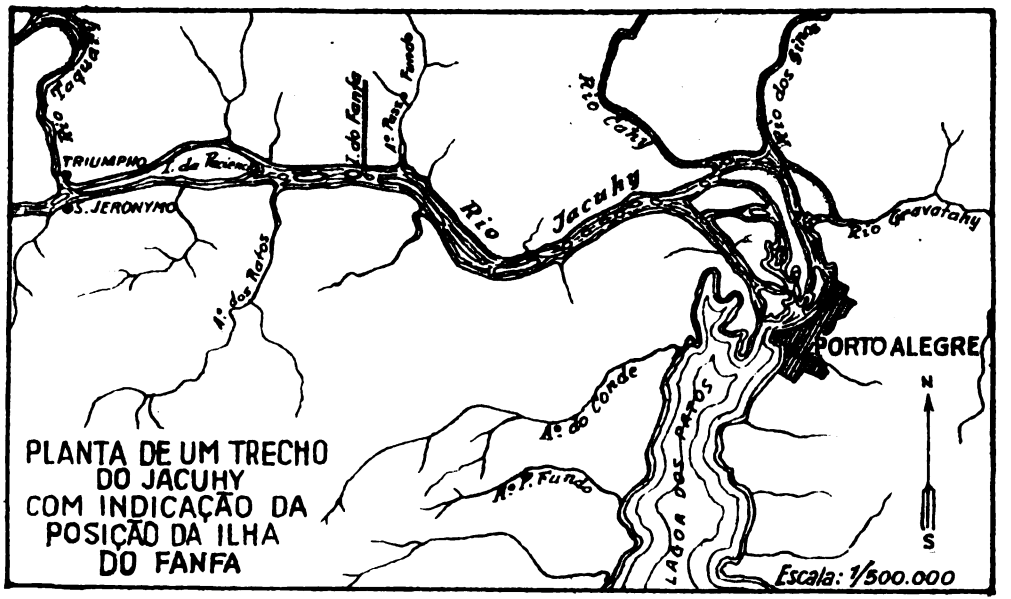
Como tinha pouca infantaria (já sabemos o destino de parte dela), "mandou apear parte da cavalaria que tinha armas de fogo". O coronel de legião Gabriel Gomes Lisboa, comandante do 1.º batalhão de caçadores, dirigiu o ataque a pé, marchando contra os revoltosos a passo de carga por entre o fogo de artilharia, que se achava apoiada pela infantaria".

"Tal foi o denodo com que os nossos atacaram — escreve Bento Manoel — que não bastando para os reter uma cerração de balas, que lhes enviavam os rebeldes, postados em posição

---

(1) Informa VARELA que Grenfell dispunha de 18 embarcações de guerra. A escuna **Legalidade**, 4 canhoneiras e a barca a vapor **Liberal** operaram contra a ilha. Os outros navios, que guardavam os passos vizinhos, eram de menor porte e simples lanchões artilhados.

Digitized by Google




PLANTA DE UM TRECHO DO JACUHY COM INDICAÇÃO DA POSIÇÃO DA ILHA DO FANFA

Digitized by Google

Digitized by Google

superior, que em poucos minutos foi levada a posição, caìndo em seu poder as 4 peças e ficando-nos franca a retaguarda dos rebeldes alojados na ilha". Alguns procuraram a beira do rio e meteram-se numa balsa, que se submergiu, afogando-se muitos.

Bento Manoel colocou então 3 peças e 1 obús a tiro de fuzil da ilha e varreu-a a metralha. Cessou depois o fogo para aguardar o desencadeiamento do ataque de flanco na própria ilha. A fôrça que o devia executar alcançou-lhe a ponta com o auxílio de Grenfell; às 10 horas marchava pelo mato, sob o comando do Te.-Cel. da Guarda Nacional Carlos José Ribeiro da Costa, para cumprir a sua missão (Varela). Bento Gonçalves, aventando o perigo, fez-lhe frente, contra-atacou-a e obrigou-a a recuar com algumas perdas. Bento Manoel ouviu perfeitamente o estampido dos tiros dessa peleja.

Nada obstante, Bento Gonçalves considerou-se perdido e reputou inuteis maiores sacrifícios. A fôrça de Domingos Crescêncio, cêrca de 400 homens, que o aguardava na margem direita do Jacuí, estava impossibilitada de prestar-lhe o menor auxílio. Convenceu-se, portanto, de que acabaria cercado por todos os lados, preso na ilha como numa ratoeira, e dest'arte perdeu totalmente a fé na vitória. Solicitou a abertura de negociações de paz e afinal rendeu-se, entregando armas e munições (inclusive 15 bocas de fogo). Segundo Bento Manoel, os revolucionários numeravam mais de 1.100 homens e perderam masi de 120 mortos, além dos feridos. Os legalistas tiveram 17 mortos e 72 feridos. (1)

Bento Manoel pôs em relevo a colaboração de Greenfeld e dos comandantes das canhoneiras. Confessou que sem ela não teria sido possível evitar a passagem dos rebeldes.

---

(1) O original da parte do combate, dada por Bento Manoel, guarda-se no Arquivo Nacional e tem anexa a relação das perdas, por unidade, o que faculta saber, se não todas, ao menos quási todas as unidades dos legalistas. Eram as seguintes:

| | | | |
|---|---|---|---|
| **Tropa de linha** | 10.º B. de Caçadores<br>8.º " " "<br>3.º Corpo de Cavalaria | **Guarda Nacional** | Do município de Caçapava.<br>Do município de Cachoeira.<br>Do município de Cruz Alta.<br>Do município de Santo Antônio.<br>Infantaria de Missões<br>Lanceiros " "<br>Lanceiros de Alegrete.<br>Vol. de Taquarì. |

Digitized by Google

Pinto Bravo ministra alguns informes sobre a ação da marinha. Conta que, na noite de 2 de outubro, Bento Gonçalves transferiu para a ilha, em uma balsa, parte de sua artilharia, cruzando um canal "demasiado estreito para que lho pudessem impedir as canhoneiras". No dia seguinte (3), às 11 da manhã, rompeu o fogo de uma bateria de 3 peças de calibre 9 contra a escuna **Legalidade,** "que se achava em frente, e a canhoneira n.º 7". "O comandante da escuna foi logo ferido, mas o seu navio não cessou de responder ao fogo inimigo; durante esse tempo, Grenfell rebocava com o **Liberal** as canhoneiras n.º 5 e n.º 6 para a linha onde já se achava a **Legalidade** e a n.º 7, e, ao meio dia, o combate tomava todo o calor. Sob as descargas dos navios legais iam pouco a pouco os rebeldes retirando a sua artilharia e tomando novas posições à sombra da mata. Ao escurecer, o combate tinha cessado e o comandante da esquadrilha mandava que as canhoneiras suspendessem em duas divisões e ocupassem os pontos por onde era possível ao inimigo escapar-se".

Nesse dia as perdas da marinha consistiram em 1 marinheiro morto no vapor **Liberal**; o comandante e 4 marinheiros feridos na escuna **Legalidade,** e 2 mortos e 3 feridos na canhoneira n.º 6.

"Às 9 horas da manhã (de 4), recebeu Grenfeell ordem de transpor para a ilha, nas canhoneiras, uma divisão de infantaria e uma hora depois (tamanha fôra a presteza do embarque e desembarque) já esta divisão avançava pela costa e flanco da bateria inimiga, enquanto o **Liberal,** com o chefe, e as canhoneiras n.º 5 e n.º 6 tomavam posição em frente dela".

Restava providenciar com relação às fôrças de Domingos Crescêncio, postadas na margem direita do Jacuí. Diz Bento Manoel que Bento Gonçalves se oferecera para ir desarmá-las nesse dia (4) ou no imediato, com o que êle concordou; mas, avisado de que o chefe revolucionário queria seguir com os seus cavalos, camaradas e bagagens, suspeitou ser seu intento juntar-se ao grupo de Crescêncio e fugir com êle. Combinou então que em seu lugar fosse o capitão Manoel Antunes. Crescêncio, porêm, não se submeteu às exigências do vencedor e na noite de 5 retirou.

Bento Manoel considerou o facto como resultado de instruções de Bento Gonçalves, que assim provava seu desejo de continuar a luta, e por isso resolveu remetê-lo preso para a capital, juntamente com Onofre Pires da Silveira Canto.

Digitized by Google

Parece fora de dúvida ter Bento Manoel, no dia 4 de outubro, assinado um documento, que foi entregue ao chefe vencido, no qual afirmava receber como irmãos e ficarem livres de perseguições, **conforme as ordens do govêrno do Brasil,** todos os indivíduos que se apresentassem e reconhecessem o govêrno legal do Brasil e da província. Os revolucionários da ilha deveriam pronunciar-se naquele dia, os das xarqueadas dentro de 4 dias e os de Jaguarão e Pelotas no prazo de 15.

No momento da apresentação, entregariam todo o **parque de artilharia, armamentos** e **munições.**

Estas condições de capitulação foram naturalmente aceitas por Bento Gonçalves. A-pesar disso, Bento Manoel prendeu o seu adversário e Onofre Pires, desculpando-se com as razões que acima reproduzi, e sem aludir de modo explícito ao documento firmado do seu próprio punho. (1)

(1) Foram primeiro encarcerados em Porto Alegre a bordo de uma embarcação denominada **Presiganga** e depois transferidos para a fortaleza de Santa Cruz, no Rio de Janeiro.

A 11 de Março de 1837, Onofre foge da prisão. O govêrno transfere então Bento Gonçalves para o Forte do Mar, na Baía, donde êle logra escapar-se a 10 de setembro de 1837.

"Havendo obtido permissão de tomar banho de mar, Bento Gonçalves, ludibriando a sentinela, conseguiu alcançar uma embarcação em que amigos o esperavam ao largo; passou para a ilha de Itaparica e, disfarçado, tomou um navio, que o trouxe até Santa Catarina, viajando então por terra e alcançando Viamão". (**Vultos da Epopéia Farroupilha,** por Otelo Rosa, pag. 30). Cumpre ainda referir que Bento Gonçalves, a-pesar da derrota do Fanfa e de estar prisioneiro, foi promovido a general pelo govêrno republicano (12 de novembro de 1836), em vista "do seu merecimento, valor, acrisolado patriotismo, perícia militar e relevantes serviços que ha prestado à liberdade rio-grandense".

Digitized by Google

Digitized by Google

# CAPÍTULO IV

**A revolução atravessa grave crise. Palavras animadoras de Neto. Escolha do substituto de Bento Gonçalves. A câmara de Piratini reafirma o propósito revolucionário do fazer-se do Rio Grande um Estado livre e independente. Bento Manoel lança-se contra o último grupo rebelde ainda em actividade na campanha. Canabarro derrota e prende Tavares. Bento Manoel obriga os inimigos a fugir para o Uruguai. Antero de Brito é nomeado presidente da província. Desavença entre êle e Bento Manuel. Antero de Brito sai de Porto Alegre para inspecionar as suas tropas. Bento Manoel prende-o no passo do Itapevi. Os revolucionários, animados com o ingresso de Bento Manoel em suas fileiras, vão com Neto atacar Caçapava, grande centro de recursos dos legalistas. Novo plano rebelde. Neto dirige-se a Rio Pardo, depois a Triunfo e afinal a Porto Alegre. Intima a esta cidade a rendição; como não é atendido, procura sitiá-la.**

O golpe desferido contra a revolução no combate do Fanfa, cêrca de um ano depois de seu início, parecia feri-la de morte. Seu chefe estava nas mãos do govêrno, a capital da província abrigava o presidente da legalidade e tornara-se franca a comunicação lacustre com a cidade do Rio Grande, portanto, com o resto do país.

Sem embargo, é precisamente nesse momento que ela estadeia as suas convições. Os caudilhos remanescentes — homens de têmpera de aço — haurem novas energias na própria desventura e enunciam desassombradamente os seus ideais, reafirmando com solenidade as declarações de Neto de 11 de setembro desse mesmo ano.

Do seu acampamento no rincão das Tunas, dizia êste chefe, em 30 de outubro (1836), anunciando aos companheiros o desastre do Fanfa e a prisão de Bento Gonçalves:

"O revés que sofremos é grande; mas é um só no círculo de tantos triunfos; por isso redobrai vosso valor e venceremos".

"Os orientais trabalharam também como vós, e contra o mesmo Império, contra que lutamos; êles conseguiram sua li-

Digitized by Google

berdade, e é fácil que, protegendo nossa causa, a vitória em breve se decida por nossa parte".

"Mas eu não conto senão convosco, vossos braços fortes e armados".

Afim de deliberar sôbre a nova situação, concentraram-se os revolucionários em Piratiní.

Havia mister escolher novo chefe militar. A maioria decidiu-se por João Manoel de Lima e Silva, que já substituia interinamente a Bento Gonçalves. A 1.º de novembro de 1836 êle tornou pública essa decisão e a nova ordem de batalha de suas tropas (4 brigadas sob o comando respetivo do coronel Neto, Te.-Cel. João Antônio, major José Mariano e Cap. Domingos Crescêncio de Carvalho).

Dias depois (a 5 de novembro de 1836), reünia-se a câmara de Piratiní. Aberta a sessão, seu presidente "declarou que o motivo de havê-la convocado era propor a necessidade de **proclamar-se a independência política,** não só por ser esta a vontade geral da maioria da província, mas ainda porque é esse o recurso que resta, depois das perseguições e hostilidades que nos tem feito o govêrno do Brasil; e mesmo a exemplo da câmara de Jaguarão, deve esta declarar a província desligada **da obediência que devia ao govêrno do Brasil,** e **elevá-la à categoria de Estado livre, constitucional e independente,** com a denominação de Estado Riograndense, **podendo ligar-se por laços de federação áquelas províncias do Brasil que adotarem o mesmo sistema de govêrno e quiserem se federar a este Estado".**

Como era de prever, foi a proposta unanimemente aprovada.

No dia 6 fez-se outra reünião. Câmara e povo presente escolheram por eleição o presidente e os vice-presidentes da nova República. Aquele deveria dirigí-la até à convocação de uma assembléia constituinte.

Para presidente foi eleito Bento Gonçalves, que seria substituido, enquanto estivesse ausente, pelo cidadão José Gomes de Vasconcelos Jardim; e para vice-presidentes, António Paulo da Fontoura, coronel José Mariano de Matos e Inácio José de Oliveira Guimarães.

A vitória do Fanfa havia permitido a dissolução do grupo revolucionário que estava sob as ordens diretas de Bento Gonçalves. Mas restava o grupo do sul, cuja constituição já conhecemos.

Bento Manoel tratou de ir-lhe ao encontro. Depois da vitória de 4 de outubro, dirigiu-se a Triunfo, passou o rio Jacuí. Em Curral Alto licenciou a guarda nacional, marcando-lhe Caçapava

Digitized by Google

como futuro ponto de reünião, e para lá seguiu, com 600 homens, no dia 17 de outubro de 1836 (Varela). De Caçapava avançou para o sul, com a esperança de impedir a reünião dos grupos contrários. A 11 de novembro tinha consigo 1.500 homens.

Os rebeldes também se puseram em campo. Reüniram-se quási todos na cochilha do Madruga, na linha do Candiota e nas imediações do passo real, ao que parece no dia 19 (Varela).

Bento Manoel já lhes andava nas cercanias. Seguem-se movimentos de ambos os lados, em que os inimigos ora se buscam, ora se esquivam. (1)

Estava Bento Manoel na cochilha da Bolena, quando mandou Silva Tavares, com 240 homens, ao município de Jaguarão, afim de congregar mais combatentes. Os revolucionários, que se encontravam no serro do Baù, determinaram que Canabarro marchasse contra Tavares, levando 200 homens.

A 17 de dezembro de 1836, Canabarro cai de surpresa sôbre a gente do adversário na casa da estância do sogro deste, derrota-a, cerca a dita casa, em que Tavares se achava com alguns oficiais e praças, e obriga-o a render-se, prometendo poupar-lhe a vida. (2)

Todavia a situação não melhora para os insurgentes. Ao revés disso, Bento Manoel, sentindo-se mais forte, faz pressão sôbre êles e obriga-os a contínuos deslocamentos. A 4 de dezembro de 1836, acomete-os, depois de marchar durante a noite "deixando atrás a bagagem" e põe-nos em fuga. "Cançados havia muito, nas constantes evoluções dos últimos dois mêses — escreve Varela — mal dormidos, em sonos ao relento, depois de canículas que engendraram uma deprimente epidemia; sujeitos ao abrasado pêso do calôr de janeiro, no dorso de uma cochilha sêca, ao longo da qual nas raras poças de água os sedentos a encontravam impotável: o moral da tropa deixara de ter a perfeita afinação que o momento requeria".

Não admira, pois, que Neto, a quem, por motivo de saude, João Manoel havia passado o supremo comando, "se resolvesse por uma franca retirada, que pusesse a salvo de qualquer um risco o destino das instituições, que a mais leve imprudência podia de todo perder" (Varela).

E assim, recalcados pelos inimigos e cobrindo-se com reta-

(1) Ha também tentativas de acôrdo. Num deles figura Frutuoso Rivera, que entrara no Rio Grande à frente de um pequeno grupo de correligionários, depois de batido em seu país, e se acercara de Bento Manoel. Estes fatos passaram-se em dezembro de 1836.

(2) Tavares logrou mais tarde fugir, graças ao auxílio de um sargento da escolta que o vigiava, e foi ter à cidade do Rio Grande.

Digitized by Google

guardas, foram os revolucionários até o rio Jaguarão, que transpuseram no passo do Salso, refugiando-se dest'arte no Estado Oriental.

A situação militar tornara-se, pois, magnífica para o Império. Os dois grupos principais de seus inimigos estavam reduzidos à impotência. O de Bento Gonçalves fôra aniquilado e o de Neto expelido para fóra da província. Restavam ainda pequenos núcleos, que de certo acabariam sufocados, em vista do prestígio militar do govêrno naquele momento.

Ocorre, todavia, um sucesso inesperado, em virtude do qual sobrevem notável mutação no cenário militar. O brigadeiro Bento Manoel, como vamos vêr, abandona as fileiras governistas e passa-se para as revolucionárias, proporcionando desse modo novo vigor e novas esperanças aos republicanos rio-grandenses. (1)

Levado talvez por motivos políticos, o govêrno central exonerara Araùjo Ribeiro do cargo de presidente e nomeara para substituí-lo o brigadeiro Antero José de Brito, que entrou em funções a 5 de janeiro de 1837.

Dessa forma entregava a uma só pessoa, isto é, a um general, todos os encargos militares e administrativos da província.

Afirmam que o novo presidente esposou logo as antipatias contra o seu predecessor e não se houve com o tacto necessário nas suas relações com Bento Manoel, que deveria ser naquele momento o seu principial colaborador militar, e cuja amizade e solidariedade com Araùjo Ribeiro eram notórias e já tinham sido postas à prova. Daí um dissídio entre os dois.

"Na ocasião de tomar posse e nos seguintes dois dias — escreve Lobo Barreto — proferiu o novo presidente algumas expressões que demonstravam que êle abominava partidos, e só justiça faria; porêm, pouco depois começou a justificar que estava disposto a seguir um rumo diametralmente oposto ao do seu antecessor. Como dissemos, êste tinha tocado a meta da generosidade e condescendência com os mais criminosos rebeldes; o que de certo desgostou aos Legalistas, temendo a cada instante uma reação na capital. Antero, pelo contrário, desenvolveu uma perseguição geral e enérgica contra os anarquistas, e êste seu excesso se atribuiu à camarilha anti-Ribeirista, que só almejava vinganças".

---

(1) O govêrno imperial recompensara-o pela vitória do Fanfa, promovendo-o a brigadeiro (14 de novembro de 1836).

Digitized by Google

"Tomando, pois, as rédeas do govêrno, principiou por desfazer tudo quanto Araùjo tinha praticado. As cadeias foram atulhadas de presos; diferentes empregados, conservados ou promovidos por aquele, foram suspensos ou demitidos. Várias deportações houve na capital e Rio Grande".

"Além de tudo isso principiou logo o novo Presidente a incitar ao Comandante das Armas (**Bento Manoel**) em seus ofícios e informando mui mal a Côrte a seu respeito".

Sabendo que Antero o tinha denunciado como procrastinador das operações militares e mostrado a urgência de sua substituição, Bento Manoel não descuidou de prevenir-se, **para não ficar desmoralizado em um meio que de sobêjo o conhecia**.

A 17 de fevereiro (1837), oficiava a Antero, de Rio Pardo. Dizia-lhe: "Atacado de enfermidade crônica e tendo V.Ex. me feito sentir em seu ofício de 10 de janeiro, inserto na Sentinela n.º 562, que os legalistas de Porto Alegre estão descontentes do meu modo de fazer a guerra, espero portanto que V. Excia. se sirva nomear um oficial de sua confiança que venha comandar esta Fôrça, enquanto o Govêrno Imperial, a quem peço demissão, não providenciar a respeito".

Dirigiu-se na mesma data ao Visconde de Lage, ministro da Guerra. Enviou-lhe cópia do ofício anterior e solicitou a sua exoneração do comando das armas. Afirmava estar doente e impossibilitado de continuar no exercício do cargo. Pedia lhe fosse permitido retirar-se para S. Paulo.

A demissão oficial só lhe foi dada por decreto de 14 de abril de 1837. Antes, porêm, a 1.º de março, Antero respondeu ao seu ofício de 17 de fevereiro. Declarou que êle poderia entregar o comando ao oficial mais graduado sob suas ordens. Bento Manoel passou-o, em Caçapava, ao coronel João Crisóstomo da Silva.

De tudo isso ficou-lhe nalma profunda mágua contra Antero de Brito, de quem êle afinal se vingou prendendo-o no passo do Itapevi, a 23 de março de 1837, nas condições que breve recordarei.

Antes, porém, convem referir que Antero fez uma viagem de inspeção à cidade do Rio Grande. Saiu de Porto Alegre a 11 de fevereiro (1837), em uma canhoneira da esquadra. A 17 alcançou a barra do São Gonçalo.

Sabendo que Silva Tavares lograra recuperar a liberdade, nomeou-o, a 19, comandante geral do Distrito do Rio Grande e Pelotas.

Digitized by Google

Mandou ocupar êste último ponto e partiu para o Rio Grande, onde aportou a 21.

Estava ainda ali Araújo Ribeiro. Convencido de que êle servia de centro de convergência dos desgostosos com a sua administração, compeliu-o a sair da província. Fez alterações nos quadros administrativos, as quais patenteavam os seus intuitos reacionários contra os que suspeitava de aditos ao seu predecessor.

"O presidente Antero — conta Lobo Barreto — desenvolveu no Rio Grande uma energia extraordinária, e de ali representou vivamente para a Côrte contra a apatia de Bento Manoel, tendo a impolítica de mandar inserir em um dos jornais da capital um ofício, que sôbre êste objeto dirigiu ao Ministro. Alí recebeu também um ofício do dito comandante das armas, pedindo sua demissão, a que bruscamente contestou — que entregasse ao oficial a quem por sua graduação competisse".

De Rio Grande foi Antero a Pelotas e de lá a Porto Alegre, onde desembarcou a 11 de março.

Em Pelotas, passou revista às forças de infantaria e cavalaria, comandadas por Silva Tavares.

As notícias que lhe chegavam da atitude de Bento Manoel cada vez mais o irritavam, tornando-o incompatível com êste general.

A 13 de março, oficia ao ministro da guerra. Expõe-lhe sem rebuços a situação. Conta que de regresso a Porto Alegre **conheceu** que o comandante das armas, de acôrdo com Araùjo Ribeiro, tramara a sua deposição; depois procurara com **abaixo-assinados** conseguir a sua demissão e a reintegração de Araùjo Ribeiro, como nada obtivesse, **dissolveu quasi o exército** e **licenciou a muitos.** Estava reünindo e engajando em Alegrete os emigrados orientais afim de pô-los à dosposição de Frutuoso Rivera. Este exigira passaporte para volver ao Uruguai com os oficiais que o acompanhavam. Antero negara-lho. Só lhe permitia regressar à sua Pátria por via marítima. Respondeu que então **fugiria.** (1) Saiu para Rio Pardo a 14. Teve aí confirmação de que o exército fôra **dissolvido.** O comandante das armas não só dispensara a **gente,** mas até **consentira que levassem** o armamento, munições e cavalos. "Todos estavam espavoridos, esperando o desentrecho desta nova crise. Resolveu dar ordem para nova reünião de **gente** e passaporte para Rivera e Lavalle sairem da província por via

(1) Rivera emigrara para o Rio Grande do Sul, com vários correligionários, depois da derrota que lhe infligiu Oribe, presidente do Uruguai, a 19 de setembro de 1836, nas pontas do Carpinteria.

Digitized by Google

marítima. "Pretendo — escreve textualmente Antero — aproximar-me à fronteira para observar os movimentos do Estado Oriental, das fôrças engajadas e da marcha do comandante das armas, conforme as circunstâncias, assim deliberarei; e entretanto se faz aqui a reünião, para vermos se consigo dar o último golpe nos anarquistas antes de findo o verão".

Na situação em que libravam as cousas militares, é claro que Antero procedia bem dirigindo-se à campanha. Dêst'arte animaria com a sua presença os defensores da legalidade e estaria em melhores condições para providenciar com rapidez sôbre nova mobilização de combatentes.

Diz Araripe que êle ordenara a reünião do tenente-coronel João Crisóstomo da Silva, então em Caçapava com 900 homens das tres armas, com o coronel Gabriel Gomes, que se encontrava em Rio Pardo à frente de 600, afim de juntos baterem os rebeldes, "os quais por conivência de Bento Manoel já tinham podido preparar e congregar fôrças nos distritos de Jaguarão e Piratiní".

Antero chegou a Rio Pardo ao anoitecer de 17 de março, tendo vindo de Porto Alegre numa galeota, em companhia do chefe das fôrças navais. Seguiu por terra para Cachoeira no dia 19, depois de visitar o acampamento das fôrças do coronel Gabriel Gomes. Levava consigo um grupo de oficiais e um piquete de cavalaria de 20 homens, comandado pelo alferes Hilário Fortes (1). De Cachoeira continuou pela estrada de Alegrete. Atravessou o Jacuí no passo de S. Lourenço. A 22 recebeu cartas de Barreto e de João Crisóstomo. Aquele prevenia-o do estado de espírito hostil de Bento Manoel e êste de que recebera o comando das armas das mãos do dito Bento Manoel (2).

Entrementes Bento Manoel desenvolvia seu plano. De Caçapava dirigiu-se a Alegrete e depois a S. Gabriel, donde saíu — segundo conta Lobo Barreto — com a guarnição local, **"composta de algumas praças do 3.º corpo de 1.ª linha e mais alguns paisanos**, e voltou a Alegrete. De lá encaminhou-se à fazenda S. Luis, onde aguardou o cumprimento de suas ordens para que Antero fosse preso em caminho.

Antero cruzou o Santa Maria, a 23 de março, no passo de S. Simão; depois de algum repouso, prosseguiu a viagem, mar-

(1) Lobo Barreto fazia parte desse grupo, razão por que seus informes são de testemunha ocular.

(2) O oficial mais graduado era Calderon. Não havia, pois, sido cumprida a ordem de Antero.

Digitized by Google

chando à noite. À meia noite desse dia, estava no passo do Itapeví, com toda a sua comitiva.

"Já se dispunha a buscar acampamento — relata Lobo Barreto — quando foi avisado que uma fôrça se avistava a distância de pouco mais de três quadras. Então parou (e quiçá se arrependeu da sua temeridade) e se conservou a cavalo junto do Passo, enquanto o comandante do piquete e o sargento foram vêr quem era. Estes, mal se aproximaram, ficaram presos e como não voltavam, tinham em sobresalto a c o m i t i v a. Não tardou, porém, a ouvir-se uma voz que dizia: **E' o Snr. Comandante das Armas com o seu piquete** e ao mesmo tempo a dita fôrça em linha de batalha vinha mui devagar avançando sôbre o Passo: o Presidente então, levando junto a si o capitão Câmara e o 1.º oficial da Secretaria, foi ao seu encontro; indo a meia quadra o major Marques com seis soldados, a passo muito perto (**sic**), com (**sic**) já desconfiando do r e s u l t a d o desse encontro".

"Achando-se pois o Presidente cara a cara com êles, lhe perguntaram quem era, e respondeu: **O Presidente da Província,** em grande alarido lhe deram voz de preso e vozes se ouviram de **mata camelos.** Neste desgraçado ensejo Antero exclamou: **Não venho a fazer mal a pessoa alguma. Snr. Comandante, quem quer que é, não ofendam pessoa alguma das que me acompanham; se eu sou delinqüente, dirijam a mim.** Então, depois de desarmarem os que seguiam, o Comandante exclamou: **Viva a união das Províncias do Império.** Neste tempo ouviram-se tiros de pistola do outro lado do arroio; e o Presidente de novo instou que não houvesse vítimas, que todos eram brasileiros, que êle se oferecia a ir chamar os fugitivos, e desarmá-los. Poucos minutos depois tudo estava serenado; a comitiva do Presidente e êle foram metidos entre aquela fôrça, servindo de escolta, e tudo retrogradou para o Saican; pondo-se Bento Manoel, seu filho, seu irmão Mingote e Dr. Sá Brito a seu lado, os quais todos estiveram no mato do arroio em observação; sendo o encarregado dessa prisão o capitão Demétrio, outrora capataz de Bento Manoel" (1).

O procedimento de Bento Manoel foi positivamente escan-

(1) Antero de Brito permaneceu vários mêses como prisioneiro dos revolucionários.

A 5 de janeiro de 1838 estava com êles em Viamão, donde escrevia ao marechal Sebastião Barreto. Dizia-lhe que os republicanos ofereciam trocá-lo pelo tenente-coronel Amaral Sarmento Mena. Este rio-grandense era pessoa respeitável, tinha tres filhos nas fileiras revolucionárias e fôra preso injustamente. O juiz de paz dera-lhe baixa de culpa — conta Elzeário — e insi-

Digitized by Google

daloso e injustificável; revelou a mais completa indisciplina da parte do antigo comandante das armas. Equivalia a um rompimento com o govêrno imperial, a quem êle não poderia mais coadjuvar. Nada, pois, mais compreensível do que a sua adesão aos revolucionários. Como ela se realizou, ou melhor, os seus pormenores ignoro-os e não tem hoje para nós a mínima importância. E' justificável que os revolucionários o acolhessem desconfiados em suas fileiras. Seria, todavia, prudente repelí-lo? Não, de certo. Tratava-se de um batalhador valoroso, cuja colaboração poderia ser-lhes útil.

Em carta que escreveu, em 23 de maio de 1837, a alguns generais então no Rio Grande, procurou Bento Manoel justificar-se de modo que ainda mais lhe agrava o procedimento e nenhum aplauso encontrará entre os militares dignos dêste nome.

"Conhecendo — diz êle — os infinitos males que o despotismo e a arbitrariedade do brigadeiro Antero José Ferreira de Brito faziam pesar sôbre os mais distintos e leais Rio-grandenses, e bem assim os que por sua péssima administração ameaçavam submergir para sempre em um pélago de desgraças esta infeliz província, prendi-o para evitar, enquanto é tempo, o precipício a que em tão curto espaço nos ia êle arrojando".

As vantagens da defecção de Bento Manoel logo se fizeram sentir nas operações militares. Era projeto de Antero, como disse, reünir às forças de Caçapava, sob o comando do coronel Crisóstomo da Silva, as que o coronel Gabriel Gomes capitaneava em Rio Pardo. Agora, porêm, tornava-se possível aos revolucionários atacar separada e sucessivamente esses dois destacamentos.

Tendo voltado do Uruguai, para onde haviam sido expelidos, já ao corrente da prisão de Antero por Bento Manoel e, ao que se afirma, por conselho dêste, os revolucionários, guiados por Neto, dirigem-se a Caçapava, onde os legalistas tinham "todo o depósito bélico de campanha". Ali são sitiados e obrigados a render-se (8 de abril de 1837). Crisóstomo da Silva pensou em romper o sítio e dirigir-se ao passo de S. Lourenço, mas iniciou a execução da idéia demasiado tarde e sem resultado. Tinha consigo 15 peças de artilharia e muitas armas de infan-

---

nuára-lhe que saisse das trincheiras e fosse até Viamão, o que êle fez. Alí tambem Antero foi posto em liberdade.

Não houve, portanto, nenhuma negociação formal para a troca dos prisioneiros, afirma-o categoricamente o general Elzeário.

Este episódio ficou perfeitamente esclarecido por Aurelio Porto. (Publicações do Arquivo Nacional — vol. XXX — pag. 302).

Digitized by Google

taria. Perdeu-as todas. Seus soldados numeravam, segundo Araripe, 900 homens, e, segundo Fernando Osório, 540 (guardas nacionais e paisanos).

Neto dispunha de mais de 1000 homens e contava, a seu lado, com Guedes, João Antônio, Canabarro e outros caudilhos de valor.

Reünidos em Caçapava os chefes revolucionários, inclusive Bento Manoel, traçaram novo plano de manobra. Em vista dêle, Neto encaminha-se para Rio Pardo, em busca do outro destacamento dos imperiais, mas as fôrças que o govêrno tinha em Rio Pardo e Triunfo, aventando o perigo que as ameaça, batem em retirada para Porto Alegre.

De Rio Pardo avançou Neto para Triunfo e depois para a capital, cruzando os rios Caí e Gravataí. Intimou a rendição da capital, a 11 de maio de 1837, e, como não obtivesse resposta, tratou de atacá-la e por fim de sitiá-la.

Começa assim o segundo sítio de Porto Alegre. Afirma Varela que Neto contava com 1400 combatentes. Segundo Araripe, a capital dispunha de 700 infantes, 250 cavaleiros, alguns paisanos armados, 22 bocas de fogo e **"trincheiras por todo o lado de terra"**.

Além disso, refere o mesmo autor que a cidade do Rio Grande estava defendida por 600 homens e 15 bocas de fogo e organizara trincheiras; que Silva Tavares dispunha de 800 combatentes, Sebastião Barreto aliciava gente na campanha, e Grenfell defendia com a sua esquadrilha as águas interiores navegáveis.

Digitized by Google

# SEGUNDA PARTE

---

## ESFÔRÇO DOS REVOLUCIONÁRIOS PARA CONQUISTAR A CAPITAL, A QUE PÕEM CÊRCO, E DOS LEGALISTAS PARA DESCERCÁ-LA E BATER OS ADVERSÁRIOS

Digitized by Google

Digitized by Google

# CAPÍTULO I

**Nomeação successiva do Chagas Santos e Elzeário de Miranda e Brito para substitutos do Antero. Tentativas de paz. Efeitos do sitio. Sebastião Barreto volta ao Rio Grande e entra em ação. E' derrotado e recolhe-se a Porto Alegre. Gabriel Gomes marcha contra Neto, que o derrota. Distribuição das fôrças combatentes em começo de 1838. Organização dos legalistas dada por Elzeário de Brito. Elzeário assume a ofensiva contra os sitiantes da capital, que batem em retirada para o norte e vão até Lages. Elzeário dirige-se a Rio Pardo para acometer Bento Manoel, a quem recalca para oeste. Os legalistas procuram firmar-se em Rio Pardo, onde os revolucionários vão atacá-los. Combate do Rio Pardo e suas conseqüências.**

Em conseqüência da prisão de Antero de Brito, dá-lhe o govêrno substituto na pessoa do general Francisco das Chagas Santos, que poucos dias se demorou no cargo (de 16 de maio a 6 de junho de 1837). Passou-o a Feliciano Nunes Pires, o qual, por sua vez, o entregou ao marechal Antônio Elzeário de Miranda e Brito (3 de novembro de 1837).

Em meiados de 1837 houve uma tentativa de paz. Greenfell e Silva Tavares de um lado, e o coronel Domingos Crescêncio, comandante das tropas revolucionárias em Pelotas, do outro, combinaram uma **suspensão de armas** (20 de maio). Grenfell foi depois a Porto Alegre, com dois emissários rebeldes, que deveriam passar a Viamão e avistar-se com Neto. Como Chagas Santos não aprovou essas gestões, elas se malograram.

Porto Alegre resistiu galhardamente ao sítio dos adversários.

A esse respeito, escreve Eudoro Berlink:

"Muito sofria a capital, já pelo apertado assédio, que fazia escassear-lhe os víveres, privando-a de receber os gêneros de primeira necessidade e ainda pelos constantes alarmas, que traziam paisanos e soldados em contínua guarda às trincheiras".

"Reinava a maior vigilância sôbre as embarcações que saiam para o interior; homens e mulheres indistintamente eram

Digitized by Google

sujeitos a medidas de rigor fiscal. Escasseavam já os gêneros de importação, e a cidade alêm dessas falhas ainda sofria os surtos de um bombardeio, mais ou menos ativo".

"Em geral eram êles à noite, e uma parte da população inerme acolhia-se então ao bairro do Arsenal, onde não chegava o alcance dos canhões rebeldes, quási todos de pequeno calibre. Respondiam as trincheiras; e as canhoneiras que defendiam o porto, faziam alguns tiros sôbre os sitiantes, com menos resultado ainda do que estes sôbre a cidade".

"O bombardeio do dia 20, em que Neto, quebrando a trégua, investiu de novo a capital, foi o mais sério e fatal. Os canhões inimigos conseguiram arrojar dentro da cidade 106 bombas, balas ardentes e bala raza. Ficaram arruinadas treze casas, em duas lavrou o fogo, morrendo duas crianças e cinco adultos, e ficando muitos outros feridos".

"Os bombardeios da noite de 22 de julho e dia 7 de agosto, ao primeiro dos quais Nunes Pires assistiu das trincheiras, não produziram os estragos que se deveriam lamentar do grande número de bombas, que foram atiradas sôbre a cidade. O ataque de 25 de junho, a que nos referimos, nenhuma vantagem trouxe também para a legalidade. Em quatro horas de fogo perderam os imperiais pouca gente, mas, entre essa o valente major Mazarredo, comandante do 8.º de caçadores" (1).

Depois do insucesso de que fôra vítima, o marechal Sebastião Barreto retirou-se para o Estado Oriental, permanecendo em sua estância de Taquarembó, junto à fronteira. Logo, porêm, que soube do procedimento de Bento Manoel com o presidente Antero de Brito, voltou ao Rio Grande e foi reünir-se a um grupo de legalistas que andava pela região de Cruz Alta. Ali tem notícia de que Bento Manoel e João Antônio da Silveira buscam subir a serra e por isso marcha-lhes ao encontro. A 7 de julho, estava nos campos do Atanagildo quando seus bombeiros o avisam, já noite escura, de que Bento Manoel fôra visto, com uma escolta, apeando-se em uma casa da vizinhança. Barreto mandou prendê-lo. Houve troca de tiros. Fugitivos da escolta de Bento Manoel levaram a notícia do facto aos revolucionários, que se encontravam a meia légua de distância. Na manhã de 7 de julho, estes caíram sôbre Barreto e o derrotaram, obrigando-o à retirada. Bento Manoel logrou escapar das mãos dos inimigos.

Depois desse desastre, o marechal Barreto, à frente de 400 homens, encaminhou-se para Porto Alegre, aonde chegou a 11

(1) **Caxias**, por VILHENA DE MORAES (pg. 114 e 115).

Digitized by Google

de novembro (1837). Em ordem do dia de 13, o marechal Elzeário, que poucos dias antes assumira as suas funções (3 de novembro), patenteou o seu júbilo por esse acontecimento.

Os revolucionários mantinham um pequeno destacamento (cêrca de 300 homens) na região de Triunfo, cuja missão, segundo Varela, consistia em fazer a ligação entre as fôrças que sitiavam Porto Alegre e os correligionários da campanha. Feliciano Nunes, compreendendo ser isso um meio de garantir a vinda de recursos para os sitiantes, resolveu, de acôrdo com o brigadeiro Cunha, nomeado comandante da praça de Porto Alegre, mandar desbaratar esse destacamento. Confiou a entrepresa ao coronel João Gabriel Gomes, a quem entregou 352 combatentes das tres armas (Varela) (1). Seguiram todos embarcados, sigilosamente, na barca a vapor **Comércio** e foram pôr pé em terra, na manhã de 6 de agosto (1837), num ponto distante 6 léguas de Triunfo (no **Pontal**, diz Varela). Dali abalaram para Triunfo.

Noticioso desta providência, Neto corre célere, à testa de 470 homens; acomete Gabriel Nunes e derrota-o (12 de agosto de 1837). O chefe adversário sucumbe na luta.

"Em princípio do ano de 1838 — escreve Tristão de Alencar Araripe em seu trabalho sôbre a revolução rio-grandense, de que fartamente me tenho aproveitado — o estado militar da província era o seguinte:

"Os rebeldes ocupavam Viamão, onde Bento Gonçalves comandava 1500 a 1600 praças empregadas no assédio de Porto Alegre; António Neto estava em Bagé com 400 soldados; Domingos Crescêncio achava-se sôbre o Piratiní com 600; Bento Manoel e David Canabarro andavam em campanha com 500; diversas partidas rebeldes estavam em outros pontos, fazendo essas diferentes fôrças um total de pouco mais de 3000 homens".

"Os mesmos rebeldes, mantendo o seu govêrno, mais nominal do que real, em Piratiní, elevada a capital da intitulada república rio-grandense, abasteciam-se de petrechos bélicos, que recebiam por via de Montevidéu".

"As fôrças legais na província guardavam Porto Alegre, a cidade do Rio Grande e a vila de S. José do Norte; alguns guardas nacionais estavam reünidos na serra. A esquadrilha imperial, com limitada marinhagem, defendia as aguas navegaveis da província".

---

(1) Lobo Barreto diz: 500 homens de infantaria e cavalaria e 1 peça de artilharia.

Digitized by Google

"Estas fôrças podiam orçar no dôbro das fôrças rebeldes, isto é, subiam pouco além de 6000 homens".

Elzeário de Brito organizou duas divisões, a que chamou respectivamente **Divisão da Direita** e **Divisão da Esquerda**.. Entregou a primeira ao marechal Sebastião Barreto e a segunda ao brigadeiro Silva Cabral. Aquela tinha por missão operar ao norte, na região de Porto Alegre; e esta ao sul, na região da Rio Grande, visando Piratiní.

"Da **Divisão da Esquerda**, que foi acampar junto ao passo dos Canudos, no rio São Gonçalo, fazia parte como chefe das Cavalarias da Guarda Nacional o coronel João da Silva Tavares" (1).

Elzeário compôs a **Divisão da Direita** com o 1.º e o 8.º de caçadores, 2 corpos de cavalaria e um parque de 8 bocas de fogo. Localizou na capital os caçadores e mandou Calderon com a cavalaria para o outro lado do rio, no sítio da Picada (Lobo Barreto). Depois foi ao Rio Grande inspecionar as tropas dessa região; de lá regressou em fins de janeiro de 1838; seguiu-o logo o 2.º batalhão de caçadores.

Os revolucionários que sitiavam Porto Alegre eram em número de 1600 e estavam sob o comando de José Mariano de Matos. Acampavam a uma légua de distância da capital e ocupavam um forte que haviam construido a meio do caminho, na estrada do passo da Areia (Berlink).

Além disso Neto, Bento Gonçalves e Bento Manoel procuravam reünir os seus grupos e juntar-se aos sitiantes.

A separação dos inimigos era uma circustância tentadora. Elzeário concebeu o plano de atacar os sitiantes antes dessa reünião, interpondo-se entre os dois grupos adversos.

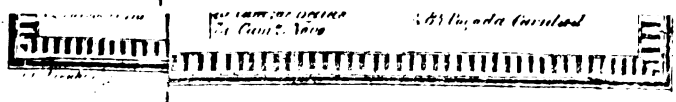
Com esse intúito assume a ofensiva.

"A 29 de janeiro (1838), os tres batalhões são conduzidos embarcados pelo rio acima e a cavalaria por terra do outro lado, e todos fizeram a sua junção na Ponta Rasa, entre a vila do Triunfo e a capital; e dali, marchando com bastante morosidade, se dirigiram a bater os sitiantes" (Lobo Barreto).

Em ofício ao ministro da guerra, de 16 de fevereiro de 1838, refere Elzeário que saíu de Porto Alegre, a 31 de janeiro por via fluvial, e foi desembarcar na picada de D. Rita Pires, onde se encontrava a brigada de cavalaria do coronel Calderon. Acompanharam-no o marechal Barreto, comandante da divisão, e o brigadeiro Cunha. Levou consigo alguma tropa. Daí pas-

(1) **História do General Osório**, por FERNANDO OSORIO — 1.º vol., pg. 346.

Digitized by Google



Digitized by Google



Digitized by Google

sou para a margem esquerda do Jacuí. Foi até o passo do Caí e depois ao Portão. A 7 de fevereiro fez um reconhecimento sôbre São Leopoldo, para onde depois se encaminhou a divisão. No dia 11 alcançou a Aldeia dos Anjos; a 12 avançou para o Passo Grande. Soube que Bento Gonçalves e Bento Manoel haviam reünido gente no Caí, feito fogo contra as canhoneiras que se encontravam no passo geral, e que pelo passo do Pesqueiro atravessara uma partida **para o outro lado do rio.** Mudou de rumo para S. Leopoldo. No dia 13 juntou-se-lhe o capitão Ourives, vindo de Viamão com 400 homens. A divisão foi ao passo da Areia. Apreendeu-se a correspondência de Bento Gonçalves, Bento Manoel e outros, levada por dois estafetas. No dia 14 continuou-se a marcha. Enviou-se um pequeno destacamento a S. Leopoldo; o restante da divisão foi ao passo da Cachoeira, no Gravataí (1).

Logo que os revolucionários perceberam o perigo que entranhava esse largo movimento desbordante pelo norte do Gravataí, retraíram-se deixando que o golpe encontrasse o vasio.

A essa sua operação chamou Elzeário, pomposamente, **passeio militar.**

"Em sua precipitada retirada — escreve êle ao ministro — queimaram (**os rebeldes**) os reparos de 5 bocas de fogo, enterrando-as com os projectis, e reduziram também a cinzas as bagagens, abandonando ao mesmo tempo grandes manadas de gado, que haviam roubado, e alguns cavalos, e bem assim deixando famílias que consigo levavam, e desta sorte mais leves puderam pela serra evadir-se, com cerca de 400 escravos armados e 200 cavaleiros, à justa vingança da Divisão que os seguia, e isto sem ela descarregar suas armas, nem tirar a espada, mais que a guarda da frente, que, próximo à margem do rio Jacuí, ao mando do bravo major José Joaquim de Andrade Neves, comandante do 3.º corpo de cavalaria de Guardas Nacionais, carregou pouco mais de cem homens insurgentes, e pondo-os em precipitada fuga, com a maior galhardia, aprisionou tres e matou doze".

Os revolucionários rumaram para o norte, subiram a serra e foram até Lages, em Santa Catarina, sem que o chefe legalista Loureiro, que reünira um pequeno grupo de partidários em Cruz Alta, lograsse estorvar-lhes os movimentos. Aboliram no

---

(1) Guio-me em parte pelo **itinerário** apenso a um dos ofícios de Elzeário. Lamento seja superficial e mal elaborado, pois sem esses defeitos nos facultaria saber bem os transportes fluviais e as marchas terrestres que permitiram às tropas irem de Porto Alegre à margem esquerda do Jacuí.

Digitized by Google

município de Lages o regímen monárquico e declararam êste município encorporado à República Rio-Grandense (1).

Afirma Varela que "as escoltas farroupilhas correram o território até o norte, chegando quási às raias de S. Paulo", mas que, como José Mariano havia efetuado a entrada com a sua divisão **sponte sua** e "recebesse constantes ordens de retorno à primitiva área de atividade, apressou-se a continuar a interrompida marcha", o que fez a 7 de abril (1838).

Regressaram assim os revolucionários ao Rio Grande, desceram a serra de Botucaraí e foram ocupar "o abandonado acampamento nas linhas do sítio".

O assédio da capital esteve, pois, suspenso durante algum tempo. A divisão imperial da direita foi estacionar, conforme disse, junto ao passo da Cachoeira, no rio Gravataí, aguardando ordem para novas operações.

Convém mencionar aqui um documento interessante, que se encontra no Arquivo Nacional, referente aos movimentos da divisão revolucionária que sitiava Porto Alegre e retirara para a Serra. E' uma carta de Bento Gonçalves aos coroneis Mariano de Matos e Marcelino José do Carmo, comandantes dessa divisão, escrita no passo do Pesqueiro (rio Caí) a 10 de fevereiro de 1838, isto é, no período em que Elzeário marchava contra os inimigos (2).

Diz Bento Gonçalves ter recebido a carta dos dois companheiros a que se dirige, escrita a 8 de fevereiro, na qual lhe participavam a retirada do Forte e os motivos que os obrigavam a isso. Aprova a medida tomada. A vantagem estava do lado do govêrno. Êle, Bento Gonçalves, teve de **congregar** fôrças para bater os grupos de Caçapava e Cachoeira, que **iam engrossando.** Depois disso marchou com Bento Manoel em busca da divisão dos ditos companheiros. Fê-lo na retaguarda do **galego** Elzeário, afim de que êle não pudesse avançar atrás da divisão farroupilha para lá da Aldêia. Acham conveniente — êle e Bento Manoel — que José Mariano e Carmo, em vez de subirem a serra pelo caminho de Santo Antônio, **sigam em direitura** à Freguezia da Serra. Se o inimigo fôr até lá, o que lhe parece

---

(1) Em vista da ocupação de Lages pelos revolucionários, votou a Assembléia de Santa Catarina a lei n. 78, de 4 de abril de 1838, em que se proïbia "a exportação de todos os artigos e comércio, de qualquer ponto da província, para o município de Lages ou parte dela, por tempo de um ano, se antes não fosse o dito município evacuado pelas fôrças insurgentes da Província do Rio Grande do Sul, que ora o ocupam" (Almirante Henrique Boiteux).

(2) Deve pertencer à correspondência interceptada pelos legalistas, a que ha pouco fiz alusão.

Digitized by Google

impossível, **poderão subir pelas Tres Forquilhas,** ou por um outro caminho que lhe consta haver **imediato àquele.** Poderão inutilizar a artilharia. Caso sejam forçados a subir a serra, êle e Bento Manoel lá se lhes reünirão trilhando outra estrada.

A carta termina assim:

"O coronel João Antônio com parte de sua divisão opera sôbre o mato Castelhano, para onde se refugiou Loureiro. O general Neto carregou sôbre Silva Tavares e Rio Grande, depois de fazer dispersar os restos de José Rodrigues, mesmo no Estado Oriental, de combinação com aquele govêrno. Finalmente, muito confio em V. Sas. e no valor dos bravos que compõem essa Divisão, advertindo-lhes que a direção que indico a essa Divisão é a que convém ao plano, que havemos traçado; mas, se circunstâncias imperiosas os obrigarem a seguir seu primeiro plano ou adotar outro qualquer, ou seja para salvar a Divisão, ou para bater o inimigo com vantagem, não devem trepidar em assim obrar".

Vê-se, pois, que a retirada dos sitiantes de Porto Alegre para cima da serra fez-se com prévio conhecimento de Bento Gonçalves.

A 6 de março (1838), Elzeário pôs-se em movimento com a divisão Barreto. Foi a Taquarí, passou a 11 o rio dêste nome e seguiu para Rio Pardo, recalcando na frente o destacamento inimigo sob o comando de Bento Manoel. A 17 de março entrava em Rio Pardo. Bento Manoel abandonara a povoação e fôra acampar para o lado das Pederneiras (Berlink).

Conviria continuar a perseguição?

Afim de decidir o caso, reüniu Elzeário um conselho de guerra em Rio Pardo (18 de março). Ficou assentado, contra o só parecer do comandante em chefe, que não se devia continuar a marcha e repelir os rebeldes para lá de Cachoeira, em vista do estado da cavalhada.

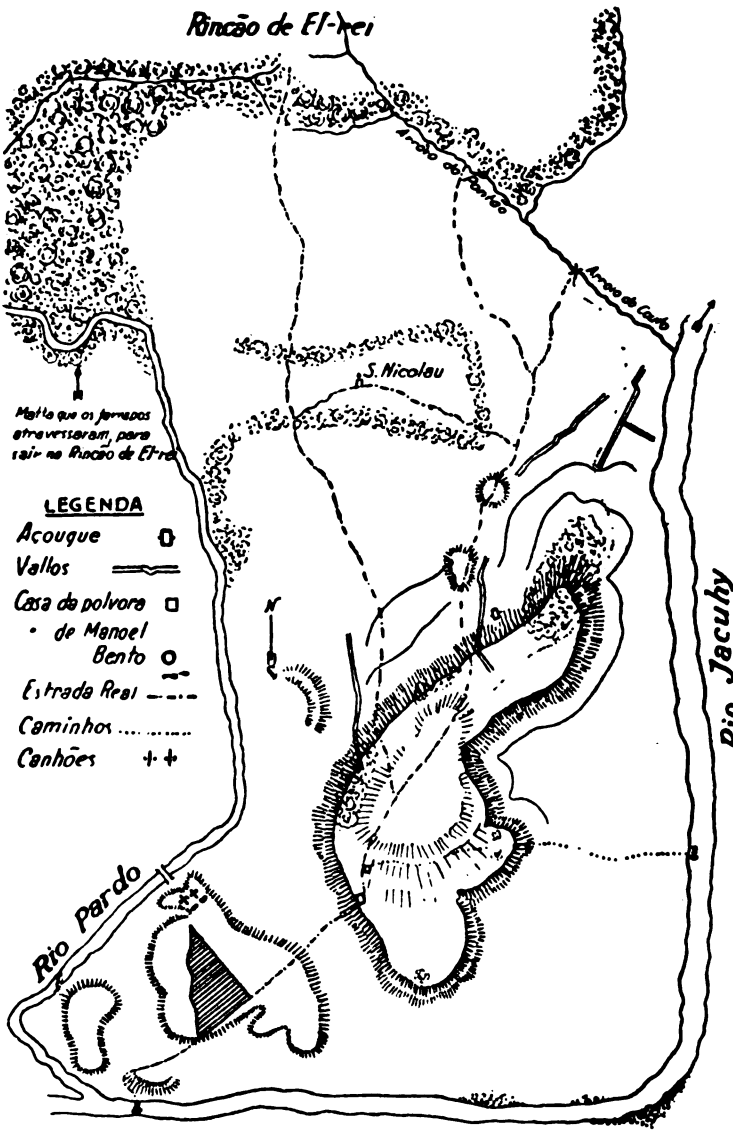
Em Rio Pardo deixou Elzeário o marechal Barreto com 2 batalhões de infantaria (1.º e 2.º), 2 regimentos de cavalaria (2.º e 3.º) e 8 bocas de fogo. Ficaram sob as ordens dêle, como comandante da infantaria, o brigadeiro Xavier da Cunha, e da cavalaria o brigadeiro Bonifácio Calderon.

Deixou em Taquarí o 8.º batalhão, à disposição de Barreto, e "ao longo do Jacuí, uma esquadrilha de canhoneiras e um vapor ao mando de Grenfell" (Berlink).

Tomadas estas disposições, voltou Elzeário a Porto Alegre.

Os revolucionários aproveitam a sazão favorável. Grupam-se convenientemente e, tendo à sua frente Neto, Bento

Digitized by Google




COMBATE DO RIO PARDO

"Levado organizado pelo autor, graças ao concurso de seu amigo José de Andrade Neves Mabilde e muito principalmente do agrimensor Pedro Saccarello, a instancias do saboroso General

(Reproduzido do livro "Política Brasileira Interna e Externa" de Dr. Alfredo Varela - pag 176)

Manoel, Canabarro, João Antônio e outros, lançam-se contra o marechal Barreto, em Rio Pardo, e infligem-lhe completa e estrondosa derrota (30 de abril de 1838).

Digitized by Google

Para a perfeita inteligência destes sucessos, é indispensável lançar a vista a uma carta da região, embora imperfeita (1).

A vila de Rio Pardo, hoje cidade, fica na confluência do Jacuí com o seu afluente da margem esquerda chamado Rio Pardo. Estes dois cursos d'água desenham para o lado do norte uma espécie de quadrilátero fechado pelo arroio do Couto (também afluente do Jacuí) e por extensa mata, em cujo interior existe uma clareira conhecida pelo nome de Rincão d'El-Rei. O Jacuí não tem pontes e o Pardo conta apenas uma assinalada no esboço. Essa falta de pontes e a região de mato a que acabo de referir-me, constituiam predicados inestimáveis do quadrilátero em que se fôra meter Barreto. Era, todavia, indispensável vigiar o mato do Rincão d'El-Rei, afim de que os inimigos não surgissem nêle inesperadamente. Mas, dado que isso ocorresse, havia ainda no terreno uma cochilha denominada Barro Vermelho, que poderia ser utilizada como excelente posição defensiva, e para onde convergiam as duas estradas que vinham respectivamente do Rincão e da margem esquerda do arroio do Couto, sendo que a segunda era a que levava a Santo Amaro e a Triunfo (2).

Antes de regressar para Porto Alegre, deixando Barreto em Rio Pardo, entregou-lhe Elzeário umas **Instruções**, datadas em 25 de março de 1838.

Declara nesse documento que a missão de Barreto é **impedir que o inimigo atravesse o rio Pardo e o Jacuí da foz daquele para baixo.** Diz não tratar de operações porque isso se-

(1) Junto aqui a do Dr. ALFREDO VARELA (**Política Brasileira, interna e externa** — 1.º vol., pg. 177).

(2) Já estavam escritas estas linhas, quando me veio às mãos o fascículo de Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul relativo ao 4.º trimestre do décimo-sexto ano. Nêle se me deparou um artigo do 1.º tenente Paranhos Antunes sôbre o **Combate do Rio Pardo.** O autor revela-se perfeito conhecedor do local em que êle se travou. Diz que foi ao Barro Vermelho durante um período de férias regulamentares e escreveu o seu trabalho no próprio campo da peleja.

Eis como o descreve:

"A histórica cidade do Rio Pardo, assente em donairosa colina de ondulações ora suaves, ora íngremes, acha-se enlaçada quási pelos rios Pardo e Jacuí. Apenas pelo Barro-Vermelho, via Bôa-Vista, ha uma saída para o Norte, a pé enxuto. Quem, andando por essa estrada, alcançar as alturas do Barro-Vermelho, via Bôa-Vista, tres quilometros fóra, á Nordeste da cidade, ha de deter-se um pouco, com certeza, admirando a paisagem.

Em frente, para o Norte, é a planicie, ligeiramente acidentada, pontilhada de moitas baixas de mata. Demora, hoje, naquela baixada, a estação do Couto, com as oficinas da Viação Férrea e o vilarejo que a circunda. Além, obliquando-se um nada à esquerda, avista-se, numa eminência do terreno, a tradicional igreja de São Nicolau, outróra toldo de indios: por ali avança a estrada real que vai para Santa Cruz, passando pelo Rincão d'El-Rei. Mais para a esquerda é o vale fertil do rio Pardo, que desce da serra, coleando entre

Digitized by Google

ria ficar em contradição com o que já fôra resolvido (1). Acha que o inimigo não poderá fazer, **sem grandes dificuldades, passos praticaveis para maior fôrça no rio Pardo do ponte da vila para cima, e para baixo ainda peior por tudo estar à vista.** Recomenda que **se fechem com abatizes, derrubadas e mais obstáculos,** todos os passos **que possa haver no rio Pardo para o Rincão Imperial,** e que os mesmos sejam observados com pequenas guardas e rondas. Salienta a conveniência de haver um corpo de cavalaria no Rincão, para vigiá-lo. Se o ataque do inimigo vier do lado desse Rincão, o batalhão que estiver no **fim** da vila, os dois corpos de cavalaria (3.° e 4.°) e 4 peças de artilharia, **irão ao seu encontro.** Recomenda a vigilância do Jacuí, pelo menos até Santo Amaro, onde permanecerão 2 canhoneiras. Cogita da hipótese de o inimigo tentar passar o Jacuí entre Santo Amaro e Rio Pardo ou abaixo de Santo Amaro. No primeiro caso, Barreto poderá mandar o 8.° batalhão (ou outro), um corpo de cavalaria e duas bocas de fogo, para Santo Amaro, e dest'arte meter o adversário entre dois fogos. No segundo, as fôrças que se encontram em Santo Amaro e as canhoneiras **lhe farão pagar caro a tentativa.**

O terreno ocupado pelos legalistas oferecia vantagens incontestáveis, mas o seu bom aproveitamento exigia perfeita vigilância e tropas aguerridas.

Os farroupilhas estavam de certo bem informados e compreendiam ser-lhes necessário efetuar duas operações sucessivas. A primeira era **penetrar** no quadrilátero e a segunda arremeter **dentro dêle** contra os adversários. Como vinham de oéste, o primeiro obstáculo que se lhes deparava era o rio Pardo.

Deviam buscar transpô-lo na ponte, que os inimigos defendiam com infantaria e artilharia?

Não seria sensato. O melhor, e foi o que fizeram, seria aplicar a manobra clássica na transposição de um rio: divertir

---

os montes. Perpendicularmente ao Barro-Vermelho desenrola-se a velha estrada real que, atravessando a ponte do Couto, se quebra em ângulo quási reto para leste, rumo de Santo Amaro, esgalhando-se, entretanto, pouco adiante, no Morro-das-Pedras, em direitura a Venancio Aires, via Passo-do-Sobrado. A' direita erguem-se coxilhas, coroadas de caponetes, que encurtam o horizonte.

Estamos no centro do Barro-Vermelho: à nossa esquerda o morro é ingreme e a uns trezentos metros, mais ou menos, protegido por espessa mataria; à nossa direita, em arco para a frente, acompanhando o caminho vicinal da Costa, o coxilhão vai descendo aos poucos, em sucessivas lombadas, até encontrar a várzea, já descrita".

(1) Parece referir-se à atitude defensiva assentada no conselho do dia 18 de março e a que ha pouco aludi.

Digitized by Google

o inimigo, incutindo-lhe a idéia de que a tentativa de passagem se realizaria em certo trecho e ir efetuá-la noutro, distante e por surpresa.

No rio Pardo êste trecho só poderia ser ao norte da ponte; mas aí os obstáculos acumulavam-se, porque a travessia real tinha de operar-se em zona de mato e havia mister abrir depois caminho para o Rincão. Neto, porêm, não hesitou e pôs logo em obra o melhor plano naquela conjuntura.

No dia 25 de março lançou para a frente Canabarro, com o 3.º batalhão de caçadores, o 1.º corpo de cavalaria de linha e alguns esquadrões de guardas nacionais, isto é, cerca de **oitocentas e tantas** praças. Deu-lhe como missão **marchar na direção da Fachinal das Oliveiras, passar ali o rio Pardo e abrir picadas para saír no fundo do Rincão nacional, que devia ocupar para proteger a passagem do exército.**

Canabarro cumpriu magistralmente o encargo que lhe foi cometido. Atravessou o rio Pardo e penetrou no Rincão, abrindo assim caminho ao restante da fôrça revolucionária.

Referindo-se a esta façanha, em sua parte a Bento Gonçalves, escreve Neto:

"Releve V. Exc. que faça um breve bosquejo de quantas dificuldades tiveram a vencer nossos bravos soldados nesta árdua operação; o rio em ambas as margens era circundado de pântano, que atolava excessivamente e só com extrema dificuldade conseguiram os animais vencê-lo, e a grande corrente a nado; além disto no centro de um espesso mato, cercado de iguais pântanos, havia um forte arroio com barranco de excessiva altura, e profundidade em sua madre; em pouco uma larga picada tornou franco o trânsito, tanto em uma como em outra parte do arroio; e no curto espaço de dez horas foi sôbre êste erguida uma ponte espaçosa, pela qual passou todo o exército: finalmente, Exmo. Snr., fôrça é confessá-lo, que só o esfôrço de nossos bravos, só a convicção da justiça de nossa causa fornecia constância para superar tão rude trabalho; porêm o doce nome de liberdade adoçava todas as fadigas, e gostosos a elas se arrostavam, lendo-se em seu semblante a lisongeira vitória".

A vigilância do Rincão tinha sido confiada ao major José Joaquim de Andrade Neves, que nêle fôra **estacionar** com o seu regimento (3.º corpo de cavalaria). Passou-lhe, porêm, despercebida a travessia do rio Pardo pelos inimigos.

Na manhã de 27 de abril, Canabarro, já na margem esquerda do rio Pardo surpreende duas patrulhas de Andrade Neves, as quais o informam de que seu comandante estava acam-

Digitized by Google

pado, com **cento e tantos homens, na entrada do Rincão.** Canabarro lança-se contra êle sem detença. Andrade Neves, já de sobreaviso por uma das praças da patrulha, e aventando o perigo, bate em retirada na direção do sul, **perseguido por uma guerrilha até junto ao Barro Vermelho** (1). Nesse mesmo dia — informa Neto — Canabarro foi ocupar o passo do Couto, **cortando dest'arte a retirada do inimigo e obrigando-o a estreitar a sua linha.**

A 27 de abril ficou, pois, o marechal Barreto sabedor de que o adversário ocupava o Rincão. Não devia ter a mínima dúvida de que êle avançaria de lá para acometê-lo.

Levou o facto, nesse mesmo dia, ao conhecimento de Elzeário, mediante comunicação escrita pelo capitão Gabriel de Araújo e Silva, deputado do quartel-general de sua divisão. Explicou a surpresa do inimigo como **fruto da relaxação** de Andrade Neves.

A 28 de abril oficiou a Elzeário. Referiu as disposições que mandou tomar para a vigilância do Rincão. Andrade Neves — afirma de novo — não cumpriu as suas determinações. Atribui isso à **relaxação, pouco caso** ou, melhor, **total incapacidade de comandar um ponto, que tem patenteado esse oficial, aliás bravo.**

Receioso de que os rebeldes se dirigissem a Santo Amaro contra o 8.º batalhão de caçadores, ordenou Barreto ao coronel Luis Manoel que o retirasse para Triunfo **sem perda de tempo.** Confessa estar cortada a sua comunicação por terra e ser difícil utilizar o rio para esse fim.

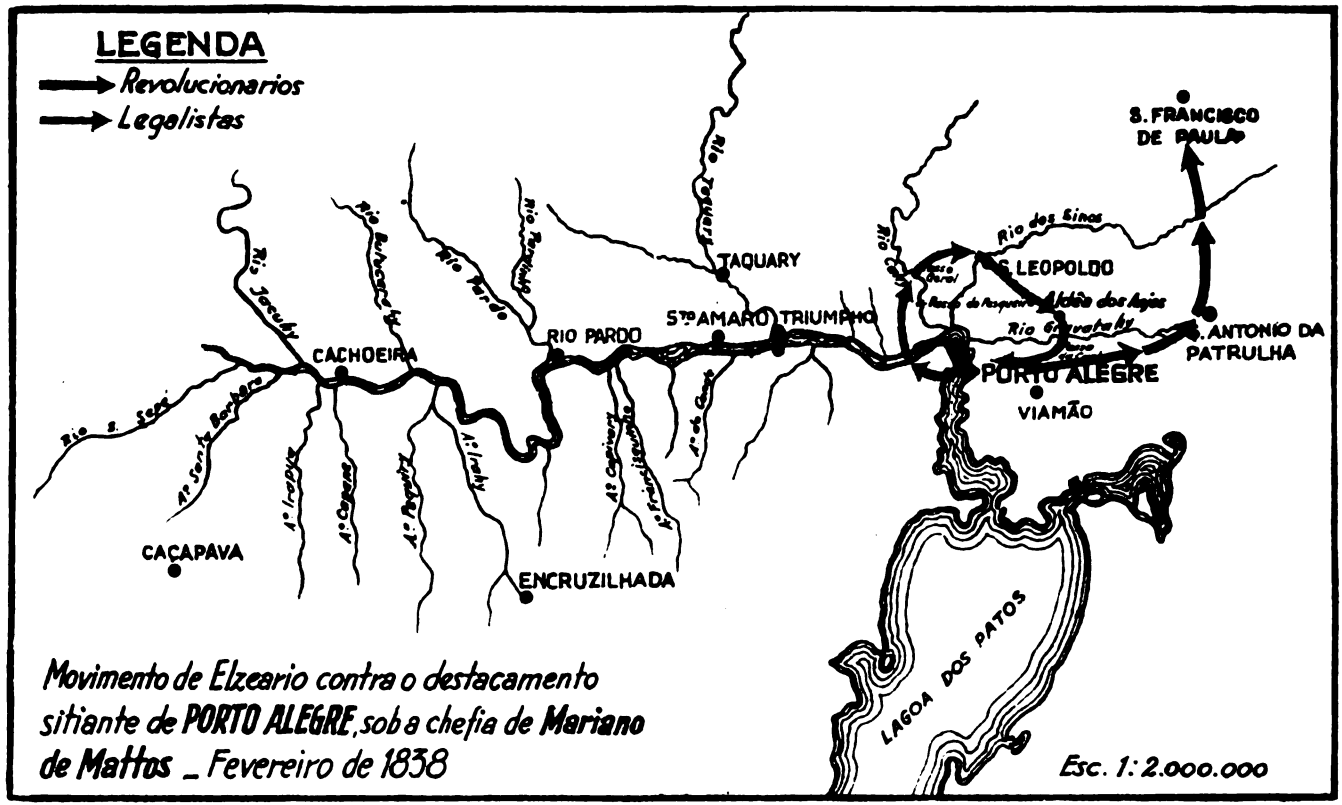
Segundo se lê na parte do brigadeiro Cunha, já na noite de 26 entrara Barreto a desconfiar de que os farroupilhas se haviam introduzido no Rincão, pois soubera não terem regressado **duas descobertas.** Resolveu por isso dar ordem para a retirada de Andrade Neves e mandar que êle, Cunha, fosse **fazer alarma** no Barro Vermelho.

Na manhã de 27, Cunha está em posição no dito Barro Vermelho, com o 1.º batalhão e 2 bocas de fogo, e é quem recolhe Andrade Neves com o seu corpo, quando vêm do Rincão perseguidos pelos republicanos.

Diz ainda Cunha que fez um reconhecimento, por ordem de Barreto, na direção da ponte do Couto. Marchou encoberto pela estrada até à chácara do marechal João de Deus. O ini-

(1) Os revolucionários apossaram-se de toda a cavalhada existente no Rincão ou de mais de 1000 animais, **embora nem todos estivessem em bom estado** (Parte de Neto).

Digitized by Google




Digitized by Google

Digitized by Google

migo pôs em retirada os esquadrões que tinha na baixada, parte pela dita ponte, parte pelo passo acima dela. Reconheceu-se assim — ajunta Cunha — que o inimigo não tinha maiores fôrças entre a ponte do Couto e a nossa posição. Veio-lhe então ordem de recolher-se ao Barro Vermelho.

Ouçamos agora Neto.

Conta o chefe farroupilha que avançou, na tarde de 27, com o 1.º batalhão e o 2.º, o corpo de lanceiros e alguns esquadrões da 2.ª brigada, para dar uma lição aos inimigos **quando ousassem saír a campo**; que Bento Manoel ficara para trás com a artilharia e as demais fôrças, que não haviam conseguido transpôr o rio e só o fizeram a 28. A 29 estava a sua fôrça grupada em tres divisões, conforme êle tinha previsto. Deu o comando da **ala de cavalaria** ao coronel João António, **da 2.ª** ao coronel Domingos Crescêncio e **da 3.ª** (composta de infantaria e artilharia) ao coronel Marcelino do Carmo. Às 8 da noite (de 29) marchou a ocupar a várzea do Couto, **aquem do mesmo passo**, ficando **sobre as armas**, pois receava que o inimigo tentasse burlar-lhe o plano repassando o Jacuí, para o que **não lhe faleciam embarcações.** Mas, se tentassem tal movimento, o **coronel Leão, que ocupova a margem direita do mesmo rio, deveria, ante um ajustado sinal,** anunciar-lh'o e nesse caso **êle carregaria a qualquer hora.**

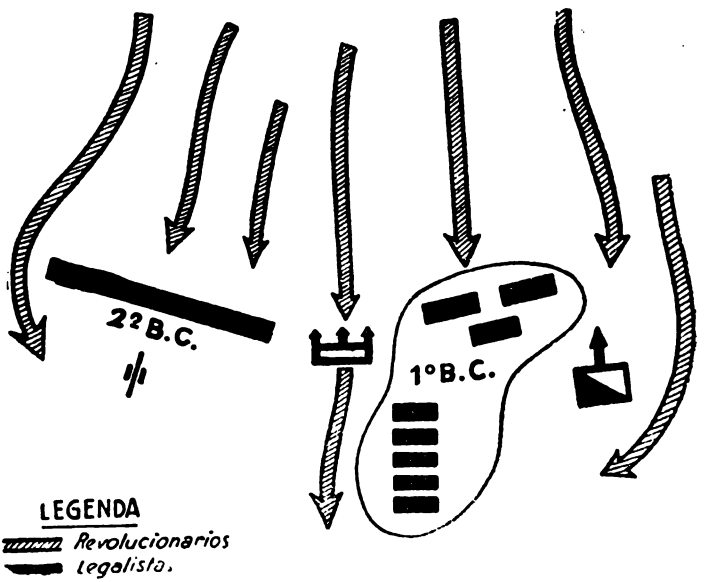
Como vê o leitor, na noite de 29 estão tomadas pelos revolucionários todas as medidas necessárias: sua fôrça já foi grupada taticamente, e ocupa uma base de partida (várzea do Couto). Só lhe resta na manhã de 30 de abril atirar-se contra o inimigo.

Barreto concentrou os seus elementos no Barro Vermelho e alí aguardou os adversários. Parece ter sido êste o seu dispositivo: O 1.º batalhão ficou na ala direita e o 2.º na esquerda, **em posição dominante**; a artilharia no centro. O 2.º estava separado da artilharia por **um pequeno capão de mato impenetrável.** Os dois batalhões cruzavam fogos na frente. As tropas estavam localizadas de modo que formavam um ângulo **aberto para o lado de inimigo.** À direita desse dispositivo ficou a cavalaria, ao mando do brigadeiro Calderon (1.º e 2.º regimentos e esquadrão do capitão Ourives) (1). Os imperialistas conservaram-se **bivacados** em suas posições nos dias 27, 28 e 29, **sempre de armas nas mãos.** Na noite de 29 começou-se a abrir um fôsso em frente à artilharia.

(1) O estrado da ponte do rio Pardo havia sido retirado. Guardavam a ponte 2 companhias de infantaria e 2 bocas de fogo.

Digitized by Google

Em sua parte ministra Cunha estes informes: O 2.º batalhão de caçadores devia defender **a todo o risco** a esquerda da artilharia. Tinha um valo em sua frente. Cabia-lhe cruzar fogos com o 1.º, "que se achava à direita da artilharia em posição dominante ao mais atrevido ataque que o inimigo tentasse em frente sôbre a mesma artilharia". Mandou que duas companhias do 1.º batalhão de caçadores "bordassem. em ordem es-




**Esquema do combate do Rio Pardo**

tendida, um grande e prolongado valo da estrada". A fila mais exterior do flanco dessas companhias deveria ficar a 300 ou 400 passos. Uma terceira companhia servia de apôio.

As 5 companhias restantes formariam, **"como reserva geral, à retaguarda de uma pequena restinga de mato a 100 passos em frente e para a direita da artilharia, de sorte que o terreno ocupado pela infantaria e artilharia formava um triângulo, cuja face aberta para a parte do inimigo não devia talvez ter mais de 300 a 400 passos".**

Ao amanhecer de 30, Neto lança-se contra as tropas de Barreto, que o esperam em posição no Barro Vermelho.

"Às 5h. e 40m. da manhã — escreve êle em sua parte — rompeu o fogo da nossa ala direita, mediando 6 a 7 minutos o da esquerda, por ter de desfilar em um largo valo no centro do bosque vizinho ao ponto em que estava o inimigo: apenas en-

Digitized by Google

gajado o combate, o inimigo começou a perder terreno, sem que servisse de apôio sua vantajosa e quási inexpugnável posição; sua artilharia fez inutilmente 4 ou 5 tiros, sendo obrigada a calar, carregada por tres esquadrões de cavalaria; e o mesmo aconteceu à nossa, que fazendo o terceiro tiro não pôde continuar por já se achar a esse tempo ocupada a eminência da colina do combate por nossos bravos, enquanto a horda de realistas, que a ocupava, se havia posto em vergonhosa fuga, sem que ousasse fazer a menor resistência.

Explica Barreto em sua parte que o ataque começou alguns minutos antes das 6 da manhã, quando o dia **ainda não estava bem claro.** Uma forte coluna de infantaria, apoiada por 2 esquadrões de cavalaria, dirigiu-se **para a esquerda imperial, na xarqueada do porto**, e trocou tiros com o piquete de infantaria ali postado, o qual, de acôrdo com as ordens dadas, foi-se retirando para o lado do 2.º batalhão. Ao mesmo tempo, o **forte da cavalaria inimiga**, trazendo na frente um corpo de infantaria, entrava pelas imediações do açougue e **engajava-se em fogo** com as duas companhias imperiais, que perdendo a ordem e sendo imediatamente carregadas pela cavalaria, debandaram; o mesmo aconteceu à companhia destinada a servir-lhes de apôio.

Outra coluna de cavalaria, **porêm de pequena fôrça**, coberta com atiradores de infantaria, veio da casa situada no meio da várzea, pela estrada que leva ao alto do Barro Vermelho, carregou contra a artilharia, passou por ela e deixou-a à retaguarda.

Foi isso o que viu Barreto na ala esquerda, onde a princípio se conservou, e depois na direita, onde esteve perto de Calderon. Refere que êste brigadeiro lutou contra fôrças duplas das suas.

Cunha declara ter o ataque começado no flanco esquerdo imperial, que afrouxou, e por cuja retaguarda penetrou a cavalaria.

Diante das lacunas da parte de Neto, torna-se impossível precisar os pormenores só com as partes dos imperialistas.

Percebe-se de modo geral que houve dois ataques de ala; o primeiro e o principal, dirigido contra a ala esquerda. As duas alas foram, porêm, envolvidas pela cavalaria, que tambem rompeu o centro da linha imperial no ponto em que se encontrava a artilharia. Barreto confessa isto claramente dizendo que **dest'arte ficou a sua linha cortada pelo centro.**

Digitized by Google

A extensão do desastre póde ser avaliada pelo que fizeram os tres generais no último lance.

Barreto explica que estando completamente perdida a ação e sendo impossível reünir os pequenos grupos de fôrças dispersas, **foi forçado a procurar salvar-se.** Não teve tempo de chegar à vila. Atravessou um grande fachinal para alcançar a beira do Jacuí, onde se recolheu a bordo de um lanchão, que com outras embarcações descia o rio fugindo de Rio Pardo.

Calderon assegura ter carregado duas vezes e repelido o adversário. Soube por Barreto do desastre da ala esquerda. Ainda carregou terceira vez no intuito de desprender-se. Retirou **rompendo por entre o inimigo.** Foi até o pôrto e embarcou num lanchão. Teve Barreto como companheiro de viagem.

Calderon escreve textualmente:

"Reüni então toda a minha cavalaria, e eu à testa dela fiz terceira carga, mesmo para vêr se depois dela poderia retirar-me com sucesso; êste, porêm, só se verificou na carga, pois quando me vinha a retirar pela porteira de Manoel Bento (única retirada que tinha) já encontrei próximo dela a forte coluna do inimigo que **havia rompido a nossa esquerda e centro.** Em tal colisão forçoso foi romper quási por entre o inimigo; mas já sem ordem na gente, que neste momento perdeu. Tive ainda o intento de procurar na vila, para onde me dirigi com o alferes João Luis Gomes da Silva para procurar algum apôio, reünindo alguma gente a vêr se podia ainda fazer frente ao inimigo; minha esperança, porêm, pereceu quando vi que tudo se havia já perdido, e que o inimigo dominava a vila; dirigi-me ao Pôrto de embarque, e apenas me havia embarcado, o inimigo já tiroteava sôbre o lanchão, que por estar armado não foi também sua presa".

Cunha relata que procurou salvar-se, **para não tornar o dia ainda mais infausto à Legalidade.** Foi até o pôrto. Fez largar da barranca tres lanchões de guerra, duas barcas de passar cavalos e as canôas que ali se achavam. Recolheu mais de 100 homens, que dispersos lhe pediam auxílio. Abaixo da foz do Couto, em uma volta estreita do rio, avistou uma bateria de 2 peças, que lhe fez fogo.

Os generais ganharam assim Triunfo e depois Porto Alegre, para onde os levou o capitão de fragata Parker, no patacho **Leopoldina.**

A-pesar dessa debandada geral, afirma-se que o 2.º batalhão de caçadores, do comando do coronel Guilherme José Lis-

Digitized by Google

boa, bateu-se com valor. Convidado a render-se, dizem que Lisboa respondeu: **"Minha espada não se entrega a rebeldes".**

Em sua parte, escrita em Rio Pardo a 4 de maio, declara Neto que ficaram prisioneiros e se apresentaram **depois da derrota**, 2 coroneis, 1 tenente, 2 majores, 58 oficiais subalternos e oitenta e tantos soldados, e pereceram 370 legalistas, entre êles 1 coronel, 3 majores e mais de 20 subalternos.

Caíu em poder dos revolucionários todo o parque, **em muito bom estado**, muita munição e armamento.

"Havendo entre os prisioneiros — ajunta Neto — alguns infelizes, que receberam no combate grave ferimento, muitas daquelas vítimas que o govêrno brasileiro tiranamente tem arrancado do seio de suas famílias e províncias, para precipitá-las nos horrores da sacrílega guerra, que imolará a quantos ousarem talar o terreno rio-grandense; vendo que seus males minorariam, quando lhes fossem habilmente empregados socorros da arte, o que não tinhamos em abundância, resolvi enviar 49 destes para Porto Alegre, aonde lhes não faleciam os precisos recursos".

Barreto afirma que, de sua fôrça, só entraram em combate no dia 30, 560 infantes, 370 cavaleiros e cêrca de 60 artilheiros ou uns 990 homens.

Num mapa de 16 de abril, enviado pelo presidente ao ministro da guerra e guardado no Arquivo Nacional, ha esta descriminação da fôrça da divisão Barreto:

| | **Prontos** | **Doentes** |
|---|---|---|
| Divisão . . . . . | 3 | 0 |
| Brigadas . . . . . | 6 | 0 |
| Companhias de artilharia . . . . . | 94 | 5 |
| 1.º Batalhão de caçadores . . . . . | 358 | 43 |
| 2.º Batalhão de caçadores . . . . . | 399 | 86 |
| 3.º Corpo de Cav. da Guarda Nacional . . | 154 | 46 |
| 4.º Corpo de Cav. da Guarda Nacional . . | 236 | 32 |
| Esquadrão do capitão Ourives . . . . . | 84 | 0 |
| | 1.334 | 212 |

**Total: 1546** homens.

Barreto avaliou o inimigo em 2500 combatentes.

Elzeário encontrava-se em Santo Antônio da Patrulha, organizando uma fôrça de cavalaria, quando recebeu a notícia (às 8 da noite de 29 de abril), de que os farroupilhas se haviam

Digitized by Google

introduzido no Rincão d'El-Rei. Mandou que aquela fôrça marchasse logo para Taquarí, sob o comando do coronel Loureiro. Montou a cavalo e, a-pesar da chuva, poude chegar a Porto Alegre ao anoitecer de 30. Providenciou para que o vapor **Liberal** levasse duas peças a Santo Amaro, porto em que se encontrava o 8.º batalhão, e esperava seguir na mesma ocasião, isto é, a 1.º de maio, quando neste dia teve conhecimento da derrota de Rio Pardo.

Em seu ofício de 3 de maio ao ministro da guerra, conta que das fôrças de Rio Pardo só estavam em Porto Alegre o marechal Barreto, os brigadeiros Cunha e Calderon, e alguns oficiais de cavalaria das Guardas Nacionais. Felizmente — acrescenta — salvou-se o 8.º batalhão, **o menor dos tres**, que estava longe de Rio Pardo.

O govêrno imperial mandou que Barreto, Cunha e Calderon fossem submetidos á conselho de guerra.

Esta segunda operação de Elzeário, em que êle depositara grandes esperanças, findou, pois, em completo desastre para os imperialistas. A divisão da direita ficou pulverizada.

Os revolucionários rejubilaram.

"Republicanos — escreveu Bento Gonçalves em seu quartel-general no Herval — mais um esfôrço ainda; mais um momento de constância, de circunspecção e de prudência; a patria será livre e nossa independência para sempre firmada" (6 de maio de 1838).

O militar brasileiro que hoje medita sôbre os sucessos de Rio Pardo não póde deixar de reconhecer o tino militar dos revolucionários e o seu ardor combativo, bem como a falta de coesão e de comando, e sobretudo a insignificante pugnacidade dos legalistas.

Causa-lhe sem dúvida pena vêr o triste fim de Barreto, o heróico comandante da divisão da direita na batalha do Passo do Rosario, em que êle arremeteu com energia contra a ala esquerda argentina.

Dentro em breve, porêm, Caxias fará esquecer esse revês incontrastável que padeceu o exército brasileiro, e mostrará a sua capacidade guerreira e o valor de seus generais.

Digitized by Google

# CAPÍTULO II

**Renova-se o sítio de Porto Alegre. — Movimentos dos contendores. — Manifesto de Bento Gonçalves lançado da Piratiní. — Efetivo dos imperiais em fins de setembro de 1838. — Caçapava passa a ser capital dos rebeldes. — Elzeário vai atacar os sitiantes. — Seu plano de manobra. — Insucesso do plano. — O ministro da guerra vai ao Rio Grande do Sul examinar a situação. — Estaleiro naval dos revolucionários no rio Camacuã. — Garibaldi nas aguas da Lagôa dos Patos, à testa de uma flotilha de duas embarcações. Ataque de Francisco Pedro ao arsenal farroupilha. — Segundo ataque, dirigido por Grenfell. — Bento Manoel nas fileiras revolucionárias.**

Depois da vitória de Rio Pardo, voltaram os rebeldes a Porto Alegre, sob o comando de Bento Manoel e Canabarro, e restabeleceram o sítio (15 de junho).

As operações na zona sul sofreram as conseqüências da derrota de Barreto. A divisão da esquerda, ou melhor do sul, que já havia passado o São Gonçalo com o fito — diz Elzeário — de ir a Piratiní e Jaguarão, recebeu ordem dêste general para voltar às suas antigas posições e impedir, com auxílio das canhoneiras, a travessia do São Gonçalo pelo inimigo.

A 9 de maio, a referida divisão transpõe o dito São Gonçalo e vai de novo acampar em Canudos.

O govêrno central tratou de enviar reforços para o sul, afim de consolidar a situação de Elzeário. Em começo de julho de 1838 já haviam chegado 700 homens e no fim do ano, segundo Berlink, mais de 2000.

Bento Gonçalves dirigiu-se a Piratiní, sede do govêrno republicano. Daí lançou, em nome de seus constituintes, um manifesto (29 de agosto de 1838), que é documento capital na história da revolução rio-grandense.

Explica nesse papel a gênese do movimento e procura justificá-lo. **"O povo rio-grandense** — diz êle — **não fez obra de**

Digitized by Google

**precipitação irrefletida, senão que cedeu ao dever rigoroso de consultar a sua honra, felicidade e existência, altamente ameaçadas, de subtraír-se a um jugo insuportável, cruel e ignominioso; só empunhou o gládio dos combates para cobrir-se e defender-se de uma odiosa opressão".**

Depois de pormenorizar todos os agravos recebidos, conclúe:

"Um só recurso nos restava, um único meio se oferecia à nossa salvação; e êste recurso e êste meio único eram a nossa independência política e o sistema Republicano; só assim poderíamos adquirir a fôrça, a compatibilidade e energia necessárias para debelar nossos algozes em tão lamentável catástrofe. Cedemos à voz santa da natureza, cumprimos as eternas e imutáveis Leis do Criador, lançando mão dêsse recurso, dêsse meio único de salvação".

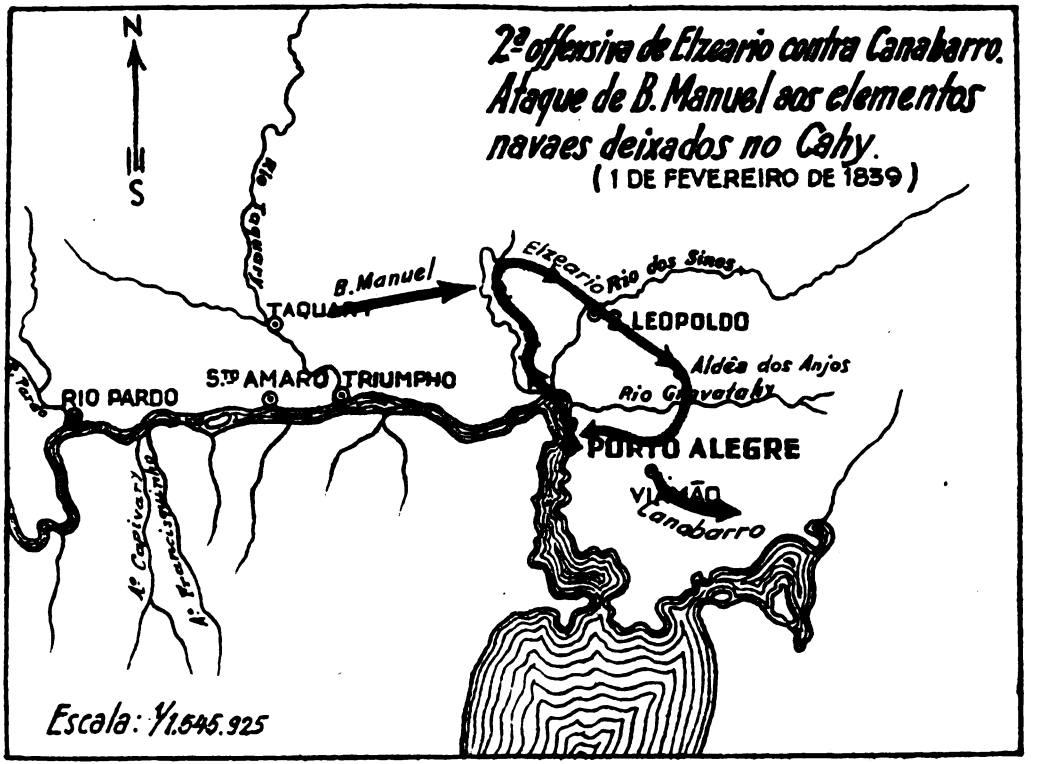
"Perdidas, pois, as esperanças de concluirem com o govêrno de S. M. Imperial uma conciliação fundada nos princípios de Justiça Universal, os Rio-Grandenses, reünidas as suas Municipalidades, solenemente proclamaram e juraram a sua Independência Política, debaixo do Sistema Republicano, **dispostos todavia a federarem-se, quando nisso se acordem as Províncias Irmãs que venham adotar o mesmo sistema".**

*

Segundo se deduz de um mapa de 24 de setembro de 1838, enviado por Elzeário ao ministro da guerra, juntamente com o seu ofício de 4 de outubro, era êste o efetivo das tropas imperiais no Rio Grande do Sul:

| | | |
|---|---|---|
| Divisão da esquerda: | | |
| Estado-maior | | 15 |
| Infantaria | 579 | |
| Cavalaria | 1.614 | |
| Artilharia | 498 | 2.691 |
| Fôrça existente em Porto Alegre: | | |
| Infantaria | 1.352 | |
| Cavalaria | 131 | |
| Artilharia | 94 | |
| Guarnições das baterias | 516 | 2.093 |

Digitized by Google




Digitized by Google

Digitized by Google

| | | |
|---|---|---|
| Fôrça existente na cidade do Rio Grande e na Vila do Norte: | | |
| Infantaria . . . . . | 1.430 | |
| Artilharia . . . . . | 45 | |
| Guarnições das baterias . . . . . | 124 | 1.599 |
| | | 6.398 |

O mapa terminava com a seguinte **observação:**

"Os Corpos de Linha que ha na Província são: o 1.º Batalhão de Caçadores, 2.º ainda não completamente organizado; 7.º e 8.º; 1.º corpo de artilharia a cavalo com pequena fôrça; 2.º corpo de artilharia de posição e contingentes do 1.º; e o casco do 2.º corpo de cavalaria. Tudo o mais são Guardas Nacionais em Destacamento, e Artilharia, também Nacionais, que guarnecem as baterias dos entrincheiramentos. O 2.º corpo de artilharia, como ainda não usa de fuzis, serve de infantaria pesada, para o que tem muito bôa gente. Chegaram a esta Província o 7.º Batalhão de Caçadores vindo da Baía com 675 praças e destas se acham ainda em viagem 82; e um contingente vindo de Pernambuco de 278 Praças".

No referido ofício, diz Elzeário só haver disponível para o serviço de campo 3844 homens; o restante está nos hospitais, cuida da cavalhada e dos transportes. Avalia os rebeldes em 5200, dos quais 400 de cavalaria e o mais de infantaria.

*

Em 9 de janeiro de 1839, Bento Gonçalves declara que a capital da República passa a ser Caçapava, ponto mais central e donde espera fazer sentir melhor a sua ação.

A-pesar do desastre de Rio Pardo, Elzeário não desanimou. Provido de reforços, decidiu, em começo de 1839, romper em nova ofensiva contra os rebeldes que sitiavam Porto Alegre e cujo quartel-general estava em Viamão. Seu plano de manobra era aproveitar em parte a via fluvial, pôr pé em terra, passar em S. Leopoldo e depois avançar para o sul, pela Aldeia dos Anjos, ao encontro dos inimigos cruzando o Gravataí, e surgindo-lhes no flanco. Previa ainda uma surtida da guarnição de Porto Alegre, em ocasião oportuna. Era, em suma, o mesmo plano que êle tentara executar cêrca de um ano antes, mas de que não pudera colher o desejado êxito, porque os adversários se retraíram para a região da serra. Agora, como vere-

Digitized by Google

mos, êles procederão de modo idêntico, de forma que o golpe projetado pelo chefe imperialista será desferido em pura perda.

Eis, **em grosso**, como os factos se passaram:

De Porto Alegre conduziu Elzeário a sua fôrça ao rio Caí e de lá rumou para S. Leopoldo.

Basta examinar a carta, de relance, para compreender quão vantajoso seria impedir, durante a execução da manobra, que as fôrças revolucionárias, que êle sabia existirem na região de Taquarí, nela interviessem e o atacassem' pela retaguarda. Acredito ter sido êsse o motivo que o levou a procurar empecer a travessia do Caí pondo no passo do Carioca (**Bento Manoel fala do passo do Contrato. Seria o mesmo?**) duas canhoneiras e um lanchão armado em guerra.

Porêm os adversários, sempre atentos, deram aviso a Bento Manoel, que acudiu célere e, depois de reünir elementos combatentes, avançou para o Caí.

Entretanto Elzeário prosseguia o seu movimento, que diz ter iniciado a 21 de janeiro de 1839. A 29 estava na Capela dos Anjos e dalí marchava, neste mesmo dia, na direção de Viamão. Em caminho recebeu reforços que elevaram o seu efetivo a 1600 homens.

Afim de dar tempo a Bento Manoel, e facilitar-lhe a manobra pela retaguarda dos imperialistas, Canabarro retraíu-se na direção de Viamão, arrastando após si o adversário.

Na madrugada de 1.º de fevereiro, Bento Manoel chega ao Caí, à frente de um pequeno destacamento e após **uma marcha seguida de 9 a 10 léguas.** Trazia consigo o 3.º batalhão de caçadores, um esquadrão de guardas nacionais e 2 bocas de fogo.

"Imediatamente — conta êle próprio em sua parte — se postaram duas emboscadas do 3.º batalhão, que rompeu o fogo mais vivo, entretanto que se colocava uma peça de artilharia sôbre a barranca, comandada pelo te. França, havendo-se colocado outra mais abaixo, sob o comando do te. Bento Gonçalves, para impedir a retirada das canhoneiras, no caso que isso tentassem; mas logo veio secundar o fogo outra peça".

"O inimigo não deixou de fazer-nos bastante fogo; porêm não puderam sofrer a bravura irresistível de nossos soldados, e precipitadamente abandonaram as embarcações, lançando-se ao rio, ganhando a margem oposta".

"A maior parte da guarnição pereceu no fogo, escapando apenas 8 ou 10 a pé, pelo mato".

Digitized by Google

Pinto Bravo dá alguns pormenores com respeito aos legalistas. (1) Diz que as canhoneiras eram a n.º 7 e a n.º 9, e o lanchão o n.º 2.

"O lanchão — escreve êle — apenas descarregou a artilharia, a sua guarnição, aterrada, saltou nagua e refugiou-se na margem fronteira. A canhoneira n.º 9, comandada pelo 1.º tenente Pereira da Cunha, tomou tal posição com espias, que só alguns tiros poude fazer contra o inimigo; tripulada quási exclusivamente por marinheiros inglêses, vendo êstes caír morto o mestre ao principiar o combate, desanimaram de todo; debalde o comandante lhes falava, os encorajava e lhes entregava com a própria mão as munições, não conseguia dissipar-lhes o desalento. Para cúmulo de infelicidades, uma das espias arrebentando, o navio foi encalhar do lado onde estava o inimigo e a maior parte do tempo se consumiu em desencalhá-lo e pô-lo outra vez em vantajosa posição".

"Sôbre a canhoneira n.º 7 recaiu todo o pêso e toda a glória de ação. O 1.º tenente Santos Bellico, que a comandava, a-pesar de já por duas vezes ferido, não abandonou a tolda, incitando a sua guarnição e a outra canhoneira a responder o fogo inimigo, até que uma bala, atravessando-lhe a cabeça, findou-lhe os dias. Quási toda a sua tripulação pereceu; os poucos dela ainda vivos, sentindo-se incapazes de continuar o combate e vendo a canhoneira a fazer agua por todos os lados, atiraram-se ao rio para salvarem-se a nado. A guarnição da n.º 9 não esperara êste exemplo e quási toda ela tinha já abandonado o seu comandante; êste mesmo, vendo-se isolado, foi obrigado a entregar o navio e ficou prisioneiro dos rebeldes".

A canhoneira n.º 7 apenas deu tempo para que se retirassem do seu interior as munições e alí mesmo se submergiu. A n.º 9 e o lanchão foram conduzidos pelos insurgentes para um local sito a 10 léguas a montante do passo do Contrato.

"Alguns dias depois deste combate — informa ainda Pinto Bravo — em uma nova sortida dos sítiados, Mariath entrou o Caí com alguns lanchões e poude surpreender e pôr a nado a canhoneira n.º 7; a n.º 9 foi represada sôbre o inimigo em fins de abril e o lanchão n.º 2 caiu outra vez em poder dos legalistas durante a expedição de Camacuã".

Voltemos agora a Elzeário.

Conta êste general ter sabido, em a noite de 1.º de fevereiro, que a **vanguarda** de Bento Manoel estava no dia 29 de

(1) **Curso de História Naval**, pelo 1.º te. da armada brasileira M. Pinto Bravo — Rio de Janeiro 1878.

Digitized by Google

janeiro na margem do Taquarí. Retrocedeu **afim de evitar, se ainda pudesse, a passagem dêle no Caí.** Mas chegou-lhe a notícia de que o dito Bento Manoel atacara as embarcações nesse rio. Em vista disso retirou para Porto Alegre, que alcançou às 3 horas da manhã de 2 de fevereiro; ao que parece, seguido da cavalaria rebelde.

Em ofício de 8 de fevereiro, ao ministro da guerra, refere-se à perda das embarcações no Caí e considera-a como **efeito da obstinação com que os comandantes das mesmas engajaram o combate.**

A segunda ofensiva de Elzeário acarreou, portanto, novo insucesso para as armas imperiais. Êle cedo compreendeu que, se permanecesse em campo, correria o risco de ficar metido entre dois fogos.

Os revolucionários, agora reforçados, restabeleceram o sítio e tomaram a deliberação sensata de ocupar de novo a ponta de Itapuã, de onde poderiam criar sérios embaraços às comunicações entre Porto Alegre e Rio Grande (março de 1839). Elzeário expediu logo elementos navais (1 patacho e dois lanchões de guerra) para atacá-los e obstar a execução de obras de defesa na entrada do Guaíba. Vendo, porêm, ser isso improfícuo, mandou ocupar a ilha do Junco e levantar alí um fortim para contrabater Itapuã.

Preocupado com o estado de guerra no sul e receioso — conta Elzeário — de uma explosão de indisciplina das tropas, decidiu o govêrno enviar até lá o seu ministro da guerra, Sebastião do Rego Barros, como observador abalisado para esclarecê-lo e sugerir-lhe as providências necessárias.

Rego Barros partiu da Côrte a 6 de março de 1839, levando como auxiliar o nosso grande Caxias, então no posto de tenente-coronel.

Ao aproximar-se de Itapuã, foi o vapor em que êle viajava atingido por projetil de artilharia lançado pelos rebeldes, o que o obrigou a passar-se para um escaler e nêle transpor o canal da ilha do Junco, e depois a transferir-se para bordo de um dos navios que bloqueiavam a posição.

No dia 28 de março (1839), chegava a Porto Alegre. Examinou tudo e conversou longamente com Elzeário e os demais generais. Conta-se que se debateu o plano de um ataque a Itapuã, com auxílio inclusive de fôrças trazidas do Rio Grande, mas que essa idéia, contra que se manifestou Caxias, foi abandonada, tendo afinal essas fôrças regressado ao ponto de partida.

Digitized by Google

A 24 de abril, saiu Rego Barros de Porto Alegre para o São Gonçalo. Alí inspecionou (**em Canudos**) a **divisão da esquerda,** sob o comando do brigadeiro Seara. Lançou-a contra a vila de Piratiní, com a missão de conquistá-la. Sabendo, porêm, no passo da Orqueta, da demissão dos seus colegas de ministério, resolveu regressar à Capital do país, onde d e s e m b a r c o u a 6 de maio.

No relatório que apresentou ao parlamento, mostrou-se optimista e crente na próxima vitória. Achava que a fôrça do sul (cêrca de 8.500 homens) estava bem distribuida e em excelentes condições de espírito para batalhar e vencer.

Antes de abandonar Porto Alegre, mandou Rego Barros uma expedição ao Rio Camaquã, sob o comando do cap. Francisco Pedro de Abreu (mais tarde Barão de Jacuí) — nome que devemos guardar de memória, pois êste bravo gaúcho dentro em breve ganhará lugar proeminente nas hostes legais — para o fim de atacar e destruir o estaleiro naval que ali mantinham os rebeldes.

Não dispondo de marinha, mas compreendendo quão útil seria perturbar a navegação na Lagoa dos Patos, procuraram êles construir algumas embarcações, que, depois de convenientemente armadas e tripuladas, lhes permitissem fazer o corso nas aguas da referida Lagoa.

Com êsse intuito organizaram um estaleiro perto da fóz do Camacuã (1) e alí construiram dois lanchões, que confiaram a Garibaldi. Este ilustre caudilho viera de Montevidéu e oferecera seus serviços a República, que prontamente os aceitou.

"Chegando a Camacuã — escreve Garibaldi — encontramos aí o americano John Griggs, que habitando uma herdade pertencente a Bento Gonçalves, estava encarregado de vigiar o acabamento de dois **sloops**". (2)

"Fui nomeado chefe dessa frota ainda em construção, com o posto de capitão-tenente. Era curioso aquele método de construção, que fazia honra à bem conhecida persistência dos americanos. Ia procurar-se a madeira a uma parte e o ferro a outra; dois ou tres carpinteiros cortavam e aparelhavam aquela, um mulato forjava o ferro. Foi assim que se fabricaram os dois **sloops,** desde os pregos até aos círculos de ferro dos mastros".

---

(1) Informa Varela que ficava num local chamado **Brejo,** na estância de D. Antónia, irmã de Bento Gonçalves.

(2) Garibaldi diz que quando foi a Piratiní apresentar-se, teve noticia do combate de Rio Pardo (30 de abril de 1838). Deve, portanto, ter ido a Camacuã nessa época.

Digitized by Google

"No fim de 2 mêses a esquadrilha estava pronta. Cada um dos vasos foi armado com duas peças de bronze; quarenta negros ou mulatos foram agregados aos trinta europeus, formando desse modo duas equipagens que compreendiam setenta homens".

"A lotação dos lanchões seria um de dezoito, outro de doze a quinze toneladas".

"Tomei o comando do mais forte, a que pus o nome de **Rio-Pardo**.

"John Griggs foi encarregado do segundo, que se chamou **O Republicano**".

Enquanto as grandes embarcações só podiam navegar pelos canais da lagoa, Garibaldi tinha a vantagem, que lhe proporcionava o pouco calado de seus navios, de passar em lugares inacessíveis áquelas, o que lhe facultava acometer de surpresa os inimigos ou fugir-lhes com rapidez.

Segundo Varela, a esquadrilha republicana zarpou de sua base a 26 de agosto de 1838. A 4 de setembro dava vista das primeiras velas inimigas. Eram a sumaca **Mineira** e o patacho **Novo Acôrdo,** que iam de Porto Alegre para Rio Grande. Garibaldi correu sôbre êles e logrou apresar a sumaca. Conduziu-a **à costa ocidental da Lagoa, junto ao Camacuã, onde a queimou depois de haver retirado tudo que era aproveitável.**

"O patacho — refere Pinto Bravo — tendo refrescado o vento, fez fôrça de vela e escapou-se".

Esse caso alarmou os imperialistas e obrigou-os a tomar medidas especiais para garantir a navegação nas águas da Lagoa e também para atacar o estaleiro farroupilha.

Esta última operação foi confiada, conforme já disse, ao major Francisco Pedro de Abreu, que a executou de surpresa, à frente de 140 cavaleiros. Os navios republicanos haviam sido puxados para terra e as suas guarnições descansavam confiantes, quando irrompeu o ataque legalista.

"Infantaria e cavalaria — relata Garibaldi — carregavam a galope; cada cavaleiro trazia um homem na garupa. Os que não tinham cavalo corriam a pé, agarrados às crinas. Dei um salto e achei-me no galpão; fui seguido pelo cozinheiro, mas o inimigo estava tão próximo de nós que, no momento em que eu transpunha o limiar da porta, senti o chapeu atravessado por uma lança".

Nesse galpão êle defende-se com êxito feliz.

Elzeário conta em ordem do dia que morreram 14 rebeldes, que Francisco Pedro não poude lançar fogo à casa **por ser cons-**

Digitized by Google

**truida de tijolo e cal** e chegou a Porto Alegre a 20 de abril de 1839.

A-pesar disso os republicanos não desanimaram; **começaram a construção de dois novos lanchões** e efetuaram a expedição a Laguna, de que breve me vou ocupar.

Por seu lado os imperialistas realizaram novo ataque ao estaleiro de Camacuã, para suprimí-lo de modo definitivo, mas já então Garibaldi estava ausente, participando na sobredita expedição.

Eis como Pinto Bravo narra êsse segundo ataque:

"Havendo recebido, a 4 de agosto (1839), a tropa que esperava e lhe fôra prometida, Grenfell, que transferira para o vapor **Aguia** o pavilhão, suspendeu de S. José do Norte a 5, com 3 canhoneiras e 4 lanchões, e na noite de 21 entrou no Camacuã. A correnteza das águas era de tal modo violenta que, não podendo vencê-la as canhoneiras, foi preciso deixá-las fundeadas na foz do rio. O chefe embarcou nos lanchões e escaleres os marinheiros mais robustos com 50 caçadores e, fazendo-se acompanhar pelos oficiais mais de sua confiança e o comandante da tropa, seguiu em busca do inimigo. Dois dias e meio trabalharam alternadamente a remos e a espia, para superar uma corrente de voltas várias. Ao cabo desse tempo, a 23, chegaram finalmente ao lugar onde os rebeldes tinham ocultado as suas embarcações, oito léguas distante da barra. As guarnições delas, surpreendidas com a inesperada aparição dos escaleres e lanchões dos legalistas, descarregaram apenas as armas sobre êles e internaram-se nas matas, apenas viram saltar os caçadores. Apareceram depois algumas partidas de cavaleiros, que nada fizeram e se contentaram de observar, enquanto Grenfell, com seus oficiais e marinheiros, retirava do seu esconderijo os lanchões **Rio Pardo, Independência** e **Setembrina** (anteriormente n.º 2) com duas lanchas, e, de um vizinho capão, os mastros e aparelhos deles. Nesse mesmo dia desceu a expedição, sem ser molestada, para junto das canhoneiras deixadas na barra do Camacuã, e no dia 24 a tropa auxiliar embarcou para Porto Alegre".

"Assim acabou a famosa esquadra da República na Lagoa dos Patos, deixando, não obstante, recordação dos terrores que causára aos navios mercantes. Transplantada, porêm, na Laguna e Santa Catarina por seu intrépido chefe, deverá ter, posto que em vida mais breve, destinos mais brilhantes".

Em meiados de julho de 1839, Bento Manoel desliga-se da revolução. Em carta de 18 desse mês, ao ministro da guerra da

Digitized by Google

República, lembra os seus serviços e a ajuda que prestou aos republicanos e queixa-se de terem nomeado comandante do 2.º batalhão de caçadores o te. Cel. Francisco José da Rocha, **insubordinado baiano, indígno até de cingir a banda, que desdoura e a quem êle repreendeu asperamente.** Esse ato fere o seu pundonor militar. E finaliza deste teor:

"Pelo que levo ao conhecimento de V. Excia., para sua inteligência, que desde a data desta me reputo demitido da graduação que tinha na República e exonerado do serviço militar, ambicionando a honra de ser considerado como um simples cidadão rio-grandense, favor a que meus serviços me dão algum jus".

Digitized by Google

# CAPITULO III

**Reflexões sôbre a situação A revolução procura estender-se em Santa Catarina. A expedição naval de Garibaldi. Canabarro conduz a expedição terrestre. Situação no litoral catarinense. Marcha de Canabarro. Os rebeldes derrotam a esquadrilha imperial em Laguna. Canabarro apossa-se desta vila. Lança Teixeira em perseguição aos imperialistas que retiram para o norte pelo litoral e vão afinal ocupar uma posição defensiva no morro dos Cavalos. Levante da guarnição legalista do forte de Araçatuba. Andréa é nomeado presidente de Santa Catarina e Mariath comandante das fôrças navais. Operações de Mariath e da coluna terrestre de Santos Pereira. Garibaldi sai para o Oceano afim de praticar o corso. Marcha da coluna legalista. Mariath força a entrada da barra de Laguna. A divisão de Santos Pereira toma conta de Laguna. Os revolucionários batem em retirada para o sul. Em caminho, Canabarro expede Teixeira na direção de Lages. A coluna do brigadeiro Cunha avança de Lages para o passo de Santa Vitória, no rio Pelotas. E' derrotada por Teixeira, que depois se dirige a Lages e avança para o norte. Melo e Albuquerque derrota Teixeira no rio Marombas. Fim da aventura farroupilha em Santa Catarina.**

Como se acaba de vêr pelos fatos referidos, a guerra civil já durava no sul cêrca de três anos e meio sem nenhuma esperança de próxima conclusão. Nem os rebeldes venciam, nem os legalistas logravam dominá-los.

O govêrno imperial mantinha a posse da capital da Província, a da cidade do Rio Grande e da região convizinha, e a livre comunicação fluvial e lacustre entre essas duas cidades; guardava, portanto, inviolável a sua ligação com o exterior por via maritima.

Logo que os revoltosos perderam a capital, ficaram fascinados pela idéia de reconquistá-la a qualquer preço.

Digitized by Google

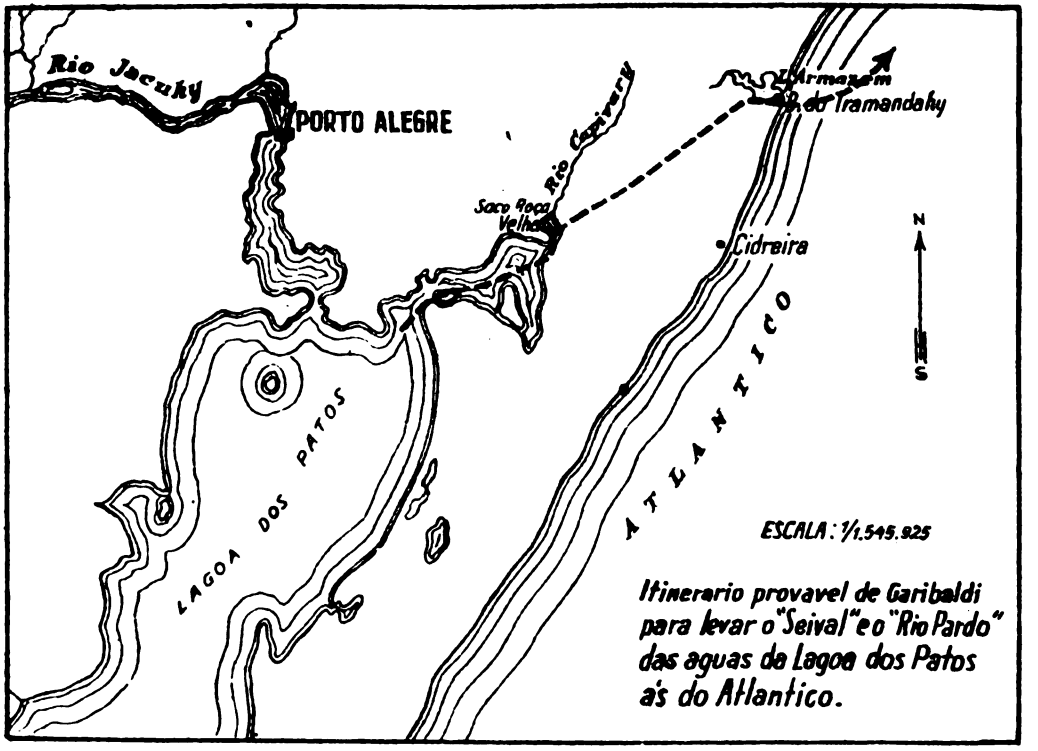
Daí a ocupação de Viamão e o investimento quási contínuo de Porto Alegre. Mas a geografia física da região lhes era francamente desfavorável. O investimento pelo lado de léste com tropas de Viamão não tolhia a ação dos ocupantes da capital. As águas do Guaíba e de parte do Jacuí, com as de alguns afluentes da margem esquerda (Gravataí, Sinos e Caí) protegiam os legalistas nos demais sectores e opunham-se a um sítio completo sem ajuda de elementos navais. Por outro lado, sempre que os revolucionários desejavam empreender novas operações ou aproximar-se da campanha para unir-se aos companheiros, ou que êstes os buscavam afim de reforçá-los na região de Viamão, tornava-se imprescindível a transposição de vários cursos de água, inclusive do próprio Jacuí. Esta particularidade geográfica e a posse de uma esquadrilha naval frustravam todos os planos dos revolucionários para golpear de morte os legalistas da capital, e tornavam estéreis as vitórias parciais daqueles, alcançadas fóra da mesma capital; mas aos imperialistas proporcionavam uma base de partida de extrema segurança. O domínio das águas lacustres e fluviais facultava-lhes operar na linha interior e deve-se a isso a vitória de Bento Manoel na Ilha do Fanfa. Sem essa possibilidade de rocar tropas com rapidez, teria sido impossível ao chefe governista alcançar o êxito que obteve sôbre os seus adversários.

As circunstâncias que acabo de pôr em relevo, explicam por que os governistas quási só se preocuparam, durante certo tempo, com Porto Alegre e Rio Grande. Cobriam esta cidade ocupando a linha de São Gonçalo.

Essas duas zonas afastadas, mas de ligações seguras, graças ao concurso da esquadra, semelhavam dois baluartes desmesurados e inexpugnáveis, ligados por imenso fôsso aquático. Os legalistas sentiam-se bem dentro deles e, quando faziam sortidas no exterior, saiam animados pela certeza de que encontrariam acolhida segura em caso de revés. Em compensação os revolucionários tinham o campo livre fora desses domínios; podiam escapar-se para a serra ou para a campanha, quando acometidos com grande superioridade ou ameaçados de um envolvimento desastroso.

A persistência nêsse jôgo de certo não forneceria resultado decisivo. Havia, pois, mister mudar de estratégia. Os revolucionários são porventura os primeiros a compreendê-lo. Acodelhes então a idéia de ampliar o âmbito da revolução e ganhar ligação com o exterior mediante a conquista de Santa Catarina,

Digitized by Google




Digitized by Google

Digitized by Google

onde contavam simpatias e já haviam penetrado duas vezes, ocupando Lages.

Coube a David Canabarro a honra de chefiar a expedição que marchou do Rio Grande para êsse fim, tendo como primeiro objetivo a vila de Laguna.

Deviam auxiliá-lo dois lanchões armados — o **Rio Pardo** e o **Seival** — construidos sob a direção de Garibaldi e levados por êle das águas do Capivarí, que se despejam na Lagoa dos Patos, para as da Lagoa Tramandaí, que se comunicam com o oceano.

Sôbre esta façanha, eis o que diz o próprio Garibaldi em suas memórias:

"Pensava-se então na expedição a Santa Catarina. Fui convidado a dela participar, sob as ordens do general Canabarro.

"Havia para a realização dêsse projeto uma grande dificuldade, que era o sairmos da lagoa, visto que a embocadura estava guardada pelos imperiais.

"Na margem meridional ficava a cidade fortificada do Rio Grande do Sul, e na septentrional S. José do Norte, vila pequena, mas tambem fortificada. Estas duas praças, bem como Porto Alegre, achavam-se em poder dos imperiais, tornando-os por isso senhores da entrada e saída da lagoa. Possuiam, é verdade, únicamente êsses três pontos, mas era o bastante".

"Para homens como os que eu tinha sob minhas ordens, não havia contudo cousa alguma impossível.

"Propus deixar na lagoa os dois lanchões menores, tendo como chefe o excelente maritimo Zeferino Dutra. Eu, com os outros dois lanchões, e levando debaixo de minhas ordens Griggs e os melhores dos nossos aventureiros, acompanharia a expedição operando por mar, enquanto o general Canabarro operava por terra.

"Era um belo plano, mas tratava-se de executá-lo.

"Propus então que se construissem duas carretas, de tamanho e solidez que permitissem colocar sobre cada uma um dos lanchões, e atrelar a cada uma das mesmas o número de cavalos e bais necessários para puxá-la.

"A minha proposta foi adotada e eu encarregado de pô-la em prática.

"Pensando então maduramente nesse projeto, fiz-lhe as seguintes modificações:

Digitized by Google

"Mandei construir, por um hábil carpinteiro, chamado Abreu, oito enormes rodas de uma solidez a toda prova, com os cubos proporcionados ao peso que deviam suportar.

"Numa das extremidades da lagoa — a que é oposta ao Rio Grande do Sul — a saber: em o noroeste, existe no fundo de uma ravina um pequeno ribeiro, que corre da lagoa dos Patos para o lago Tramandaí, ao qual tratavamos de levar os dois lanchões.

"Fiz descer a esta ravina, emergindo-o o mais possível, um dos nossos carros, depois levantamos o lanchão até que repousasse sôbre o duplo eixo. Cem bois mansos foram atrelados aos varais mediante nossas cordas mais fortes, e vi então, com prazer, que não posso exprimir, o maior dos nossos lanchões caminhar como se fosse um fardo qualquer.

"O segundo carro desceu por sua vez, foi carregado como o primeiro e deslocou-se com igual êxito.

"Os habitantes gozaram então de um espetáculo curioso e desusado, isto é, viram duas embarcações, em cima de duas carretas e puxadas por duzentos bois, atravessarem cincoenta e quatro milhas, quer dizer: dezoito léguas, sem a menor dificuldade, sem o mínimo incidente.

"Chegados à margem do lago Tramandaí, foram os lanchões deitados à água do mesmo modo por que tinham sido embarcados. Necessitavam de alguns reparos, que no fim de três dias estavam feitos e os tornavam aptos à navegação.

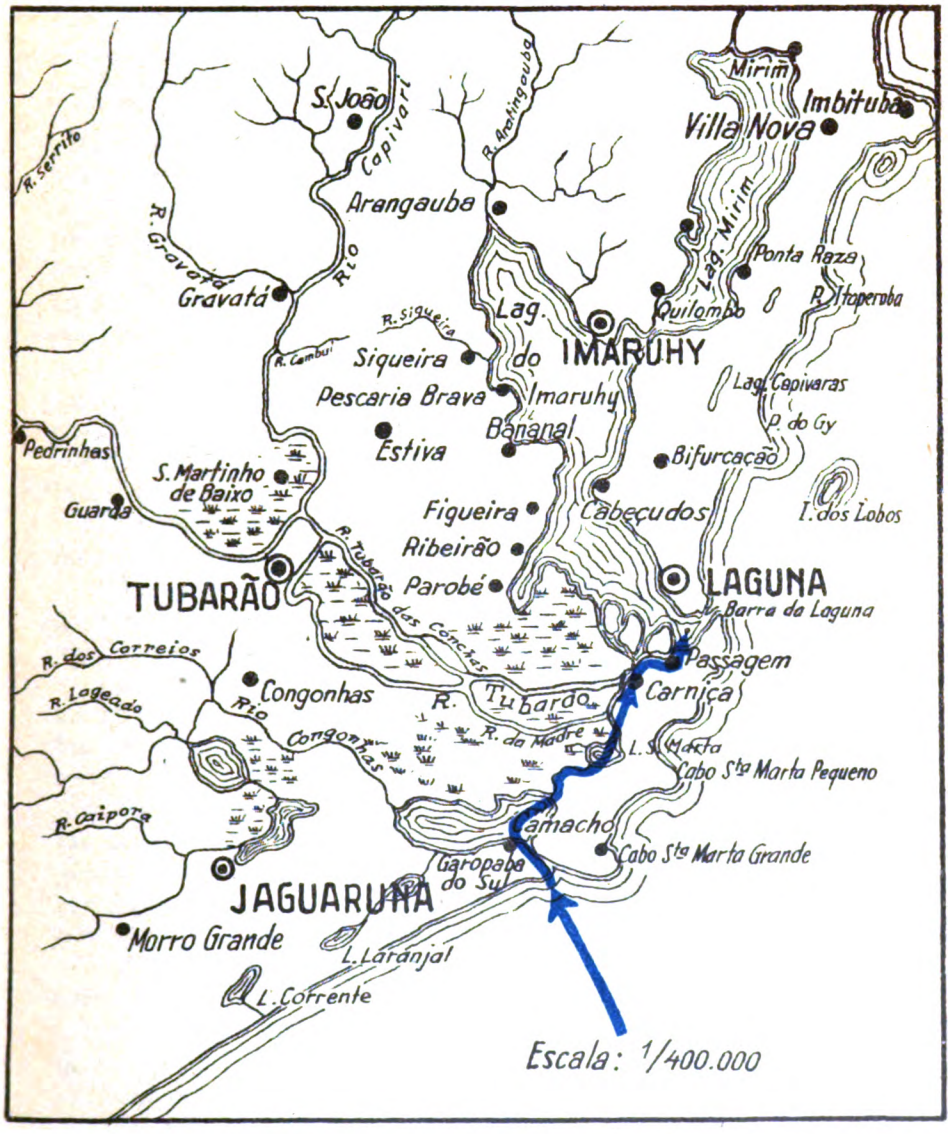
"O lago Tramandaí é formado por águas que têem a sua fonte na serra do **Espinhaço** e liga-se ao oceano Atlântico por um canal de tão pequena profundidade, que só nas grandes marés alcança quatro ou cinco pés de fundo. Convem acrescentar que em parte da costa, coberta de todos os lados, reinam com freqüência grandes tempestades".

Varela subministra outros informes com respeito ao mesmo assunto.

Diz que Garibaldi penetrou pela foz do Capivari, remontou o arroio 2 léguas "para fugir à vigilância dos imperiais, e foi abrigar-se" por detrás de uma volta propícia, mascarando os mastros por meio de folhagem".

Foi daí que começou o percurso terrestre, primeiro através de estrada aberta no mato, depois "por uma vasta superfície quási nua de pastios, quási toda coberta de areias, que da bacia interna se estende até o Tramandaí, a barra nunca antes

Digitized by Google




*Laguna e região circunvizinha, para indicar a penetração do "Seival"*

Digitized by Google

Digitized by Google

praticada, por onde os farrapos pretendiam ganhar o Atlântico".

A 5 de julho abalou a coluna. "Das ribas do Capivari à praia da Lagoa de Tomás José, onde flutuaram de novo o **Seival** e o **Farroupilha,** conta o percurso nada menos de 54 milhas".

"Transcorridos 6 dias, atingida era a longínqua bacia de cujas águas, na manhã de 11, a extensa procissão de modernos titãs remergulhava os seus estranhos veículos. Desmanchadas lago as grosseiras, agora inúteis rodas, os navios (depois de trazidos à beira mais cômoda para o efeito), procedeu-se à remontagem da artilharia, recarga das praças-de-armas, paióes e porões; como a recondução dos minguados teres da equipagem aos reduzidos camarotes.

Velas em cima, os "vasos de guerra" da lagoa de Tomás José se transferiram, no dia 13, às mais núas paragens convizinhas, à torrente a que nossos antigos deram o nome de rio Tramandaí, artéria por onde se escoam as águas da vasta região lacustre, unidas as mesmas, umas às outras, pelos canaletes (muitos deles navegáveis ou fáceis de se tornarem tais), a que no sul denominam sangradouros". (1)

Atingido o Atlântico, os dois pequenos barcos farroupilhas abriram velas para o norte (15 de julho de 1839), mas foram logo acossados por violento pampeiro.

Garibaldi, que se encontrava a bordo do **Rio Pardo,** procurou escapar-lhe aproximando-se da costa, para aterrar onde fosse possível, porêm as ondas tragaram-lhe o navio e mais de metade dos companheiros (16). Os sobreviventes (14) lograram alcançar exaustos a praia vizinha, nas proximidades da foz do Araranguá (Garibaldi escreve Aseriguá). (2) Em Campinas, no Araranguá, foram acolhidos em casa de um devotado correligionário, o juiz de paz Miguel Fernandez Lessa, depois juntaram-se à vanguarda de Canabarro (Almirante Boiteux).

O **Seival** teve mais sorte: foi surdir na barra do Camacho, perto de Laguna.

Canabarro abalou para o desempenho da sua missão a 29 de junho de 1839 (Varela).

Na noite de 29 para 30, os revolucionários abandonaram as suas posições na ponta de Itapuã.

---

(1) **Política Brasileira** — 1.º vol. — pgs. 319-320.

(2) Segundo Henrique Boiteux, o naufrágio ocorreu em frente à barra do Araranguá.

Digitized by Google

Depois de vêr a flotilha de Garibaldi ganhar o oceano, avançou Canabarro com a sua cavalaria pela estrada paralela à costa, recalcando os elementos de vigilância com que o govêrno de Santa Catarina procurara cobrir-se nessa direção (na linha do Mampituba) e que eram dirigidos pelo capitão Vickenhagen, comandante dos permanentes.

Lançou para a frente uma vanguarda, sob a chefia do coronel Joaquim Teixeira Nunes.

Desde o começo da revolução farroupilha, tinha o govêrno de Santa Catarina cuidado de obstar à propagação das idéias republicanas em seu território e à invasão dos rio-grandenses do sul. Os caminhos que levavam a Lages, no interior, e a Laguna, no litoral atlântico, eram evidentemente os que mais reclamavam a atenção das autoridades superiores, pois existiam nessas duas localidades muitos partidários da revolução.

O presidente José Mariano de Albuquerque Cavalcanti dispôs em Laguna um pequeno destacamento de cobertura, formado com elementos do 2.º corpo de artilharia de posição da 1.ª linha, que êle inspecionou pessoalmente em fevereiro de 1836. Em junho essa fôrça foi retirada, mas a vigilância continuou, embora imperfeita, mediante elementos navais.

Já referi anteriormente como Mariano de Matos, à frente de uma coluna revolucionária, foi ter a Lages em começo de 1838 e como alí, auxiliado por elementos locais, declarou o município de Lages desligado da monarquia brasileira e encorporado à República Rio-Grandense (9 de março de 1838). A 10 de março de 1839, houve nova irrupção revolucionária em Lages. O movimento foi dirigido, segundo Varela, pelos capitães António Inácio de Oliveira e Serafim Muniz de Moura. Em vista disso, Lages se encontra em poder dos revolucionários quando ocorre a invasão de Canabarro.

O presidente José Carlos Pardal restabeleceu o destacamento de cobertura terrestre de Laguna. Em janeiro de 1839 passou-lhe revista no campo da Carniça. Constava de um batalhão provisório de caçadores, um esquadrão de cavalaria rio-grandense e uma companhia de artilharia a cavalo. Comandava todas as fôrças do município de Laguna o coronel de 1.ª linha Vicente Paulo de Oliveira Vilas Bôas. Para chefiar os elementos navais, que com êle deviam colaborar na defesa de Laguna, foi depois nomeado o cap.-tenente Hayden (18 de junho de 1839).

Digitized by Google

"No entanto — escreve Henrique Boiteux (1) — enquanto isto se passava na Laguna, pela estrada de Vacaria, que corta a serra das Pedras e que pelas Itoupavas vinha ter a Araranguá, descia com mais cinco companheiros o coronel Felipe de Souza Leão, mais conhecido por coronel **Capote.** Ao chegarem à povoação de Campinas, a êles se reüniram diversos bandos armados de lanças, chuços, facões e espiques, aliciados pelo antigo juiz de paz Lessa, pelos irmãos Rebelo e por Joaquim Silva, vítimas de violências e prepotências da fôrça legalista. Aprisionado o destacamento local, seguiram os insurretos para Barra Velha, na foz do Mampituba, onde se achava uma guarda de 30 homens, comandada por um capitão, tendo mais um tenente e um alferes; foi ela destroçada e aprosionada, excepto o alferes, que foi morto. Aos poucos foi destruida a fôrça de 130 permanentes ao mando do major Vickenhagen, encarregado da fronteira, que desde então ficou franca à expedição que do Rio Grande deveria pôr-se em marcha em auxílio dos catarinenses".

"Ao mesmo tempo, uma coluna composta de cento e poucos homens de cavalaria, sob o comando do coronel Serafim Muniz de Moura, comandante interino do esquadrão de guardas nacionais de Lages e de lá procedente, se aproximava da margem direita do Tubarão e sem a menor resistência se apoderava da povoação acampando no adro da Igreja".

"O coronel **Capote,** pelo litoral, já engrossada sua tropa com aderentes, organizada em esquadrões de 200 a 300 homens, seguindo rumo norte, chegou à barra do Camacho, onde atacou a guarda alí postada, destroçando-a; o mesmo aconteceu às do Passo da Carniça e do Campo da Barra, onde acampou no dia 12 de junho pela manhã".

"Não somente deste lado operavam os republicanos; arvorado em tenente-coronel, o joven lagunense Marcelino Soares da Silva levantou uma partida e com ela se dirigiu para as bandas da Pescaria Brava, onde engrossou suas fôrças. À sua coluna encorporou-se o valente lagunense Isidoro Fernandes, que posteriormente chegou com muita glória ao posto de marechal do nosso exército, como o havia feito, nas do tenente-coronel Nunes, Diogo José dos Reis, falecido em 1897, como marechal de campo".

---

(1) Nesta parte da história da revolução farroupilha utilizei-me com imenso proveito dos excelentes trabalhos do almirante Henrique Boiteux (**A República Catarinense e Anita Garibaldi**), que por vezes reproduzi textualmente. O trecho ácima é do primeiro dêsses livros, pg. 10g.

Digitized by Google

"Diziam os serranos procedentes de Lages, onde, pela segunda vez, a 11 de maio, havia sido proclamada a República, que não vinham trazer a guerra a seus comprovicianos, mas sim libertá-los da opressão em que jaziam e estabelecer franquia comercial suspensa em virtude de medidas tomadas pelo presidente Pardal".

"Aturdidos ficaram os defensores da Laguna com a presença de tais tropas nas cercânias da vila; parecia-lhes incrível que das guardas postadas em Três-Forquilhas, em Mampituba e no Araranguá não tivesse escapado um único soldada para lhes dar aviso".

"Sob as ordens do tenente-coronel da guarda nacional Silva França e do major Alano, pois ausentes estavam, havia mais de um mês, o coronel Vilas Bôas e seu filho, a fazerem sala ao Presidente, puseram-se em armas os habitantes, indo ocupar os pontos ameaçados pelos invasores".

"Para refôrço marítimo havia o presidente fretado, no dia 25 de junho, a escuna **Providência,** de propriedade de José de Jesus, por 100$000 mensais, com a condição de serem conservados a bordo o proprietário, seu filho Inácio de Jesus, e dois escravos; armada com dois rodízios, foi-lhe dado o nome de **Imperial Catarinense"**.

"Com a chegada do coronel Vilas Bôas, tomou mais calor a defesa. Determinou êste ao capitão-tenente Hayden que a canhoneira **Imperial Catarinense,** levando 50 homens de caçadores, subisse o rio Tubarão para daquele ponto expulsar os revolucionários enquanto o tenente-coronel França reünisse a guarda-nacional".

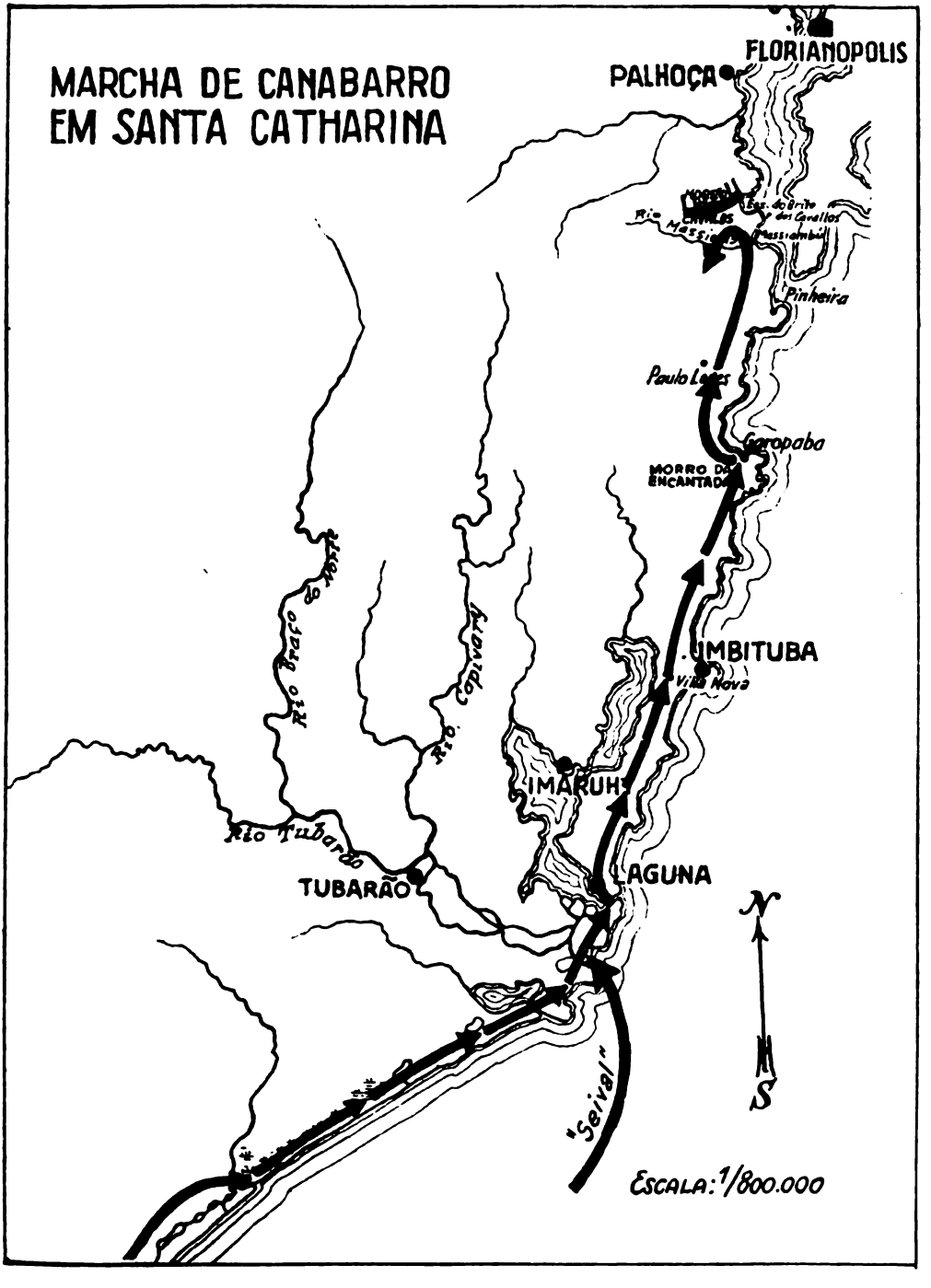
"Atacados os revolucionários, teve de recuar a fôrça legalista, por se ter partido o reparo do pequeno rodízio com que se achava armada a escuna e nada mais podia fazer.

Na refrega perderam os governistas quatro homens e os contrários cinco, que no entretanto ficaram senhores do terreno".

"À espera de reforços se conservaram um e outro, não deixando contudo os revolucionários de, por duas vezes, intimar rendição à vila".

"No dia 5 de julho (1839), recebidos os reforços pedidos, determinou o coronel Vilas Bôas subisse o Tubarão, até Carniça, uma canhoneira, a Lagunense, e dois lanchões, levando

Digitized by Google




Digitized by Google

Digitized by Google

uma fôrça de 70 infantes bem armados, enquanto uma outra canhoneira, conduzindo uma fôrça de voluntários cívicos, se dirigisse para o Campo da Barra, afim de simultaneamente atacarem as fôrças de **Capote** e de Serafim".

"Desembarcados os primeiros, ao atravessarem um pântano, tal ruido fizeram que alarmaram o inimigo, dando em resultado travar-se forte tiroteio do qual resultaram ferimentos de parte a parte. No Campo da Barra, sob a proteção do fogo da canhoneira **Itaparica**, a bordo da qual se deixou ficar Vilas Bôas, em vez de dirigir pessoalmente o ataque, foi operado o desembarque, conseguindo fazer junção com as outras".

"Em oposição apresentaram os republicanos dois esquadrões de 130 homens cada um, procurando atrair os atacantes, os quais, não dispondo de cavalaria, não aceitaram combate".

"Não conseguindo a posse da vila, os republicanos, em razão de não possuirem embarcações para transposição da Laguna, resolveram, à espera das fôrças de Canabarro, já em marcha, retirar-se para o acampamento do Campo Bom, levando 200 rêses e cavalaria pertencente ao exército legal". (1)

"Com a retirada para Campo Bom dos atacantes foi novamente ocupada a freguesia do Tubarão pela guarda nacional local de onde havia debandado anteriormente".

Este primeiro golpe contra Laguna, executado por elementos revolucionários do Rio Grande e elementos catarinenses aditos à revolução, falhou por completo, como acabamos de verificar. (2).

Devemos, pois, volver à expedição de Canabarro.

A sua coluna prosseguiu pela costa. Garibaldi agregou-se à Vanguarda de Teixeira e com ela atingiu a barra do Camacho, onde já estava o **Seival**, para cujo bordo se passou.

O problema militar que se apresentava a Canabarro, era na verdade interessante e difícil de resolver.

Laguna constituia o primeiro objetivo. Mas como atingí-la? Estava situada na extremidade sul da península que separa do mar uma extensa região lacustre. Penetrava-se nessa região

---

(1) Boiteux resume a parte do coronel Vilas Bôas ao presidente Pardal, datada em Laguna, às 5 horas da manhã de 8 de julho de 1839.

(2) Segundo Boiteux a vila de Laguna estava defendida nessa ocasião por 208 praças de linha e 40 guardas nacionais e paisanos. "Receiando o coronel Vilas Bôas — diz êle — de que se apossassem os insurretos de um pequeno forte existente do lado oposto à vila e fronteiro à barra, ordenou recolher a bordo da **Itaparica** todos os objetos nêle existentes".

Digitized by Google

pela barra da Laguna. Havia, porêm, outro canal de acesso ou, melhor, um sangradouro, mais ao sul — a barra do Camacho — cuja passagem oferecia embaraços, mas por onde se podia alcançar o dito objetivo sulcando águas interiores, que se comunicavam entre si. De qualquer modo, havia mister levar as tropas de Canabarro, no último lance e mediante embarcações, até à península em que demorava Laguna, afim de que esta fosse acometida e conquistada.

Como conseguir isso sem anular primeiro a ação dos elementos navais com que o govêrno imperial defendia Laguna? E como fazê-lo com um único barco republicano — o **Seival?**

Só mediante um golpe de audácia e surpresa, como o que os republicanos executaram.

Recordêmo-lo nas suas grandes linhas.

O comandante das fôrças imperiais de Laguna era, como sabemos, o tenente-coronel Vilas Bôas. Estavam prontos a colaborar com êle os seguintes elementos navais: escuna **Itaparica,** canhoneiras **Imperial Catarinense, Santa Ana** e **Lagunense,** brigue escuna **Cometa** e dois **lanchões,** "um com uma coronada de calibre 3 e o outro com um bacamarte de forqueta". (Boiteux).

A primeira operação dos revolucionários era penetrar nas águas interiores com a única embarcação de que dispunham. Isso êles logo o fizeram com o **Seival,** conduzido por Garibaldi, investindo a barra do Camacho, que os inimigos julgavam intransponível, e levando o seu intrépido barco às águas do rio Tubarão.

"Em favor dos expedicionários — escreve Boiteux — veio a própria natureza. Tendo crescido as águas devido às de desmonte, e represadas em conseqüência do vento sul reinante, graças à perícia de um prático, filho do lugar, João Henriques, conseguiu o **Seival,** não sem dificuldade, transpor no dia 20 de julho (1839) aquele desaguadouro e subir pelo rio Tubarão".

"Dentro da laguna, desde logo, entrou a tirotear com a canhoneira **Santa Ana,** pondo em ação o seu rodizio de cal. 3, acudindo em socorro a **Itaparica**".

"Atordoados os defensores da vila com o aparecimento do **Seival** e ao terem notícia de que os atacantes transpunham o rio Tubarão, para lhes obstar a passagem, ordenou Vilas Bôas que para lá seguisse a canhoneira **Imperial Catarinense,** reforçada a sua guarnição com um destacamento da companhia denomi-

Digitized by Google

nada da Serra, comandada pelo tenente Jacinto Cordeiro de Freitas".

"Com o fim de chamar a atenção dos navios de guerra, combinado haviam os republicanos fazer o ataque simultaneamente em diversos pontos do interior, afim de, deixada a barra desamparada, por ela operar Canabarro a passagem para o pontal fronteiro. Surtiu efeito o estratagema".

"Ao ter conhecimento o bravo piloto José de Jesus do que se passava na Laguna, desceu no dia 22 o rio em socorro dos demais navios; ao chegar, porêm, no lugar denominado Passo da Carniça, a dois quilômetros da vila, foi seu navio inopinada e furiosamente atacado por uma partida republicana ao mando do cabo Manoel de Castro e Oliveira, alí entrincheirada".

"Defendeu-se com brio e denodo o comandante da **Imperial Catarinense,** à frente de seus comandados, vendo, porêm, que seria presa do inimigo, por falta de munições, fez sinal pedindo socorro. Em seu auxílio, depois de alguma hesitação, foi mandada a canhoneira **Lagunense,** comandada pelo valente piloto Manoel Moreira da Silva, conhecido por **Maneca Diabo;** perseguida pelo **Seival,** e mal dirigida pelo prático, viu-se obrigado a encalhá-la e deitar-lhe fogo; a-pesar de toda a sua bravura e intrepidez, não encontrou da parte dos seus, como esperava, o mesmo ânimo para afrontar o ardor do adversário. Por terra, foi-se reünir às fôrças de Vilas Bôas".

"Aprisionada a **Lagunense,** foi posta imediatamente sob o comando de João Henriques, o ousado lagunense, que logo atalhou o incêndio começado a lavrar e pô-la a nado".

"Esgotadas as munições, em críticas condições se achava José de Jesus; quebrado o rodízio de sua canhoneira, recorreu por isso ao supremo recurso de abrir um veio dágua no fundo do seu navio e deitar-lhe fogo. Isto feito, com os sobreviventes, desembarcou na margem oposta embrenhando-se na mata e apresentando-se dias depois na cidade do Desterro ao general Andréia, substituto de Pardal no govêrno da província, de quem recebeu elogios e louvores pelo seu procedimento. A tropa, que com êle seguira, fôra destroçada pela cavalaria de Serafim de Moura".

"Chegou a vez da **Santa Ana,** que depois de trocar tiros com a **Lagunense,** teve que arriar a bandeira ao aproximarem-se as embarcações do **Seival** e aquela para abordá-la".

"Restava a **Itaparica,** onde ainda tremulava a bandeira imperial. Intimada a render-se, aceitou seu comandante a propos-

Digitized by Google

ta inimiga, declarando, porêm fazê-lo, não por covardia, mas sim por se achar em unidade, desobedecido e seu navio encalhado".

"O brigue **Cometa,** comandado pelo capitão-tenente José Bernardino da Silva Araujo, fez-se de vela, em demanda do pôrto do Desterro, levando a notícia do fragoroso desastre sofrido pelas armas imperiais".

Com excepção desse brigue, ficaram assim os revolucionários senhores de todos os elementos navais que o Império concentrára em Laguna e, por conseguinte, dos meios necessários para alcançá-la por mar. A-pesar disso, podia e devia o tenente coronel Vilas Bôas defendê-la, quando os adversários levados pelas embarcações tentassem desembarcar-lhe nas proximidades. Mas êle achou mais prudente bater em retirada para o norte pela estrada do litoral, acercando-se velozmente da capital da província. (1).

A 22 de julho de 1839, entrava Canabarro vitorioso em Laguna. A 29 reünia-se a Câmara Municipal em sessão extraordinária e proclamava a independência do Estado Catarinense, que seria governado pelo sistema republicano. A 7 de agosto realizou-se a eleição para a chefia provisória do Estado Republicano Catarinense. Foi eleito presidente o tenente-coronel Joaquim Xavier Neves e vice-presidente o padre Vicente Ferreira dos Santos Cordeiro.

Laguna foi elevada à categoria de cidade e de capital do Estado. Recebeu a denominação de **cidade Juliana da Laguna.** Nomeou-se José Prudêncio dos Reis representante do novo Estado junto ao govêrno republicano do Rio Grande, para o fim especial de combinar as bases da confederação das duas repúblicas. A 18 de novembro de 1839 chegava êle a Caçapava e a 21 era recebido oficialmente.

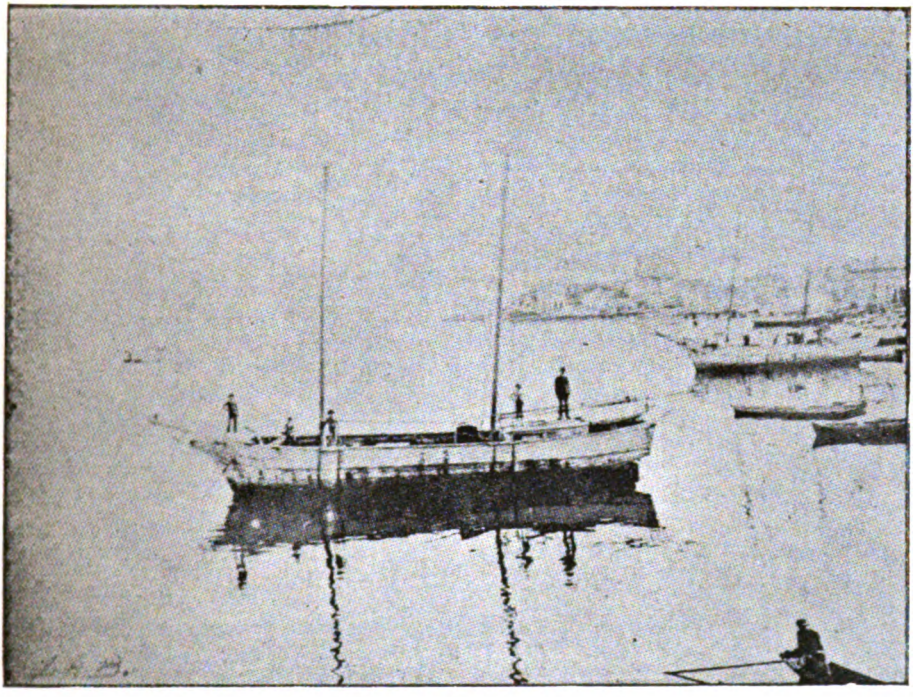
---

(1) Vilas Bôas submetido a conselho de investigação, que o considerou responsável pela retirada.

Infere-se do parecer do mesmo conselho que o choque de Garibaldi no **Seival** com a **Santa Ana,** em cujo auxílio correu a **Itaparica,** deu-se a 21 de julho (1839) e que os outros incidentes navais descritos por Boiteux ocorreram no dia seguinte (22), em que Vilas Bôas abandonou a vila.

Afirma-se ainda nesse documento: que os rebeldes não chegavam a 600 homens; que os imperiais, **contando as tripulações dos navios armados, não eram inferiores a esse número;** que ainda se achavam **intactas,** em Vila Nova, na retaguarda de Vilas Bôas, em retirada, as fôrças de cavalaria e infantaria da guarda nacional ao mando do major José da Silva Ramos, e em Maruí o destacamento do major Luis Lopes Botelho de Lacerda. Vilas Bôas seguira para o Rio Grande, afim de responder a conselho de guerra.

Digitized by Google



O **SEIVAL** NO PORTO DA LAGUNA

Reproduzido do livro **A Marinha Imperial na Revolução Farroupilha**, do Capitão de Mar e Guerra Lucas A. Boiteux.

Digitized by Google

Digitized by Google

De seu quartel-general em Setembrina, Neto comunicou aos companheiros, **extasiado de prazer,** o **brilhante triunfo** de Canabarro no **imortal** 22 de julho de 1839.

Anunciou a seguinte perda do inimigo: 17 mortos, 77 prisioneiros (inclusive 5 oficiais), além de muitos **passados,** 4 escunas de guerra, 14 embarcações mercantes, algumas carregadas de fazendas e outros gêneros, 463 armas de caçadores, 16 bocas de fogo, 36.620 cartuchos embalados, grande porção de pólvora, espadas, pistolas, munições de artilharia, fardamento e muitos outros objetos bélicos.

As fôrças de Vilas Bôas retiraram prestemente, como disse, no rumo geral do norte. Canabarro lançou após elas, em perseguição, o coronel Teixeira. Os revolucionários ocuparam facilmente Vila Nova, Imbituba e Imaruí; depois alcançaram Garopaba e a seguir a margem direita do Massiambú. Na fazenda de Tomás José da Costa e na enseada da Pinheira — conta o almirante Boiteux — começaram a reünir elementos para se transportarem à ilha de Santa Catarina.

Os governistas foram ocupar uma posição defensiva **na difícil passagem** do Morro dos Cavalos.

Depois de chegar a Massiambú, planeou o coronel Teixeira atacar essa posição pela retaguarda, para o que mandou abrir uma larga picada pelo sertão de Paulo Lopes (Boiteux).

Fez tambem portir um emissário para S. José, ponto do litoral fronteiro à capital da província, para combinar com os republicanos dalí um ataque, do norte para o sul, à sobredita posição. Isto chegou, porêm, ao conhecimento do govêrno e o plano de levantamento de S. José não logrou execução. O emissário (Marcelino Soares da Silva), receioso de ser preso, tratou de esconder-se.

E' natural que Canabarro tivesse em mente atingir S. José e depois passar à capital. O levantamento de S. José permitir-lhe-ia vencer com facilidade a posição do Morro dos Cavalos e ganhar uma segura base de partida para o ataque a Desterro.

Outro sucesso que poderia ter-lhe sido útil, e que convem referir já, foi o levante da guarnição do forte de Araçatuba, sito na barra do sul e ocorrido a 11 de setembro de 1839. A guarnição compunha-se na maioria de praças nortistas, algumas das quais haviam tomado parte na revolução baiana conhecida sob o nome de **Sabinada.**

Cientes do facto, os farroupilhas mandaram à fortaleza uma pequena fôrça em um lanchão e uma canoa de voga. Ven-

Digitized by Google

do que não podiam conservá-la, os recemvindos encravaram a artilharia e retiraram-se com a guamição, levando as munições, "entre as quais, por mais importantes, 2200 cartuchos embalados de adarme 17 e mais 19 arrobas de pólvora". Trouxeram consigo o 1.º tenente de artilharia de marinha comandante da fortaleza, deixando apenas nesta "algumas mulheres e um velho soldado do 5.º batalhão de artilharia" (1).

Importa dizer ainda que os revoltosos assassinaram o alferes Pedro Fernandes de Ortunha, 2.º comandante do forte, tomando-o, por equívoco, pelo comandante do mesmo.

Os dois responsáveis por este crime e pelo da sublevação — refere Boiteux — foram depois aprisionados e condenados à forca. Executou-se a sentença no campo do Manejo.

O govêrno da regência tomou as medidas urgentes que a situação reclamava. Nomeou o marechal Francisco José Soares de Andréa presidente da província, em substituição ao brigadeiro Pardal, e o capitão de mar e guerra Mariath comandante das fôrças navais postas à disposição dele em aguas de Santa Catarina.

Mariath chegou a esta província a 13 de agosto de 1839 e Andréa dois dias depois.

O problema militar que se deparava a Andréa era sem dúvida bater e recalcar para o sul os elementos partidos de Laguna, reconquistar esta vila, mediante uma coluna de tropas flanqueada por navios de guerra e, finalmente, expelir da província os invasores.

Para comandar a coluna terrestre foi escolhido o tenente-coronel José Fernandes dos Santos Pereira. Os defensores do Morro dos Cavalos foram reforçados, inclusive com alguns elementos vindos do Rio Grande.

A primeira operação empreendida teve como escôpo a tomada das embarcações que os republicanos haviam reünido em Massiambú e práia da Pinheira, com o intuito provável de nelas se transportarem para a ilha de Santa Catarina.

O plano de manobra resumiu-se nisto: acometer com elementos navais, simultaneamente, a práia da Pinheira e a foz do Massiambú. Retirar daquela todas as embarcações rebeldes. Entrementes fazer avançar por terra o tenente coronel Santos Pereira afim de atacar o inimigo no campo de Araçatuba, onde êle estacionava, e penetrar no Massiambú quando a maré

(1) Informações colhidas na obra do almirante Henrique Boiteux.

Digitized by Google

o permitisse, para colher as embarcações rebeldes ali resguardadas e facilitar as operações de Santos Pereira (1).

Ao amanhecer de 28 de setembro (1839), o 1.º tenente António Fernandes Pereira apresentou-se em frente à Pinheira com a escuna **Primeiro de abril**, o patacho **Camarão** e o lanchão número 2.

Efetuou ali um desembarque, enfrentou o inimigo que acorreu para repelí-lo e retirou; arrebatou-lhe várias embarcações (canoões).

Ao mesmo tempo Mariath surdia na barra do Massiambú com o brigue-escuna **Cometa**, a canhoneira **Dois Irmãos** e os lanchões ns. 1 e 3.

Por seu lado o tenente coronel Santos Pereira deixava a sua posição, às 4 da manhã de 28, com 4 companhias do batalhão da Serra e alguma cavalaria.

Desceu o morro dos Cavalos, "marchou pela margem esquerda do Massiambú, em busca de sua nascente para o despontar" e atingiu o campo inimigo de Araçatuba, cujos defensores (2 esquadrões), pôs em fuga. O campo foi **queimado**, e ficou **destruido** tudo quanto **não convinha conduzir-se.**

Santos Pereira conta que seguiu o inimigo até à práia da Pinheira, onde enfrentou mais de 400 cavaleiros e 150 infantes, que quiseram **disputar-lhe o terreno.** Apossou-se de armas, munições e equipamento.

Mariath penetrou no Massiambú no momento adequado e **quando ali chegava a coluna de Fernandes.** Apossou-se de 18 canôas grandes e pequenas. Um lanchão inimigo ficou afundado (2).

Santos Pereira voltou à sua posição.

Canabarro não podia ter a mínima dúvida quanto à pronta reação do govêrno imperial e aos vastos recursos de que êle dispunha, sobretudo no mar. Convinha-lhe, pois, criar-lhe toda a espécie de embaraço nêste terreno, e o que se lhe afigurou melhor naquele momento foi utilizar as embarcações tomadas na Laguna para a execução de uma guerra de corso.

Confiou a Garibaldi essa atrevida missão. Garibaldi lançou mão do **Rio Pardo** (ex-**Libertadora**), em que embarcou,

---

(1) Informa Andréa que a partir das 10 horas do dia a maré facilitaria a penetração no Massiambú e que estava combinado ser essa a hora em que Santos Pereira devia investir contra o acampamento de Araçatuba.

(2) Procurei combinar as partes de Fernandes, Andréa e Mariath, o que aliás não é problema fácil.

Digitized by Google

e que êle próprio dirigiu, da **Caçapava** (sob o comando de Griggs) e do **Seival** (sob o de um italiano de nome Lourenço).

Para saír da Laguna, burlando a vigilância dos imperiais que a bloqueavam, lançou Garibaldi na frente, como isca, uma sumaca. O patacho **Desterro** (capitão-tenente Jorge Broom), navio bloqueador, correu-lhe no encalço, afim de aprisioná-la.

Afastado esse inimigo, Garibaldi fez-se ao mar (20 de outubro de 1839).

Mariath providenciou sem detença para que a corveta **Regeneração** (capitão de fragata Joaquim Leal Ferreira) saísse em perseguição dos corsários.

O ousado marinheiro italiano chegou até a altura de Santos e de lá virou para o sul. Fez algumas presas nesse cruzeiro, embora perseguido pela **Regeneração** e afinal pelo brigue **Andorinha** (cap. te. Francisco Romano da Silva), que a 1.º de novembro ganhou o oceano pela barra norte de Desterro.

Finalmente decidiu-se a voltar para Laguna.

Eis como êle próprio explica esta sua deliberação:

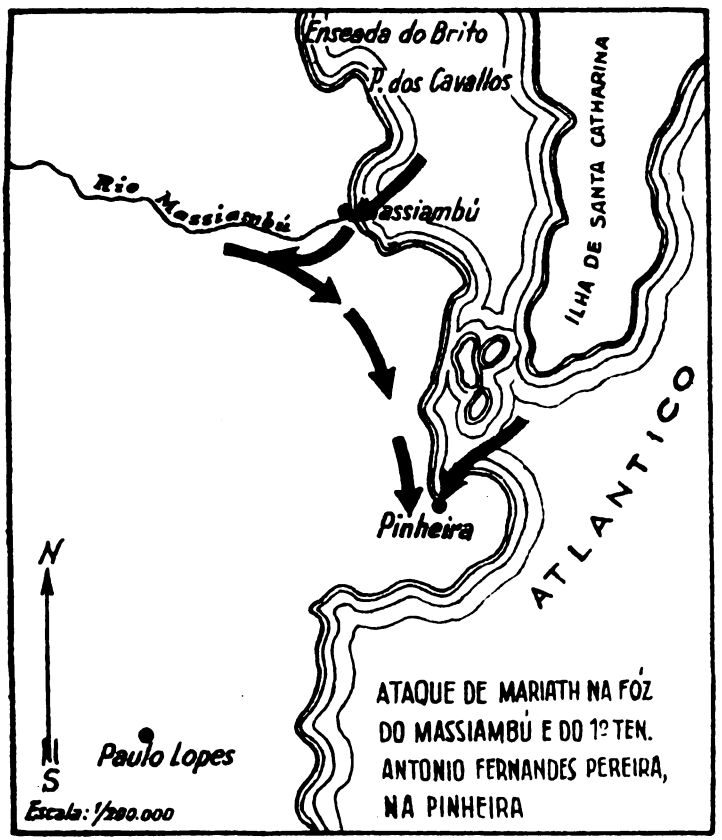
"Não sei porque, tinha um sinistro pressentimento do que ali se passava, visto que antes da nossa partida já um certo descontentamento se manifestava contra nós.

"Estava além disso prevenido da aproximação de um corpo considerável de tropas, comandadas pelo general Andréa, a quem a pacificação do Pará tinha dado uma grande reputação".

"Na altura da ilha de Santa Catarina, quando voltávamos, encontramos um patacho de guerra brasileiro. Tinha unicamente comigo dois navios — o **Rio Pardo** e o **Seival,** — porque a **Caçapava** havia muitos dias que se tinha separado de nós em uma noite escura. Quando o descobrimos, o navio inimigo estava na nossa prôa, por isso não havia meio de o evitar. Navegamos então direito a êle e o atacamos resolutamnete. Começamos o fogo e o inimigo respondeu-nos, mas êste combate teve um êxito medíocre por causa do mar grosso. O seu resultado foi a perda de algumas das nossas presas, porque os seus comandantes, assustados pela superioridade do inimigo, baixaram os pavilhões. Outros deram à costa".

"Uma só das nossas presas foi salva. Era capitaneada por Inácio Bilbáo, o nosso bravo biscaínho, que a conduziu a Imbituba, então em nosso poder. O **Seival**, tendo a peça desmontada e fazendo água, tomou o mesmo caminho e eu fui obrigado a seguí-los, porque estava com muito poucas fôrças para andar só no mar".

Digitized by Google




Digitized by Google

Digitized by Google

"Entramos em Imbituba impelidos pelo nordeste (1). Com esse vento era-nos impossível entrar na lagôa e com certeza os navios imperiais estacionados em Santa Catarina, informados pela **Andorinha,** assim se chamava o navio de guerra com que tinhamos combatido, não tardariam a vir atacar-nos; era pois necessário prepararmo-nos para o combate. O canhão desmontado do **Seival** foi içado num promontório que fechava a baía do lado do levante, e ali construimos uma bateria coberta com cestões".

"No dia seguinte, ao romper da aurora, vimos três navios dirigindo-se para nós. O **Rio Pardo** começou então um combate muito desigual, porque os imperiais nos eram muito superiores em número".

Os navios que atacaram Garibaldi foram os brigues escunas **Andorinha** e **Bela Americana** e o patacho **Patagónia.** Descarregavam a sua artilharia mantendo-se em movimento.

"Passamos o resto do dia — escreve Garibaldi — a sepultar os mortos e a reparar as avarias, que não eram pequenas, causadas à galeota pelo fogo do inimigo. No dia seguinte os imperiais não apareceram, porque sem dúvida se preparavam para um novo ataque; embarcamos o nosso canhão e, levantando âncora pela noite, dirigimo-nos para a lagoa.

"Quando o inimigo deu pela nossa partida, começou a perseguir-nos, mas só no dia seguinte é que nos poude enviar algumas balas, que não nos causaram prejuizo algum.

"Entramos, pois, sem outro incidente na lagoa, onde fomos festejados pelos nossos, que se admiravam de termos escapado a um inimigo tão superior em número".

Historiando êste episódio, escreve o almirante Henrique Boiteux:

"Prolongou-se o mortífero combate até a noite e só cessou com a retirada dos atacantes. Desta circunstância aproveitou-se Garibaldi para mandar enterrar os mortos e, por terra, em carretas, enviar os feridos; mandou deitar fogo às presas, depois de descarregadas".

"O navio imperial de ronda, que se havia afastado para o largo com receio de que o vento N.E., que soprava forte, o ensacasse naquela enseada aberta e de tença perigosa, ao avistar os clarões do incêndio, deduziu haverem os republicanos destruido seus próprios navios. Com êste estratagema e aproveitando-se da escuridão da noite, conseguiu Garibaldi iludir a vi-

(1) Segundo o marechal Andréa, no dia 3 de novembro de 1839.

Digitized by Google

gilância dos navios imperiais, indo recolher-se ao pôrto da Laguna, onde encontrou a **Caçapava"**.

O cruzeiro de Garibaldi e seus companheiros é um belo testemunho de qualidades excepcionais de bravura e resistência, mas nenhuma vantagem trouxe à ação de Canabarro em Santa Catarina.

Volvamos às operações terrestres dos imperiais.

Já vimos o que êles fizeram a 28 de setembro (1839), de combinação com as fôrças navais de Mariath.

E' óbvio que depois disso o te.-Cel. Fernandes deveria prosseguir para o sul, obrigando os elementos avançados de Teixeira a retrairem-se para Laguna. Contra a fôrça que êle mantinha em Garopaba, planeou Andréa um movimento torneante e deu as ordens para a sua execução.

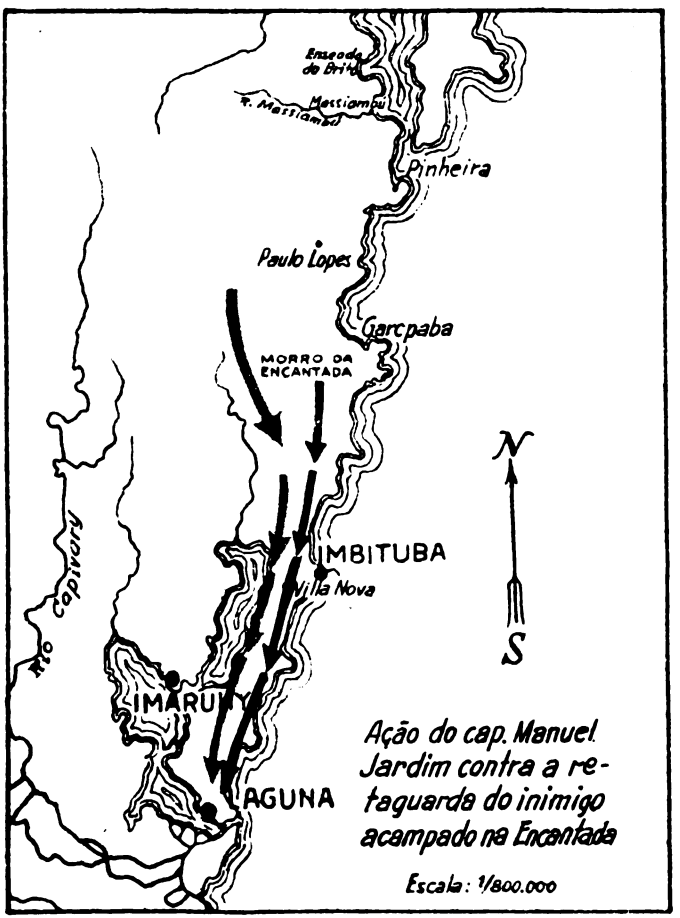
Fernandes soube existir uma picada que, partindo da ponta da Gamboa, junto à Serra, e após uma volta de cinco léguas, ia sair na retaguarda do inimigo acampado na Encantada. Mandou por ela (a 1.º de novembro) o 2.º batalhão de caçadores e a 5.ª companhia do batalhão da Serra, tudo sob o comando do cap. Manoel Joaquim, perfeito conhecedor da região. Êstes elementos, vencendo o mau terreno, embora expostos às chuvas, e marchando à noite, lograram tomar contacto por surpresa, na madrugada do dia 3, com os postos avançados do inimigo e depois com o grosso dele. Seguiu-se uma luta cruenta. Os republicanos retiraram em debandada, deixando 10 mortos, seis prisioneiros e um capitão. Os legalistas tiveram 5 praças feridas, duas das quais faleceram. Teixeira fugiu num cavalo em pêlo e perdeu a espada. (1) Fernandes rompeu no dia seguinte ao da partida do cap. Manoel Joaquim, com o resto da sua brigada (1.ª), afim de dar tempo áquele capitão para a execução da grande volta que tinha de realizar e com êle afinal se reüniu, tendo atravessado o morro do Sirihú.

Depois disso era intenção de Andréa acometer Imbituba por mar e por terra, com Mariath e Fernandes, mas não foi necessário nenhum combate, porque os inimigos bateram em retirada para o sul.

Andréa saiu da capital levando consigo o Batalhão Provisório do Desterro (cerca de 800 homens) e foi desembarcar na

(1) Parte do Te.-Cel. Fernandes, escrita a 3 de novembro de 1839, em Encantada, portanto no mesmo dia em que Garibaldi entrava em Imbituba, de volta do seu cruzeiro.

Digitized by Google




Digitized by Google

Digitized by Google

enseada do Brito. No dia seguinte pôs-se em marcha e foi acampar em Vila Nova, que alcançou a 9 de novembro, juntamente com a coluna de Fernandes. Em Imbituba ficou Mariath, apercebendo-se para as novas operações. Em Vila Nova, ao que parece, soube Andréa pelo juiz de paz de Imaruí, que mais de 100 legalistas desta localidade estavam prontos para levantar-se contra os farroupilhas; só pediam armas, munições e um ofício do exército para conduzí-los.

Andréa tinha a seu lado o brigadeiro José Maria da Gama, que viera espontaneamente do Rio Grande prestar serviços ao govêrno. Deu-lhe quatro companhias do batalhão do Desterro (sob o comando do te.-Cel. Zeferino Pimentel Moreira Freire) e encarregou-o de socorrer Imaruí. Acompanharam-no o major Paulo Alano, e alguns oficiais e praças de cavalaria que êle trouxera do Rio Grande.

Imaruí levantou-se de facto contra os republicanos. Irritado com esse procedimento, Canabarro mandou que Garibaldi, já de volta do seu cruzeiro, fosse **castigar a ferro e fogo** essa pobre vila.

Garibaldi, ao que êle afirma, executou a missão com o coração amargurado, e tão humanamente quanto lhe foi possível. Como os habitantes e a guarnição já tinham feito preparativos de defeza pelo lado do mar — conta ainda êle — foi desembarcar a quatro milhas de distância e procedeu ao ataque quando menos o esperavam.

Depois do saque, regressou a Laguna, com os víveres e objetos que poude salvar.

O brigadeiro Gama teve de efetuar marchas noturnas para não ser visto e dest'arte não poude chegar à tempo de socorrer Imaruí.

Restava a Andréa retomar Laguna, valendo-se da brigada de Fernandes e da esquadrilha de Mariath. Este concentrara-se em Imbituba e dispunha de 13 navios com 300 praças de guarnição, 600 homens de abordagem e 33 bocas de fogo. Aquele contava com uns 2.000 homens (almirante Boiteux).

Durante algum tempo foram os navios duramente castigados pelo vento de leste, pois estavam fundeados em uma enseada sem abrigo. Logo, porém, que o vento rondou para nordeste, Mariath zarpou para o seu objetivo.

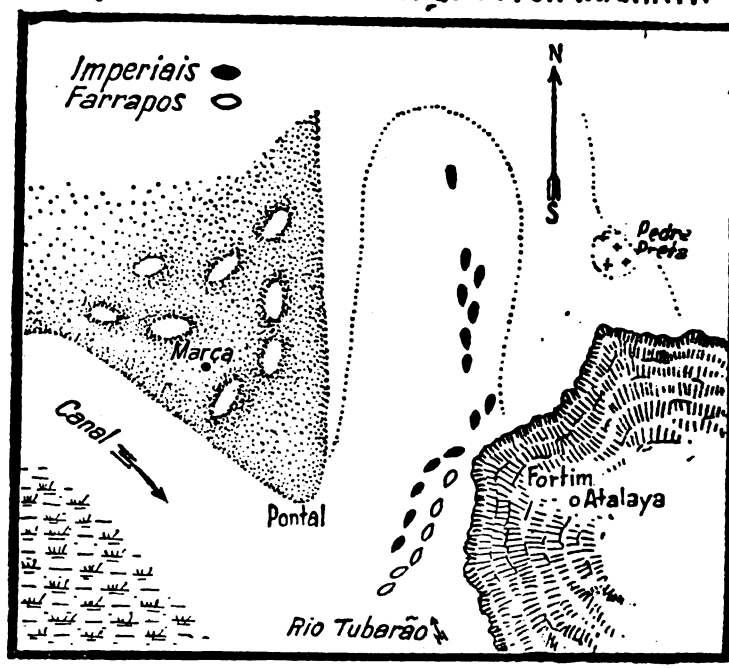
No dia 15 de novembro de 1839, enfrentava a barra de Laguna.

Digitized by Google

Seu plano de manobra resumia-se no seguinte: destruir os obstáculos que constava terem sido postos na barra, penetrar por ela e acometer os navios inimigos. (1)

Eis como êle próprio descreve em parte oficial, o seu dispositivo :

FORÇAMENTO DA BARRA DA LAGUNA POR MARIATN




Do livro "Anita Garibaldi" por Henrique Boiteux

**"Canhoneira n.º 14,** ao mando do intrepido 2.º te. Manoel Moreira da Silva; **lanchão n.º 1,** do bravo guarda-marinha António José Pereira Leal; **n.º 2,** ao mando do bravo guarda-marinha Joaquim Rodrigues da Costa; **n.º 3,** ao mando do valente piloto e escrivão José Manoel da Silveira; **n.º 4,** ao mando de um bravo patrão, Manoel dos Santos; estas mebarcações com 150 marinheiros de abordagem deveriam abordar a escuna de guerra **Itaparica** para meterem ao fundo ou desfazer as correntes,

(1) Corriam vozes de que a entrada do pôrto fora fechada "com grossas amarras de ferro passadas através da escuna **Itaparica** e embarcações metidas a pique".

Digitized by Google

caso as tivesse, afim de entrarem as demais embarcações e ainda que, com dôr do meu coração, eu reconhecia que devia perder pelo menos metade destas guarnições, contudo críticas eram minhas circunstâncias e mais glória caberia aos que escapassem por ter o arrojo de irem abordar uma embarcação de guerra debaixo de uma bateria a menos de tiro de pistola e uma cortina com mais de trezentos fuzis, quatro barcos de guerra e cinco com fuzilaria".

"Seguiam-se na pôpa, duas amarras de distância, as canhoneiras n.ºs 16 e 13, ao mando dos denodados primeiros tenentes Francisco Pereira Pinto e Francisco Luis da Gama Rosa, tendo por piloto António Vasconcelos Diniz, com o desígnio de distrair parte do fogo que a fortaleza e embarcações deveriam fazer aos lanchões".

Isso constituia, como se vê, uma **vanguarda,** destinada a abrir caminho. Seguia-a o **grosso**.

Mariath continúa :

"Três amarras pela pôpa destas canhoneiras o patacho **São José,** brigue-escuna **Eolo** (capitánea), escuna **Bela Americana,** patacho **Desterro,** brigue escuna **Cometa** e canhoneira **Belico;** de mestre prático servia o piloto Caetano Gomes Ribeiro; em distância de meia amarra uma das outras; assim acometemos a Fortaleza e embarcações de guerra, que em todos os sentidos nos faziam terrível fogo".

O sinal do ataque foi a bandeira nacional no tôpo grande do brigue **Eolo,** içado pouco antes das três horas da tarde.

"Cortada a linha inimiga pelo denodado 2.º te. Manoel Moreira da Silva — escreve ainda Mariath — foram entrando todas as embarcações e em menos de uma hora estava o inimigo derrotado e vencido, e algumas embarcações em fuga. Elas se achavam fundeadas ao pé da Fortaleza em um semi-círculo, sendo as escunas de guerra **Itaparica, Libertadora, Caçapava** e canhoneira **Lagunense** e cinco embarcações com fuzilaria e logo se seguiram o palhabote de guerra **Seival** e canhoneira **Santa Ana,** as quais fugindo, em breve tempo, foram prêsas pela escuna **Bela Americana** e lanchões n.ºs 1 e 3, sem que se pudessem apanhar as guarnições, uns por fugirem por cima dos baixos; mandei abordor as mebarcações, porêm o inimigo lançou fogo nas escunas **Itaparica** e **Libertadora** e duas embarcações menores, contudo atalhou-se o fogo de um patacho novo, e a escuna **Caçapava** foi ao fundo pelos rombos que recebeu, porêm já está sob fundas para ser tirada".

Digitized by Google

"Completa foi a nossa vitória e derrota do inimigo, pois até agora foram mortos todos os comandantes menos seu chefe Garibaldi". (1)

Mariath conta que tomou cinco peças de artilharia da fortaleza, que estavam na praia, cinco da escuna **Itaparica** e três rodizios dos canhoneiras".

Acusa uma perda de 17 mortos e 38 feridos.

Só depois do combate naval, entrou Fernandes em Laguna. Era esta a ordem de batalha de sua fôrça, denominada

**1.ª Brigada :**

1) Batalhão da Serra (major Rodrigo da Silva)
2) 2.º Batalhão (major Antônio Maria de Souza)
3) 1.º " provisório de Pernambuco (major João Francisco de Melo)
4) Corpo de Cavalaria de Imbaú (major José Carlos da Gama)
5) Esquadrão do Desterro (major Francisco Duarte da Silva)
6) Artilharia (cap. José Correia de Castro).

Garibaldi confessa a sua derrota. Conta que a bateria da entrada só dispunha de peças de pequeno calibre e manejadas por artilheiros inábeis; que metade da equipagem dos três navios republicanos havia desembarcado para coadjuvar a passagem das tropas de Canabarro. Abandonou esses navios, salvando as armas de mão e as munições, e depois de pessoalmente incendiá-los.

"Num instante — escreve o famoso guerreiro — uma nuvem de fumo envolveu os ditos navios, e os nossos bravos, que morreram, tiveram ao menos, queimados sôbre as cobertas, uma fogueira digna deles".

Canabarro, prevendo os acontecimentos e convicto de não poder resistir ao ataque imperial, providenciou de certo com antecedência para a evacuação de Laguna. Retirou a sua impedimenta e talvez o seu grosso antes que as tropas de terra se

(1) "Para simular um ataque no cabo de Santa Marta, determinou (**Mariath**) que seguissem o brigue escuna **Caliope**, comandado pelo 1.º tenente Augusto Cesar de Castro Menezes, e patachos **Patagônia** e **Andorinha**, por Otoni e Francisco Romano. Esta demonstração nenhum efeito produziu no ânimo dos defensores, visto a impossibilidade de qualquer desembarque, quer ao norte, quer ao sul do dito cabo". (Almirante Henrique Boiteux)

Digitized by Google

aproximassem. (1) Conta Garibaldi que ao regressar de sua façanha em Imaruí "começavam a conduzir as bagagens à margem direita (**da lagoa**) e bem depressa os soldados deviam seguí-las".

Parece que Canabarro, depois de levar as suas fôrças à margem sul de Laguna, dirigiu-se à barra do Camacho (onde permaneceu 10 dias), de lá a Araranguá e afinal recolheu-se ao Rio Grande passando em Torres, isto é, percorreu em sentido contrário o caminho que trilhara vindo do sul.

De Araranguá, lançou um pequeno destacamento sob o comando do coronel Teixeira, na direção de Lages.

Teixeira sobe a serra e vai chocar-se com a fôrça imperial do brigadeiro Xavier da Cunha, que êle derrota e, depois, apossa-se de Lages.

Cumpre-me, pois, explicar agora êstes sucessos.

Preocupado com a situação em Santa Catarina, resolveu o govêrno imperial efetuar uma concentração de fôrças no Rio Negro, ou na fronteira de S. Paulo, como então se dizia, visto nessa época a atual província do Paraná ainda fazer parte da de São Paulo.

Entregou o comando das mesmas fôrças ao brigadeiro Francisco Xavier da Cunha.

De Rio Negro avançou êste brigadeiro na direção do Sul.

A 25 de novembro de 1839, tinha seu quartel-general, em marcha, no Campo do Corisco, donde lançava uma proclamação aos serranos concitando-os a apoiar a legalidade e pouco depois outra (do Campo dos Curitibanos, a 29 de nov.), no mesmo sentido, aos habitantes do município de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul.

Foi nesse mesmo dia 25 que lhe chegou a notícia da retomada da Laguna. Havendo também sabido que explodira uma

---

(1) Em sua parte ao ministro da guerra, escreve Andréa que "quando a fôrça de terra chegou a entrar na vila, já não encontrou uma resistência eficaz, porque os rebeldes, aturdidos com a entrada da esquadrilha, tratavam só de passar ao lado da Camiça, tanto em canôas, como a nado, de que resultou morrerem alguns afogados". "A retirada dos rebeldes — acrescenta — foi tão precipitada, que deixaram muitas munições e mantimentos e mesmo alguns bois". Garibaldi diz, em suas **Memórias**: "Tive muito que fazer no dia em que se efetuou a passagem da divisão para a margem meridional, porque, se o exército era pouco numeroso, as bagagens pareciam não ter fim. Na parte mais estreita do rio a correnteza redobrava de violência. Trabalhamos, pois, desde o nascer do sol até o meio dia para fazer passar a divisão".

"Pelo meio dia começou a aparecer a flotilha inimiga, composta de vinte e duas velas".

Digitized by Google

reação legalista em Lages (1) e que os revoltosos Aranha, Serafim, António Inácio e outros "se tinham retirado com suas pequenas partidas para os campos da Vacaria e se achavam pelo arroio de Santana", resolveu expedir no dia 26 de novembro "uma forte partida de 100 homens de cavalaria, de 20 fragueiros do Campa do Tenente, (2) que o acompanhavam, e com o mais, que o comandante da mesma partida, o capitão Hipólito Machado Dias, pudesse reünir", e deu-lhe como missão "entrar nos Campos Novos, passar o rio Pelotas, junto ao Mato Português, e fazer mão baixa em tudo que fosse farrapos até o registo de Santa Vitória ou suas imediações", ponto a que se ia dirigir a toda a pressa.

Convinha, pois, concentrar a maior fôrça possível no passo de Santa Vitória, no rio Pelotas, pois que o considerava agora "o pião de suas operações".

Com êsse intuito enviou a Lages, no dia 28 de novembro, o major Cândido Pereira da Silva Alano, com um ofício para o respectivo juiz de paz, em que mandava que o dito juiz e o comandante da fôrça legalista local entregassem ao major Alano pelo menos 100 homens escolhidos por êle, afim de se lhe juntarem, a êle Cunha, na marcha que iria empreender, sem falta, no dia 30 de novembro. Comunicava que a missão que lhe confiara o govêrno imperial era "cobrir o município de Lages, perseguir os rebeldes e não os deixar tomar fôlego".

Do Campo dos Curitibanos avançou o brigadeiro Cunha para Lages, que alcançou, parece, a 2 de dezembro (1839), e de lá rumou para o passo de Santa Vitória.

Entrementes que fizera o capitão Hipólito Machado Dias? O seguinte, ao que conta um correspondente de guerra da época: (3).

Penetrára no Rio Grande, batera pequenos elementos revolucionários, atravessára o Mato Castelhano e fôra até Passo Fundo, reünindo partidários e arrebanhando cavalos. Poséra-se depois em retirada para o registo de Santa Vitória. Em marcha de 45 léguas de dia e de noite, estropearam-se-lhe os animais.

Voltemos ao brigadeiro Cunha.

Ignoro com que elementos êle partiu de Lages para o passo de Santa Vitória. Diz-se que foi acampar num lugar denominado Carasinho a uma légua de distância do rio Pelotas.

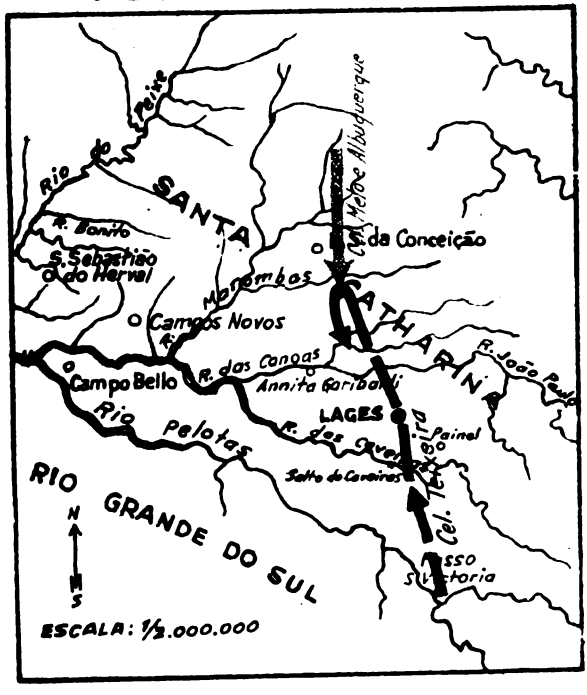
(1) A reação legalista em Lages ocorreu a 15 de novembro, isto é, no mesmo dia da reconquista de Laguna.

(2) **fragueiros**, adj.; que passa vida trabalhosa por campos e fragas — (Dicionário de Caldas Aulete).

(3) **Noticiador** de São Paulo.

Digitized by Google

## MARCHA DO CEL. TEIXEIRA PARA O NORTE E CHOQUE DE SUAS FORÇAS COM AS DO CEL. MELO NO RIO MAROMBAS




Digitized by Google

Digitized by Google

Deixou alí a bagagem, sob a guarda de alguns oficiais, "de 50 soldados do 10.º batalhão e de muitos homens que acompanhavam a coluna, uns como condutores e outros que emigravam para Vacaria e Missões". Afirmam ainda que abalou daí na noite de 13 de dezembro, à frente do seu piquete de cavalaria e 60 caçadores de 1.ª linha. Depois cruzou o Pelotas e na manhã de 14 alcançava o registro de Santa Vitória.

Neste passo se lhe reúne o major Alano e o acomete Teixeira, que, já sabemos, viera do litoral com Garibaldi e seus companheiros, enviado por Canabarro.

Pelo registro de Santa Vitória passavam, pagando imposto, **as tropas** de gado levadas do Rio Grande à feira de Sorocaba.

"Alem da casa para o arrematador das rendas — escreve Varela — construiu-se uma cêrca de pedra capaz de vedar, de extremo a extremo, o logradouro público e impedir o contrabando; muralha ao centro da qual ficou uma **parteira**, adequada à passagem das **tropas** e onde se procedia à exata contagem das mesmas".

O brigadeiro Cunha, que avançara de Lages, apenas com um insignificante destacamento, de certo compreendeu, logo aos primeiros contactos com o inimigo, tomados pela cavalaria de Alano, a 13 de dezembro, que só lhe restava aproveitar-se da cêrca de pedra do registo como massa cobridora e alí defender-se dos contrários. E assim o fez. Teixeira acometeu-o a 14 de dezembro nessa posição, buscou atacá-lo de flanco com Garibaldi e seus companheiros e, afinal, logrou penetrar pela porteira e aniquilar os inimigos, que fugiram em debandada. Muitos pereceram afogados, quando tentavam passar a nado o rio Pelotas; entre êsses encontrava-se o próprio brigadeiro Cunha. Depois da refrega, os dispersos se foram reünindo pouco e pouco na direção do norte, em torno de seus chefes (major Alano, capitão Hipólito, capitão Valentiano).

Teixeira diz que os inimigos tiveram 36 mortos em combate, mais de 50 afogados e 106 prisioneiros. As perdas farroupilhas limitaram-se a 7 feridos, quási todos graves. A 16 faleceu o te.-Cel. António Inácio, dos ferimentos recebidos na peleja.

Após essa vitória, fácil foi a Teixeira apossar-se da bagagem de Cunha, e dirigir-se a Lages, onde entrou a 18 de dezembro de 1839, restaurando mais uma vez o regimen republicano.

Surgia-lhe, porêm, um novo adversário na pessoa do coronel António de Melo e Albuquerque.

Digitized by Google

Êste valente chefe legalista, segundo êle próprio conta, depois de feito prisioneiro, com muitos camaradas, em Rio Pardo, retirou-se para o município de Cruz Alta, "de cujas fôrças era comandante".

Alí aguardou uma ocasião oportuna para novamente levantar-se em armas a favor do govêrno central. Ela se lhe deparou no dia 2 de dezembro, por ser, diz êle, "o dia natalício do nosso adorado Imperador". Reüniu em pouco tempo 600 homens. Preparava-se para se juntar ao brigadeiro Cunha, quando soube da derrota que êle padecera.

Que fazer nessa conjuntura? Sentia-se isolado, em frente a fôrças avultadas do inimigo. Sabia provàvelmente que elementos revolucionários lhe vinham no encalço e não tinha esperança de chegar nem a Porto Alegre, nem ao Rio Grande. Desesperado, atirou-se para o lado onde se achava o inimigo triunfante da divisão Cunha, isto é, rumou para o norte. Sua idéia foi sem dúvida juntar-se aos imperiais, que de certo volveriam do norte reforçados dentro em breve, para efetuar nova ofensiva.

Evitou Lages; passou a oeste dela, pelos Campos Novos, e alcançou o Campo de Curitibanos.

Teixeira soube da aproximação do destacamento do coronel Melo Albuquerque, mas parece que a princípio ignorava a direção em que êle se apresentaria.

Viria pelo sul de Lages ou pelo norte? Por Vacaria ou por Curitibanos?

Essa incerteza levou-o ao grave êrro de dividir as suas fôrças em duas frações. Lançou uma para o sul, sob o comando do coronel Aranha. Segundo Garibaldi, ela contava a melhor cavalaria. E com a outra, avançou para o norte, na direção de Curitibanos. Levava consigo Garibaldi e seus companheiros.

Chegou à margem esquerda do Marombas, na estrada Rio Negro-Lages.

Alí se chocou, a 12 de janeiro de 1840, com o coronel Melo e Albuquerque, num local chamado Campo das Forquilhas.

Segundo refere Garibaldi, os imperiais atacaram o posto avançado republicano da beira do Marombas, dando assim o alarma; e ao amanhecer de 12, apareceram formados em batalha na margem esquerda do rio. Empenhou-se o combate. Teixeira acometeu-os com energia. O coronel Melo Albuquerque ocupava excelente posição numa colina elevada. A-pesar disso, e diante da arremetida de Teixeira, êle recuou. Os republicanos passaram a perseguí-lo, "mas foram atacados repentinamente

Digitized by Google

pelos pelotões emboscados, que não tinham visto e que, tomando-os pelos flancos, os obrigaram a passar o vale em desordem".

Os republicanos refazem-se e atacam de novo os imperiais, impelindo-os para o passo do Marombas. Tendo o major Jacinto, comandante da vanguarda de Teixeira, se aproximado do passo, viu que os adversários faziam os seus bois e cavalos transporem o rio em desordem, e deu parte disso a seu chefe. Tratava-se de uma simples finta, mas Teixeira caiu no laço. Avançou célere com toda a cavalaria, sem que a infantaria pudesse seguí-lo, a-pesar de ordem para isso.

"A retirada do inimigo — escreve Garibaldi — não era contudo senão um ardíl, e infelizmente êsse ardíl teve para nós terriveis resultados. Por causa das irregularidades do terreno e da precipitação com que o tinha atravessado, o inimigo achou-se fóra da nossa vista e ao chegar ao rio, como nos tinha participado o major Jacinto, havia passado para o outro lado os bois e cavalos, mas a tropa ficára oculta pelas colinas revestidas de mato que a subtraiam completamente à nossa vista".

"Tomadas estas precauções, e tendo deixado um pelotão para sustentar a sua linha de atiradores, os imperiais, sabedores da nossa imprudência em manter a infantaria na retaguarda, fizeram uma contra-marcha e, dentro em pouco, seus esquadrões apareciam subindo a encosta suave de um vale".

"O nosso pelotão, que perseguia o inimigo em sua fuga simulada, foi o primeiro a conhecer o ardil, mas infelizmente não teve tempo de evitá-lo. Atacado de flanco, foi completamente destroçado. Os três outros esquadrões de cavalaria tiveram a mesma sorte, não obstante a coragem e resolução de Teixeira e de alguns dos nossos oficiais do Rio Grande; em pouco tempo a nossa cavalaria estava rôta e espalhada em todas as direções".

A infantaria, que ficara para trás, acolheu muitos dispersos, em posição adequada no terreno, e acabou abrigando-se em um mato que havia na retaguarda.

"Foi para nós grande fortuna — escreve ainda Garibaldi — o estarem os oficiais armados de carabinas, e, como todos eramos homens aguerridos, conservamo-nos juntos, fazendo face ao inimigo por qualquer lado que se apresentava; recuando em excelente ordem, com auxílio de um fogo terrível e bem dirigido, ganhamos o nosso refúgio, onde o adversário não se atreveu a penetrar. Uma vez na floresta, encontramos um claro, e, sempre unidos e de fuzil na mão, esperamos pela noite".

Digitized by Google

Ao abrigo do mato retiraram no rumo de Lages. Dalí passaram a Vacaria, no Rio Grande do Sul.

Em ofício ao ministro da guerra, datado no Campo de Curitibanos a 12 de janeiro de 1840, disse o coronel Melo e Albuquerque que chegara a Curitibanos com 400 homens e entrara em ação, nesse dia 12, apenas com 300, e que o inimigo lhe oferecera batalha com 450, inclusive 150 de infantaria. Tivera 5 mortos e 20 feridos; entre aqueles estavam o te.-Cel. Melo Bravo, o capitão Borges e os alferes Lucas e Machado. Computava as perdas do adversário em 60 mortos, dos quais 6 oficiais, e 3 prisioneiros feridos.

Em dado momento pensaram os revolucionários nos grupos de Portinho e Aranha para restabelecer a situação perdida, mas afinal abandonaram a idéia e ordenaram a reünião de Teixeira ao exército sitiador de Porto Alegre. Os efetivos estavam muito reduzidos pelas numerosas deserções.

Garibaldi desceu a Serra com os seus companheiros (cêrca de 70). Cruzou a zona florestal do rio das Antas, passou em S. Francisco de Paula e foi ter ao acampamento do exército republicano no rincão do Malacara, "onde pouco depois — conta Varela — entrava Teixeira com a sua diminuta cavalaria, tendo despontado o Pelotas, o Antas e se abeirado dos vertiginosos **aparados** subseguintes, para baixar a grande encosta, na vereda que sai em Maquiné e conduz à Freguesia da Serra, hoje Conceição do Arroio, burgo a nascer".

E assim terminou a aventura farroupilha em Santa Catarina!

Sôbre a retirada para Lages depois do combate à beira do Marombas, fez Garibaldi estas judiciosas reflexões:

"Foi nesta circunstância (**a retirada para Lages após o combate à margem do Marombas, em Curitibanos**) que eu verifiquei os vícios geralmente imputados ao exército republicano, que se compunha de homens cheios de patriotismo e coragem, mas que não ficam junto às bandeiras senão quando o inimigo as ameaça, abandonando-as quando êste se afasta. Tal costume foi quási a nossa ruina, e poderia causar a nossa perda nesta ocasião, porque se o inimigo procedesse com mais paciência, teria podido destruir-nos totalmente".

"Os serranos foram os primeiros a abandonar as fileiras. Os soldados de Portinho em breve o seguiram. Note-se bem que os desertores não só levavam os seus cavalos, mas os da divisão. Em poucos dias as nossas fôrças se separaram com tanta rapidez, que fomos obrigados a abandonar Lages, retirando-nos

Digitized by Google

para a província do Rio Grande, temendo a presença do inimigo, que tinha sido obrigado a fugir diante de nós e de que a fuga nos tinha feito vencedores".

"Sirvam êstes exemplos aos povos desejosos de alcançar a sua liberdade; saibam não ser com flôres, festas e iluminações que se combatem os soldados aguerridos do despotismo, mas com soldados mais disciplinados e aguerridos do que êles; convem, pois, que não se empenhem em tão rude tarefa os que não forem capazes de aguerrir e disciplinar um povo, depois de tê-lo sublevado".

"E' verdade que também ha povos que não merecem ser sublevados: a gangrena não tem cura".

Convem agora referir que o coronel Melo Albuquerque avançou lentamente para o sul, buscando recalcar os elementos da retaguarda com que os farroupilhas tentavam cobrir a sua retirada. No dia 12 de março (1840), tinha uma **pequena guarda** avançada em Ponte Alta, à margem do Canoas, e 200 homens nos **Cachorros.** Os republicanos, aproveitando-se de estar baixo o rio, passaram-no e acometeram a guarda imperial, mas foram chocar-se adiante com o te.-Cel. João Gonçalves Padilha, que o Cel. Albuquerque mandara para a frente nesse dia, e que os levou de vencida até Ponte Alta. Embora tentassem resistir neste local, foram compelidos a bater em franca retirada, só indo parar, afirma o dito coronel, "do outro lado do Pelotas".

Em 6 de abril (1840), tinha o Cel. Melo Albuquerque o seu acampamento à margem do Canoas, porêm desde 19 do mês antecedente que o capitão José Marcelino Alves de Sá havia entrado em Lages, restaurando a legalidade, após ter batido e rechassado uma partida inimiga ao mando do cap. Raimundo. Por isso escrevia Melo e Albuquerque ao marechal Andréa, em ofício de 6 de abril (1840):

"Tenho a satisfação de participar a V. Excia. que o município de Lages se acha completamente expurgado dos anarquistas que o infestavam".

Digitized by Google

Digitized by Google

## CAPÍTULO IV

**O govêrno central organiza a coluna Labatut para substituir a de Cunha. Nomeação de Saturnino de Souza para presidente do Rio Grande do Sul e do Marechal Manoel Jorge para comandante das armas desta província. Plano de manobra dos legalistas contra os rebeldes sitiantes de Porto Alegre. Inicia-se a execução do plano. Calderon sai de Canudos com a cavalaria. Vai a Piraí. Transpõe o Jacuí, no passo das Pedernoiras. Dirige-se ao passo do Taquarí e junta-se ao seu partido. Movimentos e hesitações de Manoel Jorge. Movimento dos rebeldes. Malôgro do plano legalista. Combate de Taquarí. Manoel Jorge retira para Santo Amaro. Bento Gonçalves volta à região de Porto Alegre Observações de Saturnino do Oliveira sôbre a ação de Manoel Jorge. Bento Gonçalves vai atacar S. José do Norte. Insucesso do ataque. Bento Manoel deseja abandonar as fileiras revolucionárias. Escreve nesse sentido a Saturnino. O govêrno imperial substitue Saturnino e Manoel Jorge por Soares de Andréa. Declaração da maioridade de D. Pedro. Anistia concedida por êle. Missão pacificadora de Alvares Machado Suas negociações com Bento Gonçalves. Malogro das mesmas. Nova organização militar dos rebeldes.**

Nada obstante o grande revés sofrido pelos legalistas no rio Pelotas, e de que resultou a morte do brigadeiro Cunha, persistiu o govêrno central na sua primitiva ideia. Formou outro destacamento para substituir o de Cunha e nomeou para comandá-lo o general Pedro Labatut (10 de janeiro de 1840). (a)

---

(a) Labatut era um ex-militar francês, que D. Pedro I encorporara ao exército brasileiro, e a que confiara a tarefa de comandar as tropas nacionais, que enfrentavam na Baía o general Luis Madeira de Melo, procurando expulsá-lo do Brasil.

Seus precedentes estão pouco esclarecidos.

Sabe-se que lutou em Nova Granada contra os espanhóis e fez a campanha de Santa Marta, na região da foz do rio Madalena. Afirmam que nesse período se desgostou com Simão Bolivar, por êste lhe haver desobedecido às

Digitized by Google

Êste general partiu de S. Paulo para Santos a 30 de janeiro, "com os oficiais que trouxera da Côrte".

"Em Santos, foi com todos êles visitar o túmulo de José Bonifácio, espargindo flores sôbre o jazigo".

De S. Paulo também seguiu para Santos o tenente-coronel Bento Tomás Gonçalves, "com um contingente de oitenta e tantas praças, para se encorporar às fôrças que se reüniam naquele ponto". (1)

A 1.º de fevereiro, Labatut dirigiu de Santos uma procla-

---

ordens. Deixou Nova Granada (1813), segundo uns espontaneamente, segundo outros forçado pelas autoridades. Tempos depois (1822), estava no Brasil e era admitido (3 de Julho de 1822) como brigadeiro em nosso exército. Designado para ir comandar na Baía, para lá seguiu e pôs-se à testa do Exército Pacificador. Não se entendeu bem com a Junta de Cachoeira; sustentou contra ela as suas prerogativas de comandante em chefe. Formou-se um grupo que lhe era hostil, provàvelmente inspirado em sentimentos de xenofobia, e quiçá por causa das medidas disciplinares, que tomou, afim de dar coesão às suas tropas. Ha quem o argúa de excessiva severidade. O desenlace dessa situação foi um acto de indisciplina: destituiram-no do comando e prenderam-no.

Na Côrte foi julgado por um Conselho de Guerra, formado de 7 generais. Defendeu-se cabalmente. A sentença, unânime, considerou-o **isento de todas as arguições** e mandou que **fosse sôlto** e **restituido ao livre exercício de seu Posto.** O Conselho Supremo Militar de Justiça homologou essa decisão.

A impressão que produz no leitor o exame dêsse triste lance é que Labatut foi vítima de grave injustiça. A verdade é que lhe cabe grande parte dos louros de vitória de Pirajá (8 de Novembro de 1822), ganha sôbre as tropas de Madeira.

Gosou de licença durante alguns anos. Em 1829 (5 de Fevereiro) foi demitido do exército, mas reintegrado em 1831 (11 de Abril), visto a ilegalidade daquele ato, a que não precedera sentença do tribunal competente.

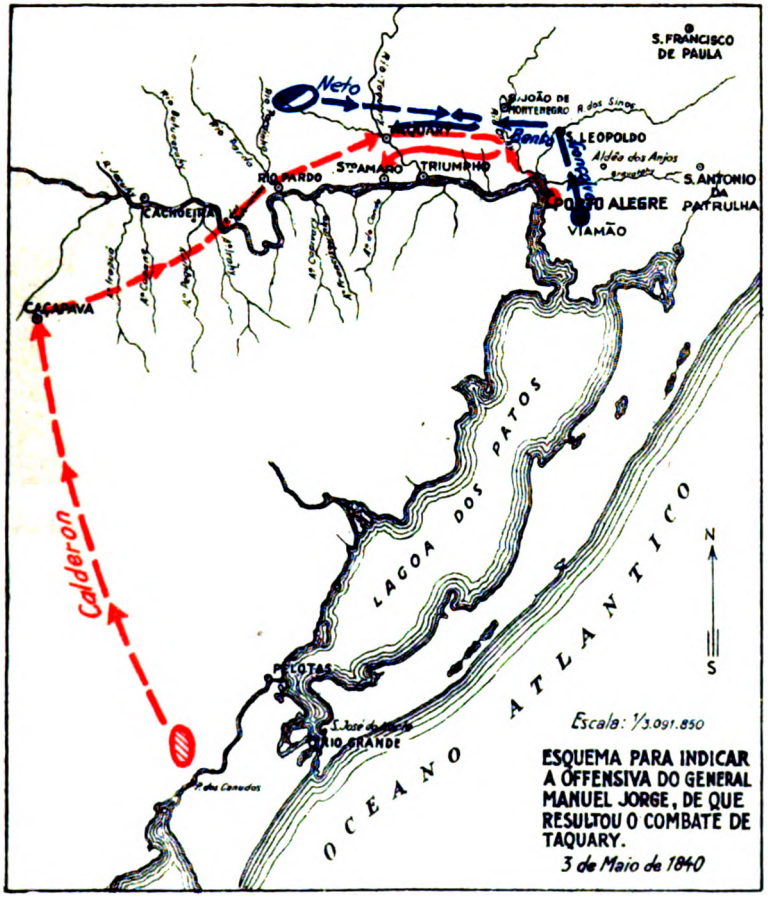
O govêrno aproveitou-o para comandar as tropas que deviam restabelecer a paz na província do Ceará, para onde êle se dirigiu e a que chegou no dia 22 de Julho de1832.

Voltou à Côrte. Deram-lhe licença para ir à França. Por decreto de 2 de Dezembro de 1839, foi graduado no posto de marechal de campo, e a 10 de Janeiro de 1840 nomeado comandante das fôrças da fronteira de S. Paulo, cargo que assumiu, em Santos, a 1.º de Fevereiro. Como nele se houve, vamos sabê-lo já.

Só me resta dizer agora que Labatut faleceu a 24 de Setembro de 1849, já sendo marechal de campo efetivo. Conforme o desejo que expressára antes de expirar, foram os seus restos mortais trasladados, em 1853, para a Matriz de Pirajá.

(1) Informes colhidos no livro **A República Catarinense,** do almirante Henrique Boiteux.

Digitized by Google




Digitized by Google

Digitized by Google

moção aos paulistas, em que os concitava a defender a independência e unidade da Pátria, **como sempre** o tinham feito.

Encaminhou-se depois para o rio Negro, e de lá como o seu predecessor, para a vila de Lages, onde já se achava a 9 de abril. (1)

Deixêmo-lo por enquanto e volvamos ao Rio Grande do Sul.

Já não tendo confiança em Elzeário, resolveu o govêrno dispensá-lo e voltar ao antigo sistema, isto é, separar a presidência da província do comando em chefe do exército em operações.

Escolheu para aquele posto o Dr. Saturnino de Souza e Oliveira e para êste o marechal Manoel Jorge Rodrigues.

Ambos tomaram posse a 24 de julho de 1839 ou dois dias depois da conquista de Laguna pelos revolucionários.

O marechal Manoel Jorge Rodrigues resolveu desencadeiar uma ofensiva contra os rebeldes.

Conta o presidente Saturnino de Oliveira que o respectivo plano de manobra foi concebido por êle, presidente, e aceito afinal, pelo marechal e por Grenfell.

Eis como o explica :

"Manoel Jorge, com o batalhão que tinha no Rio Grande e Norte, e parte dos que estavam em Porto Alegre e 500 homens de cavalaria, ocuparia o rio Caí, para embaraçar que do exército sitiante passassem fôrças para a campanha; imediatamente que o Snr. Manoel Jorge partisse com as infantaria e artilharia para Porto Alegre, Calderon devia passar o São Gonçalo com 1.400 homens de cavalaria, montados a 3 cavalos, ao menos, por praça; marchar direito e ràpidamente sôbre Caçapava para surpreender o govêrno rebelde e, quando o não conseguisse, desalojá-lo de sua séde, espalhando assim a desmoralização e o terror entre os rebeldes, e marchar a fazer junção no Caí com o resto do exército; e então, reünido êste naquêle ponto em número de 5.600 homens, atacar-se junto o exército rebelde sitiante, que não teria a êsse tempo mais de 2.700 a 2.800 homens; eu, calculando o espaço e o tempo, dava 10 a 12 dias para Calderon fazer a sua empresa em Caçapava e estar reünido no Caí, e nesse tempo Bento Gonçalves não podia reünir as fôrças espalhadas, que seriam batidas em detalhe". (2)

---

(1) Em Lages firmava os seus ofícios escrevendo: **Quartel General da Divisão da S. Paulo.**

(2) Informa ainda Saturnino que **Grenfell foi quem primeiro lhe deu em Porto Alegre, a idéia dêste plano pelo conhecimento que ministrou das proporções do rio Caí para uma linha de defesa.**

Digitized by Google

O leitor sem dúvida já percebeu que estamos em face de plano análogo ao de Elzeário.

Tratava-se de golpear a tropa de Viamão, sob a chefia de Bento Gonçalves, partindo do rio Caí e executando uma conversão ampla pelo norte; sòmente agora reüniam-se meios mais poderosos.

Houve alguma demora no início da execução do plano. A 10 de fevereiro de 1840, Manoel Jorge saiu de Porto Alegre para Rio Grande, afim de trazer desta cidade um refôrço de tropas (dois batalhões de infantaria e a artilharia montada).

Achando, porêm, o presidente da província, Saturnino de Oliveira, ser urgente a ocupação do Caí, expediu de Porto Alegre, com essa missão, a 25 de fevereiro, o brigadeiro Felipe Neri, à frente de 1.200 homens.

Bento Gonçalves soube logo dessa providência e até pretendeu que fosse anulada sob o fundamento de que estaria pronto a entabolar negociações de paz, mas Saturnino não o atendeu. (1)

De volta do Rio Grande, dirigiu-se Manoel Jorge ao Caí e lá assumiu o seu posto a 3 de março.

Calderon abalou do acampamento de Canudos na tarde de 14 de março de 1840, à testa do seu destacamento (1.460 homens). Passou em Piraí e encaminhou-se para Caçapava. Informado a 21 de estar a vila abandonada, lançou para a frente o coronel Loureiro, com 200 homens, afim de ocupá-la e **inutilizar tudo**.

Loureiro entrou na capital da República poucas horas depois de abandonada pelo vice-presidente José Mariano de Matos, e inutilizou o que os rebeldes tinham deixado e não podia ser útil aos legalistas. (2)

Tendo sabido a 23 que Agostinho de Melo estava nas imediações de Rio Pardo com 200 homens, 2 peças, e carretas de munição, expediu Calderon contra êle, a 24, o coronel Lou-

(1) Trata-se da tentativa de pacificação de que foi intermediário o marechal Gaspar Mena Barreto, a quem Bento Gonçalves escreveu, no dia 3 de março de 1840, apresentando as suas condições preliminares. Saturnino de Oliveira respondeu, a 4 de março, ao referido marechal. Declarou "que não só não mandaria retirar a fôrça do Caí e de outros pontos, como não mandaria parar quaisquer movimentos e operações que tivesse de fazer contra os rebeldes senão para receber e perdoar a qualquer que depusesse as armas e se recolhesse às bandeiras imperiais, sem excepção alguma".

(2) Segundo os farroupilhas, o abandono de Caçapava realizou-se às 3 da manhã de 21 e os imperialistas nela penetraram às 4 da tarde dêste dia. A parte de Loureiro parece confirmar isso. Nela se declara que o inimigo deixou 1 peça, 2 obuses, pólvora, enxôfre, salitre, todo o arquivo do arsenal, tipos, e grande quantidade de **papelame**.

Digitized by Google

reiro, com 300 homens, para batê-lo. Loureiro deveria transpôr o Jacuí no passo da Cachoeira e descer pela margem dêsse rio. Imaginando que Agostinho de Melo se retiraria pelo passo das Pedemeiras, logo que pressentisse a marcha de Loureiro, decidiu Calderon avançar com o resto da sua divisão para êsse passo, caminhando pela margem direita do Jacuí. Antes de chegar ao arroio D. Marcos, foi informado de que Agostinho de Melo já havia passado o Jacuí e marchara para o arroio Tibatingaí. Lançou contra êle o coronel Propício, com 2 esquadrões, e logo atrás outros 2, **de proteção,** comandados pelo major Jardim. Da margem do D. Marcos expediu também o coronel Medeiros, com parte da sua brigada, na esteira dos rebeldes, os quais na tarde de 25 eram derrotados.

No dia 26, transpôs Calderon o Jacuí. (1) No dia 29 chegou ao passo de Taquarí. Demorou-se ali até 31, **fazendo passar a divisão e o gado** para o seu reabastecimento. Depois juntou-se ao seu partido.

Entrementes que fazia Manoel Jorge?

Já sabemos que se encontrava no Caí desde 3 de março e tinha agora a sua tropa ao alcance da mão. (2) Cumpria-lhe transpôr êsse rio e avançar contra o inimigo, depois de haver tomado todas as providências que essas operações exigiam. Era, portanto, necessário um serviço de exploração na margem esquerda para localizar o inimigo e medidas para garantir o desembocar de suas tropas nessa mesma margem. (3)

Manoel Jorge revela, porêm, nesse período um procedimento hesitante. Atribui ao adversário, sem fundamento plausível, o propósito de evitá-lo e de fugir a qualquer recontro. Por isso não se mexe; limita-se a guardar os passos.

A 2 de abril, o presidente Saturnino vai ao Caí com a esperança de convencê-lo a transpôr o rio. Volta a 4, sem nada haver conseguido.

E' indiscutível que Manoel Jorge protela o começo da ofensiva. A 10 de abril, reüne um conselho de guerra. Todos os principais chefes opinam pela travessia do Caí e pela ofensiva imediata. Só o tenente-coronel Francisco Pedro externa o parecer de que se ataque primeiro o agrupamento de cavalaria de Crescêncio, que os ameaça do lado de oéste.

Manoel Jorge adota precisamente esta opinião. Faz Calderon transpôr o Taquarí, em busca de Crescêncio; mas êste

(1) Pelo que êle diz, parece que o fez no passo das Pedemeiras.

(2) De 5 de março a 25 de abril, teve o seu quartel-general na Estancia das Palmas, à beira do Caí.

(3) Não me foi dado saber o que Manoel Jorge fez nesse sentido.

Digitized by Google

caudilho, aventando o perigo, retrai-se na direção de Rio Pardo. A operação só acarrea fadiga inútil para os animais de Calderon.

Afinal Manoel Jorge resolve que o Caí será transposto no dia 26 de abril, e expede ordem nesse sentido. A cavalaria deveria cruzar no passo do Contrato e o resto da fôrça (com o comandante em chefe) no do Pesqueiro. (1)

Porêm a 24 chega-lhe a notícia de que Bento Gonçalves atingiu ô Portão com o seu destacamento. Em vista disso, Manoel Jorge expede contra-ordem.

Convém agora saltar para o campo oposto, afim de vêr o que nele havia ocorrido.

O plano dos imperialistas foi logo compreendido por Bento Gonçalves, que providenciou para malográ-lo. Mandou Neto pôr-se à testa de elementos revoltosos ao norte do Jacuí.

Neto saiu de Viamão, atravessou o Guaíba em uma canoa piloteada por Garibaldi, avançou por terra dissimuladamente, transpôs o Jacuí e foi assumir o seu comando na margem esquerda do arroio do Trilho, a 16 de abril de1840. Convocou mais partidários para aumentar as suas hostes e marchou ao encontro de Bento Gonçalves, transpondo o Taquarí, a 24 de àbril, no vau denominado passo da Intaipa.

Bento Gonçalves deixou Viamão a 22 de abril, dirigiu-se a São Leopoldo e cruzou o rio dos Sínos.

O momento era crítico para êle, pois buscava juntar-se a Neto e qualquer dos dois poderia ser atacado isoladamente antes da junção. Seu primeiro cuidado deveria ser, pois, atravessar o Caí, que Manoel Jorge defendia separando-o de Neto. Isso êle conseguiu a 25 de abril, cruzando no extremo norte da barragem legalista.

Eis como Saturnino explica o forçamento dessa barragem:

"O Parecí tem muitos passos de vau e estavam defendidos no Maratá, por onde o inimigo tinha de passar, ou para seguir para o Taquarí, ou para ir atacar a nossa fôrça estacionada na margem direita do Caí em diferentes pontos, distantes umas duas e mais léguas um do outro desde o Monte Negro até abaixo do Contrato. As fôrças que vencessem a passagem do Maratá tinham de atravessar uma picada de perto de três léguas, por onde só podia passar um cavaleiro de vagar, tocando com a cabeça nos ramos e com os joelhos nos troncos das arvores laterais; fóra dêsse lugar todos os mais passos eram de nado, e o

(1) Seria útil conhecer o dispositivo da tropa imperial na margem esquerda do rio. Afirmam que ela se estendia desde o Monte Negro ao passo do Contrato e que havia neste passo 5 canhoneiras com 7 bocas de fogo. Não achei nenhum documento oficial sôbre êste assunto.

Digitized by Google

Monte Negro estava bem fortificado. O Snr. general determinou que as cavalarias passariam no Contrato, e êle, com o resto da fôrça, no Pesqueiro; se o inimigo quisesse fazer essa contra-manobra, não a poderia efetuar senão passando no Parecí, e foi êste o ponto que o Snr. general desguarneceu primeiro. No dia 24 fez retirar do Maratá para o Monte Negro uma companhia do 6.º batalhão de caçadores que alí estava, e fez marchar para os passos do Parecí a companhia de voluntários alemães, com uma pequena fôrça de 30 e tantos homens do esquadrão do Fachinal, para do Parecí seguirem a reunirem-se ao exército no Portão, duas léguas distante do Caí. Se o general, como era mais natural e todos esperavam, tivesse reforçado o Maratá com mais duas companhias de caçadores, e, depois de passar o Caí e ganhar o Portão, donde embaraçava a passagem de quaisquer fôrças de Bento Gonçalves para o Parecí, mandasse então reünir a fôrça que tivesse deixado no Maratá, Bento Gonçalves não conseguiria a passagem, e, repelido no Maratá, teria de recorrer à segunda parte do plano combinado com Neto, e que se viu no período transcrito do relatório de Manoel Gomes: "e que no último caso de não poderem fazer junção, então bateriam as duas fôrças por detalhe, atacando Neto a Calderon e Bento Gonçalves a fôrça do Caí".

Como o leitor acaba de vêr, é pelo extremo norte da barragem que Bento Gonçalves penetra na área entre o Caí e o Taquarí. "No dia 25 de abril, êle, amanhecendo sôbre o Parecí, já aí encontrou a companhia de alemães, que debandou com perda de alguns homens, e seguiu ao Maratá, onde encontrou o te.-Cel. Caldwell, comt. interino do 3.º corpo de cav. da 1.ª linha, com pouco mais de 70 praças, que veio retirando em guerrilha e salvou aquêle resto de fôrça" (Saturnino).

Bento Gonçalves tratou de acercar-se de Neto o mais ràpidamente possível. Êste, depois de transpôr o Taquarí, foi pernoitar na colina da Figueira Formosa; no dia seguinte (26) marchou **pela aba da serra** para **o passo de cima de Santa Cruz.** Alí recebeu a notícia de que Bento Gonçalves forçara o Caí e se dirigira à Fortaleza. Neto correu-lhe ao encontro e nesse mesmo dia (26), às 4 da tarde, juntou-se com êle na fazenda do Azeredo.

No dia 25, às 4 da tarde, Manoel Jorge afastou-se com a sua tropa da margem do Caí, deixando "bagagens e munições de boca, carretas e boiadas, e uma porção de cavalhada junto ao passo do Contrato". Marchou 2 e meia léguas, recolheuilas fôrças que estavam no Monte Negro e estacionou.

Digitized by Google

No dia 26, levantou acampamento às 9 do dia e seguiu em direção à embocadura da picada do Campo da Cria, **por onde devia sair Bento Gonçalves;** mas, quando lá chegou, viu ainda de longe o inimigo levantar acampamento e seguir a sua marcha até fazer junção com Neto, **à vista de exército imperial.** (Saturnino).

O plano de bater Bento Gonçalves isoladamente tinha, pois, falhado de modo completo. Os dois destacamentos adversos estavam reünidos.

Cerca de 4.300 legalistas podiam agora enfrentar uns 3.360 rebeldes. (1)

Que resolução deveria tomar Manoel Jorge?

---

(1) O presidente Saturnino publica o mapa da fôrça estacionada no Caí em março de 1840, e pronta a marchar.

Ei-lo:

| | | |
|---|---|---|
| 1.º batalhão de caçadores | 374 | praças |
| 3.º " " " | 244 | " |
| 5.º " " " | 487 | " |
| 6.º " " " | 489 | " |
| 11.º " " " | 294 | " |
| Companhia de voluntários alemães | 81 | " |
| 2.º regimento de cavalaria de 1.ª linha | 118 | " |
| 3.º dito | 75 | " |
| Esquadrão do Fachinal | 50 | " |
| Corpo de artilharia a cavalo | 225 | " |
| 5.º batalhão de artilharia a pé | 326 | " (x) |
| 2.º dito provisório de guardas nacionais | 284 | " (x) |
| Esquadrão ligeiro | 110 | " |
| 5.º corpo de cavalaria de guardas nacionais | 319 | " |
| Coluna de Calderon | 1460 | " |
| | 4936 | |
| Fôrça da serra ao mando do major Ourives, pronta a reünir-se em S. Leopoldo logo que o exército passasse o Caí | 150 | |
| | 5086 | |

E' difícil precisar o efetivo dos rebeldes na região entre o Caí e o Taquarí. Saturnino publica mapas constantes de um relatório do coronel Manoel Gomes, existente em suas mãos.

Dêle se infere o seguinte:

Bento Gonçalves marchou para o Caí com 1069 homens de infantaria (4 batalhões de infantaria, companhia de marinheiros comandados por Garibaldi e artilharia) e 1.100 de cavalaria. Portanto com 2.169 homens.

Neto vadeou o Caí com 1.200 cavaleiros.

Total dos revolucionários: 3.369 homens.

(x) Estes dois corpos, nota Saturnino, estavam em Porto Alegre e iriam reünir-se às fôrças do Caí logo que estas passassem, porque então não poderia o exército rebelde ameaçar Porto Alegre, e, se o fizesse, o nosso o atacaria pela retaguarda, o que é sempre maior vantagem.

Digitized by Google

Marchar sem hesitação sobre o inimigo e atacá-lo com energia.

Mas assim não procedeu; atuou frouxamente. Os adversários, por seu lado, procuraram atraí-lo para terreno que lhes fosse favorável.

A 29 de abril, chegava Manoel Jorge ao passo dos Pinheiros, no arroio Santa Cruz, que se lança no Taquarí ao sul da vila dêste nome, e achava o inimigo em forte posição, **com infantaria emboscada**. Houve simples tomada de contacto, sem ataque a fundo de nenhum dos partidos. O chefe imperial desculpou-se com o receio de ficar exposto a ser torneado e atacado pela retaguarda e até com o fato de estar para trás a **bagagem** e a **cavalhada miúda**.

Na noite de 29, diz Manoel Jorge que "marchou para o arroio dos Moinhos, passando em um outro passo mais abaixo no arroio dos Pinheiros e tomou posição mais forte (**nos subúrbios da vila de Taquarí**) à frente dos rebeldes, que conservaram a mesma, avançando mais".

Nem revolucionários, nem legalistas passaram ao ataque.

Afinal, a 2 de maio (1840), convocou Manoel Jorge um conselho para decidir **se era possível, a-pesar do abatimento dos cavalos,** atacar os rebeldes e, no caso negativo, **o que convinha fazer**.

"Assentou-se — relata o próprio Manoel Jorge — que se devia passar o Taquarí, porque seria certa a nossa perda pelo estado dos cavalos, estando os rebeldes em bom estado, no caso de atacarem".

Em uma palavra: os imperiais decidiram esquivar-se, cobrindo-se com o rio Taquarí.

Começaram a passagem dêste rio a 1 hora da manhã de 3 de maio. "Passou primeiro a cavalaria, ficando a infantaria sustentando as posições que cobriam o embarque, e o esquadrão ligeiro de guardas nacionais na frente, o qual desde 8 às 12 da manhã sustentou um forte tiroteio".

Logo que soube dessa resolução, Bento Gonçalves tomou a ofensiva, lançando-se contra o adversário quando êle efetuava a travessia do rio.

Como nesse momento já a cavalaria o havia transposto, é contra a infantaria imperial, coadjuvada pela fôrça naval de Grenfell, que êle peleja.

Manoel Jorge defende-se, cobrindo a passagem, ao que parece, com 4 batalhões de infantaria (1.º, 3.º, 5.º e 6.º), e com um esquadrão ligeiro de guardas nacionais. "O primeiro ímpeto

Digitized by Google

— diz êle — foi terrível, os nossos caçadores flanqueados cederam terreno; mas mandando duas companhias pela direita e quatro pela esquerda do 6.º batalhão de caçadores, cederam imediatamente o terreno, pondo-se em vergonhosa fuga, e a mesma cavalaria, que ficou montada na retaguarda, se retirou a trote, deixando o campo semeado de negros e dos cavaleiros apeados".

Segundo se depreende dos documentos respectivos, o terreno da margem do rio, coberto de mato, não facultou a ação da cavalaria rebelde. Sôbre dois batalhões de infantaria dêste partido, a saber: o 1.º e o 3.º, recaiu o peso da luta.

"A marinha imperial — diz Manoel Jorge — tomou a parte que lhe foi possível nessa vitória, dirigindo por elevação tiros de artilharia para os rebeldes, a barca em que se achava o chefe da divisão João Pascoe Grenfell".

Tal foi o combate de Taquarí (3 de maio de 1840). (1)

Os legalistas tiveram 201 baixas (mortos, feridos e prisioneiros) e os rebeldes 270.

Bento Gonçalves desprendeu as suas tropas e retirou para leste. Pouco depois mandou Neto, à frente de uma fôrça de cavalaria, restabelecer o sítio de Porto Alegre.

Manoel Jorge dirigiu-se a Santo Amaro, na margem esquerda do Jacuí, com a infantaria e artilharia, depois de cobrir a sua responsabilidade com um conselho de guerra (4 de maio de 1840), a que compareceram os principais chefes. Foi nêle unânime a opinião "de que, como a vitória (**sic**) alcançada no dia anterior (3) sôbre o inimigo o teria bastante desmoralizado, e podia-se, se não tolher absolutamente a passagem dêste rio, ao menos torná-la muito dificultosa, ocupando com fôrça os passos de vau mais próximos, colocando-se o exército no ponto mais apropriado para acudir a qualquer dos passos atacados, devendo ser observados por pequenas fôrças os passos de nado, que fi-

(1) Julgo conveniênte interpolar aqui o seguinte:

No dia 30 de abril, decidiu Bento Gonçalves mandar buscar reforços, retirando-os dos seus elementos que vigiavam Porto Alegre.

"Na tarde dêsse dia marchou para o sítio de Porto Alegre o coronel Joaquim Pedro, para dali conduzir a **artilharia, alguma cavalhada** e **gente** dos revolucionários".

Joaquim Pedro cumpriu a missão A 7 de maio, já se encontrava com a artilharia no passo do Monte Negro, onde recebeu ordem de não prosseguir, naturalmente por causa do combate de 3.

Os rebeldes investiram, pois, contra os inimigos dispondo apenas de infantaria e cavalaria.

[Informes extraídos do **Itinerário de Neto**, escrito por Luis Ribeiro, seu secretário, e publicado no folheto de Saturnino de Souza e Oliveira, de que breve falarei.]

Digitized by Google

com à esquerda, **se devia assim praticar,** até que as circunstâncias obrigassem a fazer outra qualquer operação, acrescendo que se precisava mesmo dar **algum descanso** aos nossos cavalos, que com a passagem do rio mais se estragaram, cujos se acham em estado de não se poder contar com êles; sendo esta a razão por que se não tem podido atacar o inimigo a mesma que motivou a anterior deliberação, pois somente poderiam servir para uma carga".

Segundo Araripe, parte da cavalaria ficou para fazer frente a Domingos Crescêncio, então postado em Monte Alegre, à margem do Caí, e a outra foi enviada a Missões, sob as ordens do coronel Manoel Loureiro.

Foi durante êsse período que faleceu, de uma apoplexia, a 27 de abril, o brigadeiro Bonifácio Isás Calderon.

No dia 25, foi êste general do passo do Pesqueiro ao de D. Bernarda. A 27 de manhã saiu a dar ordens. Tinha se afastodo cêrca de meia légua do passo, quando caiu do cavalo. Levado imediatamente ao acampamento, verificaram os médicos que já estava morto.

"O brigadeiro Bonifácio Isás Calderon — escreve Walter Spalding — foi um dos poucos oficiais da Cisplatina que ficaram fieis ao Brasil após a independência daquela província".

"Não se sabe ao certo se Calderon nasceu no Uruguai ou na Argentina. Querem alguns historiadores que êle seja natural de Córdoba, mas não há documento que nô-lo prove". (1)

A ação de Manoel Jorge na execução do plano de manobra que deu como resultado o combate de Taquarí, foi indubitàvelmente tímida e hesitante. Depois da ofensiva estratégica, que o plano previa, não ousou passar à ofensiva tática com a energia indispensável. Contemporizou e afinal bateu em retirada, conforme já vimos. Colocado em posição central, não soube atirar-se contra cada um dos grupos adversos quando separados, e batê-los sucessivamente. Depois também não soube esmagá-los ou, pelo menos, acometê-los quando reünidos.

Não se me depararam no Arquivo Nacional todos os documentos que me seriam úteis para conhecer certos pormenores de sua atividade nesse período. Lamento sobretudo não ter achado nenhum que me facultasse saber todas as minúcias da concentração legalista no vale do Caí. Mas as poucas partes do general em chefe das tropas imperiais são base segura de um julgamento imparcial. Além disso dispomos da correspondência

(1) Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul — Ano XV, 3.º Trimestre — pgs. 114 e 115.

Digitized by Google

oficial do presidente, Dr. Saturnino de Souza e Oliveira, com o ministro da guerra, em grande parte dada por êle próprio à publicidade. Saturnino, que se considerava autor do plano, escreveu um magnífico folheto, inspirado em sãos princípios militares, para comentar os acontecimentos, defender-se e criticar a execução dada por Manoel Jorge. (1)

Entre os seus ofícios ao ministro da guerra, há um — o de 3 de maio de 1840, portanto do mesmo dia do combate de Taquarí, de que Saturnino aliás ainda não tinha notícia — em que êle descreve o procedimento militar de Manoel Jorge e ministra alguns esclarecimentos.

Vou resumi-lo:

Começa fazendo referência ao seu ofício de 8 de abril, em que expôs o estado das operações e o receio do general de entrar na execução do plano, isto é, de passar o Caí, e investir com os inimigos. Recorda os seus esforços e os de Grenfell para demovê-lo **a não parar nos seus movimentos.** Julga de seu dever informar exatamente ao govêrno imperial tudo quanto tem ocorrido, apontar as causas da desagradável posição em que se encontram os legalistas e solicitar pronto remédio. Conta a sua ida ao Caí a 2 de abril e a inutilidade de sua intervenção. O general achava que os revolucionários se retirariam pela Serra quando atacados; que, se os atacasse, êles poderiam dar uma volta e passar o Caí, e que não devia avançar deixando atrás de si a fôrça de Crescêncio. Lembra a reünião do conselho no dia 10, as opiniões emitidas e o insucesso do golpe contra Crescêncio. Diz que Manoel Jorge deliberou afinal transpôr o Caí a 26. Refere a travessia de Neto pelo Guaíba, em uma canôa para ir assumir, a oeste do Taquarí, o comando da fôrça de Crescêncio. Soube que o efetivo desta não chegava a 800 homens. Explica como o general desguarneceu no dia 24 **o mais remoto e mais fraco ponto** de sua línha e como o inimigo a rompeu, razão por que foi revogada a ordem de passagem. Bento Gonçalves levou cêrca de 2.000 homens para a região a oeste do Caí, tendo deixado na Capela (**Viamão**) a sua artilharia com 700 homens, que mantêm o sítio de Porto Alegre. Depois foi juntar-se a Neto, que transpôs o Taquarí num passo de vau. Desde êsse dia os dois adversários estão à vista; os revolucionários com pouco mais de 3.000 homens e os imperialistas com 4.500. Os rebeldes mostram-se audazes. Dispõem de um passo de vau no Taquarí, mas não mostram querer retirar. Mandaram

(1) **Bosquejo histórico e documentado das operações militares da Província do Rio Grande do Sul** — Rio de Janeiro — 1841.

Digitized by Google

chamar o resto da fôrça da Capela. Não têm meio de obstar a isso. Foi grande e rápida a **desmoralização** causada no exército por êstes sucessos. Espera, **como uma fortuna,** que o inimigo se retire para a campanha e que o exército legalista regresse salvo a Porto Alegre, para, depois de reünidas as fôrças da Serra, Santa Catarina e São Paulo, poder em tempo voltar à campanha com 7.000 homens. O general perdeu toda a confiança e consideração no exército; **nada resolve e parece marchar ao acaso.** Em vista disso êle, Saturnino, decidiu mandar ao Rio o seu ajudante de ordens e representar ao ministro **a absoluta e urgente necessidade** de ser quanto antes substituido o general, que sendo extremamente velho, incapaz de andar a cavalo, não pode mais inspirar confiança alguma; o inimigo zombaria dêle e do nosso exército. Sabendo que os revolucionários pretendiam atacar a 30, foi novamente ao Caí, mas já não encontrou ali o general. Escreveu-lhe propondo a volta a Porto Alegre para bater a fôrça que lhe ficara em frente.

Termina assim:

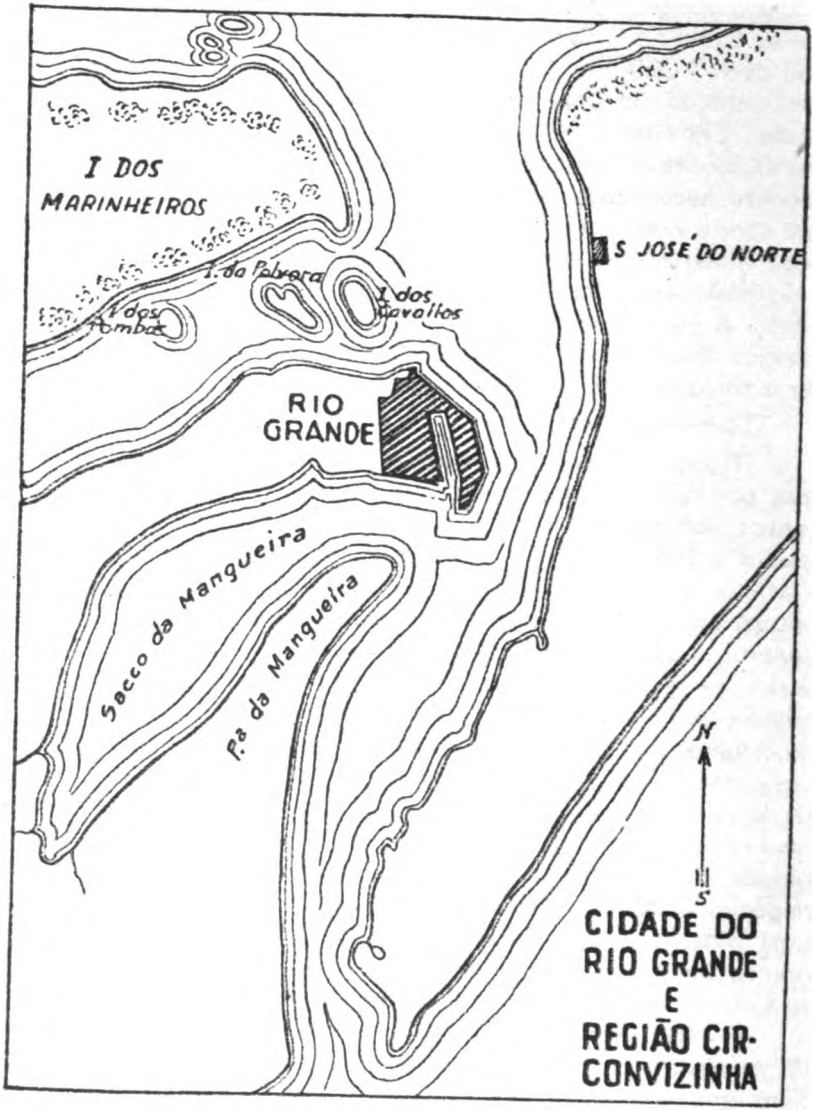
"Não é possível descrever os clamores contra o general, que, por não prosseguir na execução do plano começado, e que tantas vantagens nos deu enquanto foi sendo executado, fez mudar a bela face que apresentavam os negócios; e as cartas e ofícios do rebelde Teixeira, que junto envio, convencerão dos apuros em que se achava a rebelião. E' difícil a escolha de um general, mas se continuo a merecer a confiança do Govêrno Imperial, se tenho de ser conservado nesta Província, e ardua Comissão, eu peço a V. Excia. se digne obter do Regente em Nome do Imperador a nomeação do Conde do Rio Pardo para comandar em chefe o Exército; esta nomeação é desejada por grande parte do povo, e do Exército, mas eu a peço menos por isso, do que pelo conhecimento que dêle tenho feito relativamente à sua probidade, conhecimentos militares e maneira de pensar sôbre os negócios desta Província; é o melhor que conheço para êste lugar; mas se o Govêrno Imperial não julgar conveniente esta nomeação, então poderia por graça especial ser desonerado desta Comissão, que outro melhor poderá desempenhar".

A volta de Bento Gonçalves a Viamão mostra que a idéia da conquista da Capital continuava a dominar-lhe o espírito. Sem embargo pouco tempo depois êle toma uma resolução importante: avança pela península entre o mar e a lagoa dos Patos e vai atacar S. José do Norte, povoação fronteira à cidade do Rio Grande.

Com que intuito?

Digitized by Google

Afirma-se que com o de possuir uma boa base de partida para o ataque e conquista dessa cidade, a qual lhe permitiria ter franca saída para a campanha e cortar aos legalistas a ligação com o mar.




Se foi êsse realmente o seu intento, cumpre confessar que êle metia hombros a empresa extremamente complexa. Não seria fácil manter a posse de S. José do Norte, em vista dos re-

Digitized by Google

cursos, sobretudo navais, que o govêrno poderia acumular em sua vizinhança. A travessia do rio, desaguadouro da Lagoa, pelas tropas destinadas ao ataque do Rio Grande também oferecia enormes dificuldades, embora se diga que Bento Gonçalves contava com lanchões armados em guerra por Garibaldi.

Deixando Canabarro à testa do sítio de Porto Alegre, Bento Gonçalves abala de Setembrina a 4 de julho de 1840, conduzindo um destacamento de 1.000 homens e 2 bôcas de fogo. A 12 passa em Mostardas. A 15 aproxima a sua tropa da povoação de S. José do Norte e dispõe-na convenientemente. À uma hora da manhã do dia seguinte (16), desencadeia o ataque.

Parece que S. José do Norte estava provida de uma linha de trincheiras e que havia nessa linha, a distâncias apropriadas, pequenos fortes ou, melhor, posições especiais para a artilharia, e talvez para flanqueamento, denominadas baterias.

Segundo a parte oficial dos imperialistas, os sucessos desenrolaram-se deste modo:

O ataque começa a uma e meia da madrugada. As sentinelas entre a 2.ª bateria e a 3.ª são colhidas de surpreza. A infantaria entra na praça e toma a bateria n.º 3. Logo depois, **abalando** a cortina entre essas duas baterias, Bento Gonçalves irrompe com a sua cavalaria e dirige-se ao largo da Igreja. A bateria n.º 2 tambem é conquistada à viva fôrça. Da n.º 3 começam os atacantes a fazer fogo sôbre o quartel do 2.º batalhão de caçadores de linha. Contrabate-a a bateria n.º 4. De repente dá-se uma explosão no paiol de polvora da bateria n.º 3. A n.º 4 volta a sua artilharia para as ruas da praça, conseguindo atingir vários rebeldes. A n.º 1 atira contra a n.º 2 logo que vê esta última cair em poder dos atacantes. Às 2 horas e meia começam a chegar os **reforços** e **munições** enviadas da cidade do Rio Grande. O comandante da praça, intimado a render-se, não se submete. Garibaldi recebe ordem para ir com 100 homens **atacar** e **tomar** a bateria n.º 6, o que não consegue. Bento Gonçalves desanima e bate em retirada. (1) O fogo durou oito horas. A parte oficial dos republicanos declara que Bento Gon-

(1) Estes informes são tirados da parte do coronel Jacinto Pinto de Araujo Correia, escrita em 19 de julho de 1840. O comandante da praça de S. José do Norte era o coronel de legião António Soares de Paiva. Creio que Araujo Correia comandava a guarnição de Rio Grande. Às 2 horas da tarde — conta êle na sobredita parte — recebeu uma comunicação de Soares de Paiva, em que êste oficial lhe participava estar gravemente ferido e lhe pedia que o substituisse no comando, o que êle fez **prontamente**. Não se me deparou no Arquivo Nacional nenhuma parte de Soares de Paiva. Correia refere ter passado do Rio Grande para S. José do Norte 260 praças.

Digitized by Google

çalves conquistou **toda a praça do norte** e **algumas das suas fortificações, sem que o inimigo ousasse sair do seu aquartelamento,** e que mandou retirar não só por causa da copiosa chuva, que inutilizou as armas de fogo, como porque, para obrigar o inimigo a capitular ou aniquilá-lo nos quarteis onde estava entrincheirado, havia mister **incendiar a praça** e fazer **vítimas inocentes,** o que não consentiam os seus sentimentos de piedade e compaixão.

Os contendores lutaram muitas horas com bravura e sofreram perdas sensíveis. Segundo Araujo Correia, os legalistas tiveram 200 baixas (mortos, feridos e prisioneiros). Entre os mortos estavam o te.-Cel. Faustino Antônio Javita e os capitães Xavier e Pimentel, do 2.º batalhão de caçadores. O inimigo teve 184 mortos; calculou-se em 200 o número de seus feridos.

Garibaldi, que participou na ação, descreve-a desta forma:

"Era uma dessas noites de inverno, durante as quais um abrigo e bom fogo são um benefício da Providência, e os nossos pobres soldados da liberdade, esfaimados, cobertos de andrajos, tolhidos pelo frio e gelados pela chuva de uma horrível tempestade, avançavam silenciosos contra os fortes e as trincheiras providas de sentinelas".

"A pouca distância das muralhas, os cavalos dos chefes foram confiados à guarda de um esquadrão de cavalaria, comandado pelo Cel. Amaral, e todos nós, concentrando as nossas energias, preparâmo-nos para o combate".

"O **que vem lá!** da sentinela foi o sinal do assalto; a resistência foi pequena e de pouca duração nas muralhas; os canhões do forte pouco atiraram.

A hora e meia demos o assalto e às duas estávamos senhores das trincheiras e de três ou quatro fortes que as guarneciam, os quais foram tomados a baioneta".

"Senhores das trincheiras e dos fortes, e tendo entrado na vila, parecia impossível que ela nos escapasse. Entretanto ainda neste lance que parecia impossível nos estava reservado. Uma vez nos muros e nas ruas de S. José do Norte, os nossos soldados julgaram que tudo estava acabado, e a maior parte se dispersou, arrastada pelo apetite da pilhagem. Durante êsse tempo os imperiais, voltando a si da surprêsa, reüniram-se num bairro que se achava fortificado. Alí os fomos atacar, mas repeliram-nos. Os chefes procuravam os soldados por todos os lados para renovar os ataques, mas era inútil, porque, se se encontraavm alguns, eram carregados dos despójos ou bêbados, ou

Digitized by Google

tendo quebrado ou inutilizado os fuzis à fôrça de despedaçar as portas das casas".

"O inimigo por seu lado não perdia tempo. Muitos navios de guerra que se achavam no porto, tomaram posição, varrendo com o fogo de seus canhões as ruas em que nos achavamos. Pediu-se socorro ao Rio Grande, cidade situada na margem oposta da embocadura dos Patos, enquanto um único forte que haviamos deixado de ocupar, servia de refúgio ao inimigo. O primeiro dêsses fortes, cuja conquista nos havia custado um glorioso e mortífero assalto, foi destruido por terrível explosão de pólvora, que nos matou um bom número de soldados".

Bento Gonçalves retraiu-se e foi estacionar a 3 léguas de São José.

Foi nêsse período que Bento Manoel se entendeu com o presidente Saturnino de Oliveira para o seu afastamento definitivo do partido revolucionário.

Em carta que lhe escreveu a 18 de julho de 1840, revela o seu temor pelas conseqüências da revolução. Confessa terem sido frívolos os motivos que apresentou a José Mariano de Matos para abandonar as hostes rebeldes. Família numerosa, bens de raiz e amigos que não pode abandonar, são **circunstâncias mais que fortes para impedi-lo de uma pronta retirada.** "Bento Gonçalves o procurou, com todas as carícias tredas de um chefe de partido; e foi na presença dêle que lhe entregaram uma portaria de Saturnino anistiando-o. Conservá-la seria comprometer-se violentamente, pois que já estava divulgada; assentou, pois, derasgá-la na presença daquele chefe, para assim melhor tranquilizá-lo". Entretanto **tem-se negado a marchar para dentro.** A aparição repentina de Santos Loureiro **constrangeu-o a pôr-se à frente de 1.300 republicanos, que de improviso se uniram.** "Demasiado conheço — ajunta — as leviandades e travessuras dêsse moço para entrar com êle em convenções; tomei por conveniente espantá-lo daqui e entender-me diretamente com V. Excia., a quem ofereço retirar-me absolutamente do partido revolucionário sob a condição de mandar V. Exia., em boa e devida forma, anistia que garanta minha pessoa e bens da maneira mais completa e bem assim outras (cada qual separadamente) para o coronel José Ribeiro de Almeida, para o alferes Rodrigo Felix Martins e sua família, e para Sabino da Costa Pacheco, garantindo cada uma delas os bens e pessoas dêsses indivíduos".

Êste documento pinta Bento Manoel de corpo inteiro!

Digitized by Google

Descontente com a direção de Saturnino e Manoel Jorge, resolveu o govêrno substituí-los e concentrar de novo em um só indivíduo as duas missões na província, a saber: a administrativa e a militar.

Escolheu para essa tarefa Soares de Andréa, que governava, como já sabemos, a província de Santa Catarina.

Andréa correu célere ao seu novo posto e a 27 de julho de 1840 assumia-o em Porto Alegre.

Entrementes havia ocorrido a declaração da maioridade de D. Pedro II (23 de julho de 1840) e, portanto, terminado o govêrno da regência. A vitória assim alcançada pelos liberais abria novas perspectivas à pacificação, que êles desejavam realizar. D. Pedro proclamou aos riograndenses, concitando-os paternalmente a depôrem as armas fratricidas.

Andréa remete a Bento Gonçalves cópias da proclamação imperial (16 de agosto); êsse lhe responde a 20. Desta arte inicia-se entre os dois chefes uma troca de idéias sôbre a pacificação da província.

Andréa explica a Bento Gonçalves (21 de agosto) ter autoridade para aceitar "tudo quanto possa estar de acôrdo com a inteligência literal da proclamação do Imperador, e que não ofenda de modo algum a honra e a dignidade de sua corôa".

Dirige-se a todos os revolucionários exclamando-lhes: **Larguem as armas, corram aos braços do Imperador, que lh'os abriu.**

Bento Gonçalves "pode desde já mandar retirar para suas casas a todos os habitantes desta província na certeza de que serão bem recebidos e respeitados". Já de há muito expediu ordens nesse sentido. Declara que se obriga "a dar baixa e passagem à custa do govêrno, para suas respectivas províncias, a todos os soldados de 1.ª linha que se acharem sem armas ou por terem sido prisioneiros, ou mesmo por simples deserção". "Os escravos que estão sem armas podem ser entregues a seus senhores, ou comprados á custa da nação, que tem muitas obras em que os empregar. (1)

Não se chegou, porêm, a resultado favorável. O chefe revolucionário patenteia a sua pouca confiança no intermediário,

(1) Cumpre lembrar aqui que, a 22 de agosto de 1840, concedeu o Imperador anistia a todos os que estivessem de qualquer forma envolvidos em crimes políticos. "Os que seguissem a rebelião — dizia êsse documento — nas províncias em que ela exista deverão, para o fim de gozar da anistia concedida, apresentarem-se perante qualquer autoridade legal da mesma, ou de outra província, no prazo de 60 dias, contados da publicação dêste decreto na província em que estiverem".

Digitized by Google

queixa-se da traição do govêrno imperial depois da batalha do Fanfa e diz que já havia procurado ligação com o govêrno do Rio.

Andréa declara rotas as negociações (25 de agosto de 1840), mas o govêrno imperial persiste no seu intento. Apela para o deputado paulista Francisco Álvares Machado e fá-lo partir para o sul como seu enviado especial (30 de setembro de 1840).

Álvares Machado entra em contacto com Bento Gonçalves e desenvolve esforços para que os rebeldes deponham as armas. Nada consegue.

Em vista da nova situação e no intuito de facilitar as operações que projetava executar, Bento Gonçalves, cujo quartel-general era então na fazenda da Bôa Vista, deu nova organização ao seu exército (12 de gosto de 1840).

Dividiu-o em três corpos de exército (1.º, 2.º e 3.º). O 1.º seria constituido "pelas cavalarias da 1.ª linha e da guarda nacional existentes na campanha além de Taquarí".

"As fôrças estacionadas aquem dêste rio, divididas em quatro brigadas, formariam os outros dois corpos n.ºs 2 e 3".

Cada corpo de exército teria duas divisões, salvo o 1.º, que contaria o número de divisões que fosse marcado pelo chefe de Estado Maior, "ora em comissão na campanha".

Cada divisão compor-se-ia de duas brigadas e cada brigada de dois corpos.

Foram nomeados: Comandante do 1.º corpo, o general Bento Manoel; do 2.º, o general David Canabarro e do 3.º, o coronel Domingos Crescêncio.

Poucos mêses depois (a 3 de janeiro de 1841), Bento Manoel é substituido no comando do 1.º corpo pelo coronel João Antônio da Silveira, que é elevado ao posto de general. Na mesma data Bento Gonçalves confirma no posto de general a David Canabarro (Ordem do Dia n.º 64).

Digitized by Google

Digitized by Google

# CAPÍTULO V

**Álvares Machado é nomeado presidente da província e o general João Paulo dos Santos Barreto comandante das armas. Correspondência entre Álvares Machado e Bento Gonçalves sôbre o restabelecimento da paz. As condições dêste e a intransigência do govêrno imperial. Pensamento estratégico de Andréa. Instruções a Labatut. Movimentos dêste general. Canabarro avança para o norte e sobe a serra ao encontro de Labatut. Sortida dos defensores de Porto Alegre, sob o comando de Nepomuceno da Silva, contra Bento Gonçalves. Seu resultado nulo. Bento Gonçalves também sobe a serra. Terminação do sítio de Porto Alegre. Ainda os movimentos de Labatut. Êste general desiste de prosseguir no rumo de Porto Alegre e bate em retirada para Passo Fundo. Providências de Andréa e João Paulo. Labatut avança na direção do Cruz Alta. Reúne um Conselho de guerra. Decisões do Conselho. Esforços de João Paulo para deter Labatut. Labatut pede licença para se recolher à Côrte. João Paulo dá-lhe novas instruções, mas diz que, se estiver doente, passe o comando a quem de direito. Labatut passa-o a Feliciano da Costa Ferreira e encaminha-se para Porto Alegre, via Rio Pardo. Desabafos de João Paulo contra Labatut. Fim da divisão paulista. Reflexões sobre a missão que lhe fora confiada.**

Em novembro de 1840, volta o govêrno ao sistema de dois chefes; dispensa Andréa e nomeia Álvares Machado presidente da província e o general João Paulo dos Santos Barreto comandante das armas. Os dois últimos assumem os respectivos cargos em Porto Alegre no dia 30 do sobredito mês.

A 6 de dezembro de 1840, Bento Gonçalves escreve a Álvares Machado. Diz ter recebido uma carta dêle e que no dia seguinte (7) estará no Alto dos Teles, onde Álvares Machado lhe comunicará qual o ponto em que poderá ter uma conferência com êle. Acha conveniente, sendo possível, que o general João Paulo também compareça.

Álvares Machado responde no mesmo dia. Excusa-se alegando moléstia. Diz que João Paulo também não pode comparecer por igual motivo. De resto não lhe cabe e sim a êle, Álvares Machado, "chamar ao govêrno da pátria, e pelos meios de bran-

Digitized by Google

dura, aos brasileiros dissidentes". Bento Gonçalves sabe de há muito as suas **intenções,** já expostas de viva voz e por escrito múltiplas vêzes. Continuam inalteradas as instruções do govêrno imperial. Bento Gonçalves pode dizer-lhe por escrito **se já lhe convém ou não aceitar a anistia** dada pelo Imperador.

Bento Gonçalves replica a 7. Esforça-se por justificar a necessidade da conferência. "Vossa Excia. se lembrará — escreve êle — haver-lhe eu dito nessa mesma ocasião que, ambicionando de coração a paz, queria por isso mesmo que ela fosse sólida e durável; que para ser sólida e durável era mister que conviesse nisso a vontade geral de meus concidadãos, e que o meio de comissão (**sic**) era o único e mais profícuo para obter-se um tal resultado; que do contrário eu não era capaz de entrar em arranjo algum; porque a minha defecção, e a daqueles que por aqui existem, sem haver uma combinação geral, diminuiria a fôrça numérica, mas não acabaria a luta, se alguns chefes de prestígio quisessem tenazes continuá-la; e então a conseqüencia natural dêste mau passo seria fazer-me eu vítima do ódio e do desprêzo de ambos os partidos com pouca ou nenhuma utilidade de nossa pátria, porque a guerra se prolongaria como dantes".

"Além disso, quaisquer que sejam as circunstâncias, jámais terei de abandonar por um modo tão indigno a meus companheiros de armas, e praticar uma ação tão negra e tão infame; não, semelhante vileza não caberá nunca em meu peito nobre e leal".

Acrescenta mais adiante:

"Tudo quanto acabo de responder é nascido do coração; não desejo ganhar tempo, porque estou firmemente resolvido a fazer a paz debaixo das bases que verbalmente indiquei a Vossa Excia. nas nossas anteriores conferências; nada peço que seja deshonroso ou indigno do trôno imperial".

**"O pagamento de nossa dívida pública, a liberdade dos escravos que estão a nosso serviço** e, finalmente, **a promessa de não serem recrutados para a 1.ª linha, nem constrangidos a servir na guarda nacional, senão nos postos que ora têem, os oficiais do nosso exército; eis as principais concessões que tenho a exigir: elas são justas e razoáveis".**

Álvares Machado responde a 8. "O Imperador do Brasil — assim começa êle — que nunca aceitará condições de nação alguma, por mais rica e poderosa que seja, muito menos as receberá de uma parte de seus súbditos desviados da estrada da lei".

Digitized by Google

Declara "não poder consentir em qualquer conferência senão depois que Bento Gonçalves e seus companheiros se declararem súbditos do império, e nesse caso a conferência devia versar sôbre o modo de regressarem às suas casas aqueles que o seguem: é êste o sentido em que admitia a conferência".

A 11 de dezembro, "desenganado de que os rebeldes pretendiam iludir a boa fé do govêrno imperial, ganhando só tempo para paralizar as operações do exército e não para aceitar a anistia que S.M. o Imperador com tanta benignidade lhes concedeu", Álvares Machado põe fim às negociações e torna o fato público, mediante uma proclamação em que ataca o chefe republicano, exprime a sua fé na vitória final da legalidade e concita os rio-grandenses a terem **um só pensamento: monarquia constitucional representativa, integridade do império e paz pública**.

Veremos mais tarde que o govêrno acabará cedendo nos pontos capitais em que agora se mostra intransigente e desta arte restabelecerá a paz na província.

Depois dêste pequeno excurso, voltemos um pouco atrás.

O comando de Soares de Andréa durara apenas uns quatro mêses.

Qual o seu pensamento estratégico?

Falando na Camara dos Deputados, explicou êle mais tarde ter sabido, quando ainda se encontrava em Santa Catarina, que a idéia no sul era "chamar os rebeldes para Viamão e os encurralar nesta posição para os bater quando conviesse". Não tinha a mesma opinião.

Escreveu ao govêrno dizendo achar "mais natural que se conservassem as comunicações francas entre Porto Alegre, Santa Catarina e São Paulo, colocando uma fôrça no Mato Castelhano e pondo uma guarnição suficiente ou no rio Caí ou no Taquarí, ou no Jacuí, além de Cachoeira, conforme as fôrças que houvesse".

"Dêsse modo tinhamos todo o litoral desde o norte até a Laguna e até êsses rios, bem como pela Vacaria até a fronteira de S. Paulo, livre das incursões dos rebeldes, e nós senhores de todos os recursos dêsse grande terreno, para fornecimento a Porto Alegre e para depósito de cavalhadas, e emfim sendo a nossa base de operações".

Era essa a sua opinião quando assumiu as suas funções em Porto Alegre. Nessa época Bento Gonçalves se encontrava em Viamão com 3.000 homens e na campanha próxima João An-

Digitized by Google

tónio, Neto e outros com 1.500, além de algumas partidas volantes por outros lugares.

Fez todos os esforços por executar êsse plano e conservar as fôrças de Bento Gonçalves fechadas no distrito em que se achavam. Com êsse dispositivo entendia **ficar livre de procurar o govêrno da suposta República e as fôrças de Neto, João Antônio e outros, que estavam pela campanha, deixando para depois as fôrças de Bento Gonçalves ou procurar logo êste e deixar os outros para depois.**

O leitor sem dúvida percebeu a idéia estratégica de Andréa: separar Bento Gonçalves de seus núcleos da campanha, fechando-o em determinada área, e depois manobrar em posição central.

Como pensava êle operar esse fechamento?

Com a coluna de Labatut.

Antes de abandonar Santa Catarina, deu ordem a êste general que avançasse de Lages para S. Francisco de Cima da Serra. Os rebeldes assim "teriam de não tentar êste caminho se Labatut se julgasse com fôrças suficientes para lhes disputar a saída da Serra e ficariam reduzidos a se conservarem inativos ou a forçarem a passgem do Taquarí ou a do Caí, segundo a posição de nossas fôrças".

O leitor vai vêr agora como os rebeldes, manobrando em posição central, recalcam Labatut para noroeste, abandonando o sítio de Porto Alegre e anulando os projetos de Soares de Andréa.

Êste general ainda ministra êstes informes:

Ao ter notícia de que os revoltosos estavam decididos a galgar a serra, "ordenou que Labatut lhes disputasse a subida, mas, se não se julgasse com fôrças para isso, se **retirasse** com tempo para o **norte** do rio das Antas, e, quando o movimento dos rebeldes fosse verdadeiro e o procurassem, que então **abandonasse** a estrada de S. Paulo e **seguisse** para Mato Castelhano até o Passo Fundo, onde deveria fazer alto, pois que alí o socorreria com reforços".

Vejam agora como os fatos decorreram.

Labatut rompeu de Lages, atravessou a fronteira do Rio Grande do Sul, cruzou o rio das Antas (afluênte do Taquarí) no passo de cima e avançou na direção de S. Francisco de Paula.

Suas tropas não tinham coesão e no começo, pelo menos, tudo lhes faltava.

Em fevereiro de 1840, quando ainda em trânsito para Santa Catarina, declarava ao ministro da guerra contar apenas 630

Digitized by Google

praças, na maioria recrutas, "que para assentar praça e se reünir aos corpos iam algemadas", e paisanos sem instrução.

A 19 de abril já estava em Lages e alí permaneceu até fins de Junho.

A 22 dêste mês dizia a Andréa, então presidente de Santa Catarina, que recebera o aviso com a ordem do ministro da guerra, de 31 de maio, para o avanço de suas fôrças. A sua cavalaria estava quási a pé. Tôda a tropa sob o seu comando não excedia de 1.000 homens. Não me responsabilizo — acrescentava — pelas tristes conseqüências que possam sobrevir a estas pequenas fôrças sem instrução e sem os necessários recursos vitais provenientes de uma intempestiva marcha, pois que ao Govêrno Imperial já tenho feito sentir isto e pedido aumento de fôrças".

A 18 de julho escreve outra vez a Andréa, ainda de Lages, no mesmo tom. (1) A sua fôrça é diminuta, não tem o fardamento e o alimento necessários, e a estação é rigorosa.

Dirige-se ainda, nesse mesmo dia, ao ministro da guerra. Informa que do 10.º batalhão e dos esquadrões de cavalaria de linha já desertaram 85 praças, depois que sairam do Rio Negro. Não pode contar muito com a fôrça de Cruz Alta. Receia que, passando o Pelotas, desertem para suas casas. E' composta de paisanos **sem disciplina e sem subordinação alguma.** Devem-se-lhe sete mêses de soldo.

"Todas estas considerações, porêm, — ajunta — não me impedem de marchar para a frente logo que os rios ofereçam passagens, e de ir ocupar as bocas da Serra de S. Francisco de Paula, como me está marcado, mas à vista delas é do meu dever reclamar novamente a V. Excia. a remessa de 600 homens de tropa de Linha pelo menos, os quais devem vir bem armados e vestidos, em cujo número devem ser incluidos 30 artilheiros, e a do numerário para satisfazer os vencimentos da Brigada Cruz Altense, assim também depreco a vinda de dois facultativos, visto que nas fôrças do meu comando não há um só para curar os doentes, que estão morrendo todos os dias ao desamparo, pedido êste que por mais de uma vez tenho feito, e se me não tem satisfeito. Se o Govêrno não atender a êstes meus pedidos, então rogo a V. Excia. **que me manda render,** pois que não vejo necessidade de sacrificar-me, nem a esta pequena fôrça, sem que a Pátria com isso lucre; pelo contrário a desmoralização em tal casos será o que necessàriamente sobrevirá aos povos, como su-

(1) Cumpre não esquecer que Andréa assumiu o cargo de presidente do Rio Grande do Sul e comandante das armas a 27 de julho de 1840.

Digitized by Google

cedeu com a derrota do brigadeiro Cunha, pela qual muitos até hoje não se querem reünir ao partido da Lei, e nestas circunstâncias muito perigará a causa que defendemos: peço a Vossa Excia. se digne levar ao conhecimento do Regente em Nome do Imperador quanto acabo de expender, para que o mesmo Regente se sirva de tomar as medidas que em sua sabedoria julgar convenientes".

A 19 de agosto estava no rincão do Guarda-mór, a 6 de outubro no acampamento das Antas e a 30 do mesmo mês nas bocas da Serra de S. Francisco de Paula.

Oficia dêste acampamento a Soares de Andréa, a 9 de novembro. Anuncia a chegada do major José Inácio da Silva Ourives, para receber suas ordens. Soube por êle ser intenção dos rebeldes subirem a Serra com 2.000 homens, deixando o restante para **aparentar** (divertir) o nosso exército em Porto Alegre, afim de não serem perseguidos por êle na subida. Pede pela segunda vez a vinda de 600 praças, pelo menos, para reforçar a sua divisão e acrescenta: "Se V. Excia. a isto se não resolver, então ver-me-ei obrigado a **retirar-me da Serra,** para não sacrificar esta pouca fôrça que me está confiada, visto que aqui não há uma posição militar capaz, e é um campo aberto; acrescendo mais que nas matas da Serra ha imensas picadas, que não me é possível mandá-las guarnecer, tanto pelo espaço que distam umas das outras, não obstante ter eu desde o dia da minha chegada aqui mandado trancar algumas, como pela pouca fôrça que tenho".

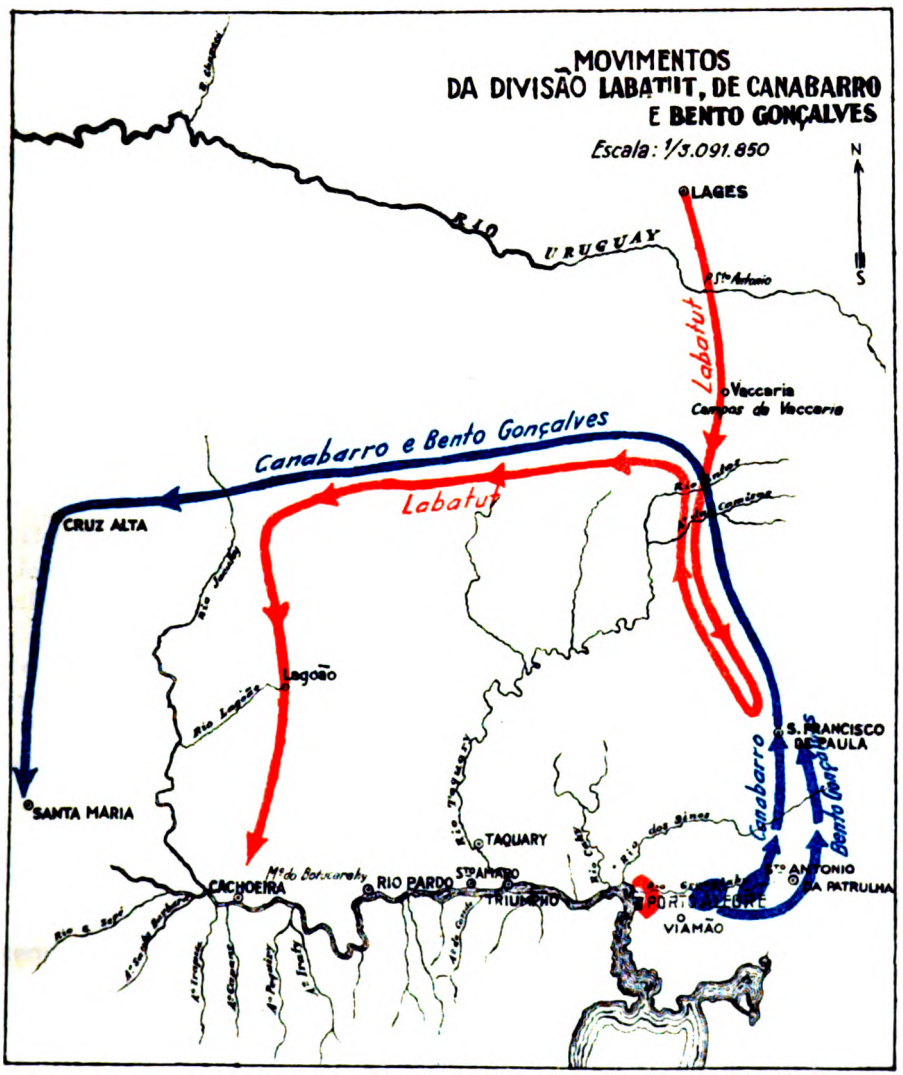
Logo que os revolucionários se deram conta da situação e viram no ar, isolada, a divisão de Labatut, resolveram tirar partido da posição central em que se encontravam e golpeá-la de morte.

Com essa missão sai primeiro Canabarro, à frente de 1.600 a 1.800 homens. (1) Enquanto êle marcha no rumo geral do norte, Bento Gonçalves mantém o sítio da capital, com 500 homens ou, melhor, dissimula a ausência do companheiro. Depois êle próprio também abala na mesma direção.

Noticiosos da ausência de Canabarro, resolvem os legalistas lançar um destacamento contra Bento Gonçalves, sob o comando do tenente-coronel João Nepomuceno da Silva, com a missão de **fazer o reconhecimento da fôrça rebelde estacionada na Capela** (de Viamão).

(1) Segundo Varela, êle acampava então em Santo Antônio e recebeu ordens para subir a Serra pela picada das Três Forquilhas, afim de **cair sôbre a retaguarda de Labatut, que pairava mais ao sul, na embocadura da chamada Serra Velha.**

Digitized by Google




Digitized by Google

Digitized by Google

Nepomuceno abala de Porto Alegre, às 11 horas da noite de 23 de novembro de 1840, com cêrca de 700 homens, assim grupados: 5.º batalhão de caçadores, 5.º batalhão de artilharia a pé, 112 praças do 2.º batalhão provisório de guardas nacionais e 5.º corpo de cavalaria de guardas nacionais (te.-Coronel Francisco Pedro de Abreu).

À meia noite, **na altura** dos Moínhos, lançou para a frente o 5.º corpo, como vanguarda, na direção da Capela de Viamão. Uma légua aquém deste ponto, a dita vanguarda tomou contacto com as **vedetas** do inimigo, e perseguiu-as até a Capela, onde entrou às 4 da madrugada. Na Capela encontrou mais de oitenta adversários. Recalcou-os para o passo do Vigário, uma légua adiante de Viamão, onde Bento Gonçalves **se achava de espera,** com mais de 400 homens. A vanguarda carregou e obrigou o inimigo a retirar-se para o passo, **onde se fez forte** e contra-atacou. Houve **um feio entrevero.** O inimigo atravessou o passo seguido da cavalaria imperial, que o levou até a subida da **lomba, onde não era mais possível perseguí-lo.**

"As fôrças rebeldes reconhecidas — escreve o te.-Cel. Nepomuceno — são as acima ditas, e as notícias adquiridas são que os rebeldes subiram a Serra com 1.000 homens de cavalaria e 500 a 600 de infantaria, ao mando dos chefes David Canabarro, Joaquim Pedro e Ismael Soares, com pouca bagagem e a um cavalo por praça". (1)

Com êste frouxo reconhecimento, considerou o tenente-coronel Nepomuceno cumprida a sua missão e voltou a Porto Alegre. A-pezar da sua superioridade numérica, não ousou atacar a fundo o adversário para aferrá-lo e batê-lo, sem dúvida apegando-se ao texto de suas instruções.

Tornou-se assim fácil a Bento Gonçalves retirar na direção de Torres e de lá, pela estrada do rio Verde, galgar a Serra para se juntar a Canabarro.

E desta arte findou o sítio da Capital.

Bento Gonçalves diz que começou a sua retirada a 8 de dezembro. Desde 19 de novembro — afirma Saturnino de Souza e Oliveira — que se sabia em Porto Alegre ter Canabarro marchado para a Serra, deixando Bento Gonçalves em frente à Capital. E', pois, claro que o generalíssimo revolucionário permaneceu com certeza mais de 20 dias sózinho diante de Porto Alegre sem ser atacado com energia e decisão. A culpa disso, pondera Saturnino, não deve recair sôbre o marechal Silva, comandante da guarnição, mas sôbre o presidente (**Andréa**), que

(1) Informes colhidos na parte do comandante do destacamento.

Digitized by Google

estava ausente e partira para o Rio Grande sem deixar instruções ao seu subordinado.

Voltemos a Labatut.

A 17 de novembro, êste general ainda se encontrava em cima da Serra, nos Barreiros. Escreve nessa data ao general Antero de Brito, substituto de Andréa no cargo de presidente de Santa Catarina. Diz-lhe achar provável que os rebeldes subam pelas Três Forquilhas. Como não tem fôrça suficiente para resistir-lhes, **vê-se obrigado a retirar-se** para Vacaria, a ocupar os lugares marcados **no dito ofício** (sic.), logo que tenha notícia da subida dêles. Se os rebeldes galgarem a Serra, acha conveniente que Antero reforce a sua divisão com as fôrças que estão na Laguna, visto que **só unidas estas fôrças se poderá fazer resistência a êles e conquistá-los.**

Labatut determinou que o major Ourives permanecesse em baixo da Serra, **para observar o inimigo e perseguí-lo quando tentasse subir,** ao mesmo passo que o alferes José Joaquim Velho ficava **de polícia em cima da mesma Serra, com bombeiros em todas as picadas.**

Na tarde de 18 de novembro, êles deram-lhe aviso, mediante dois **próprios,** de que a fôrça inimiga, em número de 3.000 homens, já estava subindo a Serra e à noite foram em pessoa levar-lhe esta participação. Ourives asseverou-lhe mais que o exército legalista se conservava imóvel no Taquarí.

Em vista disso, **e a seu pesar,** decidiu retirar para a Freguesia do Passo Fundo da Cruz Alta, lugar que lhe foi marcado pelo presidente do Rio Grande em ofício de 13 de novembro.

Começou a retirada na manhã de 19 de novembro.

Na noite de 22, recebeu um ofício do alferes Velho, datado de 21, com a informação de já estar Canabarro em cima da Serra com um grande contingente de tropas e aguardar o restante. Tratou por isso de acelerar o seu movimento, **para não ser vítima do inimigo.** Com o intuito de aliviar a coluna, lançou no rio das Antas as 6 peças de calibre 3, que levava, com os **seus competentes reparos e munições.** A 22 de novembro estava na Estância de Santa Ana da Vacaria.

Para acercar-se da posição de Labatut em S. Francisco de Paula, abrira Canabarro uma picada, mas ao chegar ao seu objetivo, já o adversário havia desaparecido.

A 7 de dezembro, atingiu Labatut a Freguesia do Passo Fundo da Cruz Alta, após 18 dias de marcha, **com prejuizo de quási toda a cavalhada, que ficara cansada pelo caminho,** em-

Digitized by Google

bora as suas marchas diárias fossem de 2 e meia a 3 léguas. Quási toda a brigada Cruz Altense (coronel Melo e Albuquerque) havia desertado; o mesmo fizera o contingente de Lages e a maior parte da fôrça da Vacaria. Avaliou em 50 léguas o percurso feito até aí para fugir aos inimigos.

Canabarro seguiu-lhe no rastro e lutou com diversas dificuldades por causa das chuvas e das enchentes. Transpôs o Antas num passo ainda hoje conhecido pelo nome de Passo dos Farrapos.

Bento Gonçalves, que tomara uma estrada mais a leste da dêle, chegou em cima da Serra a 17 de dezembro. Depois de alguns dias de marcha, adiantou-se confiando a sua fôrça a Domingos Crescêncio, a quem deu ordens de ir a Passo Fundo. Após alguns dias de marcha, reüniu-se a Canabarro (27 de dezembro). (1)

Em vista da corrida de Labatut, não lograram os revolucionários atacá-lo pela retaguarda.

Já sabemos que Andréa, ordenando a retirada de Labatut para Passo Fundo pelo Mato Castelhano, prometia reforçá-lo nesse ponto.

Seguiram êsses refôrços?

Andréa deu ordens nesse sentido ao brigadeiro Felipe Néri de Oliveira, **comandante da divisão e da linha do Taquarí.** Êste determinou a 24 de novembro, que seguissem a desempenhar essa missão subindo pela picada de Botucaraí, a 2.ª Brigada de Cavalaria (coronel João Propício Mena Barreto) e a 2.ª de infantaria (coronel José Fernandes dos Santos Pereira). Depois de iniciada a marcha, Andréa expediu contra-ordem a 27 de novembro.

A 29, Néri mandava o coronel Santos Pereira volver a Rio Pardo. Porêm a 5 de dezembro, o general João Paulo, já à testa do comando do exército em operações, como substituto de Andréa, determinou a Felipe Néri que fizesse seguir o refôrço. A ordem foi cumprida.

Os dois batalhões saíram de Rio Pardo, a 7 de dezembro (1840), e da Cachoeira a brigada de cavalaria. Juntaram-se,

---

(1) Garibaldi marchou com Bento Gonçalves. Em suas Memórias, salienta as dificuldades que tiveram de vencer na região florestal da Serra. "Nove dias depois da nossa entrada na floresta — conta êle — conseguimos sair! Poucos oficiais tinham podido salvar os seus cavalos".

Digitized by Google

já fora do serro de Botucaraí, no dia 14, e nos dias 18 e 19 reüniram-se a Labatut no Corossú. (1)

Convém abrir aqui um parêntese para lembrar que nesse periodo resolveu o govêrno dispensar Andréa e voltar mais uma vez aos sistemas de dois chefes, isto é, de um presidente da província e de um comandante em chefe do exército em operações. Nomeou para exercer a primeira fundação a Francisco Álvares Machado e para a segunda ao general João Paulo dos Santos Barreto. Ambos assumiram os seus cargos em Porto Alegre, no dia 30 de novembro de 1840.

Reatemos o fio da narrativa.

Labatut chegou a Passo Fundo, conforme já disse, a 7 de dezembro. Esperou 3 dias. Não tendo recebido os refôrços prometidos e julgando-se ameaçado por Canabarro, resolveu **dirigir-se para o lado do Rio Pardo.** Depois de receber os ditos refôrços em Corossú, avançou na direção de Cruz Alta (com cêrca de 2.600 homens), à procura de cavalos também prometidos e não os achou.

Reüniu então um conselho de guerra. Justificou-o dizendo que Canabarro já estava em Passo Fundo e devia seguir, depois de juntar-se com Bento Gonçalves, para Cruz Alta, onde já se encontrava Portinho com, mais ou menos, 400 homens; que os comandantes dos corpos reclamavam a remonta da cavalhada; e que havia falta de gado para o reabastecimento.

Decidiu-se no conselho **a retirada para o Rio Pardo,** a qual começou no dia seguinte (25 de dezembro de 1840). (2)

---

(1) Em ofício ao ministro da guerra, de 5 de janeiro de 1841, disse o presidente Álvares Machado que Labatut recebera o reforço no lugar denominado Lageado.

Oficiando em 20 de dezembro a Andréa, informou-o Labatut de que a cavalaria chegara com os animais estropeados, a ponto de não poder dar serviço algum.

(2) Nesse mesmo dia oficiou João Paulo ao ministro da guerra. Juntou ao ofício um mapa da fôrça a seu dispôr, sem mencionar, aliás, a divisão Labatut. Ei-lo:

| | | | |
|---|---|---|---|
| **EM PORTO ALEGRE** | Corpo de artilharia a cavalo | 133 | 1137 |
| | 5.º Batalhão de artilharia a pé | 291 | |
| | Batalhão provisório da guarda nacional | 249 | |
| | Guarda Nacional de reserva | 464 | |
| **NA CIDADE DO RIO GRANDE** | Batalhão provisório da guarda nacional | 264 | 408 |
| | Contingente de cavalaria de 1.ª linha | 94 | |
| | Recrutas ultimamente chegados | 50 | |

Digitized by Google

E assim como correra célere de S. Francisco de Paula a Passo Fundo, deseja agora Labatut precipitar-se pela serra abaixo sôbre Rio Pardo.

A 24 de dezembro, o general João Paulo escreve-lhe, do seu quartel-general em Rio Pardo. Acusa o ofício de 13, recebido a 19, em que Labatut comunica que tenciona, depois de receber as fôrças que João Paulo lhe enviou, **ocupar a posição de**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| **EM S. JOSÉ DO NORTE** | 5.ª companhia do batalhão provisório da guarda nacional | 54 | 231 | |
| | Contingente de artilharia | 143 | | |
| | Parte de artilharia montada | 34 | | |
| | Piquete de cavalaria (tirado do batalhão provisório) | — | | |
| | Reserva (indeterminada) | — | | |
| | | | | 1776 |

**NA LINHA DO TAQUARÍ**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **Divisão de infantaria (brigadeiro Felipe Néri)** | **1.ª brigada:** (Cel. Jacinto Pinto) | 1.º batalhão | 291 | 1114 | |
| | | 2.º " | 299 | | |
| | | 3.º " | 524 | | |
| | **2.ª brigada:** (Cel. José Fernandes dos Santos Pereira) | 2.º " | 458 | 1382 | |
| | | 5.º " | 426 | | |
| | | 6.º " | 498 | | |
| | Cavalaria | 2.º regimento | 89 | 659 | |
| | | 3.º " | 116 | | |
| | | 5.º corpo | 454 | | |
| | | | | | 3155 |
| **Divisão de Cavalaria (cel. da legião Manoel dos Santos Loureiro)** | **1.ª brigada:** (Cel. João da Silva Tavares) | 1.º corpo | 269 | 571 | |
| | | 2.º " | 302 | | |
| | **2.ª brigada:** (Cel. António de Medeiros Costa) | 3.º " | 362 | 597 | |
| | | Corpo de Cachoeira | 235 | | |
| | **3.ª brigada:** (Comte. o da divisão) | 4.º corpo | 764 | 1198 | |
| | | 6.º " | 434 | | |
| | **4.ª brigada:** (Cel. Jeronimo Jacinto Pereira) | 7.º " | ignora-se o efetivo | — | |
| | | 1.º corpo provisório | | — | |
| | | | | | 2366 |

Digitized by Google

**Cruz Alta,** e pede-lhe mais tropa. João Paulo julga muito importante que êle tenha o procedimento contrário, isto é, que dê meia volta, **torne a ir ocupar o Mato Castelhano e contenha Canabarro,** cuja fôrça não excede de 1.600 homens de cavalaria e infantaria, "entretanto que até o dia 15 de janeiro (1841) deverão **subir,** pelas estradas da Serra do lado de Santo António e das Três Forquilhas, duas brigadas de 1.400 homens, as quais têm de bater os 400 homens com que fugiu Bento Gonçalves e seguir depois a **bater pela retaguarda** as fôrças de Canabarro, que deverão infalivelmente depôr as armas ou ser completamente derrotados pela divisão Labatut, mais forte hoje do que as fôrças reünidas de ambos os rebeldes, ou pelas fôrças a que se refere". Fará novo aviso logo que as duas brigadas subirem a Serra para dar começo ao seu movimento. Está em Rio Pardo com 1.400 homens **de excelente cavalaria** e um **forte batalhão** de 600 praças. Seu propósito é **cobrir o passo do Jacuí** e **estar pronto a subir pela picada de Botucaraí ou da Cachoeira,** logo que tenha aviso de seus bombeiros de que Neto, João António, ou qualquer outro chefe rebelde, pretende **subir a Serra por êste lado da campanha** para ir atacar Labatut. Se isto acontecer, **subirá imediatamente** e irá **picando a retaguarda de tais fôrças.** Escreveu para Santa Catarina, afim de que as tropas desta província também **arranquem.**

A 25 de dezembro, torna João Paulo a oficiar a Labatut. Acusa o ofício de 20, datado em Corussú, no qual Labatut lhe

---

**CARPOS AVULSOS**

| | | | |
|---|---|---|---|
| Corpo da guarda nacional de Rio Pardo (te.-Cel. Andrade Neves) . . . . . | | 212 | 212 |
| **Partidas em organização que se devem reünir a Labatut** | Corpo do major Rodrigo da Silva . . . . . | 300 | 600 |
| | Corpo do major Silva Ourives | 300 | |
| TOTAL..... | | | 812 |

Sôbre o destino da cavalaria, dá João Paulo êstes esclarecimentos:

A 1.ª brigada de cavalaria (Tavares) tem estado até agora guarnecendo a margem do São Gonçalo, e a 2.ª a vila e o distrito de Cachoeira, com o cargo de proteger a união da 3.ª e 4.ª brigadas, e ultimamente estava destinada a subir a Serra por Botucaraí, com 2 batalhões de caçadores para se reünirem ao general Labatut no Passo Fundo. A 3.ª brigada tem permanecido estacionada em S. Borja. Achava-se no dia 26 de dezembro no campo do d'Avila, em presença das fôrças de João António. O corpo de Rio Pardo está na vila dêste nome. Os majores Rodrigo e Ourives tiveram ordem minha para se unirem ao general Labatut.

João Paulo tinha, pois, a 30 de novembro de 1840, um efetivo superior a 8.000 homens, sem contar a divisão Labatut.

Digitized by Google

declara supôr que Canabarro já se reüniu em Cruz Alta com João Antônio e Portinho, e pede licença para se recolher à Côrte, em companhia do capitão Manoel Lopes Pecegueiro. João Paulo acha conveniente responder-lhe deste modo: a ocupação de Passo Fundo, ou antes do Mato Castelhano, era uma operação capital, da qual dependia o bom sucesso de nossas armas e a completa derrota de Canabarro, se êste ainda se achasse no Campo do Meio ou mesmo além, pois que deverá ser batido de frente pela divisão ao mando dêle Labatut e ser perseguido em sua retaguarda pelas fôrças legais prestes a subirem a Serra pela picada de Santo Antônio e das Três Forquilhas, como em seu ofício anterior tinha comunicado ao mesmo Labatut. Se, porêm, Canabarro, segundo o que supõe Labatut, mas não afirma, já tiver chegado a Cruz Alta, em conseqüência da retirada do mesmo Labatut para o Corussú, se com efeito já fez junção com João Antônio e Portinho, neste caso não pode ter lugar a contramarcha de Labatut para o Passo Fundo, e muito convem que êle lhe avise, sem perda de tempo, qual é a posição do inimigo, para que João Paulo reforce a divisão dêle ou opere sobre o inimigo, segundo as circunstâncias, e procure evitar que Bento Gonçalves também possa escapar para a campanha seguindo o caminho da Serra. Pelo que respeita à licença que Labatut deseja, afim de se retirar para a Côrte, só tem a lembrar-lhe que não se julga autorizado para concedê-la, e que êle, no caso de necessidade, pode entregar o comando da divisão ao seu imediato, segundo as leis militares.

A 26 de dezembro, oficia João Paulo, ainda de Rio Pardo, ao presidente Álvares Machado. Conta o que já sabemos, isto é: que Labatut retirou para Corussú, a-pezar de ter sido reforçado (com 1.600 homens), deixando assim livre a passagem de Canabarro **para êste lado da campanha; que lhe havia insinuado** a volta, para reocupar as antigas posições de Passo Fundo ou do Mato Castelhano, se Canabarro ainda estivesse na Serra, entre o Mato Castelhano e o Mato Português; mas acrescenta que, no caso contrário, devia ser avisado sem detença, afim de poder êle próprio, João Paulo, **ir batê-lo na estrada de São Martinho,** antes que o caudilho revolucionário **ganhasse a campanha.**

A 27 de dezembro, Labatut dirige um ofício a João Paulo. Participa-lhe a retirada da divisão para Rio Pardo. Manda o ofício pelo tenente-coronel Vidal do Pilar.

João Paulo recebe esse documento a 29 e responde no mesmo dia. Declara que a retirada da divisão seria **a operação mais prejudicial possível e equivaleria à perda de uma ação.**

Digitized by Google

Só teria desculpa se a divisão da Serra viesse acossada por fôrça rebelde muito superior. Canabarro ainda se encontrava a 15 na Vacaria; não pode, por conseguinte, estar em Passo Fundo e ainda menos em Cruz Alta. Bento Gonçalves não se lhe pode ter reünido, pois sabe-se que a 17 subiu pela picada das Torres. (1) Neto está em Camacuã, com 200 homens, e Guedes por Alegrete, com 300. E' fato que Portinho subiu a Serra por São Martinho, porêm todas as notícias concordam em que êle chegou a Cruz Alta com 150 homens.

"A descida dessa divisão fará perder toda a cavalaria e aquí não há como refazer-se". Ordena, portanto, a Labatut que **não execute êsse movimento,** que **retrograde** do ponto em que esta ordem o alcance e **vá tomar posição** adiante do Lagoão, na fazenda da Cruz (Campos do cap. João Marcos), onde há **gado** para a tropa e muita **potrada**. Crê que Canabarro só tem em Passo Fundo uma vanguarda de 500 a 600 homens. Do ponto que lhe indica para se sitiar **temporàriamente,** mandará Labatut **partidas** a Passo Fundo e Cruz Alta, **para saber notícias exatas dos rebeldes.** E termina deste modo: "Se o estado de saúde de V. Excia. é tal que não possa fazer êste movimento, **pode Vossa Excia. entregar o comando da divisão ao seu imediato,** o coronel António de Medeiros Costa, e **retirar-se para esta vila** (Rio Pardo), onde encontrará todos os recursos".

A ordem de recúo da divisão foi cumprida quando Labatut já havia passado o comando, por doente, ao tenente-coronel João Feliciano da Costa Ferreira e marchado para Porto Alegre (via Rio Pardo), aonde chegou a 6 de janeiro de 1841. (2)

A 31 de dezembro, João Paulo dirige um ofício ao presidente da província em que manifesta o seu dissabor, causado pelo estranho procedimento de Labatut, **com o qual certamente ninguem podia calcular.**

Quando esperava que êle, depois de reforçado com 1.600 homens, ocupasse uma posição forte na Serra e vedasse a descida de Canabarro para a campanha pelo lado de S. Martinho, recebe o seu ofício de 27. Se, a-pezar de suas ponderações, Labatut persistir na idéia de descer a serra pela picada de Botucaraí, supondo ter Canabarro 3.000 homens, **sem os ter visto, nem queimado uma única escorva,** então estará transtornado

(1) Em carta a José Gomes Porto, escrita em Campo do Meio, no 1.º de janeiro de 1841, conta Bento Gonçalves que se juntou a Canabarro a 27 de dezembro e que daí a dois dias, portanto a 29 de dezembro, estariam além do Mato Castelhano.

(2) Não passou o comando ao coronel da guarda nacional António de Medeiros Costa porque êste oficial também deu parte de doente e recolheu-se a Porto Alegre.

Digitized by Google

todo o seu plano. A descida da cavalaria será uma verdadeira derrota, não só porque se perderão mais de 2.000 cavalos, como porque ficará livre a Canabarro e aos seus 1.600 homens a passagem para a campanha. "Terão sido inúteis, se não prejudiciais, todos os esforços que se fizeram para colocar no Passo Fundo, ou no Mato Castelhano, uma divisão de perto de 2.600 homens, que na segunda posição podia e devia conter uma fôrça mais de que dupla, por ser um desfiladeiro estreito, que tem 3 léguas de extensão por entre uma mata virgem".

Afinal a 3 de janeiro de 1841, João Paulo ordenou à divisão da Serra, já então no Lagoão, que descesse para a margem do Jacuí, o que ela fez. A 14 de janeiro já estava em baixo da Serra, próximo à Cachoeira.

Tal foi o triste fim da **Divisão da Serra ou do Divisão Paulista!** (1)

A idéia estratégica de procurar bater o grosso revolucionário da região de Viamão mediante uma coluna que descesse do norte (Labatut) e outra ou outras que avançassem do oeste, partindo de Porto Alegre, ou de suas vizinhanças, era evidentemente defensável, porêm exigia preparação cuidadosa, tropas aguerridas e bons chefes. Nada disso existia. A divisão paulista ficou isolada, solta no ar na região de S. Francisco de Paula.

Releva, todavia, salientar que o insucesso da missão de Labatut encontra atenuantes na circunstância de lhe não haverem proporcionado todos os recursos, de materiais e homens, indispensáveis à mesma, e que êle não cessou de reclamar do govêrno imperial, bem como nas deserções de muitos de seus subordinados.

A manobra por colunas convergentes entranha grave perigo: é o adversário, que se encontra em posição central, atirar-se com o seu grosso contra uma delas, como magistralmente o fazia Napoleão, no intuito de aniquilá-la.

Torna-se então preciso que o atacado saiba resistir e que as demais colunas acometam por sua vez com energia, para romper a cobertura do inimigo em frente delas e ameaçá-lo de envolvimento.

No último lance, João Paulo reforçou Labatut e concebeu o projéto de criar uma barragem na Serra, com a divisão dêle e

(1) Labatut foi processado e absolvido. Imputaram-lhe dois crimes: ter abandonado de motu próprio as importantes posições, cuja ocupação lhe havia sido ordenada e ter-se retirado para a Côrte sem autorização. O conselho de investigação achou que êle estava plenamente justificado do primeiro; do segundo absolveu-o unanimemente o Conselho de Guerra, sentença que o Conselho Supremo Militar confirmou em sessão de 14 de agosto de 1841.

Digitized by Google

de apertar contra ela Bento Gonçalves e Canabarro, mediante duas brigadas, lançadas de Porto Alegre na esteira de ambos. Pura fantasia naquele momento e naquele terreno! Também imaginou partir de Rio Pardo, onde se encontrava com 1.600 cavaleiros e 400 infantes, e subir a Serra pela picada de Botucaraí, afim de acometer pela retaguarda Neto, João Antônio ou qualquer outro chefe revolucionário, que pretendesse lançar-se de frente contra Labatut. Outra fantasia do comandante em chefe, que, como a primeira, não teve siquer começo de execução.

A manobra dos imperiais findou, pois, em malôgro.

Só se lucrou o levantamento do sítio de Porto Alegre, o qual desta vez foi definitivo.

Bento Gonçalves e Canabarro não acometeram Labatut, mas escaparam dêle. Dirigiram-se a Cruz Alta, e desceram para a Campanha, depois de largo circuito. Grupos de correligionários foram-lhes ao encontro, em cima da Serra, para apoiá-los e desafogá-los da pressão dos imperiais. Portinho esperou-os em Cruz Alta, onde os acolheu.

Ocupando-se dêste período, escreve Varela:

"Para a Cruz Alta, onde se achava êsse tenente-coronel **(Portinho)**, iam todos os que tinham abandonado a Setembrina. Pois que, conforme as presunções de Bento Gonçalves, não dera tempo Labatut de o apanharem os farrapos, e mister lhes foi prosseguirem avante, para que se restabelecesse o contacto com o inimigo, na zona inferior. Adiantou-se, primeiro, a brigada de Piratiní, do mando de Lucas. O grosso da tropa chegou, com David Canabarro a 27, retardando-se Crescêncio com a retaguarda, que entrou na vila 2 dias após. Exceptuando-se Joaquim Pedro, que persistiu até meiados do mês em Lages, onde fez boas presas, e 1 corpo, o de António Manoel do Amaral, que destinado foi a guarnecer a Vacaria, cobrir o referido município catarineta, e manter as comunicações, dessa banda, com a Cruz Alta; exceptuando-se estas unidades, as demais, que por um momento foram julgadas totalmente perdidas, ali se achavam, não sòmente livres de perigo, como aptas a novas empresas, em prol da pública emancipação. O govêrno da República, muito reconhecido, endereçou os seus louvores a Canabarro, o chefe que mais dirètamente estivera à testa da **gloriosa jornada**, e que se tornára credor da símpatia e reconhecimento de seus concidadãos, pela heroica firmeza com que soubera vencer **obstáculos quási insuperáveis**, na serra asperríssima, no sertão bruto imediato, nos ermos subseqüêntes".

Digitized by Google

# TERCEIRA PARTE

---

## A LUTA NA CAMPANHA. TORNADA TEATRO PRINCIPAL DA GUERRA CIVIL.

## COMANDO DE CAXIAS

Digitized by Google

Digitized by Google

# CAPITULO I

**Os revolucionários descem para a campanha. Bento Gonçalves assume a presidência da República. João Paulo concentra seu grosso em Cachoeira e põe-se depois em marcha pela campanha. Suas operações. Passa em Caçapava e Bagé, desponta o Santa Maria e vai afinal estacionar à margem do Ibicuí. Escaramuças com os rebeldes durante a marcha. Neto dirige-se ao rio São Gonçalo com o fito de atacar a cidade de Rio Grande. O Conde de Rio Pardo é nomeado para substituir João Paulo. Este entrega o comando de exército a Soára. Comando improdutivo do Conde do Rio Pardo. Defesa que êle fez do seu comando. O govêrno imperial manda-lhe que o passe a Silva Bittencourt. Efetivo do exército do Sul. Silva Bittencourt não pratica nenhuma operação militar contra os rebeldes. Repercussão entre os rebeldes das revoluções de São Paulo e Minas Gerais. Nomeação de Caxias para presidente de província e comandante das armas do Rio Grande do Sul. A Assembléia Legislativa rebelde.**

De Cruz Alta, onde receberam os cavalos de que necessitavam, desceram os farroupilhas para a Boca do Monte (**Santa Maria**), pela picada chamada de São Martinho (9 de fevereiro de 1841).

Bento Gonçalves encaminhou-se para S. Gabriel e ali reassumiu, a 14 de março de 1841, a presidência da República, que estava sendo exercida pelo vice-presidente, José Mariano de Matos.

Desenvolveu logo grande atividade, afim de aperceber o exército revolucionário do que lhe faltava para arrostar as novas operações do general João Paulo.

Ocupemo-nos, pois, ainda uma vez deste general. Já vimos como êle recolhe a herança do general Andréa e os esforços que faz para deter Labatut em cima da Serra.

Depois do insucesso da manobra com a divisão serrana ou paulista, e vendo que os adversários estavam agora na campanha, preparou-se João Paulo para enfrentá-los nessa região, levando para lá o grosso das fôrças de que dispunha. Esperava que

Digitized by Google

êles lhe viessem ao encontro e lhe fosse possível derrotá-los em batalha campal.

Concentrou seu grosso em Cachoeira. Compunha-se de três brigadas de infantaria (2.400 homens), 3 brigadas de cavalaria da guarda nacional (2.100 homens), 5.º corpo de cavalaria da guarda nacional (320 homens) e uma bateria ligeira de quatro peças de calibre 3 (180 homens). Ao todo 5.000 combatentes.

Às 4 horas da manhã de 11 de março de 1841, transpõe o Jacuí no passo de S. Lourenço. Para iludir o inimigo, simulou que ia passar no passo Real, mas retrogradou e fê-lo no de São Lourenço.

Antes de abalar, expediu o coronel Antônio de Medeiros Costa, **com uma forte brigada,** pelo passo da Cachoeira, com a missão "de atravessar todo o território entre o Jacuí e o Camacuã e reünir-se à brigada de Silva Tavares", que estava no São Gonçalo. Depois ambos se juntariam ao exército.

Tavares transpôs o São Gonçalo no passo da Beca, a 7 de abril, reüniu-se a Medeiros; ambos foram associar-se ao exército, a 16, na estância da Formiga, no serro dos Porongos.

Em ofício de 8 de março de 1841 ao presidente da província, anunciou João Paulo a sua próxima entrada em campanha. Disse que ia **pobre de dinheiro** para pagamento dos soldos da tropa, já vencidos, **de armamento de cavalaria e até mesmo de fardamento,** pois que as praças do **desgraçado** 10.º batalhão estavam quási todas em **mangas de camisa,** a-pesar de suas repetidas requisições, mas que ia **rico de valor e patriotismo, que brilhavam nos semblantes, e em que ardiam os peitos dos 5.200 bravos que o seguiam.**

Eis em grandes linhas o seu itinerário:

Do passo de São Lourenço avança para o sul pela margem esquerda do Irapuá, atinge Caçapava a 25 de março, atravessa o Camacuã no passo dos Enforcados a 1.º de abril e encaminha-se para as cabeceiras do Piratiní, que alcança a 18. De lá ruma para oeste e vai a Bagé, aonde entra a 22. Segue pelas cochilhas da fronteira despontando o Santa Maria, desce pela margem esquerda do Ibicuí-mirim, atravessa-o no passo da Armada, (entre 8 e 10 de junho) volve a leste, e vai até à beira do Santa Maria, no passo de S. Borja.

Daí ruma para o norte, atinge o Ibicuí a 30 de junho, transpõe-no pelo passo de S. Lucas, de 1.º a 6 de julho, e vai estacionar, a 21 de julho, para passar o inverno, à margem direita dêsse rio, na estância do Carmo, hoje denominada — diz êle — de Pedro Serra.

Digitized by Google

Nesse período que fizeram os republicanos?

Informa Varela que, ao principiar João Paulo a sua marcha, estava Canabarro no arraial de Santa Maria, com o grosso do exército republicano (3.500 homens) e Neto na região da Encruzilhada, à frente de 900. Pensa que João Paulo, avançando por entre esses dois agrupamentos, tinha a esperança de bater primeiro Neto e depois Canabarro.

Mas, se tal idéia existiu, não chegou à realização, talvez porque os revolucionários, sentindo-se menos fortes que os inimigos, limitaram-se a acompanhá-los na marcha, apenas inquietando-os e mantendo-os sob a ameaça de um choque decisivo.

Neto operou ao sul do Jacuí e logrou durante algum tempo interromper as comunicações legalistas.

Desta arte não conseguiu João Paulo a batalha campal com que sonhava.

Em suas comunicações ao ministro e ordens do dia, fala de contactos e choques com o adversário. Por exemplo: no rio Santa Maria. Diz que chegou a 12 de junho ao passo dêste rio denominado passo de S. Borja, e terminou a travessia a 18. Os inimigos tentaram estorvar a operação em a noite de 12, mas foram repelidos. Na madrugada de 14 simularam um ataque às **vedetas** e **piquetes avançados,** mas ùnicamente com o fim de encobrir a sua retirada para a estância da Bôa Vista. João Paulo avaliou-os em 900. Supunha serem comandados por Neto, Guedes, João Antônio e outros. No dia 18, êles tomaram posição em uma cochilha na estância do Meio, para se oporem à marcha do exército. Afirma João Paulo que apresentaram 32 esquadrões **fortes** (!) e 3 batalhões de infantaria, e que os atacou no flanco esquerdo com duas brigadas de cavalaria e um batalhão de caçadores e de frente com o resto do exército. Fugiram **vergonhosamente** — diz êle — e foram perseguidos **por mais de uma légua.**

No dia 19, estava João Paulo na estância do Batoví. A 22 de junho, ia o exército transpôr o banhado de Inhatium, próximo a S. Gabriel cuja extensão é de cêrca de meia légua. Passou-o a 2.ª divisão, que **fazia a vanguarda.** O inimigo apareceu e atacou a 1.ª divisão, que **fazia a retaguarda,** procurando envolvê-la. João Paulo mandou que os 3 batalhões da 2.ª divisão repassassem o banhado, bem como que Silva Tavares, comandante da divisão, fizesse o mesmo com 400 cavaleiros da 1.ª e 3.ª brigadas de cavalaria, e fosse cobrir o flanco direito da infantaria, enquanto a 2.ª e 4.ª brigadas de cavalaria operavam

Digitized by Google

de modo análogo no flanco esquerdo. E assim foram os inimigos repelidos. Depois todo o exército vadeou o banhado. A passagem do Ibicuí realizou-se sem que os adversários ousassem embaraçá-la.

Em ofício de 14 de junho ao ministro da guerra, escrito no passo de S. Borja, assim se exprimia João Paulo:

"Pelo que respeita às operações deste exército, cumpre-me participar a V. Excia. que o inimigo tem sido constantemente acossado, sendo obrigada a sua retaguarda a uma continuada fuga, e quando algumas noites tormentosas tem pretendido lançar dentro de nossos acampamentos cavalos com couros atados às caudas, bexigas cheias de milho e outras idênticas bagatelas, afim de espantarem e dispersarem nossas cavalhadas, tem-lhes saído caro o ensejo".

Vê-se do exposto, conforme já disse, que os revolucionários não tiveram nenhum combate sério com os imperialistas; limitaram-se a inquietá-los e ameaçá-los, sempre evitando empenhar-se a fundo.

"Entretanto — escreve Fernando Osório — obtiveram os republicanos um grande resultado, que foi: deixar as cavalarias imperiais a pé e as infantarias quási extenuadas, desfalcadas pela peste motivada em grande parte por falta de alimentação conveniente. Soldados de outras províncias marchando no rigor do inverno, reduzidos a se alimentarem com carne fresca simples, sem farinha, foram dizimados pela desinteria". (1)

Sem embargo é justo reconhecer ter João Paulo compreendido com todo o fundamento que, não sendo mais Porto Alegre o objetivo cobiçado pelos revolucionários, cumpria à legalidade levar as suas tropas à campanha e nela lançar-se em ofensiva contra os inimigos.

Na fase que acabo de recordar sintèticamente, tomaram os rebeldes a decisão de ir atacar a cidade do Rio Grande.

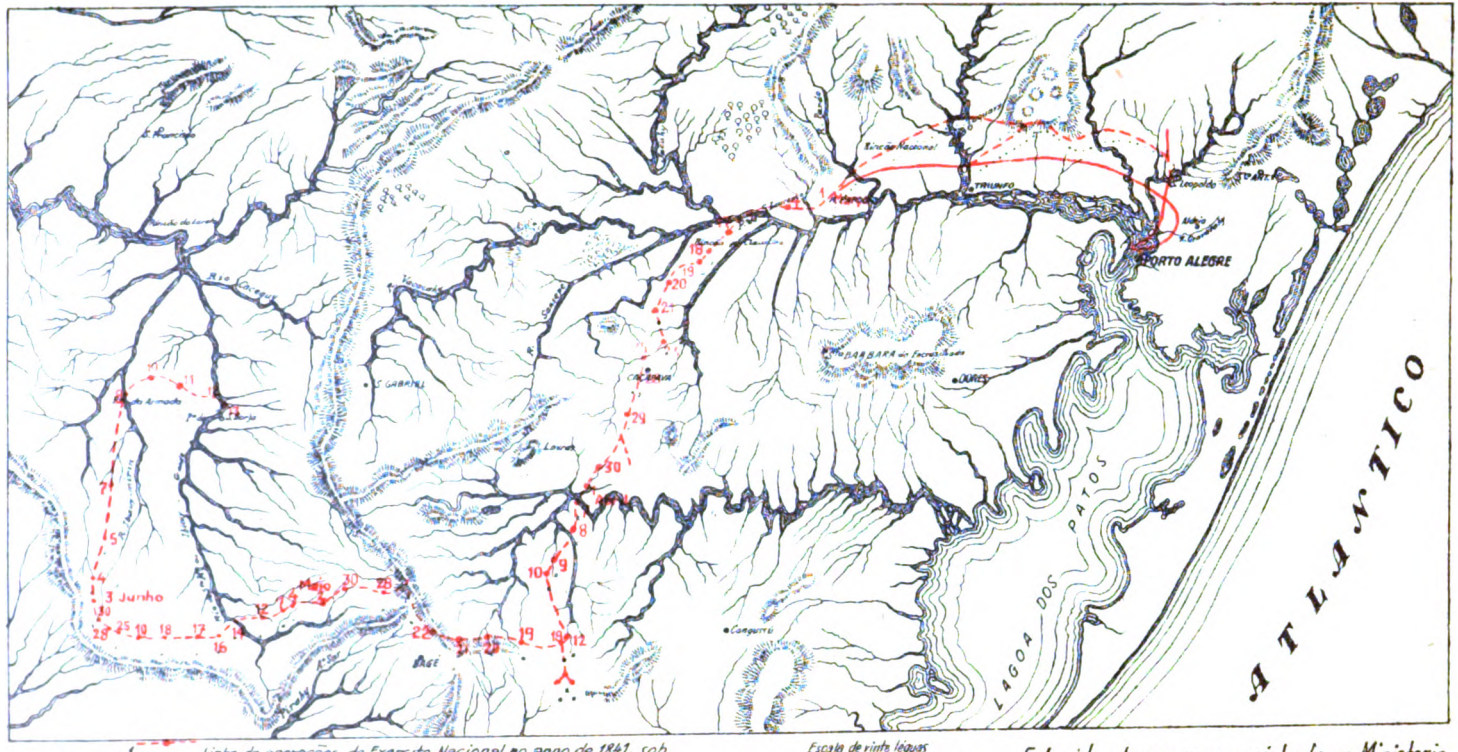
Percebendo que, com a saída de Tavares da linha do São Gonçalo e a sua reünião a João Paulo, deveria estar muito enfraquecida a defesa dessa cidade e que, portanto, ali se lhes deparava excelente oportunidade, enviaram contra a mesma um destacamento sob o comando de Neto.

Em meiados de junho de 1841, êste caudilho marchou na direção do seu primeiro objetivo: a linha do São Gonçalo. Alcançou-a, à frente de 600 homens, no dia 8 de julho, e tentou atravessá-la. Mas, como o govêrno provincial havia concentrado ali 9 canhoneiras e 5 lanchões, o seu projéto foi logo aventado e

(1) **História do General Osório** — 1.º vol. — pg.380.

Digitized by Google

# TRECHO DE UM MAPA DE SÃO PEDRO DO SUL


PORTO ALEGRE
ATLANTICO
LAGOA DOS PATOS
Rio Caxias
Rio Jacuhy
Rio Taquary
Rio Sinos
Rio Gravataí
S. GABRIEL
CACHOEIRA
TRIUNFO
S. LEOPOLDO
S. JOSÉ DO HORTENCIO
S. JOÃO DO MONTE NEGRO
RIO PARDO
CAMAQUÃ
Arroio dos Ratos
Arroio Pantanoso
Arroio Feliz
Arroio Sampaio
Arroio Grande
Arroio Pinhal
Arroio Pinheiro
Arroio Pinheiro Machado
Arroio Pinheiro Machado
Arroio Pinheiro Machado

Digitized by Google

contrariado; apenas se lhe tornou possível lançar na outra margem uma pequena vanguarda de uns 180 homens, que avançou na direção do Rio Grande e entrou em contacto com elementos inimigos, mas que teve afinal de bater em retirada.

Noticioso desses fatos, o govêrno reforçou logo a sua defesa na região do Rio Grande, mandando de Porto Alegre para lá uns 700 homens.

Afirma-se que os rebeldes contavam para essa entrepresa com o concurso de elementos combatentes prometidos pelo caudilho uruguaio Rivera, os quais falharam.

"Depois destes precatos — reflete Varela — a operação (caso ainda de efetuar-se) tinha que restringir-se a um mero bloqueio da praça adversa, sem sentido militar de importância. Não se pensou mais nela. Desistiu-se, para sempre, da reintentada empresa, mercê da qual Bento Gonçalves esperava transformar o cenário da guerra com um grande lance de teatro e desistiu-se (convém repetir) em conseqüência de uma nova infidelidade de Rivera, cuja política, mais que incerta, no Rio Grande, é verdadeiramente incompreensível, conforme se realça mais uma vez". (1)

A situação do Rio Grande repercutiu, como era natural, no govêrno da Côrte.

A maioridade do Imperador havia sido proclamada a 23 de julho de 1840. O primeiro ministério dêsse período tinha feito esforços sinceros e infrutuosos para extinguir a rebelião de modo pacífico. Mandara ao sul, conforme já vimos, um emissário especial, o deputado Álvares Machado, para conferenciar com os revolucionários e concitá-los a depôr as armas. Nada tendo obtido, foi necessário prosseguir nas operações militares. Porêm esses esforços, aliás patrióticos, acabaram ocasionando divergências de opinião e uma crise no seio do ministério.

Deviam-se manter as autoridades supremas do Rio Grande ou- substituí-las? Convinha aceitar o pedido de demissão de Álvares Machado, presidente da província, e substituí-lo pelo Dr. Saturnino de Souza, consoante os desejos de seu irmão, o ministro Aureliano de Souza Coutinho?

Tal o problema que urgia resolver.

O Imperador decidiu-se pela substituição das autoridades supremas do Rio Grande e dessa forma ocasionou a saída de três ministros: Antônio Carlos, Martim Francisco e Limpo de Abreu.

---

(1) **Política Brasileira Interna e Externa** — pag. 120 — vol. 2.º.

Digitized by Google

Reorganizado o gabinete, em 23 de março de 1841, a situação passou de liberal a conservadora.

O govêrno dispensou tanto a Álvares Machado, como ao general João Paulo. Substituiu aquele pelo Dr. Saturnino de Souza, que já governara a província, conforme sabemos, e êste pelo Gal. Conde do Rio Pardo. (1) Ambos assumiram os respectivos cargos em Porto Alegre, a 17 de abril de 1841.

Nesse momento estava João Paulo em marcha pela campanha, à frente do grosso legalista.

A comunicação do conde de Rio Pardo de que viera substituí-lo, recebe-a êle a 23 de junho de 1841. Responde-lhe do banhado de Inhatium, no dia seguinte. Avisa que vai tomar quarteis de inverno no rincão de S. Vicente e espera a ulterior deliberação de Rio Pardo quanto ao ponto em que êle deseja seja colocado o exército para lhe receber o comando.

A 21 de agosto chega-lhe uma ordem do Conde para que entregue o comando **do exército em operações** ao brigadeiro António Correia Seára. João Paulo cumpre-a e retira-se.

Durante o período de mais de 14 meses (de 17 de abril de 1841 a 26 de junho de 1842), em que o Conde do Rio Pardo comandou o exército do Rio Grande do Sul, não se praticou nenhuma ação militar importante, nem se alterou a localização das tropas. Viveu-se na inércia. O chefe não teve nenhum pensamento estratégico ou, se o teve, nunca o revelou.

Sôbre essa quadra da revolução, escreve Araripe:

"De abril de 1841 a março de 1842, os novos diretores da guerra, por parte do govêrno imperial, pouco conseguiram em bem da terminação da luta armada; apenas vantagens parciais obtinham em surpresas contra os adversários".

"Assim, em princípio de novembro de 1841, Francisco Pedro bateu a pequena guarnição rebelde de S. Gabriel, fazendo 23 prisioneiros e tomando 400 cavalos; em fins do mesmo mês (a 25), João Propício, no Rincão Bonito, nas costas do Piquirí, derrota fôrças rebeldes, matando-lhes 120 homens, fazendo 182 prisioneiros, apossando-se da bagagem, e tomando 800 cavalos; e, em 20 de janeiro seguinte, o sobredito Francisco Pedro, sendo inesperadamente atacado por Bento Gonçalves com 300 homens, destroça a êste, o qual deixa em campo 36 mortos com 20 prisioneiros, 200 cavalos e toda a bagagem, ao passo que a fôrça legal só teve 3 mortos e 7 feridos".

---

(1) Tinha êste título o marechal de campo Tomás Joaquim Pereira Valente.

Digitized by Google

A êsses recontros chamou o Conde, pomposamente, **brilhantes feitos de armas.** (1) .

O autor das **Reflexões sobre o generalato do Conde de Caxias**, assim se expressa sôbre esta fase da revolução:

..." o conde do Rio Pardo, durante os 14 mêses do seu comando militar, nem uma só vez foi visitar o exército. Colado a Porto Alegre, como Prometeu à sua rocha, apenas uma vez foi a Ponta Rasa (lugar distante 5 léguas da capital), para passar uma revista insignificante às pequenas fôrças de cavalaria do bravo Barão de Jacuí (Francisco Pedro) !! Toda a sua campanha, no largo espaço de 14 meses, se reduziu a êste pequeno passeio".

"Os vindouros apenas o acreditarão"!!

Na verdade maravilha que o Conde não fosse ao menos inspeccionar o grosso de suas tropas no vale do Ibicuí, onde João Paulo o havia deixado.

A desculpa que apresentou ao govêrno imperial, em ofício de 29 de novembro de 1841, é positivamente inaceitável.

"Logo que cheguei a esta província — escreve êle — não pude conseguir que o brigadeiro João Paulo me entregasse o mando do grosso do exército, tal poder não teria o mais abalisado orador, nem o mais enérgico estadista, por isso que o meu antecessor, para servir a um partido, muito de propósito afastava as tropas sob seu imediato comando dos lugares em que me podiam ser entregues; e para êsse fim as fez andar a êsmo pela campanha até as reduzir ao deplorável estado, que êle próprio informa ao govêrno imperial".

O leitor já viu que João Paulo se declarou pronto a passar-lhe o comando, levando antes o exército ao local que êle designasse. A sua crítica é, pois, infundada.

Tempos depois, já de regresso à Côrte, publicou Rio Pardo um folheto para justificar o seu procedimento no sul. (2) E' um documento escrito com certa ingenuidade e em que se recorre a frouxos argumentos, os quais não libertam o autor, em meu fraco entender, das acusações que sôbre êle pesam, mas que julgo dever resumir em seus pontos essenciais.

Diz o Conde que desembarcou na cidade do Rio Grande em 10 de abril de 1841. Soube que a fôrça de Tavares já se juntara

(1) Oficio do Conde de Rio Pardo ao ministro da guerra, escrito em 13 de janeiro de 1842.

(2) **Exposição dos principais acontecimentos militares e particularidades que tiveram lugar desde 17 de abril de 1841 até 26 de junho de 1842, tempo em que o marechal de campo Conde de Rio Pardo comandou em Chefe o exército empregado na pacificação do Rio Grande do Sul** — Niterói, 1843.

Digitized by Google

à de João Paulo, cujo efetivo passou a ser de 5.995 homens, inclusive 2.670 de cavalaria, **sofrivelmente montados,** e um parque de 6 bocas de fogo. Em Bagé dividiu João Paulo a sua tropa em duas divisões. A 3.ª divisão, cujo quartel-general era em Rio Pardo, constava de 1.924 praças das quais 1.128 de cavalaria, pela maior parte **mal montadas, sendo peior disciplinadas.** Estava fracionada de Rio Pardo à freguezia da Serra, ao longo de uma linha **de mais de 40 léguas.** As comunicações entre Rio Pardo e o exército, pelo Guaíba e Jacuí haviam-se tornado difíceis e **achavam-se interceptadas.** Em 30 de abril dirigiu-se a João Paulo por 3 vias diferentes, para se garantir dos embaraços criados pelos revolucionários às comunicações. João Paulo só lhe respondeu a 21 de junho, das imediações de S. Gabriel; disse que ia para o rincão de S. Vicente. Conta Rio Pardo ter recebido um ofício da secretaria da guerra, de 19 de junho, no qual o ministro lhe ordenava que marchasse para se reünir à 3.ª divisão, logo que chegassem os 1.200 homens de Santa Catarina, e seguisse depois com ela para o grosso do exército. O cumprimento dessa ordem exigia que êle percorresse 70 léguas **de campanha aberta, cortada de diferentes rios, isto na estação invernosa, e quando as fôrças rebeldes reünidas no centro da mesma, não só impediam tal junção, mas, sendo muito superiores em número, podiam bater seguramente aquela divisão, que devia ser composta,** como ficou dito, **em grande parte de tropas bisonhas.**

Depois de fazer uma explanação sôbre os deveres de um chefe, acrescenta:

"Portanto o quartel-general de um comandante em chefe deve ser estabelecido em um centro comum, onde melhor convier para acudir com prontas ordens a todos os pontos da linha que êle tem estabelecido; e só quando concentrar suas fôrças para abrir as operações da campanha, é **que** tem então **a restrita obrigação de se pôr à frente do exército para pessoalmente o dirigir,** compartilhando com os seus soldados as fadigas, os perigos e a glória da guerra; pois que para comandar um exército não é somente preciso possuir um caráter enérgico e ativo; também se necessitam virtudes nobres e guerreiras, que inspirem confiança".

Explica que se preocupou com o repouso e a tranquilidade da tropa. Apelou para a pequena guerra. Esperava reünir no inverno todas as fôrças disponíveis do grosso do exército, afim de abrir a futura campanha. A 8 de março remeteu o mapa total da fôrça. Numerava a mesma 11.476 praças (das três ar-

Digitized by Google

mas); delas havia 8.968 prontas para combate e 2.509 em diferentes destinos. Na Restinga Seca encontravam-se a 1.ª divisão e a 2.ª, com um total de 4.087 praças. Essa fôrça estava distribuida **sôbre a linha de operações, da qual, apoiados a extrema direita no Vacacaí e a esquerda no Rio S. Gonçalo, vinha a ser Porto Alegre, por conseqüência, o centro natural, quer se olhasse para a topografia militar, quer se atendesse a ser aquela cidade a capital da província e por isso também o centro de todos os recursos; razão esta, sem dúvida, muito atendível no estado das cousas, o que facilmente se ajuizará à vista de tudo quanto deixo expendido".** O decreto que o exonerou é de 21 de maio e chegou-lhe às mãos a 25 de junho. "Tomando posse do comando em chefe do exército em 17 de abril de 1841 — escreve textualmente o Conde de Rio Pardo — foi só em 18 de julho que exercí geralmente êste emprêgo; data esta em que a 1.ª e 2.ª divisões, que haviam marchado pela campanha debaixo das ordens do meu antecessor, me foram entregues, porêm, faltas de tudo e a 80 léguas de distância do centro dos recursos com que as devia abastecer. Esta fôrça principal do exército chegou, todavia, ao acampamento da Restinga Seca em fins de setembro. Além dos pontos fortificados e do terreno ocupado pelas tropas Imperiais, todo o mais território era dominado, ou devastado por inúmeras partidas destacadas das principais fôrças rebeldes. O grosso do exército achava-se mui mal armado; a cavalaria a pé; a artilharia inutilizada, e finalmente devendo-se a esta valorosa e leal tropa sete mêses de sôldo, e mais vantagens! As trincheiras que cobrem a cidade do Rio Grande estavam ainda muito atrazadas, e tanto a sua, como a defesa da linha de S. Gonçalo, e fronteira do Chuí entregues apenas à diminuta fôrça do 1.º batalhão de Guarda Nacional e companhias de reserva; e a capital da província achava-se em iguais circunstâncias, como se tem relatado".

No entanto, afirma o mesmo general que, quando passou o comando ao seu substituto, deixou o exército **fardado, regularmente armado, pago em dia, aumentado o seu efetivo** e com 12.306 cavalos, **em bom e mau estado.**

A defesa publicada pelo Conde do Rio Pardo para justificar o seu procedimento no sul do país, agrava-lhe a situação em vez de minorá-la. Demonstra que êle só se preocupou com questões administrativas, esquecendo por completo as operações militares.

Ninguém contesta devesse ser Porto Alegre a séde do seu quartel-general, nem o principal foco de todos os serviços pro-

Digitized by Google

vedores do exército, mas o que resalta a toda a luz, de suas próprias explicações, é que êle deixou as tropas onde as encontrou e não pôs em obra nenhum plano de as utilizar com eficácia contra os revolucionários. E isso basta para julgá-lo de modo irrevogável e justo.

Convencido sem dúvida de ser improfícua a sua ação militar, exonerou-o o govêrno imperial do cargo de comandante do exército em operações no sul e determinou-lhe que passasse o comando ao brigadeiro José Maria da Silva Bittencourt, ajudante-general do referido exército, ordem que foi cumprida a 26 de junho de 1842.

Qual o efetivo do exército imperial nesse momento?

Em 28 de junho, isto é, dois dias depois de assumir as suas novas funções, Silva Bittencourt informava ao govêrno ser o exército do sul assim constituido:

| | |
|---|---|
| Caçadores . . . . . | 5.386 |
| Artilharia a pé . . . . . | 264 |
| " a cavalo . . . . . | 569 |
| Cavalaria de linha . . . . . | 362 |
| Caçadores da guarda nacional . . . . | 577 |
| Cavalaria da guarda nacional . . . . . | 4.260 |
| | 11.418 |

Desta fôrça só eram disponíveis 8.298 homens.

Um mapa de seu antecessor, datado em 18 de abril de 1842, explica deste modo a distribuição das tropas:

A 1.ª divisão e a 2.ª (4.114 homens) estavam no rincão de São Vicente, a 3.ª (2.574 homens) guarnecia o rio Jacuí, de Rio Pardo a Triunfo, com 1.250 homens, e o distrito de Taquarí a Mostardas com 674. Havia mais 311 homens no depósito de Porto Alegre e 1.458 na cidade do Rio Grande.

Silva Bittencourt partiu de Porto Alegre para a campanha a 13 de julho de 1842; a 9 de agosto chegava ao acampamento do Vacacaí, onde estacionava o grosso do exército.

Nos poucos mêses que exerceu o comando, não executou nenhuma operação militar de relevância. Mudou mais para leste o acampamento daquele grosso, a saber: para o arroio do Sol, na estrada de Santa Maria e 6 léguas distante do Vacacaí. (1)

(1) Em 10 de outubro de 1842, comunicou ao ministro da guerra que iria partir com a tropa no dia seguinte (11), para efetuar essa mudança de acampamento.

Digitized by Google

No último período do comando do Conde do Rio Pardo, haviam rebentado as revoluções de S. Paulo e Minas Gerais (17 de maio e 10 de junho de 1842).

Sabedor da primeira, Bento Gonçalves encheu-se de júbilo e proclamou aos seus patrícios. Compreendeu que êsse movimento tão desejado só poderia facilitar-lhe os desígnios.

"No meio de tão faustos auspícios — disse êle em seu manifesto de 13 de junho de 1842 — o govêrno da república rio-grandense vai quanto antes convocar o congresso nacional; para estabelecer as leis fundamentais por que tanto almejamos os verdadeiros republicanos".

"Para levar a efeito a grande obra, eu vou dirigir o leme do govêrno, entregando o comando ao general Antônio Neto".

Depois de restabelecida a paz em Minas e São Paulo, convenceu-se o govêrno imperial de que a rebelião rio-grandense não seria dominada enquanto não houvesse à testa das tropas um militar de indiscutível prestígio e capacidade profissional.

Ora, êsse militar impunha-se naquêle momento: era Caxias, cuja atuação rápida e feliz nas duas citadas províncias e na do Maranhão, lhe haviam grangeado notável estima e acatamento, tanto no mundo militar, como no civil.

Voltando mais uma vez à idéia de concentrar num só indivíduo o exercício das funções militares e administrativas, nomeou-o o govêrno, a 28 de setembro de 1842, presidente e comandante das armas do Rio Grande do Sul.

Antes de explicar a sua atividade no extremo meridional do país, cumpre referir em poucas linhas o esfôrço despendido pelos rebeldes para darem uma constituição à nova república.

*

A assembléia legislativa republicana instalou-se oficialmente em Alegrete, com 22 deputados, no 1.º de dezembro de 1842.

Em discurso feito nessa ocasião, explicou Bento Gonçalves que havia convocado, por decreto de 10 de fevereiro de 1840, uma assembléia constituinte e legislativa do estado, mas que **acontecimentos imprevistos, originados pela guerra em que estavam empenhados, e cuja história não era estranha aos ouvintes, privaram que se fizesse a última apuração dos votos".**

Recordou o seu manifesto de 1838.

Digitized by Google

"Se não lhe era dado anunciar o solene reconhecimento da independência da província, gozava ao menos a satisfação de afiançar que não só as repúblicas vizinhas, como grande parte dos brasileiros, simpatizava com a causa dos revolucionários".

A assembléia realizou algumas sessões, ao parecer numa atmosfera de discórdias, em que as divergências entre certos chefes se denunciavam de modo claro. Legislou apenas sôbre o modo de promulgação das leis e a suspensão das garantias individuais.

Só a 8 de fevereiro de 1843 foi apresentado o projeto da Constituição política do estado rio-grandense, elaborado por uma comissão de cinco membros, escolhidos entre os que haviam representado papel saliente na revolução.

"A 10 de fevereiro — escreve Araripe — a assembléia dissolveu-se espontaneamente".

Que contribuira para essa interrupção de seus trabalhos pouco tempo depois de iniciados?

A presença de Caxias?

Não me parece provável.

Talvez a verdade esteja com Araripe quando afirma que **"a discórdia intestina não permitiu uma reünião lisongeira e esperançosa; só uma das frações concorreu; a outra procurou pela ausência exprimir o seu desprazer e desconfiança**.

Varela é dessa opinião e acrescenta:

"Graças à sistemática abstenção da minoria, não pôde ser discutido, votado, o projéto".

Digitized by Google

## CAPÍTULO II

**Caxias assume as suas funções em Porto Alegre. — Situação militar no Rio Grande do Sul. — Plano de Caxias. — Medidas que tomou para reünir a sua tropa. — Vai ao São Gonçalo e traz consigo um destacamento de infantes e cavaleiros e numerosa cavalhada. — Concentra o grosso em São Lourenço. — Organização que dá às tropas. — Inicia o seu movimento para defrontar com os inimigos. — Passa em São Gabriel onde deixa a bagagem pesada sob a vigilância de Jacinto Pereira. — Dirige-se ao Santa Maria, que cruza no passo de São Borja. — Avança até Sant'Ana do Livramento. — O inimigo esquiva-se em sua frente. — Sabendo que parte dêle atacou São Gabriel com êxito feliz, volta célere a esta vila. — Grupa a sua fôrça em duas divisões; toma o comando da 1.ª e entrega o da 2.ª a Bento Manoel. — Manda-o transpôr o Santa Maria e ir ao encalço de Canabarro. — Este escapa-lhe. — Missão dada a Francisco Pedro e Felipe Neri. — Os rebeldes concentram-se para atacar Bento Manoel. — Combate de Ponche Verde.**

Caxias assumiu as suas funções em Porto Alegre, no dia 9 de novembro de 1842.

Começou logo a tomar as providências necessárias ao rápido e cabal desempenho da missão que lhe fôra confiada.

A província, em 1842, época em que Caxias a veio presidir — lê-se nas **Reflexões sôbre o generalato do Conde de Caxias** — achava-se em estado completamente estacionário (1). Todas as fôrças rebeldes ocupavam e dominavam a campanha. Elas não excediam de 3500 homens, porêm êsses eram soldados aguerridos, quási todos de cavalaria, decididos pela causa que defendiam, e estavam de posse de todas as cavalhadas da pro-

---

(1) Magnífico folheto de autor anónimo, escrito para expôr a atuação de Caxias no Rio Grande do Sul e publicado em Porto Alegre, em 1846.

Digitized by Google

víncia. O nosso exército, que era de 11549 praças das 3 armas, estava dividido, e ocupava diferentes posições; parte dele achava-se sôbre o Rio S. Gonçalo, parte em Porto Alegre e Rio Pardo; e o grosso, que ocupava a margem esquerda do Jacuí, no passo de S. Lourenço, havia 14 mêses que se não tinha movido do seu acampamento, limitando apenas, em todo êsse tempo, as suas operações ofensivas a algumas surpresas, bem como a de Piquirí, e a pequenos movimentos mui insignificantes, dos quais nem sempre tirou bons resultados".

Qual vai ser o plano de manobra de Caxias?

Ele nô-lo revela em carta ao ministro da guerra, José Clemente Pereira, escrita na cidade do Rio Grande a 24 de novembro de 1842.

Conta nesse documento que, tres dias depois de chegar a Porto Alegre, partiu para o rincão dos Touros, onde passou revista a uma brigada de cavalaria e à cavalhada de reserva alí encerrada. Em vez de 5000 cavalos, apenas encontrou 3260, e capazes de prestar serviço sómente em janeiro do ano seguinte. Esses animais e os que estavão em Vacacaí não ultrapassariam o número de 7000, todos definhados em conseqüência das chuvas e do inverno. Só dispunha de 2600 homens de cavalaria; como o inimigo possuia 3500, é claro que não poderia fracionar a sua cavalaria. Em vista disso, irá guarnecer a linha do São Gonçalo com **canhoneiras** e uma **polícia** de 100 cavalos.. Levará para o Jacuí toda a fôrça, pois **vai ser aí êste ano o teatro da guerra. Da sua coluna principal pretende destacar as divisões que forem necessárias para operar segundo as circunstâncias, mas sempre em relação à coluna central.** Tem o projéto de **organizar uma coluna de 1200 homens escolhidos, dos quais 600 seriam de caçadores a cavalo,** para fazer **a vanguarda do exército,** e **empreender com ela golpes de mão continuados sôbre o inimigo;** espera tirar disso grandes vantagens, muito principalmente porque **até hoje ninguem se tinha lembrado de montar infantaria.** Não crê poder mover o exército antes de meiados ou fins de janeiro de 1843, à vista do estado desgraçado das cavalhadas, mas vai reünir-se a êle **quanto antes, para d'alí deliberar.** Nutre a esperança de travar **até março** um combate geral; os rebeldes que restarem hão de passar para a Banda Oriental.

A idéia de Caxias resume-se, pois, em saír para a campanha com as suas tropas articuladas em uma só coluna, precedida de uma vanguarda; dela destacará as divisões que forem

Digitized by Google

necessárias, as quais sempre operarão em relação à coluna principal ou de acôrdo com êle. Espera atraír os revolucionários, travar com os mesmos uma batalha campal e batê-los. Conta que os restantes não terão outro remédio senão emigrar para o estrangeiro.

A execução de seu plano exigia, como medida preliminar, uma reünião de meios, portanto a transferência da linha do São Gonçalo, onde comandava o coronel Silva Tavares, para o acampamento do grosso em São Lourenço, no Jacuí, de toda a infantaria, da cavalaria e dos solípedes que fosse possível retirar d'alí sem inconveniente.

A operação era arriscada, porque o percurso a fazer seria longo (cêrca de 70 léguas) e os revoltosos estavam vigilantes.

Caxias, porêm, venceu habilmente essa dificuldade. Guardou segrêdo sôbre a sua intenção. Mandou embarcados, de Porto Alegre para a linha de São Gonçalo, o 3.º batalhão de fuzileiros e o 5.º de cavalaria da Guarda Nacional, aparentando serem reforços para Tavares, e por fim êle próprio para lá se dirigiu.

Alí chegando, organizou um destacamento e abalou, à frente dêle, no dia 11 de janeiro de 1843, na direção do seu grosso.

"Atravessei o rio São Gonçalo no passo da Barra — conta êle — com uma coluna ligeira composta de 1800 homens, tendo 1000 homens de infantaria e 800 de cavalaria (1), afim de conduzir 5000 cavalos, que me foi possível reünir no rincão dos Touros. Este movimento, que todos os práticos da província julgavam muito arriscado, se levou a efeito sem que o inimigo o pressentisse senão quando a coluna já havia atravessado o Camacuã, até onde poderia ser atacada por êle com alguma vantagem, pois que de então para cá a marcha foi coberta à esquerda pela serra do Herval e à direita pela lagôa dos Patos".

O inimigo foi completamente iludido com as aparências, que apresentei, de passar o S. Gonçalo nos Canudos, e seguir na direção de Piratiní, para fazer junção com o exército, que aparentou mover-se nêsse sentido, e por isso fez levantar todas as cavalhadas que existiam dêsse lado e António Neto me es-

(1) Eram 2 batalhões de caçadores e 4 corpos de cavalaria de guarda nacional, inclusive os esquadrões adidos ao 5.º desta arma. (**Ordem do dia** n.º 19, de 12 de fevereiro de 1843).

Digitized by Google

perou naquelas imediações, conservando-se David Canabarro de observação ao grosso do exército".

Durante essa fase, os dois principais grupos revolucionários estavam respectivamente sob a direção de Bento Gonçalves e de Neto. Aquêle se encontrava no passo da Juliana, 6 a 8 léguas além de S. Lourenço, vigiando o grosso legalista do acampamento deste nome. Quanto à Neto, eis o que sôbre êle escreve o autor das Reflexões:

"O caudilho Neto tinha-se aproximado do Baú do Moura, por se persuadir que a coluna do Rio Grande passara o Rio de São Gonçalo no passo dos Canudos, e marcharia com direção ao Candiota. Mas Caxias, sem hesitar, mandou passar os 7 mil cavalos no dia 9 de janeiro a barra de S. Gonçalo e marchou com a maior celeridade até ao Camacuã, que passou (êle o primeiro) no passo da Armada no dia 12. E quando Neto o supunha ainda acampado, na margem direita do S. Gonçalo, já êle marchava pela margem direita da Lagôa dos Patos e estava livre de todo o perigo".

"A nossa coluna chegou aos campos de D. Rita, que são fronteiras a Porto Alegre, a 22 de janeiro, e reünindo-se aí com os corpos de cavalaria de G. N. dos Tenentes Coroneis Juca Ouribe e Rodrigo, e com o 12.º batalhão de fuzileiros, marchou para o S. Lourenço deixando, apenas, na Capital, o 1.º batalhão de caçadores, que foi depois estacionar-se no Rio Grande".

Conforme o leitor acaba de vêr, Caxias escapou à vigilância de Neto simulando que ía transpôr o São Gonçalo no passo de Canudos, mas fazendo-o no da Barra e depois caminhando ao longo da lagôa dos Patos e da margem do Jacuí até alcançar o seu objetivo, o que conseguiu a 11 de fevereiro de 1843.

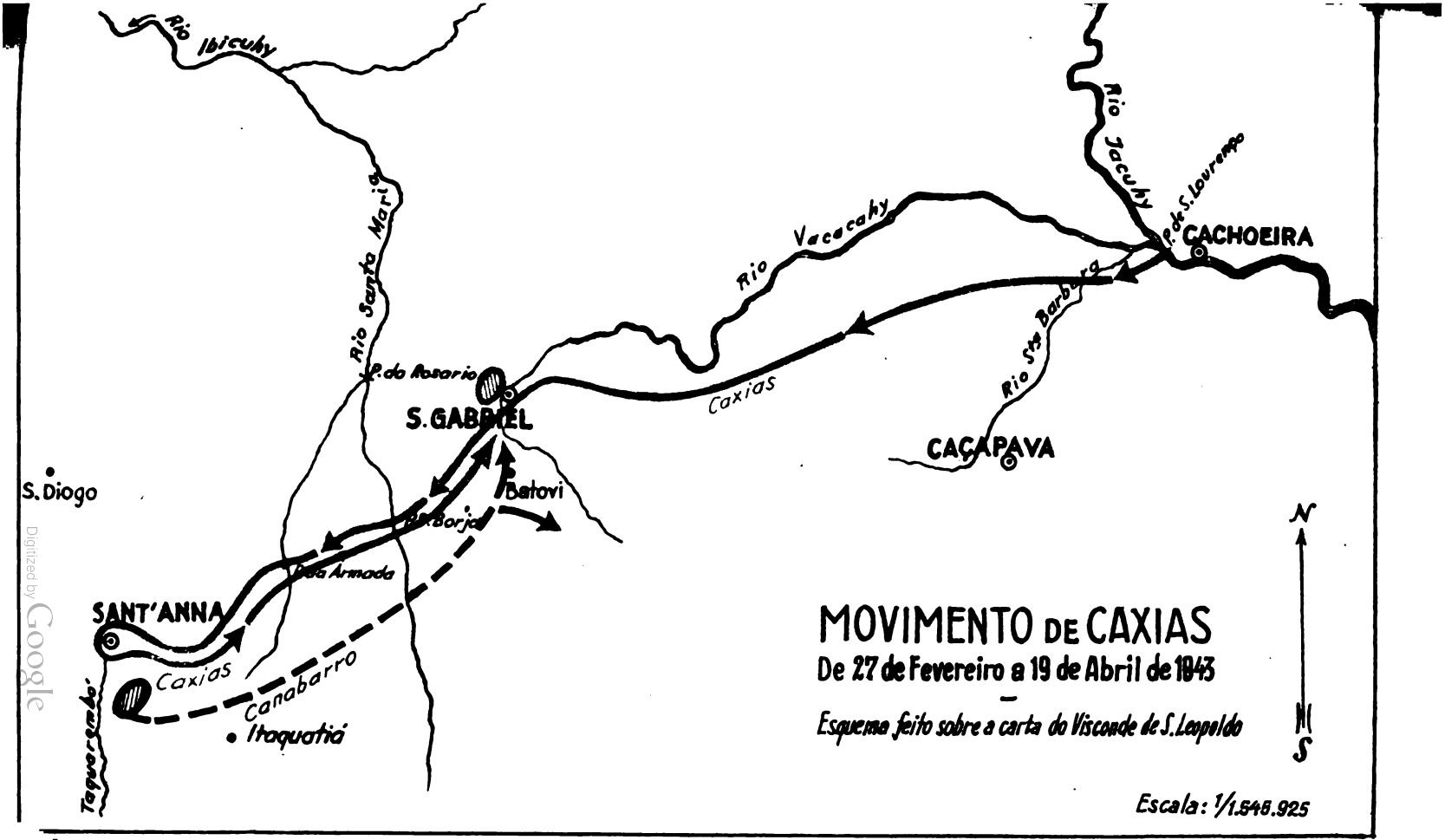
Quanto à distribuição da fôrça imperialista restante, eis como se exprime Caxias:

"Deixei guarnecido o rio São Gonçalo até a Lagôa Mirim e o Jacuí até êste ponto (**vila do Rio Pardo**) com lanchões e canhoneiras".

"No Rio Grande ficaram dois batalhões de caçadores, 100 artilheiros e 100 homens de cavalaria".

"Em Porto Alegre, além do batalhão de depósito, deixei um batalhão de caçadores, o casco da corpo de artilharia a cavalo, o corpo policial da província e 300 cavaleiros divididos em

Digitized by Google




Digitized by Google

Digitized by Google

partidas, afim de percorrerem os distritos de Santo Antônio da Patrulha, Taquarí, Santo Amaro, Capela de Viamão e Belém".

"Em S. José do Norte existe um destacamento de 100 infantes, e um outro de cavalaria do corpo policial, que chega até Mostardas; o fim principal destas fôrças é perseguir os desertores, tanto do nosso exército, como dos rebeldes, que em crescido número infestam os matos desses distritos, praticando toda sorte de insulto, e obstar qualquer reünião que os rebeldes possam intentar fazer por aquêles lados".

Infere-se do exposto que Caxias deixa o mínimo de tropas na região de Porto Alegre e do Rio Grande e reúne o grosso no acampamento de São Lourenço.

No mesmo ofício, de que acabo de reproduzir trechos (1), insiste nas suas idéias estratégicas.

"O plano de operações que projeto seguir — escreve êle — pouco variará do que já comuniquei a V. Excia. (**o ministro da guerra**) logo depois da minha chegada a esta província, e consiste **em aproximar-se da fronteira com o exército, tentando um golpe violento sôbre o grosso dos rebeldes, de acôrdo com os partidários de Bento Manoel**, que muito prometeu fazer no município de Alegrete, logo que eu dalí me aproxime".

A 12 de fevereiro de 1843, deu nova organização ao seu exército. Ei-la:

- **1.ª Divisão** (Brigadeiro Felipe Neri de Oliveira)
  - **1.ª Brigada** (Cel. José Fernandes dos Santos Pereira)
    - 2.º batalhão de caçadores de linha
    - 5.º batalhão de caçadores de linha
    - 11.º batalhão de caçadores de linha
    - 12.º batalhão de caçadores de linha
  - **7.ª Brigada** (Cel. Manoel Marques de Souza)
    - 2.º corpo de cavalaria ligeira
    - 5.º corpo de guardas nacionais
    - Esquadrões do Fachinal, Triunfo e S. Leopoldo
  - **8.ª Brigada** (Cel. João Frederico Caldwell)
    - 3.º regimento de cavalaria ligeira
    - 9.º corpo de guardas nacionais
    - Bateria de artilharia a cavalo

(1) Dirigido ao ministro da guerra, conselheiro José Clemente Pereira e datado em Rio Pardo, a 5 de fevereiro de 1843.

Digitized by Google

| | | |
|---|---|---|
| 2.ª Divisão (Cel. Jacinto Pinto de Araujo Corrêa) | 2.ª Brigada (Cel. Francisco de Arruda Camara) | 6.º batalhão de caçadores<br>9.º » »<br>13.º » » |
| | 4.ª Brigada (Cel. Antonio de Medeiros Costa) | 3.º corpo de cavalaria da guarda nacional<br>11.º corpo de cavalaria da guarda nacional<br>12.º corpo de cavalaria da guarda nacional |
| | 6.ª Brigada (Cel. Jerônimo Jacinto Pereira) | 7.º corpo de cavalaria da guarda nacional<br>10.º corpo de cavalaria da guarda nacional<br>Esquadrão da Cruz Alta |
| 3.ª Divisão (Cel. João da Silva Tavares) | 3.ª Brigada (Te.-Cel. Manoel Pereira Vargas) | 2.º corpo de cavalaria da guarda nacional<br>8.º corpo de cavalaria da guarda nacional |
| | 5.ª Brigada (Cel. Manoel dos Santos Loureiro) | 4.º corpo de cavalaria da guarda nacional<br>6.º corpo de cavalaria da guarda nacional |
| | 9.ª Brigada (Guarnição do Rio Pardo) (Cel. João Feliciano da Costa Ferreira) | 3.º batalhão de caçadores de linha<br>10.º batalhão de caçadores de linha<br>Batalhão provisório de Pernambuco |
| | 10.ª Brigada (Guarnição do Rio Grande) (Brigadeiro graduado Luiz Manoel de Jesus) | 1.º batalhão de caçadores de linha<br>8.º batalhão de caçadores de linha |
| | Guarnição de Porto Alegre (Marechal de campo Thomaz José da Silva) | Corpo de artilharia a cavalo<br>2.º batalhão de fuzileiros<br>Batalhão de depósito<br>Corpo policial da província<br>Corpo de voluntários alemães |

Nessa ocasião declarou o chefe imperialista que o brigadeiro Bento Manoel ficaria pertencendo ao seu estado maior. Conforme se vê de uma ordem do dia de 17 de março de 1843,

Digitized by Google

Francisco Antônio da Silva Bittencourt servia de **ajudante-general.**

Antes de pôr-se em marcha na direção geral do sul, achou Caxias de bom aviso lançar um destacamento de 500 cavaleiros, sob o comando do coronel Jacinto Pereira, pela picada do Botucaraí, ao norte do Jacuí, com a missão de subir a serra e bater o grupo de Portinho, de cêrca de 300 homens, que êle sabia andar pela região serrana. E' óbvio que lhe não convinha deixar êsse elemento na retaguarda, visto poder perturbar-lhe a ligação franca com a capital.

Jacinto Pereira cumpriu a missão. Chocou-se com elementos avançados do adversário no dia 4 de março e obrigou-o a fugir na direção de Missões. Portinho fez um grande movimento circular, transpôs o Ibicuí no passo do Mariano Pinto e foi juntar-se em Alegrete aos seus partidários.

A 27 de fevereiro de 1843, inicia Caxias o movimento do seu pequeno exército. Rompe a 1.ª divisão (Neri) e vai estacionar em Santa Bárbara. No dia 29 abala o grosso. A 3 de março alcança-se S. Sepé, a 17 o passo Queimado, no Vacacaí, e a 19, S. Gabriel. No Vacacaí, e depois de haver desempenhado a sua missão, o coronel Jacinto Pereira reüniu-se ao grosso.

Por onde andavam os inimigos?

Caxias supunha, no dia 18, que toda a cavalaria rebelde estava **além do banhado de Inhatium** e **sua infantaria, com 4 bocas de fogo, na margem esquerda do rio de Santa Maria, junto ao passo do Rosário,** com o intuito de disputar-lhe êste passo.

Sentindo a necessidade de mover-se com rapidez, e prevendo um próximo recontro, resolveu deixar em S. Gabriel **toda a bagagem pesada,** aos cuidados de 3 batalhões de caçadores, com 3 peças de artilharia, tudo sob o comando do coronel Jacinto Pinto de Araujo Correia. Com a tropa restante (1500 infantes e 2500 cavaleiros, isto é, 4000 homens) encaminhou-se para o passo de S. Borja e alí atravessou o Santa Maria.

Porque foi cruzar êste rio num passo à montante do passo do Rosário?

A razão salta à vista: sabendo o inimigo pronto a disputar-lhe o passo do Rosário, recorreu à manobra clássica na travessia dos cursos d'água, na esperança de ganhar sem obstáculos a margem esquerda do Santa Maria e de golpear alí o adversário no flanco ou na retaguarda. Porém êsse adversário não o esperou.

Digitized by Google

Caxias prosseguiu então para Sant'Ana do Livramento, onde contava encontrá-lo.

Não disponho de elementos seguros para precisar os movimentos dos rebeldes nêsse primeiro período da ação imperial.

Caxias declarou posteriormente (1) ter sido sua intenção ir do acampamento de S. Lourenço ao passo do Rosário para **atacar os rebeldes, que neste ponto concentravam suas fôrças, e destacar na marcha uma divisão contra Alegrete, para surpreender** o govêrno alí existente e a **fôrça** que o protegia, enquanto êle próprio chamava a atenção do grosso adverso para o passo do Rosário, mas que em caminho abandonou esta última idéia, visto haver sabido que o **predito govêrno** e a **dita fôrça** dos rebeldes vinham em marcha **na direção de S. Diogo**, e que o grosso dêles buscava atraí-lo para o passo do Rosário, enquanto aquêles elementos se punham a salvo, seguindo a cochilha que de S. Diogo se dirige a Bagé.

O autor das **Reflexões sôbre o generalato do Conde de Caxias** afirma que o grosso rebelde estava acampado no passo do Rosário; que Neto, com 900 homnes, se aproximara do serro do Baú logo que soube ter Caxias passado o Camacuã e fôra à cochilha de Sant'Ana reünir-se a Canabarro; que êste, logo que Caxias se moveu, deixou em Santa Maria algumas partidas e **foi-se encorporar com a sua ala direita**; seu efetivo era de 3000 homens.

A 30 de março, encontrava-se Caxias a duas léguas de Sant'Ana. O comandante de sua vanguarda, coronel Propício, participou-lhe que o inimigo estava com todas as suas fórças em Sant'Ana e tiroteava com êle. Seguindo, porêm, o plano que se havia traçado, êsse inimigo esquivou-se à batalha. Na noite de 30, abandonou Sant'Ana e rumou para Bagé.

Entrou no Estado Oriental por Cunhapirú e voltou ao Rio Grande do Sul por Taquatiá (2).

Em vista do estado de fadiga da cavalhada, cuja maior parte, disse Caxias, já havia caminhado mais de 180 léguas, desistiu êsse general de perseguir o inimigo. Atravessou a fronteira para a margem direita do Taquarembó-chico, onde recebeu 3000 cavalos que havia encomendado. Voltou depois a Sant'Ana. Alí chegou-lhe a notícia do ataque dos rebeldes à fôrça que êle havia deixado em S. Gabriel.

---

(1) Ofício de 31 de março de 1843, ao ministro da guerra.

(2) Informação de Domingos José de Magalhães, secretário do govêrno do Rio Grande do Sul, ao presidente de Santa Catarina (1.º de maio de 1843).

Digitized by Google

Ocupemo-nos, pois, dêste sucesso.

Informado de que Caxias deixara os seus **impedimenta** em S. Gabriel, Canabarro lançou contra esta vila um destacamento de 400 homens, sob a chefia do coronel João António da Silveira.

O coronel Jacinto Pinto havia acampado no potreiro de Diogo Trilha, meia légua distante de S. Gabriel. Estavam seus animais em pastoreio no dia 10 de abril de 1843, quando os revolucionários acometem os piquetes que os guardavam, arrebatam os animais, e também atacam a povoação de S. Gabriel.

Jacinto Pinto cuidou de retomar sem detença os animais, mas nada conseguiu.

Esse destacamento revolucionário manteve-se na região, vigiando S. Gabriel.

O autor das Reflexões ministra êstes pormenores:

"No dia 10 de abril saíram a pastorear o gado e a cavalhada os piquetes do costume; também foram a S. Gabriel, a compras e de passeio, vários oficiais e soldados. As fôrças de João António estavam emboscadas próximas ao passo do — Fidélis — nos matos de Vacacaí. Pelas nove horas da manhã pouco mais ou menos, quando tudo estava em sossêgo, e que já se tinha recolhido a descoberta do nosso campo, saíram repentinamente da emboscada dois esquadrões de cavalaria, direitos aos nossos piquetes, que estavam de guarda ao gado e cavalhada, levaram-nos nas pontas de suas lanças, senhorearam-se de todos os animais, matando e aprisionando toda a gente, que encontravam, durante que outros dois esquadrões de igual fôrça, marchavam a toda brida sôbre a povoação de São Gabriel e, renovando a memória das Vespéras Sicilianas, passavam à espada a todos que encontravam, não valendo às pobres vítimas estarem desarmadas, porque assim mesmo não escapavam à sanha das hostes anárquicas".

"A matança não foi pequena e desconceituou muito os chefes rebeldes. Jacinto Pinto fez logo marchar dois esquadrões de Juca Oribe, protegidos pelo 9.º de caçadores, para retomar o gado e a cavalhada, que o inimigo tinha apreendido. A nossa cavalaria, mui mal montada, adiantou-se muito da infantaria, e quando o inimigo já se encobria com uma altura que tinha subido, acelerou o bravo Juca Oribe a marcha dos seus esquadrões, para vêr se assim alcançava os do inimigo, mas êste, vendo a nossa cavalaria mui distante da infantaria, e sem nem uma proteção, deixou-a primeiramente passar um banhado e

Digitized by Google

depois subir até certa altura, e como o terreno lhe fosse favorável, fez um movimento rápido de conversão à retaguarda e carregou aos nossos esquadrões com tal fúria, que os levou nos peitos de seus cavalos pelo declive abaixo, da altura que descia, fazendo-lhes grande mortandade, e a não ser a pronta chegada e proteção do 9.º de caçadores, toda nossa cavalaria teria sido morta ou prisioneira".

"O inimigo deteve-se na distância de meio tiro de fuzil da nossa infantaria, e retirou-se. Jacinto Pinto tinha presenciado do seu acampamento, com óculo de alcance, toda esta cena, mas nem por isso se moveu daquêle lugar".

"O coronel Arruda, depois de proteger a cavalaria e fazer seguir para o acampamento os feridos, marchou para S. Gabriel. Os dois esquadrões inimigos que ainda alí estavam, retiraram-se logo que a nossa infantaria se aproximou".

Canabarro encaminhou-se célere para São Gabriel; atravessou o Santa Maria nos dias 15, 16 e 17 de abril. Estava a 18 em Batoví, quando soube por descobertas suas no passo de S. Borja, que o inimigo tinha vadeado o Santa Maria e marchava na direção do ponto em que êle se encontrava.

Informado dos acontecimentos de S. Gabriel, Caxias abalou de Sant'Ana a 16 de abril e a 18 transpunha o Santa Maria no passo de S. Borja. A sua vanguarda (**coronel Marques**) deu vista do adversário. Caxias alimentou a esperança de aferrá-lo em Batoví e batê-lo, porêm êle prudentemente evitou a peleja e rumou para Bagé. A 19 chegava Caxias a S. Gabriel. Fizera 24 léguas em 48 horas!!

Indignado com o procedimento de Jacinto Pinto, deixando-se surpreender pelos rebeldes, destituiu-o do comando e submeteu-o a conselho.

Quando contramarchou de Sant'Ana para S. Gabriel, refere Caxias que sua tropa vinha dividida em duas colunas, uma sob a sua imediata direção e outra sob a de Bento Manoel.

Em S. Gabriel, percebeu a dificuldade de operar com uma só coluna contra um inimigo que se fracionava a cada momento e se concentrava quando lhe convinha.

Resolveu então dividir a sua fôrça em duas divisões ou, melhor, em dois destacamentos. Guardou um para si e confiou o outro (tambem chamado 2.ª divisão) a Bento Manoel. Compôs este último com 7 corpos (dois de caçadores: 6.º e 9.º, ou 1200 homens e 4 de cavalaria da guarda nacional: 3.º, 8.º, 9.º e 12.º ou, mais ou menos, 1000 homens, e duas bocas de fogo. Total 2200 a 2300 homens.

Digitized by Google

Ordenou a Bento Manoel que transpusesse o Santa Maria e avançasse pela margem esquerda deste rio na direção de Bagé; êle próprio caminharia pela margem direita na mesma direção.

Transposto o Santa Maria, no passo do Rosário, soube Bento Manoel que Canabarro havia resolvido dirigir-se, com 700 homens, a Alegrete. Deixando no serro de Vacaquá a bagagem de sua divisão, sob a guarda do 9.º batalhão de caçadores e do 8.º corpo de cavalaria, ambos sob o comando do coronel Francisco de Arruda Câmara, Bento Manoel correu no encalço de Canabarro, mas êste esquivou-se com suma habilidade. Aproveitou a escuridão da noite, contramarchou **por caminhos escabrosos** e foi atacar a fôrça de Vacaquá na manhã de 13 de maio. Arruda rechassou com vantagem os agressores, que re-

Referindo êstes fatos ao ministro da guerra, no dia 17 de maio de 1843, do seu acampamento nas pontas do Jaguarí, estiraram temerosos da aproximação de Bento Manoel.
creveu Caxias:

"Em conseqüência da divisão das fôrças rebeldes, fiz outro tanto da nossa parte; por Caçapava e pontas do Camacuã marcha o coronel Francisco Pedro de Abreu com 500 homens de cavalaria, de combinação com o brigadeiro Felipe Neri de Oliveira, que se acha à testa do batalhão 11.º de caçadores e do 2.º e 3.º regimentos de cavalaria de linha, e ao primeiro dêstes chefes já se lhe têm reünido perto de 50 homens, que se achavam escondidos pelos matos, no entretanto que eu nesta posição **(pontas do Jaguarí) posso com facilidade socorrer** qualquer dessas "colunas que fôr ameaçada pelo inimigo".

Refere depois que mandou uma partida até às imediações de Paipasso, atacar o arsenal dos rebeldes, e que o resultado foi brilhante. Apoderou-se de 5 bocas de fogo do inimigo e de muito material de guerra.

Escreve ainda:

"Bento Gonçalves, não se julgando seguro na campanha, marchou com a infantaria rebelde e o governicho para Cangussú, depois de haver feito encostar suas cavalhadas para a fronteira de Jaguarão, e espera escapar alí da perseguição que lhe tenho feito, aproveitando-se para isso da escabrosidade do terreno".

Anuncia ter ordenado que o coronel Francisco Pedro de Abreu fosse ocupar Alegrete com o 6.º batalhão de caçadores

Digitized by Google

e o esquadrão de Alegrete, que êle Caxias ha pouco havia criado.

Avalia o efetivo dos republicanos em 1600 a 1800 combatentes.

O autor das **Reflexões** escreve sôbre êsses fatos o seguinte:

"O Conde de Caxias tinha ordenado a Bento Manoel, quando soube que uma partida sua havia apreendido ao inimigo em Pai-Passo a artilharia, e outros misteres que alí encontrou, de destacar de sua divisão uma fôrça para conduzir todos êsses objetos para Alegrete, porque êle em tempo competente lhe daria o devido destino. Bento Manoel, para obtemperar as ordens do general, destacou de sua fôrça 700 homens (infantaria e cavalaria) ao mando do Coronel Arruda, e fê-los marchar no dia 18 de maio para o Ibirapuitan (**à cuja margem fica Alegrete**)".

Pelo que acabo de referir, vê-se que os legalistas estavam divididos em dois grupos importantes: um na margem esquerda e outro na direita do rio Santa Maria.

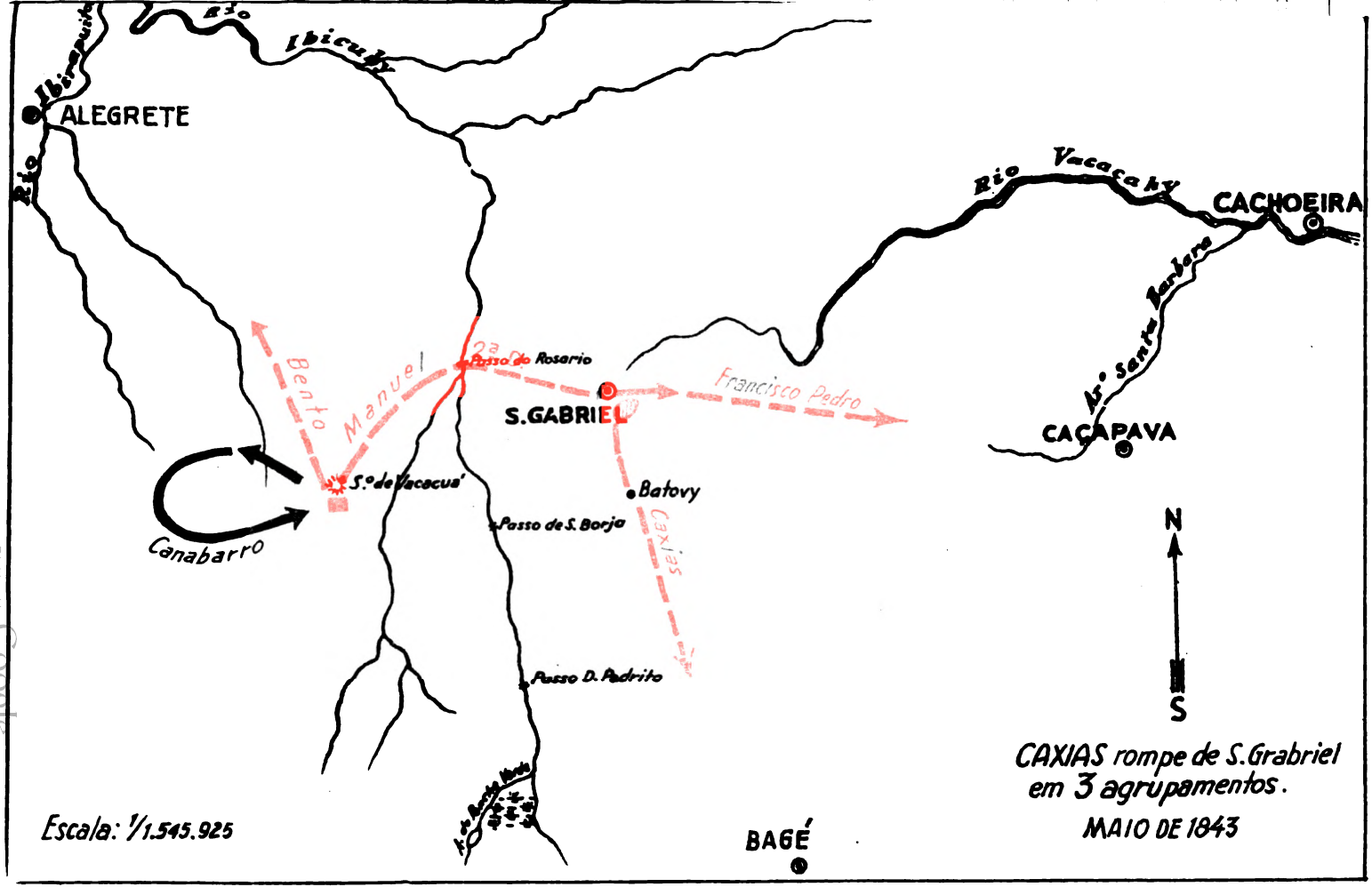
Com o espírito guerreiro que lhes era peculiar, e que a prática havia desenvolvido e consolidado, vislumbraram os rebeldes a vantagem de se reünirem todos sigilosamente e, aproveitando a separação dos dois grupos, caír em massa sôbre um dêles para o aniquilar. Elegeram o de Bento Manoel. Além do mais porque é de presumir não ignorassem estar o seu efetivo momentaneamente diminuido com a partida do destacamento de Arruda para Alegrete.

"A marcha desse destacamento foi talvez a causa principal do combate de Ponche Verde, porque o inimigo sabendo por seus bombeiros que a 2.ª divisão estava reduzida a 1425 praças, e que manobrava em posição mui distante de todas as demais fôrças imperiais, julgou ter chegado o momento, que êle, havia tempo, ambicionava, de o atacar com vantagem; tirando disso dois grandes resultados, 1.º moralizar sua fôrça, 2.º bater e derrotar Bento Manoel" (1).

Êste chefe corre atrás da cavalaria rebelde do coronel Jacinto Guedes, que o atrái, por ordem superior, na direção de Ponche Verde. Entretanto Bento Gonçalves, a quem se atribúi a concepção da manobra, ordena a convergência de seus ele-

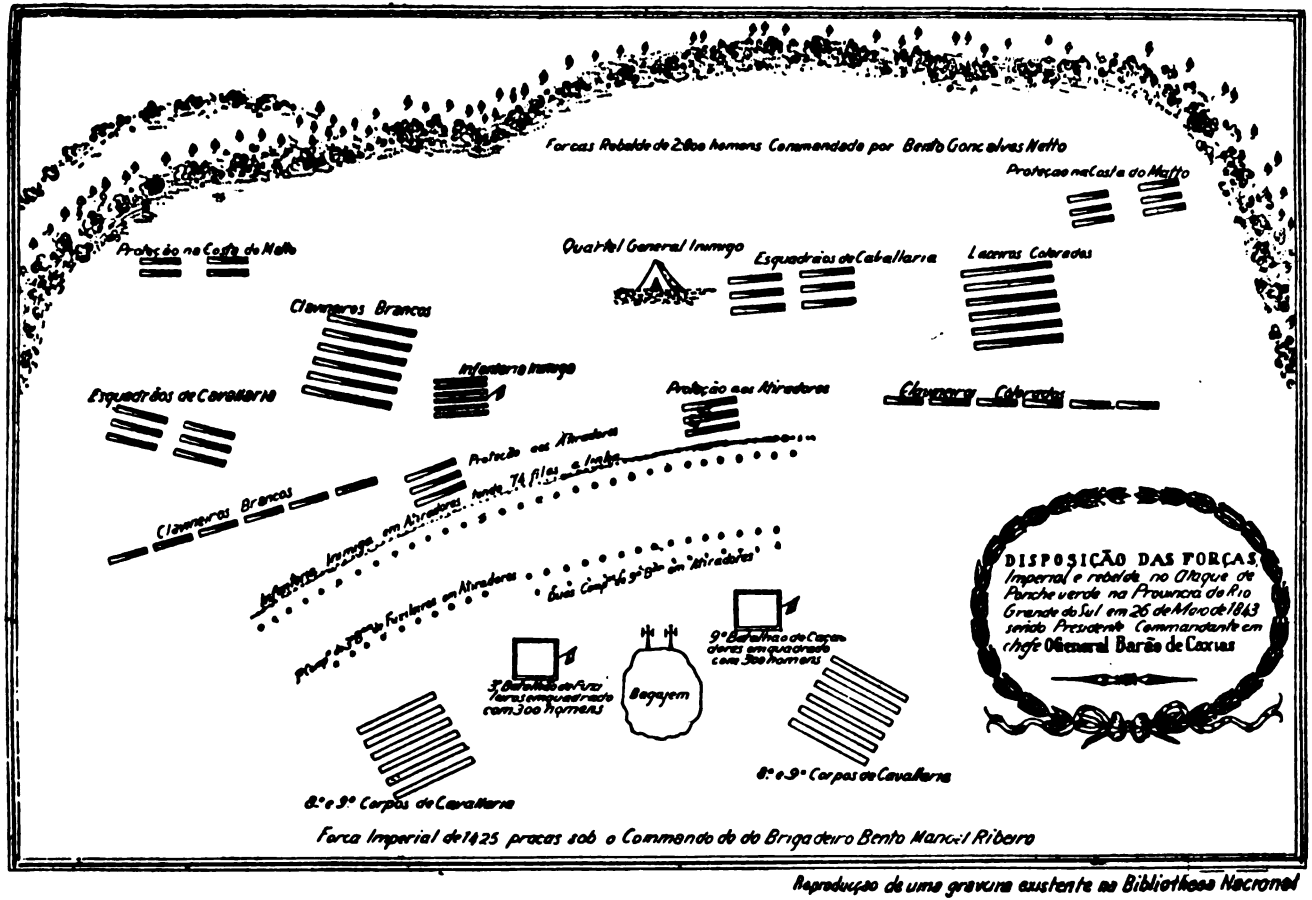
(1) **Reflexões sobre o Generalato do Conde de Caxias.**

Digitized by Google




Digitized by Google

Digitized by Google


Forças Rebelde de 2800 homens Commendado por Bento Gonçalves Netto
Proteção na Costa do Matto
Proteção na Costa do Matto
Quartel General Inimigo
Esquadrões de Cabellaria
Lanças Coloradas
Clavineiros Brancos
Infantaria Inimiga
Esquadrões de Cavallaria
Proteção aos Atiradores
Clavineiros Colorados
Proteção aos Atiradores
Clavineiros Brancos
Infantaria Inimiga em Atiradores fronte 74 filas e 4 fundo
Duas Companhias de 3os Batalhões em Atiradores
Duas Companhias de Fuzileiros em Atiradores
DISPOSIÇÃO DAS FORÇAS
Imperial e rebelde no Ataque de Ponche verde na Provincia do Rio Grande do Sul em 26 de Março de 1843 sendo Presidente Commandante em chefe Ofiçeral Barão de Caxias
3º Batalhão de Fuzileiros em quadrado com 300 homens
Bagajem
9º Batalhão de Caçadores em quadrado com 300 homens
8.º e 9.º Corpos de Cavallaria
8.º e 9.º Corpos de Cavallaria
Força Imperial de 1425 pracas sob o Commando do do Brigadeiro Bento Manoel Ribeiro

Reproducção de uma gravura existente na Bibliotheca Nacional

Digitized by Google

mentos. A 25 de maio de 1843, êle, Canabarro, e Neto estão reünidos em ponto predeterminado. A 26, a cavalaria rebelde passa a banhado de Ponche Verde e toma posição em uma cochilha, aguardando a infantaria.

Eis senão quando Bento Manoel aparece atrás de Guedes, sem suspeitar do que o aguarda. A infantaria rebelde estava atrasada, porque tivera de atravessar o banhado. Em vista disso a cavalaria desse partido retrái-se e Bento Manoel ocupa a cochilha. Reconhece então a massa com que se vai medir e decide-se pela defensiva. O êrro do adversário, imputável até certo ponto à tática e ao armamento da cavalaria naquela época, salva-o de completo desastre.

Bento Ribeiro tem consigo dois batalhões de infantaria (3.º de fuzileiros e 9.º de caçadores) e 3 corpos de cavalaria da guarda nacional (9.º, 12.º e 38.º). (1)

Toma êste dispositivo: no centro os dois batalhões, enquadrando a bagagem; nos flancos a cavalaria; parte dos infantes desprendidos em atiradores.

Trava-se o combate.

Os rebeldes atacam com energia, levando na frente os poucos infantes de que dispõem (74 filas ou 148 homens). A sua cavalaria acomete a linha dos inimigos, fazendo o esfôrço principal contra a ala direita dêles. Leva por diante a cavalaria dessa ala e redemoinha afinal vitoriosa em tôrno da posição dos contrários, mas não consegue aniquilá-los, porque os dois blocos de infantaria, a cuja sombra se abrigam por vezes os cavaleiros legalistas, resistem impávidamente; são **dois baluartes inexpugnáveis**, disse-o Caxias em sua parte.

Depois de duas horas de peleja, ambos os contendores renuncíam a continuá-la.

Os imperiais haviam tido 30 mortos e 50 feridos, entre êstes estava Bento Manoel (2), e os contrários 35 mortos e 100 feridos.

Caxias computou em 2500 o efetivo dos adversários.

A quem tocou a vitória?

Afirma Caxias que a Bento Manoel e acrescenta que o inimigo retirou-se do **campo de batalha confuso e abatido.**

---

(1) Apenas 663 infantes e 759 cavaleiros, visto haver destacado 759 cavaleiros, com Arruda, para Alegrete (Ordem do Dia de Caxias).

(2) Ofício de Caxias ao ministro da guerra, datado em 27 de maio de 1843. Em ordem do dia de 3 de junho anunciou êle apenas os feridos, dizendo serem 34 graves e 18 leves.

Digitized by Google

Os republicanos proclamam o contrário.

"A despida coluna de Bento Manoel — escreve o coronel Manoel Lucas de Oliveira — deixa imediatamente o campo que seus quadrados haviam sustentado e, ao abrigo da costa do Santa Maria, trata de salvar-se, reünindo-se ao barão de Caxias".

Bento Gonçalves da Silva Filho, que participou na peleja, conta que Bento Manoel ficou entre dois fogos; pela frente: infantaria e cavalaria de Canabarro, e pela retaguarda: cavalaria. Afinal "à tarde, abandonou o campo, marchando em direção ao banhado do Ponche Verde, deixando-o aos republicanos, que **alí acamparam** durante o tempo preciso para fazer sepultar os mortos de ambos os combatentes". Refere que a retirada dos imperiais se fez pela **frente e flanco esquerdo de Canabarro.**

Enquanto Bento Manoel avançava, a cavalaria republicana ficava-lhe na retaguarda e Canabarro seguia-o pelo flanco esquerdo com a infantaria.

"Nesta passagem ambas as linhas de atiradores, a do general Bento Manoel Ribeiro e a do general Bento Gonçalves da Silva, parecia que íam-se saudando com seus tiros enquanto se achavam a par. Parece que ambos os generais, o imperial e o republicano, se respeitavam não querendo mais travar-se em combate, pois que creio nenhum podia ter certeza da vitória. Se a cavalaria republicana era superior em número à imperial, também o era a sua infantaria à dos republicanos. Toda a cavalhada e bagagem ficou em poder dos republicanos, inclusive a carretinha do General Bento Manoel Ribeiro, que foi ferido nesse combate" (1).

Aos que conhecem a história militar do Brasil não passará despercebida a analogia entre o combate de Ponche Verde e a batalha do Passo do Rosário em 20 de fevereiro de 1827. Alfredo Varela chama a atenção para essa analogia. Diz que em ambos os casos os **imperiais encobriram** a verdade cantando vitória.

Bento Manoel foi, porêm, quem primeiro a percebeu. Escrevendo a Caxias no próprio dia do combate, assim se expressou:

---

(1) Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul — 1.º trimestre e 2.º de 1928.

Digitized by Google

"Ilmo. Exmo. Snr.

"Hoje duma batalha bem parecida à que houve no Passo do Rosário no ano de 1827 em que fui carregado por terra a fôrça inimiga de Bento Gonçalves, Neto, David, dirijo a V. Excia. êste para dizer-lhe que fiquei senhor do campo e que tudo quanto poderia dizer minuciosamente a V. Excia., o fará o seu ajudante de Ordens que aqui servia de major de divisão Pedro Meireles, o qual além de conduzir-se com honra e o mais decidido denodo ainda fez o sacrifício de ir a êsse Exército por entre os maiores perigos.

"Toda a fôrça que entrou no combate conduziu-se além da compressão humana e eu que menos fiz fui passado por duas balas no peito esquerdo".

"Deus Guarde a V. Excia".

Quartel-General na Estância do Pedruca, 26 de maio de 1843.

Ilmo. e Exmo. Snr. Barão de Caxias.

Bento Manoel Ribeiro" (1) .

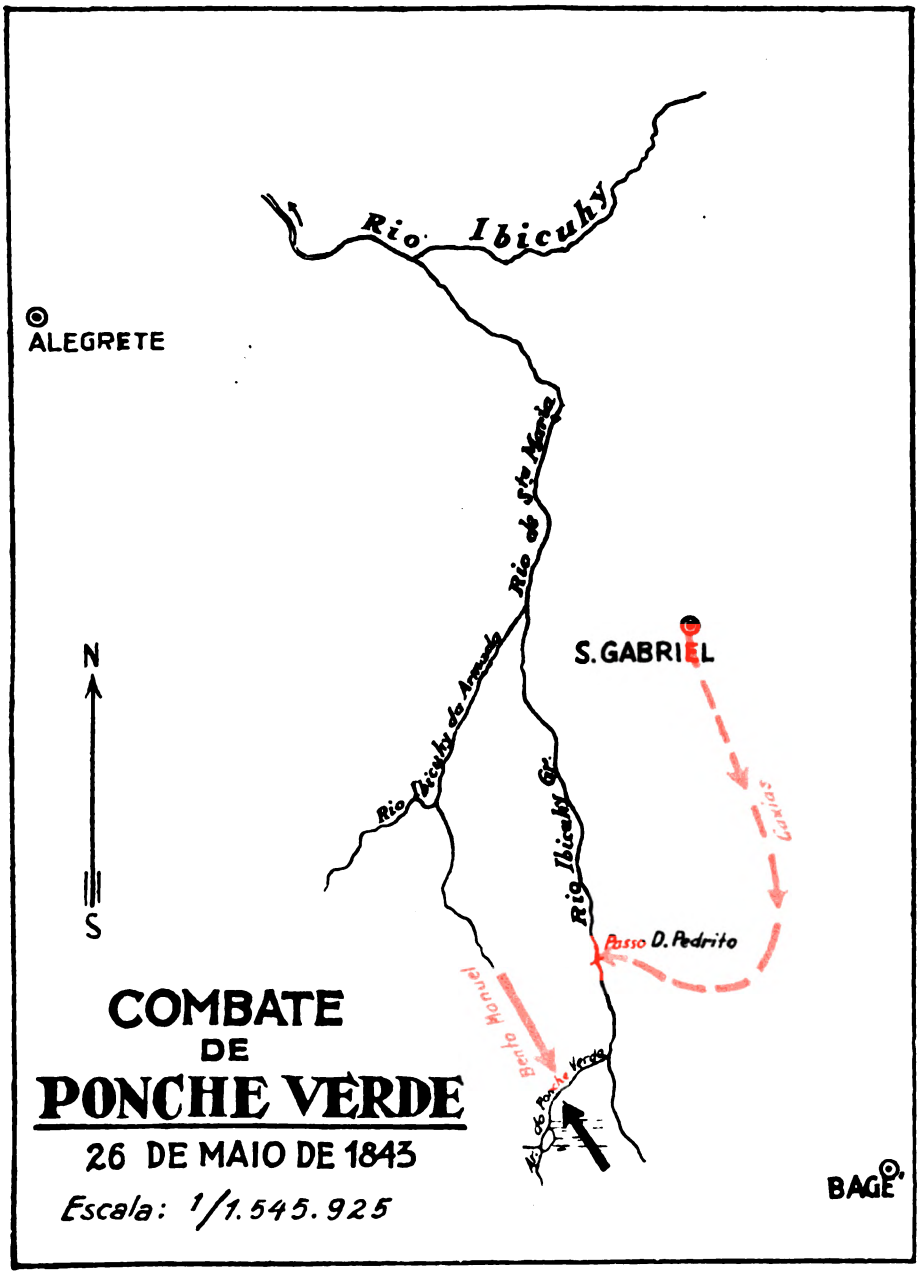
Quer num caso, quer noutro, a infantaria foi a alma da resistência. E' bem possível que Bento Manoel houvesse empregado a sua lembrando-se do que ocorrera com Barbacena. No Passo do Rosário havia 5 batalhões de infantaria e em Ponche Verde apenas 2; alí 6000 imperiais investem com 8000 platinos, aquí cêrca de 1400 legalistas afrontam cêrca de 2500 republicanos; mas o quadro geral da luta é perfeitamente o mesmo (2) .

Se Bento Manoel foi o primeiro a abandonar o campo de combate e se os adversários logo o ocuparam, não hesito em afirmar que a vitória de Ponche Verde coube à revolução. Se,

(1) Copiado textualmente do livro intitulado **Bento Ribeiro**, de Olyntho Sanmartino (pag. 183) .

(2) E' oportuno lembrar que à ausencia de Bento Manoel com a sua cavalaria no combate de 20 de fevereiro de 1827 corresponde agora a de Arruda com o seu destacamento.

Digitized by Google




Digitized by Google

Digitized by Google

porêm, como declara Caxias, foram os rebeldes que romperam o combate e bateram em retirada, ou se, como afirma Bento Manoel, foi êle quem ficou senhor do campo, a vitória pertence aos imperiais.

Seja como fôr, a situação não era má para os legalistas. Caxias estava perto, e nem êste general nem Bento Manoel tinham as deficiências militares de Barbacena e por isso não se resignariam a um revés, senão que retravariam a luta com crescente vigor e decisão.

Nessa situação mental dos chefes reside a diferença capital entre Passo do Rosário e Ponche Verde.

Digitized by Google

Digitized by Google

## CAPITULO III

**Canabarro vai atacar Arruda em Alegrete. E' repelido. Francisco Pedro bate-se com um grupo de rebeldes em Santa Maria Chica. Caxias continúa a mover-se. O que sabe dos adversários. Manda um pequeno destacamento, sob a chefia de Manoel Marques de Souza, garantir a cavalhada do Rincão dos Touros, passando também em Piratiní. Movimentos de Marques de Souza. Caxias em Caçapava. Conceitos de Berlink sôbre esta primeira fase das operações. Bento Gonçalves renuncia à presidência da República. Caxias desloca-se para as imediações de Bagé, onde se junta a Bento Manoel e Marques de Souza. Expede aquele para Santa Ana em busca de Canabarro e Francisco Pedro para acometer Bento Gonçalves e Neto. Marcha para o Santa Maria buscando Canabarro. Sau plano de manobra contra êste. Canabarro manda Boaventura para a Sorra. Providências de Caxias contra êle. O brigadeiro Gama enfrenta-o e obriga-o a repassar o Ibicuí. Ação de Francisco Pedro e Felix da Fonseca. Ocupação legalista de alguns centros populares.**

Caxias estava em marcha para Bagé, onde contava juntar-se a Bento Manoel, quando teve notícia do combate de Ponche Verde. Mudou logo de rumo e foi operar essa junção nas pontas, ou cabeceiras, do Santa Maria Chica.

Alí, depois de substituir o 9.º batalhão e o 3.º da 2.ª divisão pelo 5.º e o 12.º e de aumentá-la com o 4.º corpo de cavalaria e 2 bocas de fogo, ordenou a Bento Manoel que fosse a Alegrete afim de bater Canabarro, que para lá se havia dirigido à frente de 1000 homens.

Bento Manoel abalou a 3 de junho para a sua nova missão, saíndo do pôrto de D. Pedrito no rio Santa Maria.

"Da margem esquerda do Santa Maria, no lugar onde estava acampado o exército, ao Ibirapuitan, ha seguramente 30 léguas. Bento Manoel marchando do exército no dia 3 de junho chegou ao destino no dia 10. A sua marcha foi a mais rápida que podia ser, e é digna dos maiores louvores, porque os seus

Digitized by Google

cavaleiros marchavam a pé e com equipamento, ou arreios dos seus cavalos, às costas". (1).

Após o combate de Ponche Verde, resolveu Canabarro tirar proveito do isolamento em que se encontrava o coronel Francisco de Arruda em Alegrete. Rompeu para esta vila a 28 de maio, com 1400 homens, deixando o coronel João Antônio nos Olhos d'Água, para vigiar os adversários. A 5 de junho, escreveu a Arruda, que estava entrincheirado em um potreiro junto a Alegrete ,intimando-o a render-se. O chefe imperial recusou-se á fazê-lo. Canabarro cercou-lhe a posição. A 10 chegou, porêm, Bento Manoel, o que determinou a partida dos revoltosos.

Canabarro transpôs o Ibirapuitan e encaminhou-se para o sul.

A 4 de junho, tendo Caxias ouvido tiros e receiando que Bento Manoel, em marcha para Alegrete, houvesse encontrado Canabarro, fez saír o tenente-coronel Francisco Pedro de Abreu, com o seu corpo de cavalaria e o **suporte** do 2.º batalhão de caçadores, afim de atacar o inimigo pela retaguarda, se êle estivesse empenhado em luta com a 2.ª divisão.

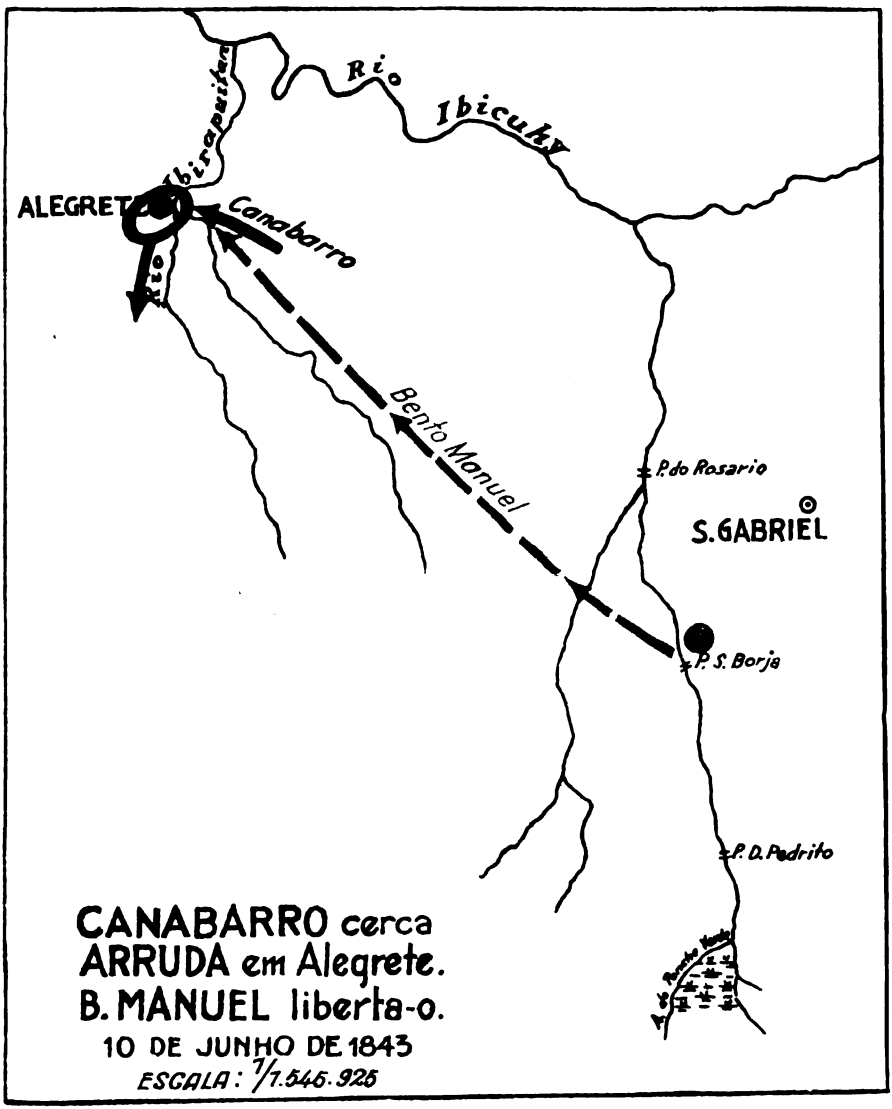
Francisco Pedro informou-o duas horas depois de marchar, que apenas ocorrera **um tiroteio** entre 100 homens da 2.ª divisão, **que o flanqueavam pela esquerda,** e uma **partida rebelde de igual fôrça,** a qual deixara 1 soldado morto e 2 feridos. Sabendo ainda por êle que todas as fôrças rebeldes avançavam para Alegrete, mas haviam deixado cerca de 600 homens, ao mando de João Antônio, junto às cabeceiras do Santa Maria Chica, e que 150 homens dêsse grupo ocupavam posição tal e se encontravam a tal distância, que seria fácil batê-los, determinou-lhe Caxias que os fosse atacar levando 130 praças do seu corpo e 56 do 6.º de cavalaria, dos quais 23 seriam caçadores a cavalo.

Prescreveu-lhe que se **emboscasse** junto ao campo rebelde, e o acometesse **pelo alto dia,** visto ser êsse o momento em que, depois **de fazer a descoberta,** o **inimigo solta a seus cavalos.**

Francisco Pedro marchou ao seu objetivo e emboscou-se a 1/2 légua dêle no dia 7; às 11 da manhã de 8 atacou o inimigo, que resistiu, mas foi obrigado a passar o Santa Maria, abandonando o campo, a bagagem, 140 cavalos e **muitas peças oficiais concernentes aos movimentos e estado** dos republicanos. Tendo, porêm, João Antônio acudido com um refôrço de 400 homens, os rebeldes contra-atacaram, forçando Francisco Pedro

(1) Reflexões sobre o Generalato do Conde de Caxias.

Digitized by Google




Digitized by Google

Digitized by Google

a ir abrigar-se em uma cerca de pedra, **contígua a uma casa vizinha do arroio**, por não lhe ser possível, com os animais fatigados, vencer as 4 léguas que o separavam de Caxias. Felizmente às 11 horas da noite chegou o 2.º batalhão de caçadores, que Caxias, por prevenção, lhe enviára como refôrço, o que determinou a retirada dos adversários.

Nesse recontro, conhecido sob o nome de **combate de Santa Maria Chica**, Francisco Pedro foi ferido com duas cutiladas na cabeça e uma lançada na mão direita. O inimigo deixou 19 mortos. Os legalistas perderam 2 oficiais e tiveram 24 praças feridas.

A 3 de julho, chegou Caxias à estância do Carmo, "um dos pontos mais centrais da província — escreveu êle — e que melhores proporções apresenta para ser fortificado, por ser fechado por três lados, pelo arroio Santo António, que faz barra com o Jaguarí; tendo no fundo o Santa Maria". Contava estabelecer nêle **barracas de palha para servir de hospital, aos enfermos, depositar a bagagem mais pesada do exército e artilharia.** A-pesar disso era sua intenção continuar a perseguir o adversário durante o inverno, afim de que êle não pudesse **repousar,** nem **conservar as cavalhadas em invernados fixas,** nem licen**ciar,** como costumava, **a sua gente.**

No dia 8 de julho, sabe Caxias "que o inimigo marchava com a maior parte de sua fôrça para Alegrete, ficando Bento Gonçalves e João António só com 800 homens pelas imediações de Bagé, com 600 dos quais tencionava entreter o exército, que êsse inimigo julgava impossibilitado de poder mover-se por causa do seu pêso e máu estado da cavalhada, enquanto os 200 restantes, bem montados, deviam entrar pela província oriental, por Santa Tecla, arrebatar pela retaguarda toda a cavalhada do govêrno", que estava reünida no rincão dos Touros, à margem direita do rio S. Gonçalo.

Perder naquêle momento esses animais, reünidos a tanto custo, equivaleria a um grande desastre para as operações de Caxias.

Afim de evitá-lo, êle expede imediatamente para o rincão dos Touros um destacamento (**a que chama brigada**) de 1000 homens (500 infantes e 500 cavaleiros), sob o comando do coronel Manoel Marques de Souza, a quem também ordena procure em marcha surpreender o govêrno rebelde em Piratini.

Êle próprio, Caxias, rompe na direção das pontas do Camacuã. De lá projetava seguir para Piratiní, se o destacamento do coronel Marques de Souza chegasse a tempo de salvar a ca-

Digitized by Google

valhada do sobredito rincão. Depois **marcharia sôbre Bagé,** onde o inimigo tinha grande parte de sua cavalhada.

A Bento Manoel, que se encontra a 16 de julho nas imediações de Pai-passo, com uma divisão das 3 armas, dá ordem para que marche de maneira a **cobrir os municípios de Alegrete e Missões, não consentindo que os rebeldes fizessem querteis de inverno em nenhum desses municípios.**

O coronel Marques de Souza abalou para cumprir a sua missão, no dia 11 de julho, à frente de uma fôrça de 1000 homens (11.º batalhão de caçadores, 2.º regimento de cavalaria ligeira, 5.º corpo de cavalaria de Guardas Nacionais e esquadrões adidos). Atacou Piratiní, mas nada pôde fazer contra o govêrno revolucionário, porque o pessoal que o constituia, avisado a tempo, fugira para o Estado Oriental. Aprisionou apenas algumas praças da fôrça policial e tomou duas carretas cheias de fardamento, que iam em caminho da fronteira.

"Em seguida dirigiu-se a Pelotas, que ocupou com a infantaria; parte da cavalaria, atravessando o rio S. Gonçalo nos Canudos, arrebanhou todos os cavalos que encontrou até o Chuí, e o resto, com o tenente-coronel Francisco Pedro de Abreu, percorrendo os distritos de Cangussú e imediatos, pôs em debandada algumas pequenas partidas rebeldes". Uma delas, a mais numerosa, composta de um capitão (Felicissimo Felix Feijó), tenente e 54 soldados, apresentou-se a Caxias; 50 passaram a servir à legalidade e os 4 restantes solicitaram anistia, indício evidente de desânimo nas fileiras revolucionárias.

A 6 de setembro, estava o coronel Manoel Marques de Sousa de regresso, trazendo 4000 cavalos.

Canabarro afastou-se, como vimos, de Alegrete e rumou para Ponche Verde. De lá transpôs a fronteira e passou para o Estado Oriental. O mesmo fez João Antônio, com 600 homens que o acompanhavam e com que êle vigiava os movimentos de Caxias.

Participando tudo isso, de Caçapava, ao ministro da guerra, em 17 de agosto (1843), juntava êste general os seguintes informes: Chegara a Caçapava no dia 3 de agosto, tendo transposto o Camacuã no passo do Hilário. Estava-se organizando definitivamente nesse ponto, onde pretendia deixar uma guarnição de 1000 homens, os hospitais e a bagagem pesada. Pretendia continuar o movimento no dia 22, atravessar o Camacuã no passo dos Enforcados e ir reünir-se, nas imediações de Bagé, ao coronel Manoel Marques de Souza, que lhe trazia 6000 ca-

Digitized by Google

valos bons, e com a 2.ª divisão (Bento Manoel), que também alí deveria encontrar-se.

"Não ha hoje — acrescenta — uma só povoação dominada pelos rebeldes; não ha mesmo na província nenhuma fôrça dêles, à excepção de pequenas partidas de 20 a 30 homens, que têm mais o caráter de salteadores do que de partidistas políticos; se a nossa fronteira com o Estado Oriental não fôra tão longa, e se os rebeldes não pudessem naquêle estado receber os socorros de que necessitam, principalmente de cavalhadas, poder-se-ía afirmar que a revolta estava concluida". Sem embargo **acreditava poder afiançar** que estaria feita a pacificação, se não **ocorresse alguma** circunstância inesperada.

As previsões de Caxias eram demasiado otimistas, como o leitor dentro em breve terá de verificar.

Apreciando com justeza esse primeiro período do seu comando, escreveu Eudoro Berlink:

"Ponche Verde fôra um esfôrço supremo de estratégia para moralizar a causa republicana, desmoralizar as armas imperiais, e obrigar o Barão de Caxias a cessar as operações de inverno, e, imitando seus antecessores, recolher-se a alguma cidade".

"A vitória imperial em Ponche Verde, a resistência do coronel Arruda no Alegrete, a derrota de João Antônio em Santa Maria Chica, e a emigração de Canabarro, provaram aos rebeldes que as armas legais estavam confiadas a um general tenaz e hábil, que não se deteria ante a estação invernosa em continuar a perseguí-los".

"Estas operações todas eram executadas já em pleno inverno, pois o mês de junho no Rio Grande do Sul é de fortes inverneiras, e já o gelado minuano (pampeiro) sópra devastador e ferino, queimando os postos dos campos, e enregelando os homens, ao passo que emagrece a cavalhada, que pouco alimento encontra nas planícies. As chuvas se fazem já sentir e em uma província onde até hoje poucas pontes têem os seus numerosos rios e arroios, tornam-se difíceis e às vezes impossíveis as marchas pela campanha, e o vadear de cursos d'água, que enchem e transbordam".

"Entretanto, conseguiu o Barão de Caxias afrontar todos os elementos contrários, desafiar o inimigo em seu centro de fortaleza, perseguí-lo sem tréguas, e vencer combates, desmoralizando-lhe as fôrças e estragando-lhe as cavalhadas".

"Também entre os chefes rebeldes ia bem travada a luta da discórdia e da intriga. Queixavam-se todos de Neto, que não impedira a primeira operação do general, quando de São

Digitized by Google

Gonçalo marchou para S. Lourenço com a cavalhada, permitindo-lhe assim elementos de mobilidade. Queixavam-se também de Bento Gonçalves, cuja má sorte o fazia ser sempre derrotado".

"Deixou êste a presidência do foragida república e foi substituido pelo coronel José Gomes Jardim, sendo Neto também substituido no comando em chefe do exército por David Canabarro, que nos últimos anos da revolução se prestigiára por seus feitos de audácia, tomando parte nas mais audazes operações de guerra desde 1839".

"A capital da intitulada república primitivamente em Piratiní, passára a Caçapava, seguira para Alegrete e na marcha de David Canabarro para a fronteira, em março de 1843, de novo refugiou-se em Piratiní, para desaparecer no lugar em que surgira!" (1).

Conforme refere Berlink, sobreveio nesse período um fato importante: Bento Gonçalves renunciou à presidência da República e o comando do exército. Em 4 de agosto de 1843, passou as suas funções a José Gomes Jardim. Exortando os companheiros à prossecução da luta, declarou-lhes que não se iria retirar à **vida privada ou a um repreensivel ócio**, mas que o veriam **bater-se como soldado ao lado dêles.**

Canabarro foi então escolhido pora general em chefe dos republicanos.

Caxias soube logo desta modificação no comando adverso e levou-a ao conhecimento do ministro da guerra, em ofício de 18 de agosto de 1843.

O general em chefe brasileiro permaneceu em Caçapava até 22 de agosto. A 25 estava nos campos de Manoel Dias.

Sabedor do bom êxito das operações do coronel Manoel Marques de Souza na região de S. Gonçalo, marchou desse campo pora a estância do Boleno, aonde chegou a 1.º de setembro; a 6 estava no Candiotinha e a 7 nas imediações de Bagé, onde se lhe juntaram o coronel Marques de Souza e a 2.ª divisão (Bento Manoel), conforme êle havia determinado.

A 11 de setembro, subdividiu as suas fôrças em 3 destacamentos. Bento Manoel com a 2.ª divisão, forte de 300 homens, encaminhou-se para as imediações de Sant'Ana, em busca de Canabarro, que constava achar-se nessa região; o tenente-coronel Francisco Pedro, com 900 homens dirigiu-se a Pi-

(1) **Caxias** — E. Vilhena de Morais — pags. 215 — 216.

Digitized by Google

ratiní, em busca de Neto e Bento Gonçalves; êle próprio, Caxias, à frente da 3.ª divisão, marchou para os passos do Santa Maria. Projetava ir ao encontro de Canabarro quando êste viesse da fronteira impelido por Bento Gonçalves.

Em vista da disseminação dos rebeldes, decide-se, pois, Caxias a fracionar ainda mais as suas fôrças, porque só assim terá a mobilidade necessária e logrará efetuar operações convergentes contra os adversário (1).

Vendo-se perseguidos tenazmente na campanha pelos legalistas, trataram os revoltosos de fazer incursões na região serrana, ao norte do Ibicuí. Destarte obteriam recursos em zonas menos devastadas e distrairíam a atenção dos imperialistas.

Canabarro (que já havia regressado ao Rio Grande), expediu com essa missão a Boaventura, com 300 homens. Mas Caxias, que aventara esse projeto, dera instruções adequadas ao brigadeiro José Maria da Gama, comandante geral da fronteira e município de Missões. Êste oficial reüniu nas pontas do Botuí todos os elementos de que podia dispôr (inclusive o 8.º batalhão de caçadores de linha, que acantonava junto à vila da Cruz Alta e se deslocara para S. Borja por ordem de Caxias), e arremeteu contra Boaventura, que passara o Ibicuí no passo do Espinilho e destarte foi obrigado a repassá-lo em retirada no passo de Mariano Pinto (11 e 12 de setembro de 1843), abandonando animais e carretas que trazia consigo.

Canabarro tentou renovar a entrepresa. Confiou-a a Jacinto Guedes. Este caudilho transpôs o Ibicuí no dito passo de Mariano Pinto, a 28 e 29 de setembro, conduzindo uma fôrça de 600 cavaleiros e 300 infantes, mas pressentido, e sabendo que a 2.ª divisão, então de novo em Alegrete, dêle se aproximava, bateu em retirada e foi reünir-se a Canabarro, que andava então pelas imediações do Areal.

O destacamento dos tenentes-coroneis Francisco Pedro e Francisco Felix da Fonseca também não estava inativo. Em 25

---

(1) Em setembro (1843), um regimento das fôrças de Rivera penetra no Rio Grande, na região de Ponche Verde. Estava sob o comando do general Baldomero Sotelo e comunha-se de 400 homens.

Caxias mandou-lhe ao encontro, para desarmá-lo, o coronel João Propício Mena Barreto, com o seu corpo (o 3.º de cavalaria) e 200 homens de infantaria. João Propício cumpriu a ordem e trouxe os invasores à presença de Caxias.

A 27 de setembro, Sotelo apresentou-se a Caxias, com 19 oficiais e 200 praças. Contou que outras 200 tinham seguido na direção do rio Uruguai, com o intento de transpô-lo para regressar à província de Santa Fé, donde quási todos eram oriundos. Explicou a sua separação de Rivera por estar cançado de sofrer-lhe as prepotências.

Digitized by Google

de outubro, êle enfrenta em Cangussú, e põe em fuga, a Bento Gonçalves, Neto e Camilo dos Santos, que à testa de 300 homens pretendiam surpreendê-lo em seu acampamento.

Desejosos de tirar uma desforra, os rebeldes pedem refôrço a Canabarro, que lhes proporciona um batalhão, uma peça de artilharia e muitos cavalos, e às 11 horas da manhã de 6 de novembro fazem nova investida contra Francisco Pedro e Felix da Fonseca, que estacionavam junto à povoação de Cangussú, à frente apenas do 8.º de fuzileiros e do 5.º corpo de cavalaria. A sorte das armas foi-lhes desfavorável. Sofreram várias perdas por morte e ferimentos (30 mortos, 60 feridos, 2 prisioneiros e 2 passados). Os legalistas tiveram poucos mortos: 1 cadete e 4 praças; e 11 soldados feridos.

Oficiando a Sinimbú, nosso ministro residente em Montevidéu, das pontas de Camacuã dizia Caxias, a 15 de novembro, que seu exército estava dividido em tres colunas. Uma, de 3200 homens, **manobrava sôbre as fronteiras de Sant'Ana**, outra, de 2000, **achava-se** em S. Gabriel e Bagé (**era a que êle dirigia pessoalmente**) e a terceira, de 500 infantes e 500 cavaleiros, **pisava** o terreno entre Piratiní e Cangussú.

"Além dos pontos que se achavam guarnecidos quando teve lugar a minha chegada a esta província — acrescenta — fiz guarnecer, e como tais conservo, a cidade de Pelotas e as vilas de Caçapava, Alegrete e Cruz Alta da Serra".

Relativamente à ocupação de centros populosos, lê-se nas **Reflexões:**

"A ocupação de algumas povoações começou a ter lugar no fim do ano de 1843".

"A medida que o nosso exército avançava e obtinha vantagens, e que o inimigo se enfraquecia e dividia, como não houvesse então inconveniente algum para não se dividirem também as nossas fôrças, iam sendo ocupadas e entrincheiradas as povoações mais próximas das nossas colunas de operações, e quando terminou a guerra todas as vilas do campo estavam ocupadas por fôrças da Legalidade".

Digitized by Google

# CAPÍTULO IV

**Movimentos de Caxias, em combinação com Bento Manoel, afim de bater Canabarro, que passa afinal para o Uruguai. Movimentos dêsse chefe rebelde. Ação de Caxias contra êle. Canabarro escapa-lhe. João Antônio caminha na direção de São Borja. Caxias e Bento Manoel mandam perseguí-lo. Batem-no. Caxias no rincão de Saican. Segue para São Gabriel. Movimentos dos grupos rebeldes. Rápida síntese das últimas operações. Bento Manoel avança até São Borja em perseguição de João Antônio, que transpõe o Uruguai. Medidas de Bento Manoel para alcançá-lo. Como não no consegue, volta a Alegrete. Caxias vai a Santa Ana do Uruguai. Suas providências para impedir a volta de João Antônio ao territorio rio-grandense. Dirige-se a Santa Ana do Livramento em busca dos contendores. Manda instruções a Bento Manoel. Caminha de Santa Ana na direção de Bagé. Combina movimentos com Bento Manoel. Ação de Francisco Pedro. E' batido por Amaral junto ao arroio Candiota. Caxias avança até o passo da Orqueta, no rio Piratiní, onde dá repouso à sua tropa. Vai pessoalmente ao Rio Grande e Porto Alegre. Distribuição de sua fôrça em maio de 1843.**

Canabarro voltara, como dissemos, ao Rio Grande e penetrara na comarca de Alegrete. Bento Manoel, que o buscava na região de Sant'Ana do Livramento (com 3000 homens), contramarchou na retaguarda dêle. A 26 de novembro estava o chefe legalista nas imediações de Pamarotí.

Caxias moveu-se nessa direção. A 4 de dezembro achava-se na Guarda Velha de Santa Maria, e a 5 em Ponche Verde.

Seu plano, avançando paralelamente à fronteira no rumo de Sant'Ana do Livramento, era enfrentar Canabarro, quando êle regressasse do interior da comarca de Alegrete compelido por Bento Manoel, para, metendo-o entre dois fogos, impedir-lhe a junção com as fôrças do seu partido da região de Piratiní

Digitized by Google

e batê-lo isoladamente. Nessa marcha refez-se de cavalos e arrebatou aos revoltosos algumas centenas dêles.

Noticioso, quando em movimento nas alturas de Ponche Verde, de que Canabarro se encontrava acampado com 1200 homens de cavalaria na margem direita do arroio Pamarotí, para lá se dirigiu Caxias, afim de acometê-lo. Caminhou célere, de dia e de noite. Na madrugada de 8 de dezembro, alcançava Vacacuá e ficava uma légua distante do campo rebelde. Lançou para a frente uma descoberta (capitão Vasco Guedes e 40 homens), que passou pela vanguarda inimiga sem a pressentir, por causa da escuridão da noite, e foi cortada e aniquilada. Ouvindo o fogo dos inimigos sôbre a dita descoberta, Caxias avançou, mas êles atravessam o arrôio sem lhe disputar o passo e bateram em retirada.

Seguido de Caxias, cruzou Canabarro a fronteira do Uruguai, na direção do arroio dos Hospitais, que transpôs; de lá caminhou para S. Luís. Rumou a princípio para Bagé, assoalhando ir juntar-se a Neto para atacar o tenente-coronel Francisco Pedro. Abalou depois no rumo de Talaveira, **ameaçando atravessar** o Camacuã no passo do Hilário. Afinal caminhou noite e dia e conseguiu, a 14 de dezembro de 1843, transpôr o Santa Maria no passo de D. Pedrito, tendo consigo apenas 600 homens. Dispersou o restante de sua fôrça em grupos, que costearam o rio pela margem direita, afim de mais fàcilmente escaparem à perseguição legalista (1).

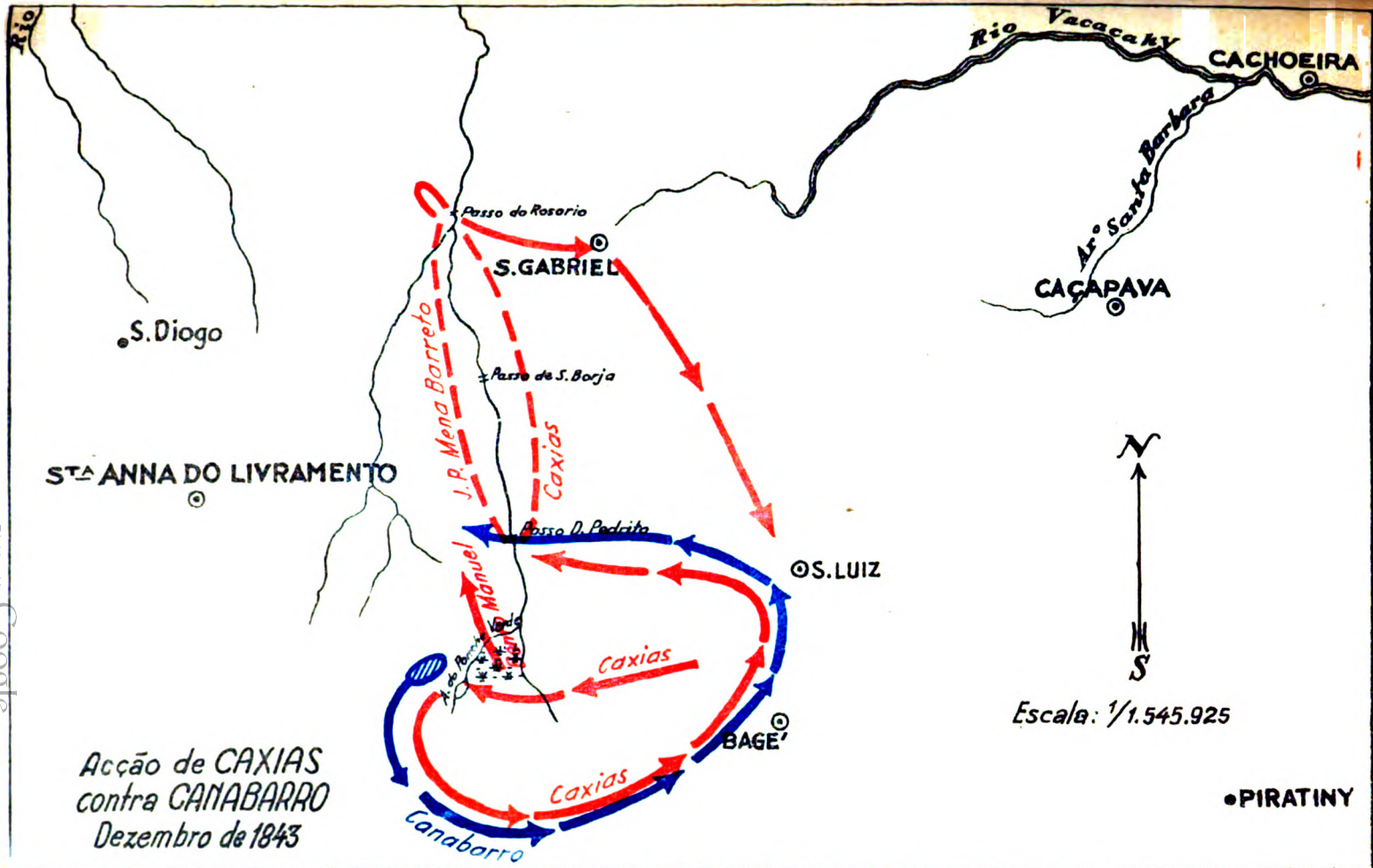
Contra esses grupos lançou Caxias, pela margem esquerda do Santa Maria, o tenente-coronel João Propício Mena Barreto com 300 infantes e 300 cavaleiros, dando-lhe a missão de batê-los ou, pelo menos, de lhes empecer a passagem para a margem esquerda do dito rio.

"Trinta e oito léguas — escreve êle — persegui o inimigo sem nunca o perder de vista, a-pesar de ser a fôrça principal desta divisão da arma de infantaria e trazer ela 3 peças de artilharia e crescido número de carretas com munições de boca, enquanto toda a fôrça dos rebeldes pertence à arma de cavalaria; pois que apenas trazem 100 infantes a cavalo, por se achar o resto, em número de 200, para o lado de Piratiní, com Antônio Neto e Bento Gonçalves".

---

(1) Nesse mesmo passo encontrava-se Caxias a 18 de dezembro, quando enviava todos estes informes ao ministro da guerra.

Digitized by Google




Digitized by Google

Digitized by Google

Não sabe explicar o terror pônico de que se tomaram Canabarro e **seus comparsas.** Várias vezes a sua vanguarda **carregou** sôbre a retaguarda dos contrários e nem uma só vez **aceitaram combate.** Nunca se animaram a desencilhar. Deixaram cansados cerca de 3000 cavalos.

Anuncia ao ministro que vai atravessar o Santa Maria em perseguição dos rebeldes. No intuito de tornar mais ligeira a sua divisão, manda para S. Gabriel a artilharia e as carretas, acompanhadas por 500 infantes.

A verdade é que a manobra de Caxias havia falhado. Canabarro escapara tanto a êle, como a Bento Manoel, executando um movimento circular, que infelizmente não me é dado precisar. O chefe imperialista contava que Bento Manoel barrasse o passo do Santa Maria, o que êle não executou por ter chegado tarde, embora houvesse **contramarchado** do campo dos Cunhas para esse fim. Restava agora ao dito Bento Manoel correr ao encalço de Canabarro, na região a oéste do Santa Maria, onde êle penetrara, o que Bento Manoel logo fez (1).

Caxias deslocou-se pela margem direita do Santa Maria e, depois de vadeá-lo no passo do Rosário, fez junção (a 18 de dezembro de 1843) com o tenente-coronel João Propício Mena Barreto, que caminhara pela outra margem com a missão que assinalei. Daí o destacou, com 400 cavaleiros e 100 infantes, para atravessar o Ibicuí-guassú no passo da Catarina e ir em perseguição de João Antônio, que, tendo também atravessado aquêle rio, marchava para S. Borja, afim de bater o brigadeiro Gama Lobo, comandante da fronteira e comarca de Missões, e apossar-se de cavalhadas do govêrno alí invernadas.

João Propício passou o citado Ibicuí a 28 de dezembro de 1843. Junto ao povo de S. Francisco Xavier, aprisionou 4 rebeldes, extraviados da fôrça de João Antônio no combate que êste caudilho travara com elementos da 2.ª divisão.

Que elementos eram êsses? Vamos sabê-lo.

Bento Manoel havia desprendido de sua divisão o 4.º corpo de cavalaria, diz Caxias, de que era chefe o major Antônio Fernandes Lima, e sob o comando provisório do tenente-coronel Demétrio Ribeiro, com a missão de transpôr o Ibicuí e ir bater um grupo de cêrca de 500 rebeldes, capitaneados por João Antônio da Silveira.

---

(1) Em 18 de dezembro (1843), estava Bento Manoel em Opacaraí, no desempenho dessa missão (ofício de Caxias dessa data).

Digitized by Google

Demétrio ataca João Antônio num lugar denominado Santa Rosa, junto ao arroio Botuí, no dia 26 de dezembro (1843), e inflinge-lhe completa derrota. Onofre Pires e Carvalho, companheiros de João Antônio, lograram fugir com uns 50 homens para a beira do rio Uruguai e passar à província de Corrientes, por onde caminharam, refere Varela, até o passo de Sant'Ana no dito Uruguai, passo que vadearam, penetrando novamente no Rio Grande e indo associar-se a Canabarro. João Antônio, com a fôrça que lhe restava, caminhou para Cruz Alta, com o propósito de reünir-se a Portinho, que pairava por Itacaroví, o que conseguiu.

Resolveram ambos descer a serra pela picada de S. Xavier. A 31 de dezembro, chocaram-se no extremo dela com os legalistas, que lhes vedavam a passagem (1). Eram 140 homens, sob o comando do major do 3.º corpo de cavalaria, Agostinho Gomes Jardim. A peleja foi cruenta e nela sucumbiu Jardim. A-pesar de sua superioridade numérica, os rebeldes batem em retirada na direção geral do norte. Deixam 15 mortos e 40 feridos (2).

Depois de atravessar o Santa Maria no passo do Rosário, penetrou Caxias no rincão de Saican (formado pelo dito Santa Maria e o arroio Saican) e nêle se conservou algum tempo.

Estava alí a 2 de janeiro de 1844. Oficiando neste dia ao ministro, escreve:

"Tenho-me conservado neste rincão com dois batalhões de infantaria e 300 homens de cavalaria, à espera que as fôrças destacadas se me reünam, e apenas elas o tenham feito, marcharei em perseguição de David Canabarro, que, segundo ofícios que acabo de receber do brigadeiro Bento Manoel Ribeiro, tornou a atravessar a fronteira de Santana, junto a Cunhapirú, apenas com 400 negros, e esses mal montados; e como o citado brigadeiro ia em sua perseguição, pode muito bem acontecer que já o tenha batido".

Dias depois, dirigiu-se Caxias a S. Gabriel. A 15 de janeiro de 1844, já tinha lá o seu quartel-general.

---

(1) Segundo VARELA, o combate travou-se perto do capão de Cavajuretã. Jardim pertencia a um pequeno destacamento do tenente-coronel João Propício Mena Barreto, cuja presença nessa região vou já explicar. Afirma VARELA, que Propício tinha o seu posto de comando no passo do Jaguarí, onde se conservou com a infantaria, lançando para a frente a cavalaria.

(2) Nos combates de 26 e 31, avaliou Caxias as perdas do inimigo em 95 mortos e 150 prisioneiros, afóra crescido número de feridos (ofício de 15 de janeiro de 1844, datado do seu quartel-general em S. Gabriel).

Digitized by Google

Estava seriamente preocupado com a idéia de evitar que João António, já reünido a Portinho e Mota, descesse a serra e fosse engrossar as fileiras de Canabarro ou de Neto. Por isso, logo que soube do combate de Santa Rosa, ordenou ao coronel Jacinto Pereira que avançasse, com 300 infantes e 250 cavaleiros, na direção do Salso e das pontas do Irapuá, e ao tenente-coronel João Propício Mena Barreto que margeasse o Vacacaí.

Dando notícia dessas providências ao ministro da guerra, em ofício de 7 de fevereiro de 1844, escrito do seu quartel-general junto ao passo de D. Zeferina, no rio Jaguarí, dizia Caxias:

"Enquanto isto se praticava, a 2.ª divisão perseguia de perto a David Canabarro; porêm êste chefe, por meio de marchas forçadas durante a noite, conseguiu ganhar a cochilha do Rufino, perto de Bagé, onde fez junção com António Neto, que em conseqüência da perseguição que lhe fizeram os tenentes-coroneis Francisco Pedro de Abreu e Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, teve de abandonar os distritos de Piratiní e Candiota".

"Assim reünidos, assoalharam os rebeldes que marchavam a atacar a 2.ª divisão, que se achava reduzida a 800 cavaleiros e 300 infantes, por ter deixado na vila de Alegrete 3 batalhões de infantaria e o 3.º regimento de cavalaria; porêm, em conseqüência de minha marcha de S. Gabriel, em suporte da referida 2.ª divisão, retiraram-se a marchas forçadas, e foram se colocar junto à linha divisória com o Estado Oriental; onde, segundo me consta, projetam abrigar-se com os restos do exército de Frutuoso Rivera, que acaba de ser completamente derrotado na cochilha grande do sul de Serro-Largo pela coluna ao mando do general Justo d'Urquiza, protegendo-se reciprocamente contra nós e contra as fôrças do general Manoel Oribe".

"A 2.ª divisão, reforçada com um batalhão, que destaquei da coluna que comigo manobra, seguiu em busca dos rebeldes, enquanto eu vim colocar-me neste ponto (**passo de D. Zeferina, no Jaguarí**) onde estou ao alcance de impedir que João António, passando àquem do rio Santa Maria, vá-se reünir aos seus comparsas, e onde pretendo fazer junção com a fôrça de que acima trato, comandada pelo tenente-coronel João Propício, e cmo as demais que se acham em movimento; depois do que projeto marchar sôbre a linha divisória afim de ver se consigo bater os rebeldes, ainda que se achem reünidos a D. Frutuoso Rivera, que depois da derrota apenas traz consigo 400 homens, muitos

Digitized by Google

dos quais já lhe têm desertado, e têm vindo homisiar-se no território desta província; e é mesmo de crêr que aquêle general, perseguido de perto pelas fôrças de Manoel Oribe, tenha de fazer outro tanto".

E termina assim:

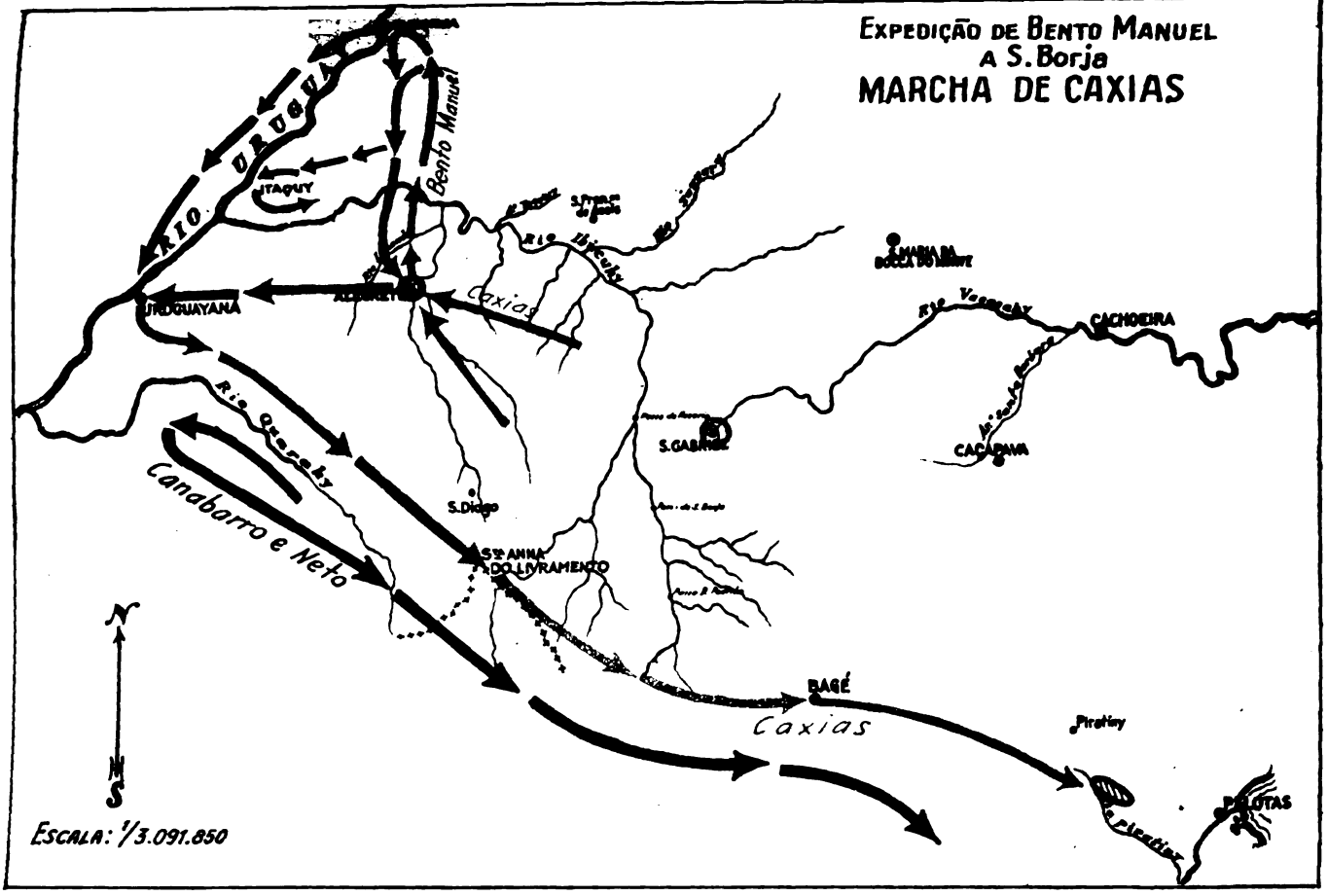
"Ocupei definitivamente a povoação de S. Gabriel, fortificando uma altura entre aquela povoação e o rio Vacacaí, e que fica ao alcance de fuzil, e sôbre ela tem comandamento, onde deixei 600 homens de infantaria e 2 bocas de fogo, comandadas pelo coronel Manoel Marques de Souza, ocupação que julgo de grande proveito para a conclusão da guerra, por ser um ponto muito comercial, do qual os rebeldes tiravam muitos recursos, não só em dinheiro da coletoria, que alí haviam estabelecido, como em fazendas para se fardarem, acrescendo ser a povoação, em que habitam as famílias de grande número de chefes da rebeldia, um ponto intermédio entre as vilas de Caçapava e Alegrete, hoje fortificadas, e mais um depósito e apôio para as colunas, que manobram entre a fronteira e esses pontos".

Em outro ofício de 7 de março, proporciona Caxias novos esclarecimentos sôbre a situação. Lembra que Canabarro escapara à perseguição de Bento Manoel e lograra reünir-se a Neto e Bento Gonçalves, na cochilha do Rufino. O plano dos rebeldes era atirarem-se sôbre a 2.ª divisão, então desfalcada dos elementos que deixara em Alegrete. Porêm a marcha dêle, Caxias, na direção da cochilha do Talaveira, frustrou-o de modo completo. Resolveram então os inimigos enviar Neto à vila de Alegrete, cuja guarnição se achava reduzida a uns 300 homens do 6.º batalhão de caçadores, porque o 5.º de caçadores havia marchado para Missões e o 7.º de fuzileiros para S. Gabriel. Porêm Neto sabe que a 2.ª divisão lhe corre no encalço, **fazendo marchas de 10 a 12 léguas por dia, a-pesar do péssimo estado de sua cavalhada, pelo que mais de 300 homens de cavalaria marchavam a pé com os arreios às costas.** Em vista disso, renuncia ao seu projéto e vai fazer junção com Canabarro, **pelas pontas do arroio Gurupá.**

Convêm detêrmo-nos aqui um instante para resumir esta fase interessante das operações.

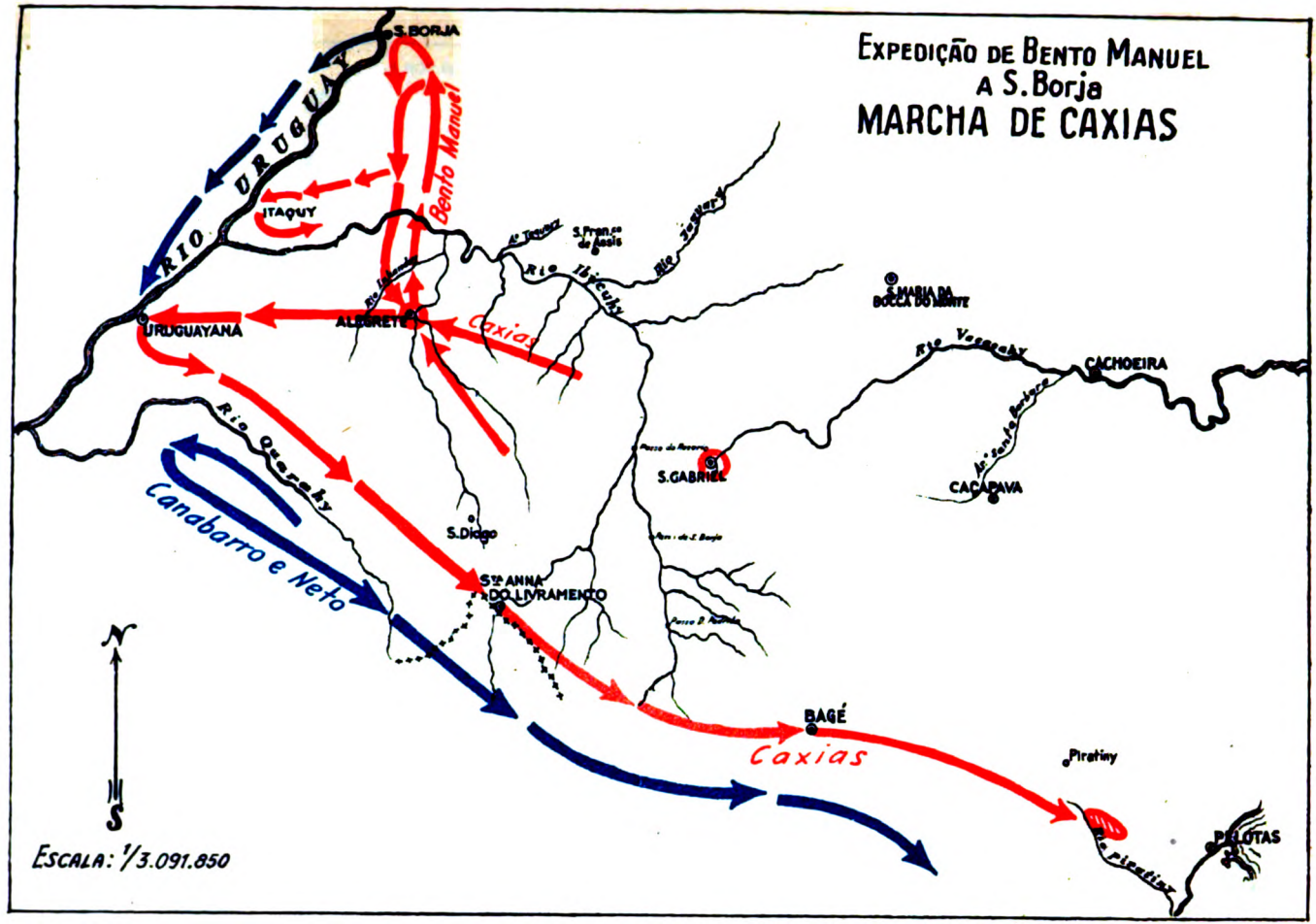
Já vimos que, nos primeiros dias de dezembro de 1843, procurou Caxias meter Canabarro entre dois fogos. Marchou-lhe ao encontro, na direção geral de Santana do Livramento,

Digitized by Google



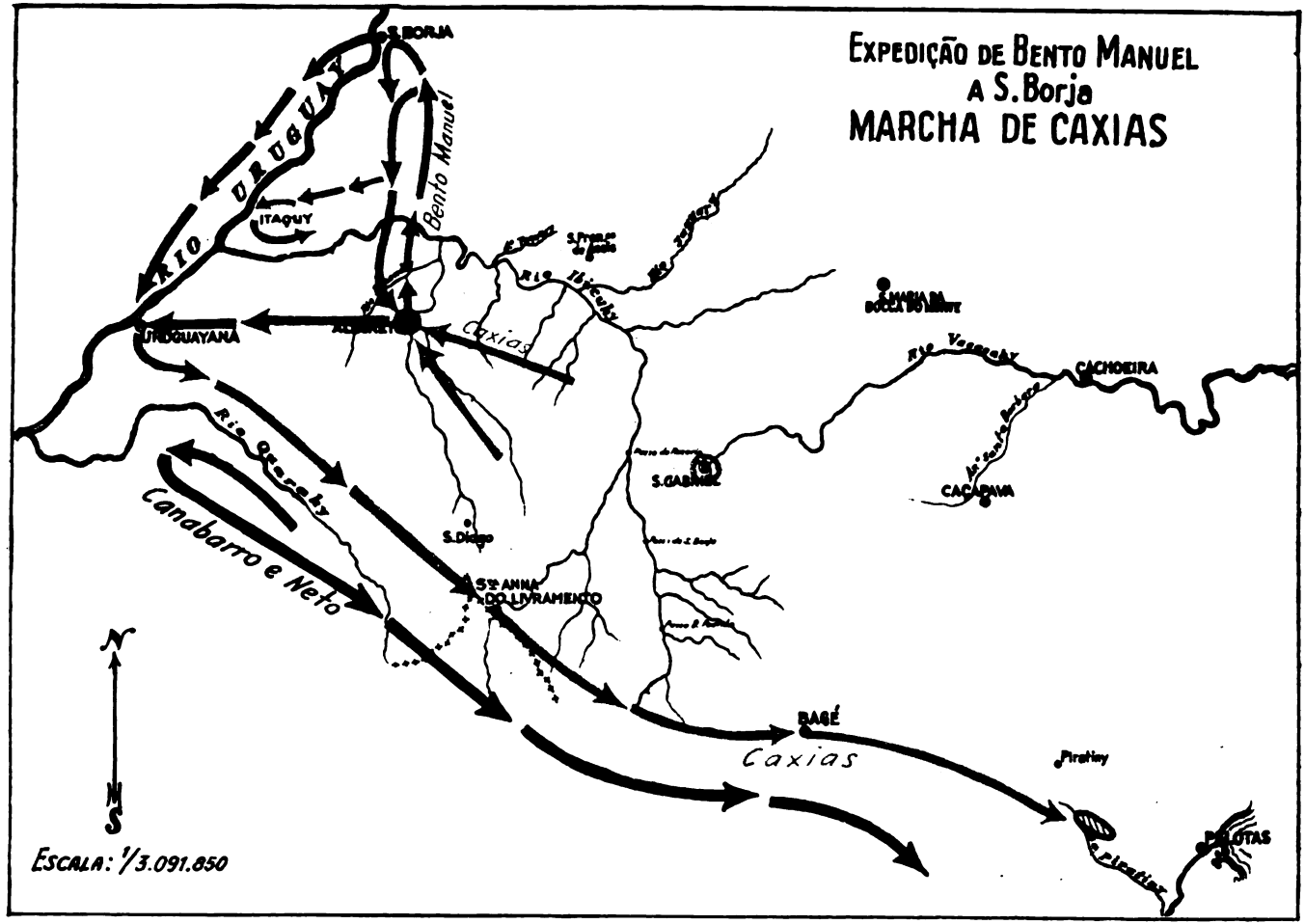

Digitized by Google

Digitized by Google




Digitized by Google

Digitized by Google




Digitized by Google

Digitized by Google

na esperança de acometê-lo quando êle viesse tocado da região de Alegrete para a fronteira por Bento Manoel. Mas esse plano falhou. Canabarro escapou pela linha divisória e, executando depois um largo movimento circular, foi transpôr o Santa Maria no passo de D. Pedrito e penetrou de novo na região de Alegrete. Caxias esperava que nesse momento, Bento Manoel lhe tomasse a frente, porêm o comandante da 2.ª divisão não chegou ao passo na ocasião propícia. Caxias avança então pelas duas margens do Santa Maria até o passo do Rosário e de lá expede o te-cel. João Propício Mena para a serra. Permanece durante algum tempo no rincão de Saican. Depois segue para S. Gabriel. E' de lá que abala para o sul, no intuito de reforçar Bento Manoel, quando o vê ameaçado por Neto, Canabarro e Bento Gonçalves, depois de êstes caudilhos se haverem reünido na cochilha do Rufino. Destarte malogra-lhes o plano de caírem sôbre a 2.ª divisão isolada. A seguir, Neto é lançado contra Alegrete, mas desiste de continuar na entrepresa porque sabe que Bento Manoel o segue de perto. Diz Caxias que marchou **na retaguarda da 2.ª divisão** (1).

Logo que se achou em posição — escreve êle — de cobrir a vila de Alegrete, ordenou a Bento Manoel que fosse atravessar o Ibicuí no passo de Mariano Pinto, e de lá marchasse na direção da vila de S. Borja para bater João Antônio.

Bento Manoel pôs-se em movimento, mas, quando alcançou aquela vila, João Antônio já se havia refugiado em Corrientes, transpondo o rio Uruguai.

A-pesar disso êle lançou dois pequenos destacamentos na margem direita dêste rio. Um, de 300 cavaleiros, sob o comando do te.-cel. Correia, atravessou o Uruguai no passo de Itaquí, e outro, de 400, ao mando do brigadeiro Gama Lobo, fê-lo no passo de S. Borja. João Antônio evitou-os internando-se na província de Corrientes.

Bento Manoel recolheu os dois referidos destacamentos e voltou com a sua divisão para Alegrete, trazendo 1600 cavalos do município de Missões.

De Alegrete abalou Caxias para Inhanduí, em busca de Canabarro e Neto; porêm êstes chefes, ao pressentirem-no, transpuseram o Quaraí e passaram para o Estado Oriental. Caminharam pela margem esquerda dêsse rio, com a intenção, se-

(1) Seria interessante saber com segurança o itinerário de ambos. Creio que seguiram da região de Bagé para a de Alegrete despontando as cabeceiras do Santa Maria.

Digitized by Google

gundo constava, de recolher João António, de volta de Corrientes, em Santana do Uruguaia (1). Em vista disso Caxias para lá se encaminhou e já lá se encontrava a 7 de março (1844).

Oficiando nesta data ao ministro da guerra, conta que chegara no momento oportuno, pois João António havia disposto tudo para a travessia do Uruguai; mas, com a sua presença, desistira da emprêsa e se internara de novo em Corrientes. Refere ainda haver reclamado de D. Joaquim Madariaga, governador de Corrientes, o desarmamento do pessoal dêsse caudilho. Em marcha para a beira do Uruguai, apossara-se de 2500 cavalos bons, das invernadas dos rebeldes e de estancieiros. Tinha então consigo 2500 homens das tres armas, e **das melhores tropas do exército.** Mantinha a 2.ª divisão a tal distância, que ela se lhe poderia reünir em 48 horas. Contava ainda em Bagé uma coluna volante de 1000 homens. Dispunha, pois, de elementos para dominar Canabarro.

No mesmo dia em que oficiava ao ministro, participava ao coronel Marques de Souza estarem ocupados todos os passos do Uruguai, desde S. Borja até Santana do Uruguai, para obstar à volta de João António.

Com esse propósito, adquiriu Caxias uma escuna, que armou com uma coronada de calibre 6, e 2 lanchões; guarneceu tudo com 50 homens de infantaria, **protegidos por uma partida** de cavalaria, e encarregou-os de vigiar o rio nas imediações de Sant'Ana do Uruguai (2).

---

(1) A atual cidade de Uruguaiana.

(2) Foi nesse período que Bento Gonçalves e Onofre Pires bateram-se em duélo, de que resultou a morte do segundo.

Havia de ha muito entre os farroupilhas uma corrente desfavorável a Bento Gonçalves. Depois do assassinato, em Alegrete, de Paulino Fontoura, ela recrudesceu. Onofre Pires assoalhava no próprio acampamento conceitos desfavoráveis a Bento Gonçalves. Êste escreveu-lhe uma carta, na qual lhe perguntava se assumia a responsabilidade das opiniões que emitia.

Onofre — diz VARELA — respondeu **com uma epístola insultantíssima.** Bento Gonçalves desafiou-o para um duelo sem testemunhas, que foi aceito e se realizou no dia 27 de fevereiro de 1844.

Dizem que Onofre era um gigante comparado a Bento Gonçalves, mas que, em compensação, este o superava em agilidade.

Onofre recebeu dois ferimentos. Segundo VARELA, havia deliberado morrer. "Ferido no duelo — escreve VARELA — o primeiro penso lhe foi feito pelo próprio general, que, áto contínuo, dirigiu-se ao arraial farroupilha, para enviar ao vencido um cirurgião ou professor, como usavam dizer na época. Onofre, porêm, no decurso da noite subseguinte, arrancou as ataduras, esvaindo-se em sangue; vítima, primeiro de sua incontinência e agora

Digitized by Google

Dêste ponto marchou êle na direção de Sant'Ana do Livramento, para onde supunha se haverem retirado Canabarro, Neto e Bento Gonçalves. A 15 de março, estava na costa do Gurupá. Escrevendo neste dia a Bento Manoel, conta ter feito voltar para Santana do Uruguai o te.-cel. Propício Mena Barreto, à testa de 400 cavaleiros e 100 infantes, com ordem de se **emboscar** nos dois passos de vau, que existem perto da povoação, afim de atalhar o regresso de João Antônio. Acha conveniente que Bento Manoel marche quanto antes para as pontas do Paipasso. Quando fôr avisado de que êle já se encontra alí, enviar-lhe-á um batalhão e 300 homens de cavalaria. Então Bento Manoel seguirá na direção que convencionaram.

A 16 de março ordena-lhe terminantemente que marche para as pontas do Paipasso.

Como não achou o inimigo em Santana do Livramento, prosseguiu Caxias na direção de Bagé. A 30 de março tinha o seu **campo** em Ponche Verde.

Escreve daí a Frutuoso Rivera. Diz ter recebido a carta dêle de 23 de março, trazida pessoalmente pela capitão Francisco Pereira de Souza, e na qual lhe participa estar autorizado pelos rebeldes a tratar da paz. Espera a sua **honrosa visita.**

A 2 de abril, achava-se no passo da Rita França, no arroio Piraí.

Acossados no município de Alegrete, tinham os rebeldes vindo beirando a fronteira com o Uruguai e nêsse dia deveriam estar em Bagé, vila distante 4 léguas do ponto em que se encontrava Caxias.

O chefe legalista deixara Bento Manoel nas alturas de São Diogo, para impedir que João Antônio **repassasse** o Uruguai e perseguir Canabarro logo que êste se visse forçado a atravessar o Santa Maria.

Infere-se, pois, que Caxias receia repita o caudilho revolucionário a sua manobra anterior, isto é, execute um movimento circular na sua frente, passando em Bagé, e volva para oeste, transpondo precisamente o Santa Maria.

E' então que êle sabe o que ocorrera com Francisco Pedro no dia 16 de março e que agora me cumpre referir.

---

de seu fantástico, se bem explicável despeito" (**Política Brasileira** — 2.º volume — pg. 322 — 323).

"Sujeito a prisão, foi este (**Bento Gonçalves**) imediatamente restituido ao seu posto; visto como, no parecer dos diretores do País, se comportara no incidente como homem de esmerado pundonor" (Ibidem).

Digitized by Google

Este coronel, que comandava como sabemos a coluna de léste ou, melhor, de suéste, à frente de 1000 homens, encontrava-se entre Cangussú e Piratiní. Informado de que o coronel rebelde António Manoel do Amaral, estava em Bagé, com pouco mais de 100 homens de cavalaria, marchou contra êle, levando apenas 200 cavaleiros e 20 infantes.

Nada obstante o sigilo e rapidez com que operou, só conseguiu aprisionar Domingos José de Almeida, ex-ministro do interior e das finanças da República, em vista da circunstância de haver António Amaral mudado de acampamento antes do ataque, sem que os legalistas o soubessem.

De Bagé destacou Francisco Pedro duas partidas para arrebanhar cavalos. Com os 100 homens restantes retrogradou para Piratiní. Amaral, porém, tendo conseguido reforçar-se e obter um efetivo de 300 cavaleiros e 36 infantes, corre atrás dêle e ataca-o junto ao arroio Candiota (16 de março de 1844). Francisco Pedro padece incontestável derrota e bate em retirada para Cangussú, levemente ferido. Cáem em poder dos rebeldes 6 oficiais e 40 praças de pré, das quais 18 pertenciam à infantaria (Caxias).

Da costa do Piraí, previne Caxias a Francsico Pedro, no dia 2 de abril (1844), que Canabarro mandou um destacamento de 300 homens, composto de nadadores escolhidos, sob o comando de Joaquim Teixeira, para irem **ocultamente** até o S. Gonçalo, afim de o atravessar e levantar as cavalhadas legalistas invernadas no rincão dos Touros. Pôs por isso de sobreaviso o comandante da esquadrilha estacionada nesse rio.

Como lhe constasse que Canabarro havia concentrado suas tropas no arroio Candiota, com o propósito de apoiar esse golpe de mão, Caxias continuou a sua marcha para a frente, na direção deste arroio. A 13 de abril estava no passo da Orqueta, no rio Piratiní.

Graças às medidas tomadas, Canabarro afastou-se, desistindo do golpe de mão ao rincão dos Touros, que deveria ser executado, ao que parece, por Bento Gonçalves.

Caxias achou indispensável dar à sua divisão um descanso de alguns dias no passo de Orqueta, no arroio Piratiní.

Contemplando-se uma carta do Rio Grande do Sul, verifica-se fàcilmente que ela havia percorrido quási toda a fronteira sudoeste da província. Estava sem dúvida fatigada. Alêm disso o exército precisava reaprovisionar-se de armamento, equipamento e fardamento. Seu chefe tambem desejava receber ani-

Digitized by Google

mais novos de invernada dos Touros e deixar alí os que trouxera do Uruguai.

Aproveitando essa pequena pausa, Caxias foi ao Rio Grande e de lá à Porto Alegre.

Oficiando daquela cidade ao ministro da guerra, a 20 de abril (1844), comunica-lhe ser seu projéto demorar-se apenas 8 dias na capital e regressar para junto de sua divisão. Marchará então em busca do grosso revolucionário, enquanto duas colunas "manobrarão" nos municípios de Piratiní e Caçapava, e a 1.ª divisão, ao mando do brigadeiro Bento Manoel, cobrirá o município de Alegrete" (1).

Convém abrir aquí um parêntese para dizer qual o efetivo e a distribuição das fôrças imperiais nesse momento.

De Pelotas, enviou Caxias ao govêrno (7 de maio de 1844) o mapa de sua tropa (2). A secretaria da guerra fez dêle o seguinte extrato:

"A 1.ª divisão, de que é comandante o brigadeiro Bento Manoel Ribeiro, compõe-se da 1.ª, 3.ª, 5.ª e 7.ª brigadas e opera

---

(1) Documento guardado no Arquivo Público.

(2) Merece ser aqui registrado o ofício que êle dirigiu ao ministro da Fazenda, em 8 de abril de 1844:

"Ilmo. e Exmo. Snr.

Achando-se o exército em campanha com uma dívida de mais de 6 mêses de seus vencimentos, em conseqüência de não ter podido a tesouraria da província alcançar, na praça de Porto Alegre, quantias suficientes para sacar, e tendo o exército de operações se aproximado à fronteira do Rio Grande, resolvi mandar à mesma cidade o 1.º escriturário da Caixa militar Antônio José de Campos, autorizado para sacar contra o tesouro nacional, a quantia necessária para fazer face, ao menos, à metade desta divida, ordenando-lhe ao mesmo tempo, que fizesse o competente aviso ao tesouro, declarando os valores das letras que tiver de passar.

Os apuros em que me tenho visto na campanha, pela falta de recursos, e a aproximação do inverno, que muito dificulta as comunicações com a capital, justificam esta minha deliberação, que espero mereça a aprovação de Sua Magestade o Imperador.

Ao antecessor de V. Ex. já eu havia pedido providências sôbre o meio de acudir a semelhantes pagamentos, particularmente aos que pertencem ao ano financeiro próximo passado.

Deus guarde a V. Ex.

Quartel general nas pontas do Piratiní, 8 de abril de 1844.

Ilmo. e Exmo. Snr. Manoel Alves Branco, ministro e secretário de Estado dos negócios da Fazenda.

Barão de Caxias.

Digitized by Google

entre a linha divisória e a margem esquerda do rio Santa Maria, guarnecendo a fronteira de Missões e a vila de Alegrete, percorrendo a fronteira de S. Borja o 6.º grupo de cavalaria da guarda nacional e conservando destacado na cidade do Rio Grande o 1.º batalhão de caçadores".

"A 2.ª divisão, de que é comandante o coronel José Francisco dos Santos Pereira, e junto à qual anda o comandante em chefe, compõe-se da 2.ª, 4.ª, 6.ª e 8.ª brigadas, e opera entre as confluências do rio de Santa Maria e as do Jaguarão, cobrindo os pontos fortificados de Caçapava e S. Gabriel, a cidade de Pelotas e a comarca de Piratiní, sôbre cuja parte conserva destacada uma coluna ligeira sob o comando do coronel de legião Francisco Pedro de Abreu, comandante da 8.ª brigada. Esta mesma divisão guarnece a povoação de Santa Maria e as vilas de Cruz Alta da Serra e do Rio Pardo".

"Na cidade do Rio Grande acha-se uma ala do 1.º batalhão de caçadores e a outra ala na de Pelotas, com o 8.º batalhão da mesma arma".

"Guarnece a vila do Rio Pardo o 2.º batalhão de fuzileiros, que tem 200 homens destacados na Freguesia de Santa Maria da Boca do Monte".

"O ponto fortificado da vila de Caçapava está guarnecido pelo 7.º batalhão de caçadores e uma bateria de duas bôcas de fogo, servidas por artilheiros do corpo a cavalo".

"A fortificação da Capena de S. Gabriel é ocupada pelo 3.º batalhão de fuzileiros e tres bôcas de fogo, guarnecidas por praças de artilharia a cavalo".

"A vila da Cruz Alta da Serra tem por guarnição o 2.º batalhão de caçadores e a de Alegrete o 6.º desta arma, o 7.º de fuzileiros e 2 peças servidas por artilheiros do corpo a cavalo".

"A companhia de voluntários alemães, unida ao destacamento do 5.º corpo de cavalaria da guarda nacional, guarnece a vila do Triunfo".

"Assim guarnecidas as povoações, vilas e cidades, ficam disponíveis para as operações da 1.ª divisão o 3.º batalhão de caçadores, o 3.º batalhão de cavalaria de linha e os 4 corpos de cavalaria da guarda nacional ns. 4, 9 e 10, e o de voluntários; na 2.ª divisão o 6.º e o 8.º batalhões de fuzileiros, o 2.º regimento de cavalaria ligeira e os 5 corpos de cavalaria da guarda ncional ns. 1, 3, 7, 8 e 12, e uma bateria de 4 bôcas de fogo; e na coluna ligeira o 2.º e o 5.º corpos da guarda nacional, in-

Digitized by Google

clusive os esquadrões adidos, auxiliada pelo 8.º batalhão de caçadores da guarnição da cidade de Pelotas".

Tiram-se do mapa estes números:

| | | | |
|---|---|---|---|
| | Estado-Maior, comando . . . . . | | 33 |
| Tropa de linha | Infantaria | 5 batalhões de fuzileiros, 7 de caçadores e uma companhia de alemães . . . . . | 7046 |
| | Artilharia | — Corpo de artilharia a cavalo . . | 317 |
| | Cavalaria | — 2 regimentos . . . . . | 366 |
| Guarda Nacional | Cavalaria | — 12 corpos e 2 esquadrões . . . | 3625 |
| | | | 11387 |

Digitized by Google

Digitized by Google

## CAPITULO V

**Caxias volta para junto de sua tropa e rompe de novo na direção de Bagé. Missão dada a Francisco Pedro. Movimentos de Canabarro. Caxias abala no rumo de Sant'Ana do Livramento. Canabarro foge-lhe. Choque da vanguarda imperialista com Guedes. Caxias dirige-se a São Gabriel. Manda o major Batista de Melo adquirir cavalos na Serra. Chega a Caçapava. Missão dada a Jacinto Pereira. Caxias deixa Caçapeva. Melo reune-se-lhe, com a cavalhada, no campo do Rufino. Caxias prepara nova manobra contra Canabarro. Avança na direção de Bagé. Movimentos de Francisco Pedro. Derrota que êle inflinga a Canabarro com a surpresa de Porangos. Os últimos choques.**

Caxias volveu de Porto Alegre ao acampamento de sua divisão (na estância do Paraíso, à margem direita do Piratiní) e alí chegou a 10 de maio de 1844. A 11 pôs-se em marcha, costeando, disse êle, a **fronteira de Jaguarão.** Neste mesmo dia, expediu um destacamento, sob o comando do coronel Francisco Pedro, composto de 700 homens (500 cavaleiros e 200 infantes), com a missão de transpor o rio Camacuã e perseguir a Neto e Joaquim Pedro, que se haviam encaminhado para aquela região.

Marchando pelo Herval, alcançou Caxias a vila de Bagé no dia 26 e na manhã de 28 abandonou-a.

Logo que Canabarro soube dessa marcha, retirou-se transitando ora pelo Estado Oriental, ora pelo Rio Grande, e **assoalhando** que ia ao encontro de Bento Manoel.

A 7 de junho, estava Caxias em Pamaroti, já perto de Sant'Ana do Livramento e supunha Canabarro em Caneleira. Dera ordem a Bento Manoel para que se conservasse com a sua divisão por Vacaquá. Seu plano de manobra era **envolver** Canabarro com as suas duas divisões, mas o caudilho revolucionário, aventando o perigo, furta-se ao golpe, transpõe o Quaraí e **entranha-se** no Estado Oriental.

Digitized by Google

Caxias manda-lhe no encalço Bento Manoel e vai ocupar a cochilha de Santa Ana, onde se encontra a 29 de junho, na esperança de **poder sair-lhe na frente, se êle conseguir escapar a Bento Manoel e tentar repassar a linha divisória.** De lá vai às pontas do Quaraí (8 de junho), porêm Canabarro parece internar-se cada vez mais no Estado Oriental. No dia 9 êle surge, sem suspeitá-lo, a meia légua de Caxias, (que se encontra nas pontas do Taquarembó), ao parecer com o desígnio de voltar ao Rio Grande. O general imperialista marcha contra êle. A vanguarda inimiga, sob o comando de Guedes, é recalcada no desfiladeiro que leva ao Taquarembó por um esquadrão do 3.º de cavalaria da guarda nacional e o 8.º de fuzileiros, dirigidos pessoalmente por Caxias.

Canabarro desce pela margem direita do Taquarembó, atravessa êste rio, entra no Rio Grande pelo lugar chamado Hospitais e ruma para Candiota, afim de se juntar aos elementos de Neto.

Caxias prossegue o movimento. A 19 de julho está nas pontas do Parmarotim, onde lhe consta que Canabarro, depois de repelido a 9, marchou na direção de Bagé.

Caxias desiste da perseguição e encaminha-se para São Gabriel. Atravessa o Cunhaperú, o Ibicuí da Armada e o Santa Maria (êste no passo de São Borja) e alcança a capela de São Gabriel a 29 de julho.

Manda à região da Serra o major João Batista de Melo adquirir 1.200 cavalos para a remonta da 2.ª divisão.

A 16 de agosto sai de S. Gabriel. A 21 está na estância de Gabriel Machado, ao sul de S. Gabriel. Deixa aí, na cochilha do Taboleiro (pontas do Jaguarí), 1.400 homens das três armas, sob o comando do coronel Jacinto Pereira, e segue para Caçapava, onde chega a 26 de agosto, com o 8.º de fuzileiros, o casco do 5.º de caçadores e o 3.º regimento de cavalaria ligeira.

Jacinto Pereira ficára incumbido "de manobrar desde o Camucuãzinho até a cochilha do Taboleiro", para **proteger** a vinda dos cavalos da serra, **observar** os movimentos de Canabarro e **adquirir** potros na região em que estacionava.

"A 30, fez Caxias marchar para Rio Pardo a ala esquerda do 7.º batalhão e o casco do 5.º desta arma, afim de se reorganizarem no Rio Grande". (1)

A 5 de Setembro, abala de Caçapava com o 8.º batalhão e o 1.º regimento, na direção de sudoeste, buscando juntar-se ao resto de sua divisão, o que consegue na estância do capitão

(1) Ordem do dia do ajudante general Casemiro José da Camara Sá.

Digitized by Google

Joaquim Pereira. A 18 de outubro estava a 2.ª divisão no campo do Rufino. Aí se lhe junta o major Batista de Melo, com 1.200 cavalos gordos trazidos da Serra.

Caxias prepara uma manobra contra Canabarro, que êle supõe ainda se encontre em Jaguarão, à testa de cêrca de 1.000 homens.

Já havia dado ordem ao coronel Francisco Pedro, cujo efetivo era de 300 cavaleiros e 200 infantes, que se concentrasse em Pelotas e remontasse a sua tropa, à espera do refôrço que êle Caxias, lhe enviaria para enfrentar Canabarro.

Determinou que o 5.º batalhão de caçadores, em reorganização na cidade do Rio Grande com recrutas vindos da Côrte, fosse ocupar Pelotas; que o 4.º batalhão de fuzileiros fosse estacionar em Jaguarão, que o 8.º de caçadores, que se achava em Pelotas, e o 2.º regimento de cavalaria da guarda nacional, que policiava o municipio de Pelotas, se reünissem à 8.ª Brigada, isto é, às fôrças do coronel Francisco Pedro, e que o mesmo deveriam fazer o 1.º regimento de cavalaria e 100 infantes do 8.º batalhão, que guarneciam a vila de Jaguarão, e o 5.º corpo de cavalaria de guarda nacional "empregado em diversos pontos da comarca de Piratiní e distritos do lado esquerdo do Camacuã".

Desta arte ficaria elevado o efetivo de Francisco Pedro a 1.120 homens (600 de cavalaria e 520 de infantaria).

Caxias continúa a sua marcha na direção de Bagé. A 2 de outubro estava nas pontas do Taquarembó. Oficiando ao ministro da guerra nesse dia, informa-o de que Canabarro continuava com o seu grosso (800 homens) na fronteira de Jaguarão e mandára Guedes (com 200) para a de Quaraí, onde se achava Bento Manoel com a 1.ª divisão.

A 10 de novembro, encontra-se Caxias em marcha no Capão do Tigre, entre os Piraís. "Nosso exército — escreve êle — continúa a aproximar-se do Estado Oriental, dividido em três colunas, duas de 2000 homens cada uma e uma de 1400". E acrescenta: "David Canabarro acha-se sôbre o Jaguarão com destino a passar o rio Negro no passo da Carpintaria". Era seu propósito (dêle Caxias), ficar nas imediações de Bagé, entre os dois Piraís, **"afim de saír de frente a Canabarro no caso em que êste coronel (Francisco Pedro) não o pudesse bater e que êle quisesse procurar a junção com Guedes no Estado Oriental".**

Tal era o seu pensamento estratégico. Mas vamos vêr que bastará a ação de Francisco Pedro para derrotar Canabarro.

Digitized by Google

Logo que êste coronel teve em mão o efetivo prescrito por Caxisa, abalou em busca de Canabarro. Este caudilho tinha marchado de Jaguarão para o passo real do Candiota e de lá se dirigir ao sêrro dos Porongos, em cuja vizinhança acampou.

Francisco Pedro aproximou-se de Porongos com a máxima cautela, às ocultas, efetuando marchas noturnas para não ser pressentido. A 13 de novembro ficava a 2 léguas do inimigo sem que êle o percebesse.

Na madrugada de 14 de novembro (1844), acometeu-o de repente, quando êle estava descuidado e confiante em seu acampamento. A surpreza gerou pânico. Só houve tempo para a fuga desabalada, dêles a pé e dêles a cavalo. Canabarro tinha a seu lado Neto e João Antônio, e um efetivo de cêrca de 1000 homens. Deixou no campo 100 mortos, 14 feridos graves e 333 prisioneiros, inclusive 35 oficiais, e o ministro da Fazenda da República, José Francisco Vaz Viana. Os legalistas apossaram-se de um grande despôjo: bagagens, armamento e munição de infantaria e cavalaria, 5 estandartes, mais de 1000 cavalos e o arquivo completo de Canabarro.

Eis como Alfredo Rodrigues pinta êsse importante recontro:

"Um esquadrão de 40 homens, não mais, que contornou as posições dos republicanos, correndo com a rapidez do raio sôbre os piquetes avançados, que abafou sem lhes dar tempo de despejar um tiro ou soltar um grito de alarme, cái de chôfre sôbre o exército desprevenido, atroando os ares com brados de vitória".

"À frente dêles vem o terrível Fidélis Paes, o vanguardeiro e o braço direito de Chico Pedro, e o segue o esforçado Manduca Rodrigues, já então famoso por átos de inaudita temeridade.

"Ao primeiro ímpeto do ataque, sucede no acampamento uma confusão indescritível. Correm os soldados de tôdos os pontos, atónitos e assombrados, enquanto embalde procuram alguns oficiais organizar as fileiras".

"E' o Moringue! E' o Moringue! (**alcunha de Francisco Pedro**) é o grito de tôdas as bôcas.

"A onda humana, que se espalhou em várias direções, tenta ganhar distância para se refazer, fugindo à perseguição daquêle punhado de bravos.

"Ninguém os supõe tão poucos, julgando vir alí tôda a divisão imperial".

Digitized by Google

que a onda se despedaça de encontro a uma bar-
[illegible] Chico Pedro que, emboscado com




Digitized by Google

Logo que êste coronel teve em mão o efetivo e

"Mas eis que a onda se despedaça de encontro a uma barreira inesperada. E' o próprio Chico Pedro que, emboscado com o grosso de suas fôrças, esperava o resultado do ataque para surgir pela frente dos que fógem".

"A situação é terrível. Os farrapos, passado o primeiro momento de estupor, cobram ânimo e dispõem-se a morrer lutando. Teixeira, o bravo dos bravos, cujo denodo assombrou um dia ao próprio Garibaldi, reüne os seus lanceiros; o 4.º regimento de linha e alguns esquadrões afrouxam, mas os imperiais se multiplicam, surgem de todos os pontos. Segunda carga, mais impetuosa, mais desesperada, é também repetida".

"E' êste o sinal da debandada geral. Em vão os chefes chamam os soldados ao dever, dando-lhes o exemplo. Nada os contém e o exército, como por encanto, se dissolve, arrastando consigo ainda aos que querem lutar. Apenas alguns grupos mantêem-se resistindo e nêles o combate se trava a arma branca. Tombam os lanceiros negros de Teixeira, brigando um contra vinte, num esfôrço incomparável de heroismo. Ouve-se o tinido do ferro contra o ferro e ecôam a espaços alguns tiros isolados, que o ardor da peleja não deixa tempo de morder os cartuchos e carregar as armas. E' uma carnificina sem nome, um desbarato completo".

"Um pouco mais e tôda a resistência se abate".

"Cái morto o derradeiro herói, rende-se o último bravo. Começa então a caça aos fugitivos retardatários, que se prolonga pelo dia seguinte" (1).

De Porongos dirigiu-se Canabarro ao rio Camacuã, que atravessou. Vendo que não podia lutar em campo raso, escreveu Caxias, êle **procurou o abrigo do mato.** Francisco Pedro seguiu-lhe no encalço.

Relatando ao ministro da guerra êstes sucessos, disse Caxias:

"Eu tinha por cautela reservado mais de 600 homens de cavalaria divididos em partidas entre Rio Pardo e Caçapava. Fiz reünir essas fôrças pelas imediações da Cachoeira e, adicionando-lhe 400 infantes, ordenei ao brigadeiro Santos Pereira, que então se achava em Caçapava, tomasse o comando delas e, combinando seus movimentos com a 8.ª brigada, tratasse de bater o inimigo até fazê-lo repassar o Camacuã. Isso foi cum-

(1) Extraído do livro de H. CANABARRO REICHARDT, intitulado **David Canabarro.**

Digitized by Google

prido com tal autoridade, que infalivelmente Canabarro teria sido batido, se não houvesse tomado a resolução de contramarchar de Curral Alto, dispersando a sua gente em oito partidas, que seguiram por diferentes caminhos para o Estado Oriental".

Ha quem afirme, e tal é o caso de Varela, que Canabarro chegou até a estância da Bôa Vista, na região de Pedras Brancas, fronteiro à Porto Alegre e de lá retrocedeu.

Escapou aos seus perseguidores e foi reünir de novo as suas hostes na fronteira de Sant'Ana do Livramento.

Cumpre referir ainda dois pequenos sucessos ocorridos com elementos da divisão de Bento Manoel.

Informado êste chefe de que o rebelde Bernardino Pinto, dizendo-se ao serviço de Rivera, atravessara o Quaraí e fôra atacar a povoação de Sant'Ana do Uruguai com 200 homens, no dia 8 de outubro, e de que, repelido alí pela respectiva guarnição (capitão Hipólito Cardoso), tornára a atravessar o Quaraí, mandou perseguí-lo pelo te.-Cel. António Fernandes de Lima, com a sua unidade (o 4.º corpo de cavalaria da guarda nacional), ordenando-lhe que transpusesse o sobredito Quaraí nas suas pontas e **descesse pelo outro lado** (margem esquerda).

O tenente-coronel Fernandes de Lima cumpriu a ordem; bateu várias partidas rebeldes e, a 25 de outubro, derrotou a Bernardino, num local chamado Canhitas, tomando-lhe toda a cavalhada (1800 animais).

Tendo assim remontado a sua cavalaria, Bento Manoel lançou, a 4 de novembro, o te.-cel. João Propício Mena Barreto, na direção do arrôio Sarandí (9 léguas distante do acampamento da 1.ª divisão imperial), com a missão de procurar e bater Jacinto Guedes.

Mena Barreto levou consigo 600 homens da sua brigada (7.ª). Ao amanhecer de 5, a sua vanguarda transpõe o Ibirapuitan e prende **um vigia** do inimigo, que presta informações sôbre a posição do acampamento e a fôrça de Guedes. Mena Barreto cái sôbre êle como um raio, num momento em que **os cavalos estavam a pasto** e **a gente apeada,** e persegue-o durante 5 léguas, obrigando-o a transpôr a fronteira do Estado Oriental.

Porêm dentro em breve, Guedes volta reforçado ao Rio Grande e vai acometer Uruguaiana. Bento Manoel, que se encontrava com a sua divisão perto da fronteira do Quaraí, lança novamente contra êle Mena Barreto, à frente de 600 homens. Este oficial choca-se com a vanguarda inimiga no dia 15 de novembro e leva-a de vencida até o acampamento de Guedes no passo do Leão. O chefe rebelde não tenta siquer resistir; pre-

Digitized by Google

fere pôr-se a salvo no Estado Oriental, deixando ao adversário armamento, cavalhada, etc. (1).

"Logo depois, a 29 de dezembro seguinte — escreve Araripe — Vasco Alves partia do território brasileiro com 100 homens, ia à margem direita do Quaró, no território oriental, e surpreendia o coronel rebelde Bernardino Pinto, a quem feria gravemente, e aprisionava com 4 oficiais e 13 soldados, matando-lhe 7 homens, e dispersando-lhe o resto da fôrça, constante de 40 praças" (2).

"Assim desfechou-se alí o derradeiro golpe dessa prolongada série de combates, conflitos e surpresas, que, começada na terra da pátria pelo combate do Arroio-grande, a 13 de outubro de 1835, findou a 29 de dezembro de 1844 em terra estranha. O último sangue fraterno derramado na luta foi caír fóra dos pátrios limites, nêsse mesmo sólo donde viéra o fomento da guerra e a sua procrastinação" (pag. 283).

---

(1) Os fatos que acabo de relatar, ocorridos com a 1.ª divisão, constam da correspondência de Caxias com o ministro da guerra, a qual se guarda no Arquivo Nacional, e também da ordem do dia n. 170, de 21 de novembro de 1844, subscrita pelo coronel Casemiro José de Camara Sá, deputado ajudante-general, no impedimento do ajudante-general.

Varela contesta a derrota de Guedes e, quanto à Bernardino, afirma que fôra expulso do grêmio dos farrapos e passara para as hostes de Rivera.

Tambem classifica de imaginária a vitória legalista de Quaró, de que se vai falar no texto.

(2) Êste sucesso tambem é contado por Caxias em ofício ao ministro da guerra, de 10 de janeiro de 1845. Êle esclarece que Vasco Alves era major do corpo provisório da Guarda Nacional do comando do coronel Demétrio Ribeiro, e fôra destacado para essa missão.

O dr. Fernando Os rio diz que Vasco Alves operou por ordem do tenente-coronel Demétrio Ribeiro.

Digitized by Google

Digitized by Google

# QUARTA PARTE

---

# A PACIFICAÇÃO

Digitized by Google

Digitized by Google

# A PACIFICAÇÃO

**Gestões de paz feitas junto à Caxias e relatadas por êle próprio. — Intromissão de Rivera. — Os revolucionários mandam um emissário entender-se com Rivera e Caxias. — Êste encarrega Osório de nova missão junto àquêle. — Dois representantes revolucionários acercam-se de Caxias. — Fica assentada a ida à Côrte de um emissário rebelde, portador de uma representação a S. M. o Imperador. — Texto dêsse documento. — Parecer dos chefes rebeldes. — Condições da pacificação. — Proclamação de Canabarro e de Caxias. — Festas pela terminação da luta.**

A vitória de Porongos, ganha pelos imperiais sôbre os rebeldes, foi para êstes um desastre irremediável; provou-lhes de modo exuberante a inutilidade de prosseguirem na luta armada contra um adversário que dispunha de recursos extraordinários.

Antes, porêm, já o desânimo os havia invadido. Cêrca de 9 anos de sacrifícios infrutuosos em pról de uma nobre idéia, a falta de cooperação de outras províncias com que contavam e para que haviam apelado, o desenlace da revolução de S. Paulo e de Minas (1842), e finalmente a situação inquietante em que se encontrava o Brasil em vista das pretensões de Rosas, haviam pouco e pouco abalado o ânimo dêsses guerreiros e acabado por convencê-los de que seria preferível manter-se a unidade nacional, embora sob o regímen monárquico, afim de tornar possível uma resistência eficaz à qualquer pretensão do estrangeiro audacioso, a prosseguir no dilaceramento interno por causa de uma simples fórmula política.

A guerra lavrava há vários anos no território uruguaio, de que Rosas pretendia senhorear-se por intermédio de Oribe. Êste chefe, amparado por êle, dominava a campanha e cercava Montivideu, glorioso e derradeiro reduto do patriotismo uruguaio. O sítio da capital começara a 16 de fevereiro de 1843 e iria prolongar-se até 8 de outubro de 1851.

Digitized by Google

Rosas atuava como senhor absoluto do Rio da Prata. O Brasil estava incontestavelmente sob a ameaça de graves acontecimentos.

Que projetava fazer a nosso respeito o tirano de Palermo? Ninguém poderia dizê-lo com precisão, mas tudo indicava ser nosso dever preparar-nos para enfrentá-lo, se porventura ousasse acometer-nos no extremo meridional. Ademais disso tinhamos obrigações precisas com respeito à República do Uruguai, decorrentes da **Convenção Preliminar de Paz** de 1828.

Daí essa mutação no estado d'alma dos farroupilhas, que os leva, quási insensivelmente, da separação à persistência da união fraterna, por amôr do Brasil. À fadiga da peleja para a obtenção do fim almejado, associa-se e sobreleva o patriotismo dêsses invejáveis lutadores; e dessa situação de espírito flúi naturalmente o desejo de confraternisação.

Já referi, embora de passagem e de modo imperfeito, alguns esforços nêsse sentido.

Agora, pois, cumpre relatar os que foram feitos no comando de Caxias.

Êle próprio nos guiará. Em ofício que endereçou de Caçapava ao ministro da guerra (11 de setembro de 1844), explica o que houve a esse respeito (1).

Ouçâmo-lo:

Em maio de 1843 — conta êle — apresentou-se-lhe José Pedro de Albuquerque, que tinha servido como ministro entre os rebeldes, e lhe disse que Canabarro desejava concluir com a guerra por meio de uma conciliação, e que, se eu quisesse mandar alguma pessôa tratar com êle estimaria muito. Eram da mesma opinião João Antônio da Silveira e tôdos ou quási tôdos os chefes rebeldes.

Mandou dizer a Canabarro que preferia os meios de conciliação aos da fôrça. Estava pronto a ouvir as proposições que lhe quiséssem fazêr e as levaria ao conhecimento do govêrno. Esperava fôssem bem acolhidas quando não ofendêssem a dignidade do Imperador e a integridade do Império.

Sabia com certeza que esta resposta fôra bem recebida de Canabarro e dos chefes rebeldes que serviam sob suas ordens. Canabarro mandou dizer-lhe que por sua parte e dos chefes que comandava nenhuma dúvida haveria, mas que, devendo ouvir os mais chefes (Bento Gonçalves e Neto) e mesmo o seu govêrno, ía consultá-los. De fato escreveu a êsses dois chefes.

(1) Documento do Arquivo Nacional, que reproduzirei quási textualmente.

Digitized by Google

Como resposta, teve um ofício sêco de Jardim, que lhe remeteu o manifesto de Bento Gonçalves em 1835 e afirmou-lhes convir depôr as armas se o Imperador declarasse que o Rio Grande ficava separado do Império. Diz Caxias que Canabarro ficou indignado e daí começou a indisposição dêle, de Guedes, João Antônio e Onofre contra Bento Gonçalves, José Mariano de Matos e Neto.

Um tio de Canabarro, estancieiro em Alegrete, falou-lhe pela segunda vez em **composição**, afirmando que **por Canabarro não seria a dúvida**; que, se o govêrno declarasse guerra a Rosas, Canabarro se uniria infalivelmente ao Império. Isso o próprio Canabarro o tinha encarregado de levar ao conhecimento dêle, Caxias; que êste devia tratar de acabar com o partido de Bento Gonçalves, pois da parte de Canabarro e sua gente não lhe adviriam embaraços.

Pouco tempo depois aporeceu-lhe no acampamento um parente de Bento Gonçalves, de nome Dionísio Amaro. Disse-lhe que Canabarro desejava muito ter uma conferência particular com êle, Caxias. Respondeu que Canabarro declarasse por escrito o que queria dizer verbalmente, pois, não ocupando êle nenhum cargo importante, não o julgava com meios à sua disposição para levar a efeito qualquer cousa que valesse a pena da celebração de uma conferência em particular.

Bento Gonçalves continuou a instar pela conferência e a dizer na campanha que êles queriam depôr as armas, mas que Caxias a tal se negava.

Depois disto conceberam os rebeldes o plano de atacar a divisão de Bento Manoel, que estava do outro lado de Ibicuí, aproveitando a ocasião em que êle tinha passado parte de sua cavalaria para a outra margem do Uruguai, em perseguição de João Antônio. Para isso conseguir, concentraram tôdas as suas fôrças no município de Alegrete.

Frustou êsse plano com o movimento rápido, que fêz nessa ocasião, metendo-se com uma brigada de 2000 homens entre êles e as poucas fôrças com que Bento Manoel tinha ficado em Missões. Então passaram o Quaraí e foram convidar Frutuoso Rivera para servir de intermediário entre êles e o Império, e assinaram tôdos uma concordata em que autorizavam Rivera a tratar com Caxias, procurando obter as maiores vantágens.

Quando as cousas estavam nêste ponto, e Frutuoso já lhe tinha mandado comunicar o que se havia passado e lhe pedia uma conferência para tratar do assunto, receberam os rebeldes a notícia exagerada de ter sido Francisco Pedro completamente

Digitized by Google

derrotado e morto pelo chefe rebelde Amaral. Julgaram então que a fortuna tinha mudado a seu favor. Marcharam rapidamente de Quaraí para S. Gonçalo e Pelotas, e escreveram a Rivera dizendo que nada concluisse com Caxias; que tratasse de entretê-lo enquanto êles tomavam Pelotas e arrebatavam a cavalhada, com que Caxias contava, do outro lado do S. Gonçalo. Rivera cumpriu pontualmente o pedido.

Conheceu Caxias imediatamente que o inimigo tinha um plano a desenvolver sôbre a brigada da esquerda, a qual observava a fronteira de Bagé. Tratou por isso de pôr em prática a contra-manobra, mesmo antes de seus espias lhe terem minuciosamente informado do plano dêles e sem atender ao pedido de Rivera. Contramarchando Canabarro das imediações do Veleda, logo que percebeu que o chefe imperial tinha penetrado as suas intenções e que, refazendo-se de cavalos no rincão dos Touros, êle o poderia alcançar, teve o dito chefe de voltar em seu seguimento.

Chegando às imediações das pontas do Santa Maria, recebeu uma carta de Bento Gonçalves, instando novamente pela entrevista em que um mês antes lhe tinha mandado falar, assegurando estar autorizado pelos demais chefes para levar a efeito tudo quanto tratasse com Caxias.

Fez-lhe saber que estava bem ao fato do estado desgraçado da fôrça que êles ainda conservavam reünida; nenhuma condição aceitaria que não tivesse por base a deposição das armas e a obediência ao Govêrno de Sua Majestade o Imperador.

Respondeu Bento Gonçalves que a tudo estava disposto. Vendo que nenhum mal havia em se comunicar particularmente com êle, consentiu Caxias em que Bento Gonçalves viesse a uma estância próximo do seu acampamento, porêm fóra dos postos avançados e, fingindo um passeio, com êle se encontrou.

Depois de conferenciarem mais de duas horas, verificou que Bento Gonçalves conhecia a impossibilidade de continuar a guerra e almejava a glória de a concluír, desviando a David (**Canabarro**) de figurar como primiera pessôa neste negócio.

Falou-lhe Bento Gonçalves em primeiro lugar em Federação, dizendo que Rivera estava também propenso a federar o Estado Oriental ao Império, assim como Madaríaga o Estado Correntino.

Caxias fêz-lhe vêr que isso era impossível, que nenhum dêsses dois homens tinha poder para levar a efeito **tais encorporamentos**, e que êle não estava autorizado para de tal cousa

Digitized by Google

tratar. Se Bento Gonçalves queria fazer com que os rebeldes da Província depusessem as armas e se sujeitássem ao legítimo govêrno, poderia assegurar-lhe que o Govêrno Imperial se esqueceria do passado e os onistiaria a tôdos. Vendo Bento Gonçalves que nada conseguia, falou-lhe então em segundo lugar em se obrigar o Govêrno Imperial a reconhecer a dívida interna e externa que êles tinham contraído, e reconhecê-los nos postos a que haviam sido elevados na revolução.

Respondeu que a isso se não comprometia, porêm que se encarregava de levar ao conhecimento de Sua Majestade o Imperador o que êles pediam, e que podiam passar ao outro lado da fronteira e esperar alí a decisão de Sua Majestade.

Retirou-se Bento Gonçalves, parecendo a isso anuir. Dois dias depois, **não estava por nada do que tinha tratado!** Tendo Caxias declarado que, qualquer que fosse o resultado da conferência, continuaria a perseguí-los tenazmente, enquanto se conservassem armados dentro da Província, prosseguiu o mesmo Caxias a sua marcha até que os fêz passarem outra vez a fronteira e entranharem-se mais de 15 léguas no Estado Oriental, donde voltaram, como participou ao ministro, divididos em pequenos grupos. Perseguidos tenazmente, tornaram a passar e ganhar a fronteira de Jaguarão, aonde se conservam reünidos.

"Tudo quanto levo exposto — escreve Caxias — é o que tem havido com respeito a proposições por parte dos rebeldes. Quanto ao que V. Excia., de ordem de Sua Majestade o Imperador, me determina com respeito a não despresar os meios convenientes sempre que êles não **sejam desairosos à corôa**, pelo que levo dito, conhecerá V. Excia. que não os tenho menospresado, e assim continuarei a praticar, dando conta ao Govêrno de tudo quanto ocorra a êsse respeito".

Os chefes se encontram tão desunidos, explica Caxias, que êle não sabe com quem se poderá tratar.

Já vimos, pela sua narrativa, que Rivera lhe pedira em carta uma conferência para tratar da paz. O general brasileiro recebeu essa carta a 10 de setembro de 1844, quando se achava em Caçapava. Excusou-se pretextando doença (Fernando Osório).

Dias depois, Rivera insiste no seu pedido. Escreve, a 30 de setembro de 1844, da chácara de Joaquim Pereira Fagundes. Diz-se autorizado, pelo govêrno e chefes notáveis do Rio Grande, a tratar da paz da província; pede que Caxias decrete uma suspensão de armas na sua fôrça por 30 dias, até ficarem combinadas as bases que, de acôrdo com o mesmo Caxias, deverão

Digitized by Google

ser apresentadas ao Imperador por um ou mais chefes, que fôrem designados, por mútuo acôrdo, para essa missão. A suspensão de armas será prolongada até que voltem esses emissários.

Caxias responde a 1.º de outubro, das pontas do Jaguarí. Declara a Rivera, para que o faça saber aos seus constituintes, que tem ordem expressa do govêrno imperial de não aceitar nenhuma proposição dos rebeldes cuja base não seja a deposição das armas. Se êles desejarem dirigir alguma representação a Sua Majestade o Imperador, por intermédio de alguns de seus chefes, póde Rivera assegurar-lhes que consentirá no seu livre trânsito à Capital do Império, **não deixando por êsse fato de continuar a hostilizar os grupos que se conservarem armados no território da província.** Os que não quiserem depôr as armas antes da decisão do govêrno, poderão passar a fronteira para algum dos Estados vizinhos.

Rivera comunica a José Gomes de Vasconcelos Jardim a resposta de Caxias. O presidente da República, que se achava então com Canabarro e outros chefes no acampamento perto da estância das Pedras Altas, resolve mandar um emissário entender-se diretamente com Rivera e Caxias sôbre a pacificação. A escolha recaíu no major António Vicente da Fontoura, que no dia 6 de outubro se pôs em marcha para o acampamento de Rivera, aonde chegou a 11, tendo passado em Bagé. Rivera estacionava junto à estância de Pedro de Borba no arroio do Hospital, em território uruguaio.

No dia seguinte (12), o caudilho oriental responde a Caxias. Diz que o brasileiro Francisco Pereira de Souza irá conversar com êle, Caxias. Envia cópia da carta que lhe escreveu Gomes Jardim, no dia 4 de outubro, ao saber da resposta do general legalista. Ainda nêsse dia 12, sái do acampamento de Caxias o tenente-coronel Osório, com a delicada missão de dizer verbalmente a Rivera o que o general em chefe brasileiro já lhe comunicára por escrito **"e tambem que êle pretendia realizar a pacificação combinando dirètamente com os rio-grandenses, principalmente porque estava convencido da que êle Rivera queria iludí-lo com promessas falazes"** (1).

Osório cumpriu pontualmente a sua missão. Encontrou-se no acampamento de Rivera, que alcançou a 17 de outubro, com Vicente da Fontoura. Este ilustre revolucionário, cujo papel vai ser de suma importância nas negociações de paz, ouviu a conferência entre Osório e Rivera e soube, por intermédio daquêle

(1) Informações do Dr. Fernando Osório.

Digitized by Google

que Caxias estava disposto à pacificação, porêm jamais a pactearia se Rivera servisse de intermediário; preferia tratar diretamente com os seus patrícios. Isso abriu os olhos do enviado de Jardim.

E' fácil de compreender essa atitude de Caxias.

Que necessidade havia de ser um caudilho oriental, que não procedia de bôa fé para com o Império, o negociador do restabelecimento da paz entre brasileiros?

Caxias sabia que, ao mesmo tempo que êle patenteava simpatia pela tranquilidade do Brasil, fornecia 600 potros ao chefe revolucionário Carvalho, para remontar os rebeldes, fato que foi dito ao próprio Rivera por Osório sem nenhum protesto da parte dêle.

Nada obstante, responde Caxias, no dia 15 de outubro, à carta de Rivera de 12. (1) Sente que as ordens do Imperador lhe não facultem ter mais alguma condescendência com os revolucionários. Fará quanto puder junto ao monarca.

Vicente da Fontoura voltou ao acampamento rebelde e alí cientificou seus chefes do que se havia passado. Êles logo compreenderam que nada se obteria junto a Caxias com a interferência de Rivera e por isso resolveram enviar ao acampamento do general-imperial dois companheiros — o mesmo Vicente da Fontoura e o padre Chagas — para negociações diretas com êle. Fontoura foi informado disso a 3 de novembro por Canabarro, no acampamento dêste no passo real do Jaguarão.

Munidos de um salvo conduto de Caxias, êle e Chagas abalaram ao amanhecer de 5 de novembro e nesse mesmo dia, à tarde, alcançavam Bagé. No dia seguinte (6), chegava Caxias com a sua divisão e celebrava com êles a primeira conferência.

Assentou-se a partida para o Rio de Janeiro de um emissário dos rebeldes.

"Notável coincidência! — escreve Fontoura em seu diário. A 6 de novembro se proclama a independência em 1836, e a 6 de novembro de 1844 aparece o primeiro clarão da aurora da paz".

Fontoura regressa jubiloso. A 9 de novembro estava de novo no seu acampamento (na confluência do Candiotinha, junto ao Formiga). Deu conta da sua missão com Chagas, na presença de Jardim, Lucas, Neto, Canabarro e João Antônio.

Passou-se à escolha do emissario que deveria ir ao Rio de Janeiro. Todos opinaram pelo nome de Vicente da Fontoura.

---

(2) Todos êstes documentos de que me estou utilizando são do Arquivo Nacional.

Digitized by Google

Êste aceitou a honrosa incumbência.

Projetava abalar a 14 de novembro (1844), passando antes pelo acampamento de Caxias, mas nêste dia, como sabemos, deu-se o combate de Porongos, em que êle participou. Em vista disso, rompe a 16 de novembro e avista-se de novo com Caxias em Bagé.

Escrevendo ao ministro da guerra a 20 de novembro (1844), de Bagé, relata Caxias o que tem ocorrido sôbre pacificação e remete cópia de alguns documentos. Diz que o coronel Manoel Marques de Souza, que êle envia como portador, dará informações de tudo. Lê-se aí o seguinte: "depois que os chefes revoltosos compreenderam que lhe repugnava tratar com Rivera escreveram-lhe pedindo licença para mandarem pessoas suas entenderem-se dirètamente com êle. Vieram assim procurá-lo em Bagé o padre Francisco das Chagas, Martins d'Avila e Souza e Antônio Vicente da Fontoura". Combinaram com êle dirigirem uma representação ao Imperador na qual exporiam os motivos que tiveram para desobedecer ao govêrno, e pedir licença para que um dêles fosse da mesma portador. Exigiu Caxias lhe fosse prèviamente mostrada a representação. No dia 15 de novembro voltou Fontoura com êste papel (1), de que Caxias remete cópia, assinado pelos principais chefes rebeldes. Julgou o chefe imperial que deveria fazer seguir para a Côrte, em companhia dos emissarios rebeldes, dos oficiais de sua confiança, a um dos quais, o coronel Marques de Souza, encarrega de expôr o verdadeiro estado da província. (2)

Conquanto vá datada de 13, tem certeza de que foi assinada a 15 e entregue a êle a 16.

Eis o texto do papel a que se refere Caxias, verdadeira credencial dada ao major Vicente da Fontoura:

"Os chefes abaixo assinados do Povo Rio-Grandense em armas contra o Govêrno Imperial, desejosos de terminar a guerra civil que há nove anos devasta êste belo país, e a que foram forçados pelas successivas violações de seus direitos durante a tormentosa Menor Idade da sua Majestade Imperial e Constitucional, resolveram autorizar Antônio Vicente da Fontoura, havendo antes acordado com o Ilm.º e Exm.º Snr. Barão de Caxias, para que siga à Côrte do Rio de Janeiro, afim de expôr não só os justos motivos que forçaram a essa guerra, como os

(1) Em seu Diário, diz Fontoura, como vimos, que saiu do seu acampamento a 16 de novembro.

(2) O outro oficial foi o cap. Carlos Miguel de Lima e Silva, irmão de Caxias.

Digitized by Google

bem fundados receios de vê-la tomar-se mais sanguinolenta e devastadora pelas atuais ocorrências dos Estados Vizinhos e obter do Govêrno Imperial a Paz, porêm **uma Paz que, não manchando de ignomínia esta distinto porção da Grande Família Brasileira, nem o Sábio Govêrno de sua Majestade Imperial e Constitucional, imponha** um dique formidavel ao estrangeiro audáz, que pretende fulminar a ruína desta Terra e do Brasil inteiro".

Acampamento nos Porongos, 13 de novembro de 1844. — **José Gomes de Vasconcelos Jardim — David Canabarro — João António da Silveira e António Neto.**

Vicente da Fontoura e seus dois companheiros deixaram o Rio Grande a 5 de dezembro e a 12 desembarcaram no Rio de Janeiro. Começaram logo as conferências para o restabelecimento da paz. Cumpre confessar que a situação dos revolucionários não lhes era favorável; as últimas derrotas que haviam sofrido deixavam-nos em posição inferior em face do Império. Mas o patriotismo de ambos os partidos e o desejo de terminar de uma vez áquela guerra fratricida superaram todas as dificuldades. (1)

Preparadas as instruções que deveriam servir de base à celebração da paz e o decreto que autoriza Caxias a firmá-la, regressaram ao Rio Grande os negociadores.

A 9 de janeiro (1845), estava Fontoura entre os seus companheiros, nas Pontas de Ponche Verde, e **"expunha aos generais os resultados de sua missão"**.

Restava auscultar a opinião dos chefes, afastar as últimas objeções, acordar com Caxias uma interrupção da perseguição que êle exercia, operar uma reünião em determinado ponto e tomar a deliberação definitiva.

E tudo isso se realizou. Fontoura foi incansável. Correu de chefe a chefe, em busca da harmonia. Canabarro, como general em chefe da revolução, avisou a todos que "dos Moreiras de

(1) Em seu Diário, deixa Fontoura transparecer as lutas que sustentou com certos ministros para defender o seu partido, e a impressão desfavorável que alguns dêles lhe causaram. No dia 15 de dezembro, escreve, porêm, estas linhas :

"Estive com o senador Lima (**marechal de campo Francisco de Lima e Silva, pai de Caxias**). Continuo a frequentar sua casa, porque é uma bela alma! é um dêsses astros que não se macularam na corrupção da Côrte, e a despeito dela, brilham sempre com radiante fulgor. A vista de tal pai, já me não admiro das excelentes qualidades do filho. Falo do capitão Carlos, meu companheiro de viagem, uma das belas almas que tenho conhecido".

O leitor, que de certo sabe o papel relevante de Lima e Silva na revolução de 7 de abril de 1831, tem agora mais um fator para compreender a nobreza de sua atitude em face de Pedro I.

Digitized by Google

Ponche Verde até os Cunhas" era o local destinado para a reünião do govêrno da República com os chefes militares, afim de "serem tratados definitivamente os negócios da paz".

Para lá deveriam encaminhar-se as divisões ou marchar o comte. da divisão com uma guarda ou piquete, "depois de consultados os oficiais superiores, sôbre o alto assunto em questão". (1)

A reünião celebrou-se a 25 de fevereiro de 1845. O presidente Vasconcelos não compareceu por doente; deu ao seu ministro Manoel Lucas de Oliveira plenos poderes para representá-lo. Bento Gonçalves também não compareceu alegando moléstia. Escrevendo a Canabarro, a 22 de fevereiro de 1845, disse ignorar quais as condições da futura paz e menos as instruções levadas pela "comissão enviada à Côrte do Brasil" e ser tudo isso misterioso para êle. Mas declarou que a sua opinião seria a que adotasse a maioria "dos seus irmãos de armas, sempre que estivesse nas raias do justo e do honesto e, ainda mesmo quando no caso vertente êstes sagrados objétos deixassem de ser observados, nem por isso seria capaz de a ela opôr-se, tendo outros meios em semelhante caso para deixar ilesa a sua honra e consciência". E acrescenta logo:

"A paz é indispensável fazer-se, o País altamente a reclama"...

Finalmente a 25 de fevereiro de 1845, deliberaram os revolucionários aceitar as condições combinadas, mediante esta áta :

"Aos vinte e cinco do mês de fevereiro de mil oitocentos e quarenta e cinco, no acampamento da Carolina, em Ponche Verde, fez o Cidadão General em Chefe, o Exm.º David Canabarro reünir em plena Assembléia os oficiais residentes no mesmo acampamento, desde tenente até General, para livre e expontaneamente darem seus votos com respeito à paz que o Govêrno, sob o Conselho dos demais chefes da República, havia entabolado com o Govêrno Imperial e, comparecendo os mencionados oficiais, mandou o mesmo Cidadão General proceder à leitura dos documentos seguintes:

Ofício do Cidadão Presidente José Gomes de Vasconcelos Jardim, comissionando ao Ministro e Secretário dos Negócios da Guerra Manoel Lucas de Oliveira, e o referido General para harmonizarem êste áto solene, visto que por grave enfermidade não

(1) Os revolucionários estavam grupados em três divisões: uma sob o comando de António Neto, outra sob o de João António da Silveira e a terceira sob o de Bento Gonçalves.

Digitized by Google

podia comparecer dito Cidadão Bento Gonçalves da Silva, em que dá um voto com respeito ao mesmo assunto bem como aos Snrs. oficiais que compõem a Divisão de seu mando, como consta da áta que foi também patente os artigos das concessões obtidas do Govêrno Imperial e conhecida a leitura fez o Cidadão e Ministro uma breve exposição sôbre o assunto e em seguida o Cidadão General em chefe em sua fala, recitando as peças oficiais que se haviam lido, adicionou que se alguns dos circunstântes quisesse obter dêle esclarecimentos tendentes ao Exército, aos elementos que tinhamos disponíveis para continuar ou não a guerra, estava pronto a dá-los com inteireza; e pondo o assunto em discussão e votação depois de mui breves e curtos debates, foi unanimemente resolvido que se ultimasse a paz sob as condições pactuadas e todas quantas se pudessem mais conseguir do Barão de Caxias, completamente autorizado pelo Govêrno Imperial para o efeito. Terminado assim o Conselho, resolveu o cidadão General em Chefe que se lavrasse a presente áta juntando-se-lhe as autênticas das peças oficiais nela mencionadas, sendo estas assinadas pelo supradito General em Chefe, Cidadãos Generais e mais oficiais superiores que ao referido Conselho assistiram e por mim Manoel Frz. da Silva encarregado ao expediente a escrevi. David Canabarro, General em Chefe; António Neto, comandante da primeira Divisão; João António da Silveira, comandante da segunda Divisão; Marcelino José do Carmo, Coronel; Daniel Gomes de Freitas, Coronel; Silvano José Monteiro de Ar.° e Paula, José Alz. de Morais, comandante da Sexta Brigada; Manoel Lucas de Oliveira, Felicissimo José Miz., Tomás José Pereira, Tenente-Coronel; Jacinto Guedes, Manoel de Macedo Bruno, Tenente-Coronel; António José Martins Coelho, J. Gomes Portinho, Tenente-Coronel; Marcos de Oliveira Soares, Tenente-Coronel; Frutuoso Borges da Silva e Fontoura, Tenente-Coronel; Manoel Carvalho de Aragão e Silva, Tenente Coronel; Augusto Inácio de Barros, Tenente-Coronel; A rogo do Tenente-Coronel José Ferreira Daniel Gomes de Freitas, António Vicente da Fontoura, Major; José Maria do Amaral, Major; Francisco Soares Leiria, Major; Jacinto Antunes Pinto, Major; Joaquim Jacob Frz., Major; Fernando António de Araujo, Major; Tomás da Silva Ramos, Major; Teodoro Medina, Major.

---

As condições combinadas com o govêrno imperial e aceitas pelos revolucionários, eram as seguintes:

Digitized by Google

1.º — O indivíduo que fôr pelos Republicanos indicado Presidente da Província, é aprovado pelo Govêrno Imperial, e passará a presidir a Província.

2.º — A dívida Nacional é paga pelo Govêrno Imperial, devendo apresentar-se ao Barão a relação dos creditos, para êle entregar à pessoa, ou pessoas para isso nomeadas, a importância a que montar a dita dívida.

3.º — Os oficiais da República, que por nosso Comandante em Chefe forem indicados, passarão a pertencer ao Exército do Brasil nos mesmos postos, e os que quizerem sua demissão, ou não quizerem pertencer ao Exército, não serão obrigados a servir tanto em Guarda Nacional, como em 1.ª linha.

4.º — São livres, e como tais reconhecidos, todos os cativos que serviram à revolução.

5.º — As causas civis, não tendo nulidades escandalosas, são válidas, bem como todas as Licenças e dispensas Ecclesiaticas.

6.º — E' garantida a segurança individual e de propriedade, em toda a sua plenitude.

7.º — Tendo o Barão de organizar um corpo de Linha, receberá toda a oficialidade para êle, dos Republicanos, sempre que assim voluntariamente o queiram.

8.º — Nossos prisioneiros de guerra serão logo soltos, e áqueles que estão fóra da Província serão reconduzidos a ela.

9.º — Não são reconhecidos em suas patentes os nossos Generais, porêm gozam das imunidades aos demais cidadãos designadas.

10.º — O Govêrno Imperial vai tratar definitivamente da Linha divisória com o Estado Oriental.

11.º — Os soldados da República pelos respectivos comandantes relacionados, ficarão isentos do recrutamento de primeira Linha.

12.º — Oficiais e soldados que pertencerem ao Exército Imperial, e se apresentarem ao nosso serviço, serão plenamente garantidos como os demais republicanos. (1)

Nesse mesmo dia (25 de fevereiro de 1845), levou Manoel Lucas de Oliveira ao conhecimento de Caxias, como representante do Presidente da República, o que se havia passado na reünião acima lembrada. Chamou ao áto que haviam praticado **o mais essencial à pacificação** da República Rio Grandense, o qual iria deixar de existir não por **falta de elementos para sus-**

(1) Copiado da **História do General Osório**, por Fernando Osório.

Digitized by Google

**tentar-se,** mas devido à política conciliatória de Caxias e ao **motivo razoavel** de seus cidadãos, **sempre zelosos de sua liberdade e ventura, e tendo de optar entre a liga de uma Nação estrangeira com um govêrno vicioso e a Monarquia Constitucional representativa do Brasil, preferirem unánimes abraçar o mais sólido garante dos direitos civis e políticos e irem de fato enlaçar-se no seio da mãe pátria, confiados nessa influência benéfica e irrevogáveis concessões de seu Govêrno.** Logo que Caxias transmita as concessões autênticas do Govêrno Imperial para serem publicadas, o Govêrno Republicano se desprenderá, com expontanea satisfação, dos poderes que a Revolução lhe conferiu na direção dos negócios públicos, tendo o prazer de anunciar a Caxias e dizer ao povo: **Somos Brasileiros.**

A 28 de fevereiro, lançou Lucas uma proclamação em que anuncia a paz. Nela faz referências **à nuvem carregada e medonha que o tempo troveja para o lado ocidental dêste hemisfério e que despedirá raios sôbre nossas cabeças se nós não apressurarmos a conjurá-la, conhecendo que quiçá sofreremos primeiro que nenhum outro povo.**

São de novo evidentes as alusões a Rosas, feitas igualmente por Canabarro em sua proclamação como Comte. em chefe do exército revolucionário.

Ei-la :

"Concidadãos! Competentemente autorizado pelo Magistrado Civil a quem obedeciamos e na qualidade de Comte. em Chefe, concordando com a únanime vontade de todos os oficiais da fôrça de meu Comando, vos declaro que a guerra civil que há mais de nove anos devastava este belo país está acabada. A cadeia dos sucessos por que passam todas as revoluções **tem transviado o fim político a que nos dirigimos,** e hoje a continuação de uma guerra tal seria o **ultimatum** da destruição e do aniquilamento de nossa terra. **Um poder estranho ameaça a integridade do Império; e tão estólida ousadia jámais deixaria de ecoar em nossos corações brasileiros. O Rio Grande não será teatro de suas iniquidades, nós partilharemos a glória de sacrificar os resentimentos criados no furor dos partidos, ao bem geral do Brasil".**

"Concidadãos! Ao desprender-me do gráu que me havia confiado o poder que dirigia a revolução, cumpre assegurar-vos que podeis volver tranquílos ao seio de vossas famílias".

"Vossa segurança individual e de propriedade está garantida pela palavra sagrada do Monarca, e o apreço de vossas virtudes confiado ao seu magnânimo coração"..

Digitized by Google

"União, fraternidade, respeito às Leis e eterna gratidão ao ínclito Presidente da Província, o Illm.º e Exm.º Snr. Barão de Caxias, pelos afanosos esfórços que há feito na pacificação da Província".

Campo em Ponche Verde, 28 de fevereiro de 1845.

**David Canabarro**

Finalmente falou Caxias nesta

Proclamação:

"Rio Grandenses! E' sem dúvida para mim de inexplicável prazer o ter de anunciar-vos que a guerra civil, que por pouco mais de nove anos devastou esta bela Província, está terminada.

"Os irmãos, contra quem combatiamos, estão hoje congratulados conôsco, e já obedecem ao legítimo govêrno do Império Brasileiro".

"Sua Majestade o Imperador ordenou, por decreto de 18 de dezembro de 1844, o esquecimento do passado e mui positivamente recomenda no mesmo decreto que tais brasileiros não sejam judicialmente, nem por outra qualquer maneira perseguidos ou inquietados, pelos átos que tenham sido praticados durante o tempo da revolução. Esta magnânima deliberação do Monarca Brasileiro ha de ser religiosamente cumprida. Eu o prometo sob minha palavra de honra".

"Uma só vontade nos una, Rio Grandenses, maldição eterna a quem ousar recordar-se das nossas dissensões passadas. União e tranquilidade seja de hoje em diante nossa divisa".

"Viva a Religião".

"Viva o Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil".

"Viva a Integridade do Império".

Quartel-General da Presidência e do Comando em Chefe do Exército no Campo de Alexandre Simões, margem direita do Santa Maria, 1.º de março de 1845.

**Barão de Caxias**

"No dia 2 de março — escreve Eduardo Berlink — no meio do entusiasmo delirante do povo, entrava o Barão de Caxias em Bagé sob arcos triunfais.

Digitized by Google

"Sua marcha até a Capital foi uma ovação seguida, em que avultavam as bençãos das famílias que alfim descansavam de um martírio de dez anos".

"Em Porto Alegre foram tão esplendidas as festas em honra do heroico pacificador da Província como não há memória, nem antes nem depois, de outras iguais".

"E' que o Rio Grande estava realmente pacificado"!

Desejando o govêrno imperial testemunhar a Caxias o seu reconhecimento pelo grande serviço que acabava de prestar ao país, confirmou-o, a 25 de março de 1845, no posto de marechal de campo e conferiu-lhe o título de Conde.

Chegando a Bagé, depois da vitória de Porongos, foi Caxias recebido por toda a oficialidade e pelos habitantes, "inclusive pelo pároco do lugar, e como êste lhe perguntasse — narram as Reflexões — a que horas queria que se fizesse o **Te-Deum** em ação de graças pela vitória que tinham alcançado as nossas armas, respondeu-lhe:

"Snr. Reverendo, a causa do Govêrno ganhou um triunfo, mas êsse triunfo foi obtido, inda que não perigasse um só dos meus soldados, com o derramamento de sangue brasileiro".

"Eu não o conto como um trofeu; não me vanglorio com êle, porque não posso vangloriar-me com as degraças dos meus concidadãos".

"E' verdade que faço a guerra aos Rio-Grandenses dissidentes, mas sinto as suas desditas, e choro pelas vítimas que êles perdem nos combates, como um pai chorar póde a perda de seus filhos. Vá, Snr. Reverendo, e em lugar de um **Te-Deum** em ação de graças pela vitória que obtiveram os defensores da Lei, diga antes uma missa de defuntos, que eu com o meu estado maior e a tropa, que couber na Igreja, a iremos amanhã ouvir, pelas almas de nossos irmãos iludidos, que p e r e c e r a m no combate".

Digitized by Google

Digitized by Google

# QUINTA PARTE

---

# REFLEXÕES FINAIS

Digitized by Google

Digitized by Google

# REFLEXÕES FINAIS

**Sacrifícios ocasionados pela revolução. Perdas em homens. Despesas do erário público. Mirada retrospectiva às operações. Estratégia e tática dos contendores. Os chefes legalistas e os chefes farroupilhas. Revolução escola da guerra.**

As operações que resumi definem o talento militar de Caxias e estas palavras, impregnadas de bondade, a sua estrutura moral.

Oficiando de Bagé ao ministro da guerra, em 5 de março de 1845, dizia-lhe jubiloso o nosso grande general:

"Tenho a honra e o prazer de comunicar a V. Excia. para levar ao Alto conhecimento de Sua Majestade o Imperador, que esta Província se acha completamente pacificada, pois um só grupo não existe, hoje, armado em território dela".

Nesse mesmo documento informava-o de que recebera dos rebeldes uma tipografia incompleta, duas bocas de fogo e certo número de escravos; mandou adir êstes últimos ao corpo de cavalaria. Déra ordem para que fossem dispensados do serviço todos os guardas nacionais casados ou viuvos com filho, mas de modo que seu número não ultrapassasse 1/3 da fôrça de cada corpo.

Anunciava ter disposto assim a sua tropa:

A **1.ª divisão** na fronteira do Quaraí ou num ponto médio dela, **conservando guardas de cavalaria sôbre todos os passos desse rio**.

A **2.ª divisão** no passo real do Piraí Grande, com guardas em S. Luis e Rio Negro; **e até o passo do Valente**.

A **Brigada da vanguarda** na fronteira de Jaguarão, com um corpo de cavalaria para o lado do Chuí.

A revolução durou 9 anos, 5 meses e 11 dias, contando de 20 de setembro de 1835 a 28 de fevereiro de 1845.

Digitized by Google

Foram grandes os sacrifícios de ambos os lados, porêm, evidentemente maiores os dos revolucionários, pois não dispunham de recursos comparáveis aos do govêrno imperial.

Araripe avalia a população do Brasil, nessa fase, inferior a 7 milhões e a da Província do Rio Grande do Sul no comêço da revolução em 142 mil almas. Pensa que nos dias áureos do movimento metade desta última apoiava a rebeldia.

Calculando as perdas nos diferentes recontros e sem pretender nenhum rigôr, chegou à conclusão de terem morrido 956 legalistas e 1.826 republicanos, ou cerca de 2.800 brasileiros. Reflete, porêm, que de certo lhe escaparam informações sôbre pequenos recontros e sôbre os mortos em conseqüência de ferimentos recebidos em combate, acha por isso de bom aviso aumentar as perdas de 1/5, isto é, elevá-las a cêrca de 3.400.

Quanto aos reforços enviados para o sul, escreve o mesmo autor:

"Desde o princípio da rebelião em 20 de setembro de 1835 até 19 de setembro de 1837 (domínio da política liberal) foram remetidos para combater os anarquistas do sul 1.904 praças; e de 19 do mesmo mês de setembro de 1837 até abril de 1839 (domínio da política conservadora) seguiram 3.772".

"Surgindo a política liberal em julho de 1840, e desaparecendo em março de 1841, não foram enviadas tropas ao sul por se entender, primeiramente, que a política anti-belicosa não exigia armas, e depois por se considerar bastantes para as operações de guerra as fôrças alí existentes, quando frustadas as diligências conciliadoras".

"A política conservadora voltou ao poder, e então cuidou de mandar novas tropas".

"De 5 de abril de 1841 até 31 de dezembro de 1842 foram para alí 5.450 praças".

Nesse período remeteu, pois, o govêrno para o sul cêrca de 11.000 combatentes.

"No último período da guerra, sob a direção do barão de Caxias — escreve logo adiante Araripe —, o govêrno imperial ativou a remessa de petrechos, armamentos e fôrças, de maneira que ao estrear êsse general a campanha em 1843 tinha sob suas ordens um exército de 12.000 soldados bem fardados, armados e municiados".

"Nesse tempo a fôrça de linha do Império era de 13.423 praças, a fôrça existente fóra da linha era de 1.046 e a guarda nacional destacada era de 7.499".

Digitized by Google

"Assim podia o govêrno imperial dispôr, para o serviço de todo o Império, de 21.968 soldados; no entanto na guerra do Rio Grande do Sul, inclusive a fôrça postada na fronteira das duas províncias limítrofes, estavam empregados mais de 12.000 homens, isto é, mais de metade da fôrça total militar do Estado".

Araripe proporciona alguns informes sôbre as despesas ocasionadas pela revolução.

Avalia em mais de 40.000 contos a despesa total. Deduzindo dela os vencimentos da tropa, chega-se à soma de 30.000 contos para os outros gastos.

As rendas da província sofreram grande abalo com a revolução.

"Não se limitou a perda pecuniária do Estado — lê-se em Araripe — ao dispêndio acima mencionado".

"A província do Rio Grande do Sul no exercício financeiro de 1834 a 1835, quando começou a guerra, arrecadou para os cofres gerais e provinciais 1.209:607$000".

"Nos dois exercícios seguintes essa arrecadação foi nula. No exercício de 1837 a 1839 ela chegou a 369:266$000. Daí subiu paulatinamente, e tão sòmente no exercício de 1842 a 1843 pôde ela exceder à renda anterior ao tempo da guerra, entrando então para os cofres públicos a soma de 1.386:115$.

"Por aí se manifesta qual o prejuizo procedente da falta de arrecadação fiscal em conseqüência do estado de perturbação da província.

"Em uma demonstração feita pelo nosso ministro da fazenda ao corpo legislativo em 1843, avaliou-se êsse prejuizo, nos anos de 1835 a 1841, em 4.576:425$000, no que respeita à renda geral".

"A perda em relação à renda provincial no mesmo período póde calcular-se em 1.000:000$000.

"Assim teremos nas duas r e c e i t a s uma supressão de 5.576:425$000, não incluindo a renda especial dos municípios.

"Não possuimos demonstração oficial para o resto do tempo até 1845; mas não será fóra de razão avaliar em soma igual; e desta fórma a diminuição total da renda pública no tempo da guerra — seria mais ou menos de 11.000:000$000.

"Esse desfalque de rendas gerais e provinciais, adicionado à despesa diréta com a guerra, apresenta a soma de ..... 41.000:000$ de perda real para o país".

"Esta quantia é de certo importante, sobretudo comparativamente com as rendas do Brasil nessa época.

Digitized by Google

"A receita do Império durante os nove exercícios financeiros do período dessa comoção civil foi de pouco mais de Rs. 154.000:000$000.

"Daqui se conclui, que a guerra dos rebeldes do sul absorveu quantia superior à renda média de três anos, ou excedente à quarta parte dos réditos nacionais de todo o período desses exercícios".

* * *

Lancemos agora ligeira mirada retrospectiva aos sucessos militares mais importantes da revolução farroupilha:

Na sua primeira fase os revolucionários estão senhores da capital e lutam na campanha com os elementos governistas. Tentam debalde conquistar a cidade do Rio Grande, que os legalistas defendem com obstinação, auxiliados pela marinha.

A 15 de junho de 1836, perdem Porto Alegre. Começa então o esfôrço dêles para reconquistá-la. Bento Gonçalves põe-lhe sítio.

Entrementes Neto proclama a independência do Rio Grande e a sua organização política sob o regimen republicano (11 de setembro de 1836). Bento Gonçalves levanta o sítio de Porto Alegre e procura ganhar a campanha cruzando, pelo norte da capital, os afluentes do Jacuí, mas é derrotado por Bento Manoel e feito prisioneiro à margem dêste rio, no combate denominado do Fanfa (4 de outubro de 1836).

Bento Manoel investe depois na campanha contra Neto e obriga-o a refugiar-se no Uruguai (4 de dezembro de 1836).

Após um período de pouco mais de um ano de luta, a revolução parece extinta no território rio-grandense.

Mas dentro em breve reacende-se.

Começa a segunda fase.

Surge dissídio entre o comandante das armas, Bento Manoel, e o presidente da província, general Antero de Brito, o qual termina pela prisão dêste no passo do Itapeví e a passagem daquele para os arraiais revolucionários. A defecção de Bento Manoel imprime grande alento à revolução. Neto ataca e conquista Caçapava, centro de reabastecimento legalista (8 de abril de 1837).

Os farroupilhas sitiam de novo Porto Alegre.

Os imperialistas tratam de firmar-se na capital e na cidade do Rio Grande, utilizando-se dos serviços da esquadra nas águas interiores. Quanto aos adversários, pode-se dizer que gozam de certa liberdade em seus movimentos na campanha.

Digitized by Google

O presidente Elzeário de Miranda e Brito decide atacar o grupo sitiante da capital. Traça e procura executar uma manobra contra êle, a qual consiste em aproveitar-se de embarcações para levar tropas à margem esquerda do Jacuí e de lá, por um largo movimento torneante, e depois de transposto o Caí, o Sinos e o Gravataí, cair do norte para o sul sôbre o referido grupo (fevereiro de 1838). Porêm a manobra falha, porque êsse grupo, conduzido por José Mariano de Matos, retrái-se para a Serra e avança até Lages, em Santa Catarina.

Fica desta arte levantado por algum tempo o sítio da capital.

Entretanto contingentes revolucionários, sob a chefia de Bento Gonçalves, Neto e Bento Manoel, haviam tentado aliviar a pressão sôbre Mariano de Matos, progredindo pelo norte do Jacuí e de Porto Alegre. Elzeário dirige-se contra êles e obriga-os a retrogradar para a região a oéste de Rio Pardo, vila que o mesmo Elzeário ocupa e cuja defesa entrega ao marechal Sebastião Barreto.

Os revolucionários volvem de novo a léste e vão atacar Barreto. Infligem-lhe completa derrota (combate de Rio Pardo — 30 de maio de 1838). Encorajados por êste sucesso retumbante, dirigem-se à região a léste de Porto Alegre e começam o terceiro sítio da capital.

Não tendo desanimado com o desastre de Rio Pardo, Elzeário decide fazer um segundo ataque à tropa sitiante, executando manobra analoga à anterior, a saber: movimento torneante pelo norte, com a travessia de alguns dos afluentes do Jacuí, para desferir, depois, um golpe na direção do sul (janeiro de 1839). Sòmente agora trata de defender, com auxílio de embarcações da marinha, alguns passos do Caí, afim de obstar à vinda de reforços para os adversários. Porêm Bento Manoel ataca e derrota os defensores do Caí (1.º de fevereiro de 1839). Sentindo que isso lhe descobre a retaguarda e balda o plano, Elzeário recolhe-se a Porto Alegre. Desse modo a sua segunda manobra também se malogra.

Como os revolucionários ocupam a ponta do Itapuã e podem perturbar as comunicações lacustres com o Rio Grande, os legalistas os desalojam a fôrça dáquela posição.

Procuram também destruir o estaleiro naval farroupilha no rio Camacuã (abril de 1839).

Nada conseguindo de decisivo no cenário rio-grandense, resolvem os revolucionários enviar pelo litoral, no rumo geral do norte, um destacamento sob a chefia de Canabarro, cuja missão

Digitized by Google

será ampliar o âmbito da revolução, prestar apoio aos correligionarios de Santa Catarina, associar esta província à do Rio Grande e abrir comunicações marítimas com o exterior.

Auxiliado por uma das duas embarcações que Garibaldi transportou da Lagoa dos Patos para o Oceano, Canabarro apossa-se de Laguna (22 de julho de 1839) e segue os imperialistas pelo litoral até perto do morro dos Cavalos, onde êles ocupam uma posição defensiva.

Essa operação nada adianta, porque os imperialistas volvem depois contra êle, por mar e por terra, conduzindo elementos poderosos, retomam Laguna (15 de novembro de 1839), e obrigam-no a regressar ao Rio Grande.

Em caminho lança Canabarro, na direção de Lages, o coronel Teixeira, à frente de um pequeno agrupamento de correligionários.

O govêrno imperial havia planeado invadir o Rio Grande do Sul pelo norte, mediante uma coluna que organizou no Rio Negro, conhecida pelo nome de **Divisão Paulista** ou **Divisão da Serra,** e cujo comando confiou ao brigadeiro Francisco Xavier da Cunha. Este oficial atravessou a província de Santa Catarina, passou em Lages e encaminhou-se ao passo de Santa Vitória, no rio Pelotas, à frente de uma fração de suas tropas. Os revolucionários, e entre êles Teixeira, acometem-no logo depois de transposto o rio e derrotam-no (14 de dezembro de 1839). Vários são os que buscam salvação na fuga, repassando a nado o Pelotas, e nêle sucumbem afogados. Entre esses conta-se o próprio general Xavier da Cunha.

Teixeira avança até Lages e depois até à margem do rio Marombas, onde se choca com o chefe legalista coronel Melo, que o derrota e faz recuar. Melo dirige-se depois a Lages. Os revolucionários rio-grandenses desta região retraem-se para o território do seu Estado.

Falhou assim de modo completo a tentativa da implantação da república na província de Santa Catarina, o que aliás fôra fácil prever.

Se os recursos da revolução eram impotentes para fazê-la triunfar no Rio Grande, como auspiciar-lhe melhores dias enfraquecendo-lhe os escassos efetivos com uma expedição a outra província?

Só se a rebelião desta fosse uma realidade ou se a invasão não se operasse pela órla litorânea, o que de fato não aconteceu.

Cumpre ainda advertir que seria mais fácil ao govêrno imperial atuar em Santa Catarina do que no Rio Grande. No litoral

Digitized by Google

desta província só havia uma linha de penetração para a marinha, a saber: o Rio Grande; ao passo que o litoral Catarinense era abordável em inumeros pontos e, por conseguinte, mais propício à ação da esquadra, quer isolada, quer em colaboração com o exército.

O govêrno central insiste na idéia de uma coluna invasora pela fronteira norte do Rio Grande. Nomeia o general Pedro Labatut para organizá-la.

Como Porto Alegre continuasse sitiada, o novo comandante das armas, general Manoel Jorge Rodrigues, resolve atacar o destacamento sitiador.

Seu plano de manobra é o seguinte: rocar tropas pelo rio, ganhar a margem direita do Caí e, depois de reünido ao destacamento de Cavalaria de Calderon, que deveria vir do sul, da margem do São Gonçalo, e passar em Caçapava, marchar contra o referido destacamento sitiador.

E', conforme se vê, plano analogo ao de Elzeário: rocagem de tropas e movimento torneante pela região setentrional de Porto Alegre. Porêm, desta vez tem-se a precaução de reünir fôrças mais numerosas.

Bento Gonçalves deixa o mínimo de tropas em frente à capital. Congrega novos elementos a oéste do Caí, cuja direção entrega a Neto, e êle próprio, à frente de outros, marcha-lhe ao encontro. Manoel Jorge junta-se a Calderon ao norte do Jacuí e o mesmo faz Bento Gonçalves com Neto. Manoel Jorge perde, porêm, a oportunidade de atacar os dois grupos adversos quando ainda se achavam separados.

Depois nem legalistas, nem revolucionários buscam-se com ânimo de alcançar uma decisão pelas armas.

Afinal trava-se um combate à beira do rio Taquarí (3 de maio de 1840), com que Manoel Jorge cobre a sua retirada para a margem direita dêste rio. Os adversários desprendem-se. Ambos se proclamam vencedores.

O sítio de Porto Alegre continúa.

Bento Gonçalves vai atacar S. José do Norte, caminhando pela península entre o mar e a Lagoa dos Patos, mas é repelido. (16 de julho de 1840).

O govêrno central substitui Manoel Jorge por Andréa e depois êste por João Paulo.

Entrementes a coluna de Labatut vêm avançando pelo norte e não se interrompe o sítio da capital pelos revolucionários.

E' dificil precisar o pensamento estratégico dos legalistas nesse período. Mas, pelo que disse o general Andréa, parece que

Digitized by Google

consistia em **fechar** os sitiantes na região em que se encontravam (Viamão), impedindo-lhe com a divisão Labatut a fuga para o norte e, com fôrças postadas no Caí, ou mais ao acidente, o escape para oéste. Assim separados dos demais correligionários, julgavam os imperialistas ser fácil batê-los.

Logo que os rebeldes pressentem êste cêrco, resolvem expedir para cima da Serra, ao encontro de Labatut, um destacamento sob o comando de Canabarro. Bento Gonçalves fica na região de Viamão, para manter o sítio e velar êsse movimento. Os legalistas percebem a traça. Marcham por isso contra Bento Gonçalves, mas atuam com tibieza, nem siquer o aferram, razão por que êle galga a Serra atrás de Canabarro.

Informado da aproximação dêste, Labatut resolve não descer mais a Serra. Contramarcha primeiro, depois avança francamente para oéste, pelo Mato Castelhano, com a só preocupação de escapar aos adversários. O seu destacamento, ou a **divisão de S. Paulo,** acaba descendo da região da Serra e vindo juntar-se às demais tropas legalistas à beira do Jacuí.

Canabarro e Bento Gonçalves fazem um largo circúito pelo norte, na esteira de Labatut, passam em Cruz Alta, descem depois a Serra e ganham a campanha.

O sítio de Porto Alegre ficou desse modo levantado definitivamente e a luta principal transferida para a campanha.

Inicia-se assim uma terceira fase.

O chefe legalista, general João Paulo dos Santos Barreto grupa o grosso de suas fôrças e leva-o em excursão pela campanha (março de 1841) na esperança de atrair e bater os adversários. Estes limitam-se a inquietá-lo, furtando-se a um recontro decisivo.

Após largo circúito, João Paulo vai acampar na estância do Carmo, à margem direita do Ibicuí (21 de julho de 1841), sem haver realizado o seu propósito de enfrentar o inimigo em batalha campal e de aniquilá-lo.

O govêrno substitui-o pelo general Silva Bittencourt e afinal êste por Caxias (28 de setembro de 1842).

Começa então a fase final, a mais ativa e brilhante, em que a revolução sucumbe.

Mantendo o mínimo de guarnição em certos pontos, Caxias concentra sob seu comando o grosso disponível, inclusive o máximo de cavalaria que póde retirar da região do S. Gonçalo.

Rompe para a campanha partindo do acampamento de S. Lourenço (27 de fevereiro de 1843). Sua aspiração é a guerra de movimento, em campo aberto, com as tropas na mão.

Digitized by Google

Logo, porêm, verifica que os inimigos se mantêm divididos, razão por que também se fraciona.

Compreendendo quão penoso lhes era agora lutar com os imperiais, evitam os farroupilhas apresentar-se em um só blóco. Andam separados, aguardando sasão oportuna para cair de improviso sôbre qualquer destacamento adverso isolado e descuidoso.

E' assim por exemplo, que êles se empenham em Ponche Verde, (26 de maio de 1843).

Deslocam-se incessantemente para cançar os inimigos e para fugir-lhes. Quando acossados perto da fronteira, não hesitam em resguardar-se no território vizinho.

Caxias persegue-os sem lhes dar tréguas. Procura atacar, mediante a convergência de destacamentos, o grupo que visa.

Notando que o rio Santa Maria divide a campanha em duas regiões, põe um destacamento a oéste dêle e outro a léste, enquanto êle próprio manobra com o grupo sob as suas ordens diretas ora numa, ora noutra margem desse mesmo rio.

E' inacreditável a sua atividade e a de seus auxiliares, notadamente de Bento Manoel e de Francisco Pedro.

Aquele transpõe o Ibicuí e vai até S. Borja, em perseguição de João Antônio, que se refugia em Corrientes e procura depois voltar ao Rio Grande transitando por essa província argentina e repassando o Uruguai na região de Santa Ana do Uruguai, a atual Uruguaiana.

Caxias termina o primeiro período de suas operações caminhando com o seu destacamento de Santa Ana do Uruguai ao passo da Orqueta, no rio Piratiní (13 de abril de 1844).

A 10 de maio põe-se novamente em marcha em sentido contrário, caminha até Santa Ana do Livramento, volve a nordeste, dirige-se a S. Gabriel, em seguida a Caçapava, e depois ao sul, na direção de Bagé. Seu plano de manobra é uma ação convergente contra Canabarro, que lhe foge destra e oportunamente, até que Francisco Pedro o surpreende e desbarata em Porongos (14 de novembro de 1844). Este grave desastre, e sobretudo os sentimentos de brasilidade que animam ambos os contendores, e que já muito antes haviam irrompido de modo irrevogável, põem termo à revolução.

* * *

Caxias atuou com imenso tino militar. Providênciou para que os revoltosos não se pudessem mais utilizar dos principais

Digitized by Google

centros populosos da província, dotando-os de guarnição de segurança; dividiu a sua fôrça em destacamentos e procurou ativamente os adversários. Logrou recalcá-los sôbre a fronteira, donde êles ràpidamente se afastavam e a que de novo volviam para se pôr a salvo.

A sua estratégia foi a mais adequada às circunstâncias e por isso lhe proporcionou os louros da vitória.

No domínio tático logo percebeu a vantagem de proporcionar, pelo menos a uma parte da cavalaria, meios de fogo mais poderosos, que lhe facultassem, ao lado da velocidade, maior eficácia no ataque e na defesa. Donde a sua idéia de montar a **infantaria,** como êle dizia, ou de ter **corpos de caçadores a cavalo.**

O autor das **Reflexões** assim se expressou, comentando a ação de Caxias:

"Cabe exclusivamente ao Conde a feliz lembrança dos pontos matematicamente dispostos e fortificados E' sòmente sua glória imensa dos seus maravilhosos resultados. Sem êles, todas as fôrças do Império seriam insuficientes para domar a rebelião, sem êles primeiro se esgotariam todos os recursos e se consumaria a destruição da província, ou se voltaria assombroso deserto o seu vasto território, antes que fosse compelido o inimigo a depôr as armas. Primeiro, imperiais e republicanos se teriam retirado, áqueles às suas primitivas posições de beira-mar, êstes ao território vizinho, na absoluta impotência de continuarem uns e outros a sustentar a campanha em um país completamente devastado".

"Parecia impossível aos **nossos profissionais** cobrir por meio de fortificações um território de mais de 200 léguas de extensão, e tornar por esta guisa insustentável ao inimigo qualquer posição, ou campo em que êle quizesse se fortificar; e êste problema de grande tática foi vitoriosamente resolvido pelo nobre Conde"!

Passa depois a referir as linhas em que acredita que êle se esteiou, "aproveitando alguns pontos, que a necessidade pura e simples fez fortificar por seus antecessores".

A primeira linha "principiava em S. José do Norte, tocava em Porto Alegre, e correndo ao longo da margem esquerda da Lagoa dos Patos, Guaíba e esquerda do Jacuí, ia terminar em Rio Pardo".

"Mais tarde, e quando lhe foi dado dispôr de um maior número de baionetas, traçou êle a sua segunda linha que partindo do Rio Grande (outro ponto que achou fortificado e que

Digitized by Google

a tenuidade das fôrças legais, e não um sistema calculado para a ofensiva tinha feito guarnecer) e vinha terminar em Caçapava, grande depósito no centro da campanha, e que entrava em seu plano cobrir, como cobriu de fortificações respeitáveis. E foi também a datar dessa época que as fortificações da cidade do Rio Grande, bem como as da capital, receberam toda a perfeição ou desenvolvimento, que a estreiteza do tempo e as circunstâncias permitiam dar-lhes".

"Conquistada finalmente, por meio de uma severa disciplina, e pela mais bem combinada estratégia, uma superioridade decisiva sôbre o seu inimigo, estabelece o Conde a terceira linha, que principiando no Serrito, sôbre o Jaguarão, continuava por Bagé, S. Gabriel e Alegrete, e ia findar em Santa Ana do Uruguai, pontos êstes que foram sucessivamnete ocupados e fortificados.

Era esta de todas as linhas a mais extensa, e punha remate a êste famoso plano de campanha, que desconcertou todos os projétos do inimigo, tirou-lhe todos os recursos, e fez-lhe sumamente perigosos ou impossíveis todos os seus movimentos estratégicos, e iam insensivelmente conduzindo-o à impotência de obrar, à destruição de todos os meios de resistência, e à sua ruína total".

À retaguarda da direita desta mesma linha foram ocupadas por guarnições permanentes três estações militares importantissimas: Santa Maria da Boca do Monte, Cruz Alta e São Borja".

"Com relação a estas linhas assim dispostas, e que palmo a palmo foram arrojando o inimigo das povoações do campo, de que tantos recursos tirava, foram repartidas as três divisões, de que se compunha o exército de operações, como abaixo se verá".

Estes conceitos das **Reflexões** devem ser convenientemente ponderados. Caxias não praticou nenhuma **estratégia de linhas forticifadas.** Organizou defensivamente e ocupou certos núcleos de população da campanha, afim de que os inimigos nêles não se reaprovisionassem e lhe servissem, a êle, Caxias, de **pontos de apoio**, conforme os denomina o autor anônimo.

O seu instrumento de ação foram as suas tropas, sempre alertas e em movimento.

Caxias sabia, como Napoleão, que a vitória cabe aos exércitos que manobram. Por isso assumiu a ofensiva contra o adversário, perseguiu-o sem lhe dar trégua, e manobrou para o arpoar e destruir em seu espírito toda esperança de vitória.

Digitized by Google

Foi — repito — manobrado, isto é, **coordenando movimentos cuja perfeita convergência fazia que o inimigo cedesse a pressões inesperadas,** conforme a definição feliz do tenente-coronel Monsenergue, que êle pôs termo à luta.

Em meu humilde conceito, a revolução farroupilha começou a declinar francamente depois do malogro da expedição a Santa Catarina. O abandono do sítio de Porto Alegre e a retirada dos sitiantes para a campanha balisam êsse declínio. A partir daí nunca mais a vitória sorriu aos republicanos. O combate de Ponche Verde foi, quando muito, um lampejo rápido e falaz.

E' evidente, em vista dos recursos do Império, que a revolução não podia triunfar militarmente.

A província ficou abafada, sem ligações marítimas com o exterior. O govêrno central levou para lá os elementos de que necessitava. A colaboração da marinha foi-lhe preciosa. Imagine-se se não existissem elementos navais. Como seria possível assegurar a ligação lacustre e fluvial entre a Capital e a cidade do Rio Grande? Como rocar tropas com celeridade? Como acudir prestemente à defesa do rio São Gonçalo para cobrir a referida cidade do Rio Grande?

Enquanto Caxias não aparece no scenário rio-grandense, a luta não chega a termo. Os generais legalistas porfiam na idéia de um ataque aos sitiadores de Porto Alegre, mediante uma rocagem de tropas e um largo movimento desbordante pela região norte da capital.

Esse plano, que Elzeário procura executar duas vezes e Manoel Jorge uma vez, não lhes acarreta nenhum resultado favorável. A idéia da colaboração de uma coluna que descesse do norte da província (Labatut) também se frustra. Se o pensamento era tacar com elementos convergentes os sitiadores, havia mistér duas condições prèvias: 1.º — aparelhar bem e dar um bom comandante à coluna do norte; 2.º — aferrar os sitiadores para lhes tolher a liberdade de movimento. Nada disso se praticou. As idéias posteriores (barragem na Serra, no Mato Castelhano com a divisão Labatut em retirada e subida da mesma Serra com tropas legalistas pelo lado de Santo Antônio e Três Forquilhas, afim de meter Canabarro e Bento Gonçalves entre dois fógos; subida da Serra pela picada de Botucaraí ou da Cachoeira) não passaram de méras fantasias impraticáveis ou pouco recompensadoras naquele momento.

Penso que os revolucionários cometeram gravíssimo erro obstinando-se na idéia de reconquistar Porto Alegre e depois na

Digitized by Google

de sitiá-la. Não havia sítio possível desde que as comunicações lacustres e fluviais com o Rio Grande permanecessem francas.

A meu vêr, o que deveriam ter feito era procurar dominar a província fóra de Porto Alegre e arremeter de preferência contra o Rio Grande. A posse desta cidade ser-lhes-ia mais útil do que a da Capital.

Suponha-se que, mesmo sem marinha, estivesse Rio Grande na mão dos farroupilhas. Quantas dificuldades isso não criaria à ação militar do Império! Sem dúvida conquistar e conservar Rio Grande sem elementos navais era problema complexo. Mas valia a pena tentá-lo com meios mais poderosos do que os empregados raras vezes pelos revolucionários. Em vez disso êles preferiram gastar-se sitiando imperfeitamente a capital, sem nunca reünir os meios adequados para dominá-la.

A-pesar de a situação não ser hoje a mesma dáquele tempo (de que, já nos afastamos cêrca de um século) em vista do aumento da população do território rio-grandense e dos novos meios de ataque e de defesa, bem como de comunicação, a cidade do Rio Grande ainda será objetivo essencial para quem deseje apossar-se do Estado rapidamente e obstar, por via marítima, a entrada de recursos para os defensores. O que demonstra a necessidade de comunicações multiplas e fáceis do norte do Estado para a região de Porto Alegre, e de modo geral para toda a zona entre Porto Alegre e Santa Maria.

**A criação dessas vias de comunicação, que facultem acudir ao extremo meridional do país, é problema vital para a defesa do Rio Grande do Sul, ou melhor, para a defesa do Brasil.**

* * *

A maioria dos combatentes farroupilhas constava de cavaleiros, o que era natural dado o gênero de vida de grande parte da população sulina nesse período. Como o cavalo era o companheiro inseparável do homem do campo, não admira que os lutadores corressem à peleja e nela se empenhassem valendo-se dêles. A infantaria foi sempre muito reduzida e quanto à artilharia, a revolução só pode utilizar as poucas bocas de fogo que os artilheiros imperiais lhe entregaram no comêço da luta ou as que lograram depois conquistar. Quanto ao mais, deve-se afirmar que quási tudo lhes faltava. Não tinham material de pontes, nem serviço de abastecimento convenientemente organizados. Transpunham os rios sem váu utilizando o nado, as barcas de passagem ou algumas canoas, isto é, exatamente os mesmos

Digitized by Google

recursos das épocas normais. Algumas vêzes, porêm, parece que construiram pontes de circunstância.

Viviam precàriamente. Dos rebanhos dos moradores — amigos e inimigos — tiravam-se as rezes necessárias à alimentação. Os animais só dispunham em geral do pasto dos campos e como isso não bastasse para lhes dar resistência, havia necessidade de os agrupamentos arrastarem após si numerosos solipedes. Estes definhavam muito no inverno, razão por que esta estação era a menos apropriada às operações ativas.

"Eu vi corpos de tropas mais numerosas — escreveu Garibaldi — batalhas mais disputadas, mas nunca vi, em nenhuma parte, homens mais valentes, nem cavaleiros mais brilhantes que os da bela cavalaria rio-grandense, em cujas fileiras aprendi a desprezar o perigo e combater dignamente pela causa sagrada das nações. Quantas vêzes fui tentado a patentear ao mundo os feitos assombrosos que vi realizar por essa viril e destemida gente, que sustentou, por mais de nove anos contra um poderoso império, a mais encarniçada e gloriosa luta!

"Não tenho escrito semelhante prodígio por falta de habilitações, porêm, a meus companheiros de armas por mais de uma vez tenho comemorado tanta bravura nos combates, quanta generosidade na vitória, tanta hospitalidade, quanto afago aos estrangeiros, e a emoção que minha alma, então ainda jovem, sentia na presença e na majestade de vossas florestas, da formosura de vossas campinas, dos viris e cavalheirescos exercícios de vossa juventude corajosa, e, repassando pela memória as vicissitudes de minha vida entre vós, em seis anos de ativissima guerra, e de prática constante de ações magnánimas, como em delírio brado:

Onde estão agora êsses belicosos filhos do Continente, tão magestosamente terríveis nos combates? Onde?

"Bento Gonçalves, Neto, Canabarro, Teixeira e tantos valorosos que não lembro?

"Oh! quantas vêzes tenho desejado nêstes campos italianos um só esquadrão de vossos centauros avezados a carregar uma massa de infantaria com o mesmo desembaraço como se fosse uma ponta de gado! (1)

*

Poucas viaturas ou cargueiros acompanhavam as tropas combatentes.

(1) Carta a Domingos José de Almeida, escrita em Modena aos 10 de setembro de 1859.

Digitized by Google

Isso explica-lhes a mobilidade e o modo de combater. Os choques são geralmente combates do cavalaria, inopinados e violentos. Há simples combinação de direções, para que os golpes envolvam os adversários ou lhes ameacem os flancos ou a retaguarda. A arma do cavaleiro é habitualmente a lança; a carga o modo mais freqüente de abordagem do inimigo. Porêm como cavaleiros os farroupilhas são insuperáveis. Compreende-se perfeitamente o entusiasmo que despertaram a um lutador como Garibaldi. A mobilidade faculta-lhes predicados essenciais: esquivarem-se aos recontros, desprenderem-se ràpidamente em caso de insucesso, perseguirem quando vitoriosos e mudarem com celeridade o ponto e a direção de novos ataques.

Em uma palavra: caracterisam-nos todas as qualidades e defeitos de uma cavalaria irregular daquela época, conduzida por chefes destimidos e perspicazes.

Entre êsses defeitos importa salientar a dificuldade de manter sempre íntegros os agrupamentos, impedindo que muitos combatentes se afastassem temporàriamente, a seu alvedrio. Casos, porêm, houve em que essas dispersões foram obra do comando, ditadas inclusive por motivos táticos.

A fôrça imperial dispunha de recursos mais abundantes do que a revolucionária e tinha evidentemente maior coesão, mas as unidades de cavalaria de Guarda Nacional que a reforçavam padeciam, pelo menos no comêço, do mesmo mal dos adversários, embora talvez em menor escala.

A êsse respeito, escreveu Alfredo Varela:

"Compostas as fôrças de voluntários, a que a Revolução nada podia sub-ministrar além da carne e mate, para sustento (e um pouco de fumo ou escasso vestuário, quando possível); foi prática observada, de 1835 a 1845, a das parciais dispersões". (1)

Eudoro Berlink assim se expressou sôbre o mesmo assunto:

"Ao estudar-se a revolução rio-grandense nota-se após cada feito de armas notável uma estação calmosa".

"A cada esfôrço quer de um, quer de outro lado, segue-se uma paralização completa de movimento. Êsse fenômeno, que se repete até o comando do Barão de Caxias, explica-se pela qualidade das tropas em movimento. Os chefes legais, como os rebeldes, eram obrigados a licenciar seus soldados depois de cada feito de armas, ou êles próprios se dispersavam, reünindo-se mais tarde. Entre os imperiais ficavam as fôrças de linha e entre os rebeldes a infantaria, em grande parte compostas de

(1) **Revoluções Cisplatinas** — vol. 2.º pag. 719.

Digitized by Google

escravos arrebatados a seus senhores em nome da liberdade. As tropas, porêm, que formavam sob o título de guardas nacionais não eram mais do que paisanos acostumados às lides de guerra, com igual fôrça de parte dos insurgentes. E' muito difícil avaliar nas diversas épocas da revolução o número de homens sob as armas, por essa razão. Chefes que hoje dispunham de grandes fôrças, estavam sem gente no dia seguinte, e no imediato reforçados. Os mapas e comunicações oficiais se invalidam todos por êsses costumes militares já tradicionais no sul. Elisiario (**Elzeário**) quando quiz organizar a divisão do sul, e abriu luta com Silva Tavares, pensava evitar êsses inconvenientes".

"Era cêdo, e só mais tarde, quando as fôrças de linha avultassem se poderiam organizar regularmente exércitos e divisões. A primeira organização regular no sul foi a do brigadeiro João Paulo, sem contudo evitar essas dispersões, que cada chefe operando com partidas volantes, ou acampadas em certos pontos, consentia a seu belo prazer. Essas partidas operavam quási por si, e sem unidade; ora em um ponto, ora em outro, sem sciência muitas vêzes do general em chefe. Assim, depois do Fanfa, Bento Manoel licenciou parte de sua gente para se reünir em ponto dado".

"Quando a expedição de Elisiário (**Elzeário**) sôbre José Mariano o obrigou a levantar o sítio de Porto Alegre e subir a serra, contava aquele que Loureiro lhe detivesse o passo no rio das Antas. Tal não aconteceu, porque essa fôrça se dispersára. A natureza dessas partidas, um tanto **cossacas**, dificulta a avaliação exata das fôrças em campanha". ($_1$)

A transmissão das comunicações fazia-se geralmente por meio de estafetas a cavalo. Surpreende-nos ainda hoje a resistência e celeridade de que eram capazes.

O serviço de informações estava muito bem organizado, quando se atenta nos limitados recursos dáquela época. Obtinham-se informes dos moradores; utilisavam-se **bombeiros** e agentes secretos; e até se introduziam **espiões** nas fileiras inimigas, sob a aparência de desertores. Algumas vêzes a apreensão da correspondência levada pelos estafetas permitiu conhecer as intenções momentâneas do adversário.

Conforme já disse, os recursos do império eram muito mais abundantes do que os dos revolucionários. A posse de elementos navais conferia-lhe grande superioridade. Mas ainda assim fo-

($_1$) **Caxias**, por Eudoro Berlink — Volume publicado por E. Vilhena de Morais — pags. 139-140.

Digitized by Google

ram-lhe necessários quási dez anos e um chefe como Caxias para subjugar a rebelião. Convém, todavia, não esquecer as rebeliões em outras províncias, que impossibilitavam a concentração imediata de todos os elementos militares no Rio Grande do Sul.

Os generais em chefe mandados ao Rio Grande para dirigir as tropas não estiveram, no meu fraco entender, na altura da missão que lhes foi confiada. Não souberam atuar com decisão, nem aproveitar-se das vantagens de que dispunham. Antero de Brito, Elzeário, Manoel Jorge, Andréa, João Paulo e o Conde de Rio Pardo ficaram abaixo da missão que lhes tocou náquela conjuntura. Guardaram em geral a defensiva e quando abandonaram essa atitude não operaram com a persistência e energia que a ofensiva reclamava.

João Paulo levou as suas tropas em excursão pela campanha, mas não logrou o seu intento de atrair o inimigo à batalha campal e acabou recolhendo-se para descansar, isto é, indo estacionar à beira do Ibicuí. Compare-se o seu comando com o de Caxias e logo se verá a diferença radical entre os dois generais. Um excursiona pela campanha, o outro arremete resoluto com o inimigo, procura-o, segue-o na retirada quando se esquiva, persegue-o, busca enfim travar pugna com êle, no firme propósito de aniquilá-lo.

Entre os colaboradores de Caxias, cumpre salientar Bento Manoel e Francisco Pedro. São dois chefes excepcionais de cavalaria. Decisão, coragem, atilamento e persistência, tais as qualidades precípuas dêsses insignes batalhadores. A manobra de que promanou a vitória da ilha do Fanfa, e o combate de Ponche Verde, para citar apenas dois exemplos, são padrões do tíno guerreiro de Bento Manoel. Quanto a Francisco Pedro, basta recordar a surpreza de Porongos para lhe assinalar o grande merecimento. Porêm, havia outros. Tavares, Porto Alegre...

Entre os revolucionários pululam os cavaleiros destemidos. Bento Gonçalves, Neto, Canabarro, João António da Silveira, Guedes, Portinho, Onofre, João Manoel de Lima e Silva e vários outros são nomes imorredouros. O combate de Rio Pardo honra os que o conceberam e puzeram em obra. Mas nenhum dêsses chefes se revelou um grande general, no sentido preciso dêste vocábulo. Nenhum, portanto, se póde comparar a Caxias.

Uma guerra assim movimentada exigia gente moça e sadia, capaz de esforços físicos excepcionais e continuados. Alguns dos chefes principais, embora não muito jovens, dispunham de vigôr e resistência surpreendentes. Em 1842, Bento Manoel tem

Digitized by Google

cerca de 59 anos e Bento Gonçalves 54. Canabarro conta na mesma época 46 e enfrenta Caxias, quando êste general estava apenas com 39; Portinho tem 28, e Onofre 43.

A revolução foi, a-pesar de tudo, uma admirável escola de patriotismo. Nela se retemperou o amor pátrio dos rio-grandenses do sul e se prepararam muitos dos brasileiros que foram ao Rio do Prata ajudar os uruguaios e argentinos a se libertarem da tirania de Rosas. Foi ainda nessa mesma escola que fizeram o seu primeiro tirocínio inumeros guerreiros que se cobriram de glória quando o Brasil, ao lado do Uruguai e da Argentina, se viu obrigado a repelir a invasão de Francisco Solano Lopes e a dominar o nosso gratuito e bárbaro adversário dentro de suas próprias fronteiras. Não há mistér citar nomes, pois são conhecidíssimos os que começaram a vida guerreira na revolução farroupilha e ainda tiveram fôrça para lutar nas florestas e banhados paraguaios. Alguns vinham de mais longe: já haviam pelejado na batalha do passo do Rosário e nos combates que a precederam.

Há um caso interessante: o de João Nunes da Silva Tavares ou Joca Tavares, que em 22 de setembro de 1835, tendo apenas 17 anos de idade, combate ao lado de seu progenitor, o tenente coronel João da Silva Tavares, junto à capela do Herval, e mais tarde, como brilhante coronel de cavalaria, comanda a vanguarda de Câmara, que penetra no acampamento de Cerro Corá, a 1.º de março de 1870, e põe termo à guerra da tríplice aliança com o Paraguai.

Digitized by Google

# BIBLIOGRAFIA


1) **Guerra Civil do Rio Grande do Sul,** por Tristão de Alencar Araripe — Revista Trimensal do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico — Tomo XLIII — **Parte II** — 1880.

A **Parte Documental,** em que se baseou Araripe, vem inserta nos tomos XLVI e XLVII da mesma Revista.

2) **Revoluções Cisplatinas,** por Alfredo Varela — Porto — 1915.
3) **Política Brasileira, Interna e Externa,** por Alfredo Varela — Porto — 1929.
4) **Historia da Grande Revolução,** por Alfredo Varela — Porto Ale- — gre — 1933.
5) **As Operações do Passo Fundo,** por Saturnino de Souza e Oliveira.
6) **Bosquejo Histórico e Documentado das Operações Militares na Província do Rio Grande do Sul,** por Saturnino de Souza e Oliveira —Rio de Janeiro — 1841.
7) **Curso de História Naval,** pelo 1.º Tenente da Armada Brasileira M. Pinto Bravo — Rio de Janeiro — 1878.
8) **Memórias de José Garibaldi,** por Alexandre Dumas, traduzidas em português — Cidade do Rio Grande — 1907.
9) **Mémoires de Garibaldi,** por Alexandre Dumas — 1866.
10) **Defesa de Labatut,** por Sebastião Machado Nunes. (Utilizei muito êste documento no texto da minha narrativa para fixar, no tempo e no espaço, algumas situações da Divisão Paulista).
11) **Um episódio da Revolução dos Farrapos,** pelo capitão de Corveta Sérgio Bizarro de Andrade Pinto.
12) **Anita Garibaldi,** pelo almirante Henrique Boiteux — Rio de Janeiro — 1935.
13) **A República Catarinense,** pelo almirante Henrique Boiteux — Rio de Janeiro — 1927.
14) **Jacinto Pinto Guedes,** por Aurélio Porto — Rio de Janeiro — 1937.
15) **Os Corrêas da Camara,** por Aurélio Porto — Rio de Janeiro — 1938.

Êstes dois últimos trabalhos foram primeiro publicados nos **Anais do Itamaratí.**


Digitized by Google

16) **Reflexões sôbre o Generalato do Conde de Caxias** — Porto Alegre — 1846 — O autor é anônimo, mas Vilhena de Morais acha, com plausíveis razões, que foi escrito, pelo conselheiro António Manoel Corrêa da Camara.

17) **Pernambuco e a Confederação do Equador,** por Manoel Cícero Peregrino da Silva — 1824.

18) **Memórias da Revolução de Pernambuco em 1817,** pelo Dr. Francisco Muniz Tavares — 3.ª edição — Recife — 1927.

19) **Compêndio de História do Brasil,** pelo P. Rafael Galanti, S. J. 1905.

20) **La Race — Les Races,** pelo Dr. Jorge Montandon — 1933.

21) **La Race dans le Civilisation,** por Frank H. Hankins.

22) **Homo,** por Mendes Corrêa — Coimbra — 1926.

23) **Esquisse de l'Histoire du Brésil,** pelo Barão do Rio Branco — Paris — 1889.

24) **Ação e Propósitos dos Farrapos,** por Fernando Osório (Neto).

25) **Ação Militar de João Manoel e o Plano Republicano em 1836,** por Fernando Osório (Neto).

26) **O Duque de Ferro,** por Vilhena de Morais — 1933.

27) **Caxias** — Apontamentos para a História Militar do Duque de Caxias, (por Eduardo Berlink), por Vilhena de Morais — 1934.

28) **Vultos da Epopéia Farroupilha,** por Othelo Rosa — 1935.

29) **Os Amores de Canabarro,** por Othelo Rosa — 1933.

30) Teses apresentadas para o segundo Congresso de História Nacional — **Exposição de Motivos,** por Alfredo Valadão — Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — 1929.

31) **Bento Gonçalves,** por H. Canabarro Reichardt — Rio de Janeiro — 1930.

32) **Bento Manoel Ribeiro,** por Olinto Sanmartin — Porto Alegre.

33) **Diário de António Vicente da Fontoura** — Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul — II e III trimestres de 1934.

34) **História da Revolução Riograndense,** por Assis Brasil — São Paulo — 1887.

35) **A Província de São Pedro,** por João Pinto da Silva.

36) O Arquivo Nacional publicou em seu volume XXXI, de 1936, quatro interessantes memórias sôbre a Revolução Riograndense. Da primeira dizem ser autor Silva Pontes, da 2.ª o Dr. Francisco de Sá Brito, da 3.ª Lobo Barreto e da 4.ª Sebastião Ferreira Soares.

O mesmo Arquivo deu tambem a lume o **Processo dos Farrapos** — volumes XXIX, XXX e XXXI, com muitas notas preciosas de Aurélio Porto.

**Arquivo Nacional** — Documentos da Secção Administrativa referentes ao Rio Grande do Sul e ao periodo revolucionário.

37) **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.** Ha em vários números desta publicação artigos muito interes-

Digitized by Google

santes sôbre a revolução farroupilha, (de Valter Spalding, Othelo Rosa, Ariosto Pinto, Aurélio Porto, Eduardo Duarte, Sousa Doca, Coronel Alvaro Alencastre, Fernando Calage, Wiederspahn, Canabarro Reichardt, Fernando Osório, Castilhos Goycochéa).

38) **A Marinha Imperial na Revolução Farroupilha**, pelo capitão de mar e guerra Lucas Alexandre Boiteux — 1935.

39) **O Sentido Brasileiro da Revolução Farroupilha**, por Souza Doca — 1935.

40) **Os Generais do Exército Brasileiro**, pelo capitão Alfredo Pretextato Maciel da Silva.

Encontra-se no 1.º volume uma biografia de Labatut, de que me valí quando esbocei a sua vida militar no Brasil.

Digitized by Google

# INDICE DAS PRINCIPAIS CORREÇÕES

| Em vez de: | Leia-se: |
|---|---|
| Entretanto ainda neste lance que parecia impossivel... (pg. 174 — linha 35) ..... | Entretanto ainda neste lance o que parecia impossivel... |
| ... e um oficio (pg. 147 — linha 8) | e um oficial |
| ... em Santana do Uruguaia (pg. 242 — linha 2) ..... | em Santana do Uruguai. |
| ... que êle Caxias,... (pg. 251 — linha 10) ..... | que êle, Caxias, |
| ... e de lá se dirigir (pg. 262) — linha 4) ..... | e de lá se dirigiu |
| Disse-lhe que Canabarro desejava muito ter uma conferência política com êle, Caxias; Respondeu que Canabarro... (pg. 261 — linha 17) ..... | Disse-lhe que aquele general desejava muito ter uma conferência política com êle, Caxias. Respondeu que Bento Gonçalves... |
| As operações que resumi definem o talento militar de Caxias e estas palavras... ..... | As operações que resumi definem o talento militar de Caxias e as palavras que êle dirigiu ao paroco de Bagé... |

# NOTA

Os documentos revolucionários atinentes à pacificação, que aparecem na Quarta Parte, copiei-os da **Revista do Instituto Historico e Geografico do Rio Grande do Sul** (I e II trimestres — 1928). Não escaparão ao leitor certas irregularidades da redação, quiçá explicaveis como erros tipograficos, ou resultantes de cópias sucessivas.

Cabe-me aquí agradecer mais uma vez a solicitude em que fui atendido no Arquivo Nacional, nas multiplas ocasiões em que alí fui consultar preciosos documentos confiados à sua guarda.

Digitized by Google

# INDICE


Pag.

Proêmio ..... 11
Algumas reflexões preliminares ..... 15

PRIMEIRA PARTE

A LUTA NOS PRIMEIROS TEMPOS

Capitulo I — Início da revolução. — Os revolucionários apossam-se de Porto Alegre, que o presidente da província, Fernandes Braga, abandona, retirando-se para a cidade do Rio Grande. — Marciano Ribeiro é posto à testa da província. — Fôrça militar nela existente. — Primeiros choques. — Silva Tavares bate Verdum. — Derrota de Porciúncula. — Ação do marechal Sebastião Barreto. Sucessos de São Gabriel. — Ação de Bento Manoel Ribeiro. — Movimentos de Bento Gonçalves e Onofre Pires sôbre a cidade do Rio Grande. — O ex-presidente Braga retira-se para o Rio de Janeiro ..... 47

Capítulo II — Araújo Ribeiro, nomeado presidente da província, apresenta-se em Porto Alegre; a Assembléia não lhe dá posse; êle dirige-se à cidade do Rio Grande e ali assume o govêrno. — Bento Ribeiro prestigia-o — Disputa entre a Assembléia e Araújo Ribeiro. — Rompimento definitivo daquela e nomeação de Cabral de Melo para presidente da província. — Retrava-se a luta. — Bento Gonçalves chefia os revolucionários. — Bento Manoel bate-se pela legalidade. — Bento Gonçalves intima a Araújo Ribeiro a saída da província. — Lima e Silva derrota Bento Manoel ao sul do Jacuí. — Movimentos posteriores de Bento Manoel. — Sua reünião com Tavares e Medeiros. — Sua vitória sôbre Côrte Real no passo do Rosário. — O govêrno central envia reforços ao Rio Grande. — Ação de Lima e Silva contra a cidade do Rio Grande. — Ataque dos revolucionários a Pelotas. — Lima e Silva bate e prende a Marques de Souza. — Derrota de Albano. — Onofre vai sitiar São José do Norte. — E' obrigado a levantar o sitio e a enfrentar Juca Ourives e Sebastião Bandeira, a quem derrota. — Bento Gonçalves e Bento Manoel pelejam ao sul do Jacuí. — O segundo derrota o primeiro. — Lima e Silva dirige-se a Pelotas. — Junta-se a Neto. — Bate no São Gonçalo elementos navais do império. — Os rebeldes transpõem o São


Digitized by Google

Pag.

Gonçalo. — Neto lança-se contra Calderon, que retira para o sul, passando entre o mar e a Lagôa Mirim e acaba transpondo a fronteira com o Uruguai ..... 57

Capítulo III — Irrompe um levante em Porto Alegre, de que resulta voltar a capital da província ao poder dos legalistas. — Bento Gonçalves acode para desfazer o golpe, e como não o consegue, inicia o sítio da cidade. — Araújo Ribeiro, presidente legal, trasla-da-se para Porto Alegre. — Os rebeldes fortificam-se em Itapuã, afim de obstar o tránsito fluvial. — Xavier da Cunha e Parker atacam Itapuã e expelem os ocupantes. — Neto derrota Tavares nas pontas do Seival. — Lança um manifesto em que declara o Rio Grande livre e independente do Império, sob o nome de República Riograndense. — Pronunciamento da câmara de Jaguarão. — Ação de João Antônio, Guedes da Luz e Canabarro. — Arremetida de Bento Ribeiro contra Bento Gonçalves e depois deste contra aquêle, na região de Porto Alegre. — Bento Gonçalves abandona esta região para ir juntar-se aos correligionários na campanha. — Combate da ilha do Fanfa ..... 71

Capítulo IV — A revolução atravessa grave crise. — Palavras animadoras de Neto. — Escolha do substituto de Bento Gonçalves. — A câmara de Piratini reafirma o propósito revoluncionário de fazer-se do Rio Grande um Estado livre e independente. — Bento Manoel lança-se contra o último grupo rebelde ainda em actividade na campanha. — Canabarro derrota e prende Tavares. — Bento Manoel obriga os inimigos a fugir para o Uruguai. — Antero de Brito é nomeado presidente da província. Desavença entre êle e Bento Manuel. — Antero de Brito sai de Porto Alegre para inspecionar as suas tropas. Bento Manoel prende-o no passo do Itapeví. Os revolucionários, animados com o ingresso de Bento Manoel em suas fileiras, vão com Neto atacar Caçapava, grande centro de recursos dos legalistas. — Novo plano rebelde. — Neto dirige-se a Rio Pardo, depois a Triunfo e afinal a Porto Alegre. — Intima a esta cidade a rendição; como não é atendido, procura sitiá-la 89

SEGUNDA PARTE

ESFÔRÇO DOS REVOLUCIONÁRIOS PARA CONQUISTAR A CAPITAL, A QUE PÕEM CÊRCO, E DOS LEGALISTAS PARA DESCERCÁ-LA E BATER OS ADVERSÁRIOS

Capítulo I — Nomeação sucessiva de Chagas Santos e Elzeário de Miranda e Brito para substitutos de Antero. — Tentativas de paz. — Efeitos do sítio. — Sebastião Barreto volta ao Rio Grande e entra em ação. — E' derrotado e recolhe-se a Porto Alegre. — Gabriel Gomes marcha contra Neto, que o derrota. — Distribuição das forças combatentes, em comêço de 1838. — Organização dos legalistas dada por Elzeário de Brito. Elzeário assume a ofensiva contra os sitiantes da capital, que batem em retirada para o norte e vão até Lages. Elzeário dirige-se a Rio Pardo para acometer Bento Manoel, a quem recalca para oeste. Os legalistas procuram firmar-se em Rio Pardo, onde os revolucionários vão atacá-los. — Combate do Rio Pardo e suas conseqüencias ..... 101

Digitized by Google

Pag.

Capítulo II — Renova-se o sítio de Porto Alegre. — Movimentos dos contendores. — Manifesto de Bento Gonçalves lançado de Piratiní. — Efetivos dos imperiais em fins de setembro de 1838. — Caçapava passa a ser capital dos rebeldes. — Elzeário vai atacar os sitiantes. — Seu plano de manobra. — Insucesso do plano. — O ministro da guerra vai ao Rio Grande do Sul examinar a situação. — Estaleiro naval dos revolucionários no rio Camacuã. — Garibaldi nas aguas da Lagôa dos Patos, à testa de uma flotilha de duas embarcações. Ataque de Francisco Pedro ao arsenal farroupilha. — Segundo ataque, dirigido por Grenfell. — Bento Manoel nas fileiras revolucionárias ..... 119

Capítulo III — Reflexões sôbre a situação. — A revolução procura estender-se em Santa Catarina. — A expedição naval de Garibaldi. — Canabarro conduz a expedição terrestre. — Situação no litoral catarinense. — Marcha de Canabarro. — Os rebeldes derrotam a esquadrilha imperial em Laguna. — Canabarro apossa-se desta vila. — Lança Teixeira em perseguição aos imperialistas que retiram para o norte pelo litoral e vão afinal ocupar uma posição defensiva no morro dos Cavalos. — Levante da guarnição legalista do forte de Araçatuba. — Andréa é nomeado presidente de Santa Catarina e Mariath comandante das fôrças navais. — Operações de Mariath e da coluna terrestre de Santos Pereira. — Garibaldi sái para o Oceano afim de praticar o corso. — Marcha da coluna legalista. — Mariath força a entrada da barra de Laguna. — A divisão de Santos Pereira toma conta de Laguna. — Os revolucionários batem em retirada para o sul. — Em caminho, Canabarro expede Teixeira na direção de Lages. — A coluna do brigadeiro Cunha avança de Lages para o passo de Santa Vitória, no rio Pelotas. E' derrotada por Teixeira, que depois se dirige a Lages e avança para o norte. — Melo e Albuquerque derrota Teixeira no rio Marombas. — Fim da aventura farroupilha em Santa Catarina 129

Capítulo IV — O govêrno central organiza a coluna Labatut para substituir a de Cunha. — Nomeação de Saturnino de Souza para presidente do Rio Grande do Sul e do Marechal Manoel Jorge para comandante das armas desta província. — Plano de manobra dos legalistas contra os rebeldes sitiantes de Porto Alegre. — Inicia-se a execução do plano. — Calderon sai de Canudos com a cavalaria. — Vai a Piraí. — Transpõe o Jacuí, no passo das Pedemeiras. — Dirige-se ao passo do Taquarí e junta-se ao seu partido. — Movimentos e hesitações de Manoel Jorge. — Movimento dos rebeldes. — Malôgro do plano legalista. — Combate de Taquarí. — Manoel Jorge retira para Santo Amaro. — Bento Gonçalves volta à região de Porto Alegre. — Observações de Saturnino de Oliveira sôbre a ação de Manoel Jorge. — Bento Gonçalves vai atacar S. José do Norte. — Insucesso do ataque. — Bento Manoel deseja abandonar as fileiras revolucionárias. — Escreve nesse sentido a Saturnino. — O govêrno imperial substitue Saturnino e Manoel Jorge por Soares de Andréa. — Declaração da maioridade de D. Pedro. — Anistia concedida por êle. — Missão pacificadora de Alvares Machado. — Suas negociações com Bento Gonçalves. — Malôgro das mesmas. — Nova organização militar dos rebeldes ..... 159

Capítulo V — Álvares Machado é nomeado presidente da província e o general João Paulo dos Santos Barreto comandante das armas. — Correspondência entre Álvares Machado e Bento Gonçalves sôbre

Digitized by Google

Pag.

o restabelecimento da paz. — As condições dêste e a intransigência do govêrno imperial. — Pensamento estratégico de Andréa. — Instruções a Labatut. — Movimentos dêste general. Canabarro avança para o norte e sobe a serra ao encontro de Labatut. Sortida dos defensores de Porto Alegre, sob o comando de Nepomuceno da Silva, contra Bento Gonçalves. — Seu resultado nulo. — Bento Gonçalves também sobe a serra. — Terminação do sítio de Porto Alegre. — Ainda os movimentos de Labatut. — Êste general desiste de prosseguir no rumo de Porto Alegre e bate em retirada para Passo Fundo. — Providências de Andréa e João Paulo. — Labatut avança na direção de Cruz Alta. — Reüne um Conselho de guerra. — Decisões do Conselho. — Esforços de João Paulo para deter Labatut. — Labatut pede licença para se recolher à Côrte. — João Paulo dá-lhe novas instruções, mas diz que, se estiver doente, passe o comando a quem de direito. — Labatut passa-o a Feliciano da Costa Ferreira e encaminha-se para Porto Alegre, via Rio Pardo. — Desabafos de João Paulo contra Labatut. — Fim da divisão paulista. — Reflexões sobre a missão que lhe fora confiada ..... 179

TERCEIRA PARTE

A LUTA NA CAMPANHA, TORNADA TEATRO PRINCIPAL DA GUERRA CIVIL. COMANDO DE CAXIAS

Capítulo I — Os revolucionários descem para a campanha. Bento Gonçalves assume a presidência da República. — João Paulo concentra seu grosso em Cachoeira e põe-se depois em marcha pela campanha. — Suas operações. — Passa em Caçapava e Bagé, desponta o Santa Maria e vai afinal estacionar à margem do Ibicuí. — Escaramuças com os rebeldes durante a marcha. — Neto dirige-se ao rio São Gonçalo com o fito de atacar a cidade do Rio Grande. — O Conde de Rio Pardo é nomeado para substituir João Paulo. — Este entrega o comando do exército a Seára. — Comando improdutivo do Conde do Rio Pardo. Defesa que êle fez do seu comando. — O govêrno imperial manda-lhe que o passe a Silva Bittencourt. — Efetivo do exército do Sul. — Silva Bittencourt não pratica nenhuma operação militar contra os rebeldes. Repercussão entre os rebeldes das revoluções de São Paulo e Minas Gerais. — Nomeação de Caxias para presidente da província e comandante das armas do Rio Grande do Sul. — A Assembléia Legislativa rebelde ..... 197

Capítulo II — Caxias assume as suas funções em Porto Alegre. — Situação militar no Rio Grande do Sul. — Plano de Caxias. — Medidas que tomou para reünir a sua tropa. — Vai ao São Gonçalo e traz consigo um destacamento de infantes e cavaleiros e numerosa cavalhada. — Concentra o gosso em São Lourenço. — Organização que dá às tropas. — Inicia o seu movimento para defrontar com os inimigos. — Passa em São Gabriel onde deixa a bagagem pesada sob a vigilância de Jacinto Pereira. — Dirige-se ao Santa Maria, que cruza no passo de São Borja. — Avança até Sant'Ana do Livramento. — O inimigo esquiva-se em sua frente. — Sabendo que parte dêle atacou São Gabriel com êxito feliz,

Digitized by Google

Pag.

volta celere a esta vila. — Grupa a sua fôrça em duas divisões; toma o comando da 1.ª e entrega o da 2.ª a Bento Manoel. — Manda-o transpôr o Santa Maria e ir ao encalço de Canabarro. — Este escapa-lhe. — Missão dada a Francisco Pedro e Felipe Neri. — Os rebeldes concentram-se para atacar Bento Manoel. — Combate de Ponche Verde. ..... 209

Capítulo III — Canabarro vai atacar Arruda em Alegrete. — E' repelido. — Francisco Pedro bate-se com um grupo de rebeldes em Santa Maria Chica. — Caxias continúa a mover-se. — O que sabe dos adversários. — Manda um pequeno destacamento, sob a chefia de Manoel Marques de Souza, garantir a cavalhada do Rincão dos Touros, passando também em Piratiní. — Movimentos de Marques de Souza. — Caxias em Caçapava. — Conceitos de Berlink sôbre esta primeira fase das operações. — Bento Gonçalves renuncia à presidência da República. — Caxias desloca-se para as imediações de Bagé, onde se junta a Bento Manoel e Marques de Souza. — Expede aquele para Santa Ana em busca de Canabarro e Francismo Pedro para acometer Bento Gonçalves e Neto. — Marcha para o Santa Maria buscando Canabarro. — Seu plano de manobra contra êste. — Canabarro manda Boaventura para a Serra. — Providências de Caxias contra êle. — O brigadeiro Cama enfrenta-o e obriga-o a repassar o Ibicuí. — Ação de Francisco Pedro e Felix da Fonseca. — Ocupação legalista de alguns centros populares ..... 227

Capítulo IV — Movimentos de Caxias, em combinação com Bento Manoel, afim de bater Canabarro, que passa afinal para o Uruguai. — Movimentos dêsse chefe rebelde. — Ação de Caxias contra êle. — Canabarro escapa-lhe. — João Antônio caminha na direção de São Borja. — Caxias e Bento Manoel mandam perseguí-lo. — Batem-no. — Caxias no rincão de Saican. — Segue para São Gabriel. — Movimentos dos grupos rebeldes. — Rápida sintese das últimas operações. — Bento Manoel avança até São Borja em perseguição de João Antônio, que transpõe o Uruguai. — Medidas de Bento Manoel para alcançá-lo. — Como não o consegue, volta a Alegrete. — Caxias vai a Santa Ana do Uruguai. — Suas providências para impedir a volta de João Antônio ao territorio rio-grandense. — Dirige-se a Santa Ana do Livramento em busca dos contendores. — Manda instruções a Bento Manoel. — Ação de Francisco Pedro. — E' batido por Amaral junto ao arroio Candiota. — Caxias avança até o passo da Orqueta, no rio Piratiní, onde dá repouso à sua tropa. — Vai pessoalmente ao Rio Grande e Porto Alegre. — Distribuição de sua fôrça em maio de 1843 ..... 235

Capítulo V — Caxias volta para junto de sua tropa e rompe de novo na direção de Bagé. — Missão dada a Francisco Pedro. — Movimentos de Canabarro. — Caxias abala no rumo de Sant'Ana do Livramento. — Canabarro foge-lhe. — Choque da vanguarda imperialista com Guedes. — Caxias dirige-se a São Gabriel. — Manda o major Batista de Melo adquirir cavalos na Serra. — Chega a Caçapava. — Melo reüne-se-lhe, com a cavalhada, no campo do Rufino. — Caxias prepara nova manobra contra Canabarro. — Avança na direção de Bagé. — Movimentos de Francisco Pedro. — Derrota que êle inflinge a Canabarro com a surpresa de Porangos. — Os últimos choques ..... 249

Digitized by Google

## QUARTA PARTE

## A PACIFICAÇÃO

Pag.

A Pacificação — Gestões de paz feitas junto à Caxias e relatadas por êle próprio. — Intromissão de Rivera. — Os revolucionários mandam um emissário entender-se com Rivera e Caxias. — Êste encarrega Osório de nova missão junto àquêle. — Dois representantes revolucionários acercam-se de Caxias. — Fica assentada a ida à Côrte de um emissário rebelde, portador de uma representação a S. M. o Imperador. — Texto dêsse documento. — Parecer dos chefes rebeldes. — Condições da pacificação. — Proclamação de Canabarro e de Caxias. — Festas pela terminação da luta ..... 259

## QUINTA PARTE

## REFLEXÕES FINAIS

Reflexões finais — Sacrifícios ocasionados pela revolução. — Perdas em homens. — Despesas do erário público. — Mirada restrospectiva às operações. — Estratégia e tática dos contendores. — Os chefes legalistas e os chefes farroupilhas. — Revolução escola da guerra ..... 277

BIBLIOGRAFIA ..... 295
Índice das correções ..... 298
Índice das matérias ..... 299

4690
Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

F
2621
F78

Stanford University Libraries
Stanford, California

Return this book on or before date due.

JUN 1992

Digitized by Google

Digitized by Google